

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**A QUERÊNCIA FABRIL:**  
o tradicionalismo gaúcho entre trabalhadores de empresas metal-mecânicas de Caxias  
do Sul da década de 1980 à de 2000

Bolívar Kieling Júnior

Orientador:

Prof. Dr. Alessandro Mário Kerber

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

A QUERÊNCIA FABRIL:  
o tradicionalismo gaúcho entre trabalhadores de empresas metal-mecânicas de Caxias  
do Sul da década de 1980 à de 2000

Bolívar Kieling Júnior

Dissertação de mestrado apresentada como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em  
História da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.

Orientador

Prof. Dr. Alessandro Mário Kerber

Junho de 2015

Porto Alegre

## CIP - Catalogação na Publicação

Kieling Júnior, Bolívar

A Querência Fabril: o tradicionalismo gaúcho  
entre trabalhadores de empresas metal-mecânicas de  
Caxias do Sul da década de 1980 à de 2010 / Bolívar  
Kieling Júnior. -- 2015.

232 f.

Orientador: Alessandro Mário Kerber.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto  
Alegre, BR-RS, 2015.

1. Identidade Regional. 2. Identidade Étnica. 3.  
Memória. I. Kerber, Alessandro Mário, orient. II.  
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## RESUMO

O tradicionalismo tem se estabelecido nas últimas décadas de forma bastante eficaz promovendo uma determinada versão acerca da identidade sul-rio-grandense. Seu surgimento inicia na segunda metade do século XX entre jovens urbanizados egressos do interior pastoril do estado e recém-estabelecidos em Porto Alegre. Em poucas décadas se espalha por várias cidades do estado através de clubes submetidos ao MTG, uma instituição hierarquizada com fins de controle e regulamentação das representações relativas a esta identidade. Na década de 1980 o movimento amplia sua penetração social através de festivais musicais e nesta e na próxima década, em virtude do apoio de variadas plataformas midiáticas, se massifica.

O estabelecimento desta identidade regional não ocorreu de maneira uniforme nos diferentes grupos sociais que compunham a sociedade sul-rio-grandense, notadamente de caráter multiétnico devido às múltiplas correntes migratórias que a formaram e às diferentes dinâmicas sociais de estabelecimento de identidades étnicas destes grupos.

No caso de Caxias do Sul, a segunda maior cidade do estado e polo regional da Região de Colonização Italiana, o tradicionalismo passou a ter uma quantidade significativa de adeptos e visibilidade social a partir da década de 1980. Ainda nos anos 2000, a cidade tornou-se reconhecida como a capital mundial dos CTGs, por ser a que concentra o maior número deste tipo de agremiação no mundo inteiro. Percebe-se num espaço de tempo de 30 anos uma popularização notável desta versão acerca da identidade regional.

Um dos espaços que concentraram estas dinâmicas sociais de popularização do tradicionalismo na cidade e acompanharam este crescimento durante estes 30 anos são os CTGs formados por funcionários de grandes empresas metal mecânicas locais. Neste trabalho, objetiva-se investigar a história destes estabelecimentos na perspectiva de compreender o fenômeno do sucesso do tradicionalismo em Caxias, bem como a forma como foi construída esta identidade gaúcha neste lugar.

Para efetuar a análise deste trabalho, serão apropriadas as ferramentas teóricas e conceitos de representação e de identidade de autores como Pierre Bourdieu, Roger Chartier, Stuart Hall, entre outros. Foram utilizados três tipos de fontes: documentação dos acervos dos CTGs, publicações sobre o tradicionalismo e sobre a identidade gaúcha na imprensa local no período da Semana Farroupilha e depoimentos de história oral de sujeitos que participaram dos CTGs abordados.

Palavras-chave: identidade regional, identidade étnica, memória

## ABSTRACT

*Traditionalism* has been established in recent decades quite effectively due to the promotion of a particular version about the *south rio grande* identity. Its appearance begins at the second half of the twentieth century between urbanized young graduates of the pastoral upstate and recently established in Porto Alegre. In a few decades it spans for several cities in the state through clubs submitted to the *MTG*, a hierarchical institution that works in the control and regulation of the representations related to this regional identity. In the 1980's the movement extends its social penetration through music festivals and in this and in the next decade, due to the support of various media platforms, it massifies.

The establishment of this regional identity did not occur uniformly in the different social groups that composes the *south rio grande* society, notably multiethnic due to multiple migration flows that formed it and different social dynamics of establishment of ethnic identities of these groups.

In the case of *Caxias do Sul*, the second largest city in the state and regional center of the Italian Colonization Region, *traditionalism* began to have a significant amount of supporters and social visibility from the decade of 1980. Still in the 2000 the city became recognized as the world capital of *Centros de Tradições Gaúchas*, for being that concentrate the largest number of this type of guild worldwide. It can be seen in a 30 year time span a remarkable popularization of this release about the regional identity.

One of the places that concentrated these social dynamics of popularization of traditionalism in the city and accompanied this growth during these 30 years are the CTGs formed by employees of large local metal mechanical companies. This work aimed to investigate the history of these institutions in order to understand the successful phenomenon of traditionalism in Caxias, as well as the way it was built this *gaucho* identity in this place.

To make the analysis of this work, the theoretical tools and concepts of representation and identity of authors such as Pierre Bourdieu, Roger Chartier, Stuart Hall, and others will be appropriate. Three types of sources were used: documentation of files of CTGs, publications on traditionalism and the gaucho identity in the local press in the period of the *Semana Farroupilha* and oral history testimonies of subjects who participated in the covered CTGs.

Keywords: regional identity, ethnic identity, memory

## SUMÁRIO

<b>Prelúdio</b>	
<i>O queijo, as bombachas e o objeto</i> .....	06
<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<i>A especificidade abrangente do objeto.....</i>	10
<i>Perspectivas teóricas: entre as disputas simbólicas e o transitório.....</i>	18
<i>Abordagem das fontes.....</i>	26
<i>Estruturação do trabalho.....</i>	33
<b>Capítulo 1 - Caxias do Sul e o tradicionalismo.....</b>	<b>35</b>
<i>O tradicionalismo como a construção de uma identidade regional.....</i>	36
<i>Caxias do Sul: desenvolvimento econômico e as relações de trabalho.....</i>	43
<i>Italianidade, migração e heterogeneidade étnica.....</i>	48
<b>Capítulo 2 - A Semana Farroupilha em Caxias do Sul entre 1980 e 2010 através da cobertura do jornal O Pioneiro.....</b>	<b>60</b>
<i>A publicidade conferida ao tradicionalismo pelo Pioneiro entre 1980 e 2010.....</i>	62
<i>As representações sobre o tradicionalismo promovidas pelo Pioneiro entre 1980 e 2010.....</i>	68
<i>A ação do Pioneiro frente ao tradicionalismo de acordo com os tradicionalistas.....</i>	87
<b>Capítulo 3 - Estabelecimento e consolidação dos Centros de Tradições Gaúchas dos funcionários das grandes empresas metal mecânicas de Caxias do Sul.....</b>	<b>91</b>
<i>Os Centros de Tradições Gaúchas.....</i>	94
<i>O tradicionalismo entre os funcionários das empresas Randon: o CTG Os Carreiros.....</i>	96
<i>O Grupo Tradicionalista de Cultura Nativista Velha Carreta dos funcionários da empresa Fras-le.....</i>	112
<i>O CTG Marco da Tradição e o tradicionalismo entre os funcionários da empresa Marcopolo.....</i>	124
<i>O CTG Sinuelo e o tradicionalismo nas empresas Eberle e Mundial .....</i>	136
<b>Capítulo 4 - Gaúchos e italianos nos CTGs dos funcionários das empresas metal mecânicas.....</b>	<b>150</b>
<i>A caracterização dos participantes dos CTGs abordados através das narrativas construídas nas entrevistas.....</i>	150
<i>A valorização dos CTGs pesquisados e do tradicionalismo em Caxias do Sul nas narrativas dos entrevistados.....</i>	159
<b>Reflexões Finais .....</b>	<b>165</b>
<b>Arquivos e Bibliotecas Consultadas.....</b>	<b>173</b>
<b>Fontes Pesquisadas.....</b>	<b>174</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>175</b>
<b>Anexo .....</b>	<b>182</b>

## PRELÚDIO

### *O queijo, as bombachas e o objeto*

Por volta dos primeiros anos do século XXI, na condição de adolescente incauto amparado em uma paupérrima compreensão das premissas marxistas para conferir inteligibilidade aos fatos sociais e históricos circundantes, uma imagem mental, construída através de relatos orais provenientes de diferentes pessoas, intrigava-me de forma aguda.

Tal imagem relacionava-se à recorrência de um ato cercado de simbolismos, onde um notório empresário caxiense de idade avançada, carismático e com amplo reconhecimento social, se pilchava e dirigia-se ao acampamento da cidade alusivo às comemorações da Semana Farroupilha. Lá se encontrava com alguns dentre os seus milhares de funcionários, também trajados de acordo com a ritualística, reunidos em um galpão designado como da empresa, e dividia um queijo de proporções métricas, produzido por um empreendimento agropecuário também de sua propriedade.

Dentro desta imagem mental, acrescentam-se os relatos de satisfação destes funcionários, na medida em que o chefe, figura destacada na sociedade local, compartilhava com eles dos mesmos signos identitários e comemorava o mesmo ideário regionalista, com suas inerentes construções mitológicas.

Materializado de forma *sui generis* com o queijo presenteado, tal ritual ligava o empresário a seus funcionários. Ele positivava-se com a alcunha de humilde e altruísta, em muito devido à forma ostensiva como prestava reconhecimento e valorização aos seus funcionários, indo além dos discursos simples e atitudes politicamente corretas que tais gratulações solenes geralmente supunham. Além disto, despojava-se de seu “capital étnico”<sup>1</sup>, vinculado ao êxito econômico da elite industrial, para compartilhar as representações identitárias ambigualmente homogeneizantes e hierárquicas do tradicionalismo. Por tais atos, os funcionários sentiam-se umbricalmente ligados ao patrão e valorizados, tendo visto que suas manifestações culturais exercitadas em seus esparsos momentos de lazer eram compartilhadas por uma figura heroicizada no universo simbólico local.

---

<sup>1</sup> O conjunto de atributos representacionais diacríticos dos descendentes de imigrantes italianos em Caxias do Sul, conforme apontados por Santos (2004, p. 289) como um “capital étnico” será abordado com maior profundidade no capítulo 1.

O evento era majoritariamente compreendido pela sociedade local também de forma positivada. No discurso corrente, vislumbrado como um momento de comunhão entre um empresário percebido como magnânimo e humilde e funcionários dedicados e orgulhosos, com a chancela do culto às nobres tradições gauchescas, remissivas a um passado de bravura, valentia e intrepidez.

Diante deste cenário, é possível antecipar quais as interpretações que poderiam se efetuar por meio de uma leitura social baseada em simplificações da abordagem marxista. De fato, mesmo sem conhecer trabalhos já existentes sobre a temática e de abordagens aproximadas, como os de Gonzaga & Dacanal (1980), Tau Golin (1983), Ruben Oliven (1992) e Sandra Pesavento (1993), pensava a situação como a culminância concreta da incapacidade de elaboração de uma perspectiva crítica de mundo por parte dos trabalhadores. Esta imagem mental enfileirava-se a tantos outros processos sociais promovidos por uma ideologia dominante, que tinha como função esmorecer qualquer possibilidade de emergência de uma consciência proletária entre a grande massa de trabalhadores assalariados.

Esta conclusão arrefecia ainda mais minhas ingênuas perspectivas de radicais mudanças sociais em prol de uma sociedade justa e igualitária. Questionava-me como estes funcionários poderiam aceitar a dura labuta diária e o baixo salário em contraste com a opulência e *glamour* de seus patrões, visíveis por meio da posse de bens que a sociedade de consumo oferta e instiga a todos, mas torna acessível somente aos abastados. Ou como poderiam admirá-los pela trajetória empreendedora, sem perceber que era através do pagamento reduzido às suas tarefas cotidianas que seus patrões angariavam os lucros fomentadores de seu enriquecimento contínuo? Ainda mais embasbacado, questionava como meros rituais saudosistas a um modo de vida distante e há muito inexistente e o presentear de um pedaço de queijo poderiam cristalizar ainda mais estas relações desiguais.

Rememorando tais questionamentos, percebo como demonstravam muito mais a distância entre meu ponto de observação e a realidade analisada do que minha indigência teórica. Demonstravam a falta de conhecimento aprofundado do objeto, de uma necessária sensibilidade acerca dos fenômenos sociais, mas acima de tudo, a desconsideração da distância entre minha inteligibilidade de mundo e a das pessoas envoltas naquela imagem mental, sem a necessária preocupação em entender a construção destas diferentes inteligibilidades também como processos sociais e históricos. Imputar a estas celebrações a caracterização de uma mera manobra de



arrefecimento da luta de classes implicava, como diria Max Weber, num juízo de valor ante um juízo de fato.

Anteriores ao meu ingresso no curso de graduação em História, tais perspectivas sobre a associação entre o tradicionalismo e as relações de trabalho em Caxias do Sul se engessaram. De fato, dispensei pouca atenção a esta temática em minha graduação, onde os estudos ali desenvolvidos trouxeram ao meu alcance novas perspectivas interpretativas dos fenômenos sociais, com maior capacidade de aproximação e explicação dos objetos. Os conceitos de ideologia e luta de classes demonstraram-se muito mais complexos do que supunha ao aplicá-los na análise da referida imagem mental. As possibilidades analíticas oferecidas pelo arcabouço teórico marxista revelavam-se muito mais amplas, permitindo aliar marxismo e estratégias conciliatórias<sup>2</sup>. As relações de trabalho deixaram de ser o único ponto de partida plausível para a interpretação de uma realidade social.

Quando passei a pensar novamente sobre o assunto, a partir da realização de um curso de Especialização em História Regional na Universidade de Caxias do Sul, pude perceber que a temática se desenhava muito mais complexa em relação à minha assertiva juvenil. Informado de uma ampla gama de pressupostos analíticos historiográficos e das ciências sociais, além de acessar trabalhos com temáticas próximas, percebi uma complexa tessitura de processos sócio-históricos: fenômenos identitários étnico e regionalista, disputas sobre o controle de bens simbólicos por grupos sociais, relações de trabalho, relações políticas.

A partir destas novas perspectivas, passei a esboçar um objeto de estudo que permitiria a análise da ascensão do tradicionalismo em Caxias do Sul, centrado em instituições fulcrais para este processo: os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) fundados por funcionários das empresas metal-mecânicas locais.

Estes espaços de sociabilidade constituídos especificamente para a construção de uma identidade de caráter regionalista<sup>3</sup> estão estreitamente relacionados ao mundo do trabalho no qual seus partícipes estão imersos - devido ao fato de suas relações interpessoais remeterem ao local de trabalho e estes CTG se situarem em espaços físicos disponibilizados pelas próprias empresas.

---

<sup>2</sup> Ver Thompson (1998).

<sup>3</sup> O conceito de identidade, mais especificamente no que se refere às relações entre identidades étnicas e regionais, será abordado com maior propriedade na introdução e nos capítulos subsequentes.

Penso que a análise das variadas dinâmicas sociais que ali se concentram, correlatas a um amplo leque de fenômenos sociais de âmbito local e regional, permite o estudo de processos históricos abrangentes, pertinentes à construção e apropriação de elementos representativos defendidos de forma tão tenaz pelas pessoas (sua identidade social) e com fortes implicações econômicas e políticas.

Embora contenha uma natureza intimista que possa soar indevida a uma racionalização acadêmica, procuro com este registro explicativo relacionar o processo de elaboração do objeto às pretensões de análise deste estudo. Considero importante informar a trajetória de construção da problemática de pesquisa, na medida em que ela não emerge da realidade social para o escrutínio do pesquisador em um fugidio momento de inspiração intelectual, como tampouco desprovida de juízos de valor, favoráveis ou críticos. De fato, registro-a por considerar que a posição política do pesquisador está imbricada na própria construção do objeto, e que a análise empreendida no seu estudo não deve estar pautada por uma sub-reptícia busca por neutralidade, retoricamente mascarada. A busca pelo rigor científico se caracteriza pela intensa aproximação ao objeto, pela auto vigilância em não imputar-lhe preconceitos, pela atenção aos seus mais ínfimos detalhes e principalmente, pela humildade implícita na difícil tarefa de abstrair a realidade social, sempre absurdamente complexa, em textualizações interpretativas com um arremedo teórico potencialmente explicativo.

## INTRODUÇÃO

### *A especificidade abrangente do objeto*

Esta dissertação tem por objetivo analisar a construção do tradicionalismo<sup>4</sup> gaúcho enquanto uma identidade regional sul-rio-grandense entre segmentos de trabalhadores das grandes empresas metal-mecânicas de Caxias do Sul, ocorrida durante as décadas de 1980, 1990 e com menos intensidade, nos anos 2000. Tal análise será centrada nas dinâmicas que envolveram o surgimento e estabelecimento de Centros de Tradições Gaúchas (CTG) fundados por grupos de trabalhadores destas empresas, das quais obtiveram diferentes formas de apoio e patrocínio.

Serão quatro os CTG focados: *Os Carreiros*, formado por funcionários do grupo empresarial Randon; *Marco da Tradição*, de funcionários da empresa Marcopolo; *Sinuelo*, da empresa Mundial, mas também concentrando trabalhadores do Grupo Voges; e *Velha Carreta*, formado por funcionários da empresa Frás-le. Tais CTG são os únicos com vinculação tão estreita a empresas, em espaços físicos por estas disponibilizados e fundados e frequentados por seus trabalhadores. Estas empresas também são representativas no cenário econômico local, concentrando em conjunto aproximadamente trinta mil trabalhadores diretos<sup>5</sup>, demandando um grande conjunto de

---

<sup>4</sup> Por vezes aproximados e confundidos, faz-se necessário definir os conceitos de tradicionalismo e nativismo, na medida em que remetem a movimentos diferentes que traduzem as disputas da condução dos processos de construção da identidade social gaúcha. Por tradicionalismo entende-se o movimento organizado que procura exercer controle sobre os elementos simbólicos próprios dos “valores gaúchos”. De forte caráter institucional, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) foi fundado em 1966, porém seus líderes iniciaram em atividades ligadas àquilo que deslindou na criação desta instituição ainda em fins da década de 1940, quando na condição de jovens vindos do interior pastoril, fundaram o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o “35 CTG”, em 1948. Este serviu de modelo às centenas de CTG que surgiram pelo Rio Grande do Sul e em outros locais do Brasil nas décadas seguintes. Responsável pelo regulamento ritualístico e mítico das manifestações culturais/identitárias destes espaços, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, por meio de diretrizes estabelecidas em documentos como o *Manual do Tradicionalismo* e da *Carta de Princípios do Tradicionalismo*, se impõe o papel de definidor dos elementos “verdadeiros” da tradição gaúcha. O nativismo emerge com força na década de 1980, nos festivais de música regional, sendo o maior movimento representativo das críticas à autoridade do MTG como definidor dos bens simbólicos gaúchos. A ruptura que propõe ao tradicionalismo se embasa na contrariedade deste em promover a inserção de elementos temáticos e rítmicos contemporâneos no âmbito musical e manter rígido controle da indumentária considerada típica. Na crítica impetrada pelos nativistas, incluem-se elementos de luta social e desaprovação do caráter autoritário, conservador e hierarquizado do tradicionalismo.

<sup>5</sup> Conjugando dados oferecidos pelas próprias empresas através de seus sítios na internet e balanços sociais, é possível apontar que por volta do ano de 2010, concentravam aproximadamente trinta mil trabalhadores diretos nas suas plantas em Caxias do Sul. Entretanto, durante todo o recorte temporal proposto, podemos apontar que estes números evoluíram progressivamente, sendo que em 1980 encontravam-se em quantidade bastante reduzida se comparada à atual, mas não menos significativas no cenário econômico local à época. Também destaco que o estabelecimento de todas estas empresas são

serviços e itens produzidos por empresas menores e assumindo, desta forma, protagonismo no cenário econômico local.

A escolha por investigar a história destes CTG e da sociedade na qual eles se constituíram se deve ao fato destas instituições serem espaços especialmente focados na construção de manifestações ligadas a uma identidade cultural ancorada no tradicionalismo<sup>6</sup> e aproximadas ao mundo do trabalho no qual seus membros se encontram, explicitado na adoção de nomes relacionados de alguma forma à empresa (com exceção do *Sinuêlo*).

Para analisar esta questão serão utilizados três tipos de fontes. O primeiro tipo de fonte são os periódicos de grande circulação na cidade, nos quais será examinada a cobertura jornalística dos eventos tradicionalistas no período compreendido pela Semana Farroupilha na cidade durante todo o recorte temporal proposto. O segundo tipo de fonte são as que se encontram no acervo documental dos referidos CTG. Tais acervos são compostos basicamente por documentação burocrática administrativa e fotográfica sobre eventos que necessitam de chancela da Vigésima Quinta Região Tradicionalista (25ª RT)<sup>7</sup>. A partir desta documentação, será possível observar como estas instituições se organizaram e estabeleceram práticas para a difusão do tradicionalismo, além de escrutinar as maneiras através das quais representaram essa identidade tradicionalista. O terceiro tipo de fontes utilizadas são os depoimentos orais de sujeitos participantes dos espaços e processos históricos focados<sup>8</sup>. A abordagem destas fontes permitirá analisar as mudanças no decorrer do período da publicidade que estes espaços ganharam na sociedade caxiense por meio da imprensa local, sob os aspectos quantitativos e qualitativos. Também permitirá analisar diacronicamente o processo de estabelecimento e consolidação destas instituições como espaços de sociabilidade de trabalhadores destas empresas e sua relação com a ascensão do tradicionalismo na cidade.

---

anteriores ao recorte temporal proposto, sendo que o Grupo Voges e a Mundial S.A. abarcaram parte da linha de produção e funcionários da empresa Eberle após 1993.

<sup>6</sup> Pensando a identidade como um “discurso construído sobre o grupo”, neste objeto de estudo, a identidade cultural dos grupos tradicionalistas emerge por meio de um discurso sobre uma identidade regional que segue os pressupostos do MTG, como principal fiador dos elementos simbólicos relacionados ao gaúcho.

<sup>7</sup> Instância de caráter regional subordinada ao MTG dentro de sua hierarquia organizacional, a Vigésima Quinta Região Tradicionalista tem como finalidade coordenar, fiscalizar e dar suporte aos CTG e eventos ligados ao tradicionalismo nos municípios de Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Nova Pádua, Nova Roma do Sul e São Marcos.

<sup>8</sup> Os indivíduos entrevistados, bem como o critério de escolha utilizado para sua seleção serão abordados ao final desta introdução.

No estudo dos processos históricos pertinentes à formação destes espaços e dos grupos sociais correlatos, pretende-se focar as relações entre memória e identidade, as relações com as empresas, a ressignificação das representações concernentes às relações de trabalho, sua relação com o movimento tradicionalista institucionalizado e do seu impacto e interação com a sociedade envolvente através da participação em diferentes eventos de manifestações culturais ou da participação de pessoas não vinculadas a estas empresas em seus eventos.

A pesquisa também terá como eixo a análise dos discursos de diferentes sujeitos dentro do grupo focado a respeito do próprio fenômeno de ascensão do tradicionalismo. Tais relatos servirão de base para analisar a forma como representam essa identidade regional e se há diversidades e dissonâncias em relação à representação promovida pelo MTG, que alhures à academia, contém ampla produção intelectual própria.

Outra possibilidade interessante que surge com este tipo de análise é identificar se existe diversidade na forma de representar essa identidade gaúcha, apontando os elementos diferenciadores e geradores de diferentes vieses com o intuito de formar explicações possíveis para essa diversidade, bem como qual a relação estabelecida com os discursos sobre uma identidade étnica italiana<sup>9</sup> que já vinha se construindo em Caxias do Sul anteriormente à difusão desta versão identitária regionalista.

A emergência do tradicionalismo em meio aos trabalhadores de grandes empresas locais foi um fenômeno complexo, que atingiu e atinge diretamente milhares de pessoas, influenciando nas representações constituídas a respeito dos grupos sociais de uma das maiores cidades do sul do país - fenômeno sobre o qual ainda não foi realizada pesquisa acadêmica.<sup>10</sup> Penso que este ineditismo do objeto, aliado ao seu grande alcance social, é uma justificativa bastante pertinente para sustentar a importância de uma pesquisa qualificada sobre o assunto.

Entretanto, o fato de também não haver pesquisas acadêmicas correlatas ao tradicionalismo em Caxias do Sul<sup>11</sup>, sendo que a cidade foi marcada pelo aumento

---

<sup>9</sup> A sociedade de Caxias do Sul também é marcada pela construção de uma identidade étnica italiana, como abordaremos adiante.

<sup>10</sup> Realizei o levantamento das produções acadêmicas dos programas de pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (nesta universidade foi pesquisado também no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, da Universidade de Caxias do Sul, da Universidade de Passo Fundo e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sem que fossem encontrados estudos semelhantes a este proposto.

<sup>11</sup> Dentro da historiografia sobre o tradicionalismo, a única produção encontrada cujo recorte espacial se volte à um município é o de Ribas (2008), que destina-se ao estudo da construção de representações acerca da “gauchidade” da cidade de Passo Fundo.

expressivo no número de eventos musicais e manifestações regionalistas e ter atingido na última década a condição de “capital mundial dos CTG”<sup>12</sup>, pode imputar ao recorte do objeto um caráter de especificidade excessiva dentro deste cenário, sugestivo da necessidade de uma pesquisa qualificada a seu respeito. Frente a isto, é necessário apontar que embora não de forma central, esta análise de caráter local será contemplada, na medida em que a pesquisa da problemática específica exigirá um estudo da valorização desta identidade tradicionalista no universo de representações dos grupos sociais caxienses. Desta forma, um dos âmbitos deste trabalho se dará em torno da análise da ascensão do tradicionalismo em Caxias do Sul dentro do recorte temporal proposto.

Na medida em que este estudo do tradicionalismo se pautará pela análise dos processos históricos de construção e de disputas em torno dos bens simbólicos relacionados às diferentes identidades sociais locais, posicionarei a analítica frente às diferentes perspectivas já empreendidas em estudos sobre a construção de identidades em Caxias do Sul. As diferentes identidades sociais abordadas neste trabalho, seja de caráter étnico ou regional, são compreendidas como um discurso construído sobre o grupo e não como uma essência. Nesse sentido, há um processo de disputas e relações de poder na elaboração desse discurso, pois a forma de representar as identidades sociais estabelece relações de inclusão e exclusão, de hierarquia e define as práticas sociais esperadas deste grupo. As identidades discutidas nesse trabalho, então, são pensadas não como simplesmente determinadas pela ancestralidade italiana ou do interior do Rio Grande do Sul, mas como uma construção do contexto dos anos 1980 aos 2000, no qual essa ancestralidade foi ressignificada e moldada de acordo com os interesses envolvidos naquele contexto.

Os estudos acadêmicos sobre as dinâmicas concernentes às identidades sociais em Caxias do Sul focam os processos envoltos no estabelecimento da *italianidade*. A italianidade refere-se a um fenômeno étnico pautado pela imputação de representações simbólicas positivadas aos descendentes de imigrantes italianos, dentre os quais emerge com maior destaque, um *ethos* do trabalho, que vincula o desenvolvimento econômico do município ao perfil de trabalhador árduo e acintoso destes indivíduos.

---

<sup>12</sup> A partir dos primeiros anos do século XXI, o elevado número de CTG na cidade de Caxias do Sul (aproximadamente 80) passa a ser posto em destaque pela Vigésima Quinta Região Tradicionalista e pela mídia local, e a cidade passa a ser intitulada como a Capital Mundial dos CTG, sendo que o editorial da principal mídia impressa local sugere no dia treze de setembro de 2007 que a cidade reivindique o título de “Capital Brasileira do Tradicionalismo Gaúcho”. Ver figuras 11 a 15 do Anexo.

Abordarei estes estudos procurando relacionar suas pertinências em diferentes momentos e processos históricos, bem como suas correlações com o objeto de estudo. Neste âmbito, serão utilizados os estudos de Beneduzi (2004), que abarcam a formação de um imaginário destes imigrantes a partir da ressignificação das experiências anteriores à expatriação, de Giron (1994), acerca dos processos relativos à positivação da italianidade e os elementos simbólicos assimilados para tal durante a década de 1930 por líderes políticos e comerciais de Caxias do Sul; Azevedo (1994), que fornece indícios importantes do contato interétnico entre os que compartilham de uma italianidade e os luso-brasileiros na década de 1950; Mocellin (2008), acerca da positivação da italianidade a partir da década de 1960, tendo como base contrastiva os luso-brasileiros e como figuras modelares os empresários locais; Santos (2004), que analisa a Festa da Uva<sup>13</sup> como um espaço propício para a construção de representações positivadas relativas à italianidade; e Kanaan (2008), voltado ao estudo da relação entre os migrantes e a italianidade em Farroupilha, cidade próxima a Caxias do Sul.

Estas pesquisas sobre a italianidade apontam continuamente como a construção de representações positivadas acerca dos descendentes de imigrantes italianos se pautou por um caráter contrastivo, cujo elemento antitético central foram os luso-brasileiros. Na medida em que por meio desta dicotomização “constrói-se uma auto representação em que os descendentes de italianos se distinguem como “*mais trabalhadores*”, “*mais qualificados*”, “*mais aptos ao trabalho*”” (MOCELLIN, 2008, p.178), os não italianos são de forma automática, negativados representacionalmente. Desta forma, o estudo da configuração de identidades sociais ancoradas em representações distintas às da italianidade, como o caso do tradicionalismo no mundo do trabalho local, exige uma análise intrincada destas dinâmicas de construção identitárias.

Um elemento importante a ser designado neste processo e que tangencia o objeto de estudo é a migração dirigida à cidade de não descendentes de italianos. Caxias do Sul, a maior, mais populosa e mais rica cidade da Região de Colonização Italiana (RCI)<sup>14</sup>, foi ocupada por imigrantes italianos a partir de 1875, e caracterizava-se até a primeira metade do século XX por uma população amplamente preponderante de

---

<sup>13</sup> De ocorrência bienal, a Festa Nacional da Uva é o principal evento festivo oficial da cidade, organizada por uma empresa de capital misto cujo diretor-presidente é nomeado pelo prefeito.

<sup>14</sup> O termo Região de Colonização Italiana, quando referido ao Rio Grande do Sul, designa o espaço destinado à colonização de terras devolutas situadas entre os vales do Rio Das Antas e do Rio Caí, que hoje compreende dezenas de municípios de portes variados, sendo os maiores Caxias do Sul e Bento Gonçalves.

descendentes de imigrantes italianos<sup>15</sup>. A partir de 1950, constantes fluxos migratórios de outras localidades do estado caracterizados pela diversidade étnica<sup>16</sup> atingem a cidade, formando parcela expressiva da população local.

Neste âmbito, destacarei os estudos de Herédia (2011), onde a autora aponta um conjunto de cinco fases de fluxos migratórios que atingiram a cidade, voltados especificamente para o preenchimento de postos de trabalho em diferentes setores da economia caxiense. Estes fluxos, de forte caráter intra-estadual, marcam a proveniência deste grande contingente de migrantes à cidade durante o recorte temporal do objeto desta dissertação.

O alinhamento temporal entre a contínua chegada de migrantes desprovidos de representações positivadas e a apropriação dos signos diacríticos do tradicionalismo por parte de trabalhadores industriais<sup>17</sup>, como se pretende apontar neste trabalho, são elementos que permitem, através de um raciocínio rápido, concluir que há forte correlação entre estes fenômenos, imputando à ascensão das manifestações tradicionalistas uma forma de inserção positivada destes trabalhadores na sociedade caxiense - na qual o *ethos* do trabalho se dirige apenas aos que possuem sobrenome de origem italiana.

Sem dúvida, esta é uma possibilidade interpretativa pertinente. Entretanto, sem querer adiantar os dados e discussões dos próximos capítulos, menciono rapidamente que identifiquei forte participação de descendentes de imigrantes italianos nos CTG focados, o que requer atenção maior ao impacto da simbologia tradicionalista em Caxias do Sul e uma relativização do apego às representações positivadas da italianidade, além da possibilidade de complementaridade entre estas representações identitárias. A análise destas dinâmicas será um dos objetivos deste trabalho.

A pertinência dos apontamentos da bibliografia relacionada ao estudo da italianidade e a contribuição que a análise do objeto de estudo proposto trará a esta discussão será dirimida no capítulo 1. Entretanto, aponto que ao abordarem este processo de construção da italianidade, as autoras<sup>18</sup> indicaram como elementos

---

<sup>15</sup> Azevedo aponta em *Materiais para o estudo da aculturação de italianos no Rio Grande do Sul (1957, p. 295)*, que em 1950, um quinto da população caxiense era formada por não descendentes de italianos.

<sup>16</sup> Em relação a grupos sociais de origem lusa em Caxias do Sul, ver Klein (1984). Também cabe destaque aos estudos sobre a população negra, que pode ser considerada como a minoria étnica caxiense que concentrou maior foco por parte de pesquisas acadêmicas nas últimas décadas. Destacam-se neste âmbito os trabalhos Giron (2009), Caregnato (2010) e Gomes (2013).

<sup>17</sup> Como aponta Herédia (2011, p. 68 a 69), até a década de 1990, a maioria destes migrantes teve como destino ocupacional as linhas de produção das grandes indústrias metal-mecânicas de Caxias do Sul.

<sup>18</sup> Mocellin (2008) e Santos (2004)



antitéticos os luso-brasileiros<sup>19</sup>, mas sem direcionar seus esforços analíticos para os processos de construção de identidades no meio deste grupo. Tal situação pode ser entendida melhor se analisarmos os temas e encenações das últimas edições da Festa da Uva<sup>20</sup>. A valorização da diversidade étnica do município e sua importância para a “construção da cidade” e do desenvolvimento econômico local são recorrentes, demonstrando um discurso oficial novo, atento à heterogeneidade da população local. Desta forma, penso que o ineditismo do objeto de estudo e seu recorte temporal emergem novamente como qualidades importantes, na medida em que sua análise fornecerá contribuições para a bibliografia já constituída a respeito do tema na cidade, sobre a construção das identidades étnicas no Brasil recente e sobre a história do tradicionalismo.

Outro âmbito de discussões acadêmicas sobre as quais este estudo tem possibilidade de oferecer contribuições é acerca da temática do tradicionalismo. A produção bibliográfica nas ciências humanas sobre o tema é bastante profícua, sendo que pesquisas acadêmicas qualificadas a seu respeito, com algum distanciamento do objeto, emergem a partir de 1980. Dentro da produção deste período, destaco os estudos de Ruben Oliven (1992) e Sandra Pesavento (1993) por relacionarem na sua abordagem o impacto dos elementos simbólicos e das representações construídas pelo tradicionalismo na sociedade e nas relações de trabalho com mais atenção. Tais estudos alcançaram proeminência e tornaram-se referenciais basilares para análise do fenômeno, caracterizavam-se por uma perspectiva abrangente de análise do tradicionalismo e concebiam-no dentro de um processo de construção identitária regionalista, marcado pela relação regional – nacional, pela formação de uma mitologia homogeneizadora e apaziguante das diferenciações entre grupos sociais, acionado com diferentes intensidades e matizes de acordo com o momento histórico.

---

<sup>19</sup> Deve-se considerar que estes apontamentos pouco complexos a respeito dos luso-brasileiros se justificam pelo fato do foco analítico dos estudos das autoras não dirigirem-se a este grupo, e que sua complexificação não agregasse maior capacidade explicativa aos seus trabalhos.

<sup>20</sup> Várias ações dentro deste evento promovido pela administração municipal demonstram uma crescente atenção à heterogeneidade dos grupos sociais caxienses. Embora apresente um claro tom laudatório remissivo às representações da italianidade, a partir das festividades de 1991, surgem elementos demonstrando uma maior atenção a esta heterogeneidade étnica. Em 1991, ocorreu a apresentação de “artistas nacionais e músicos gaúchos, coisa que até então não havia ocorrido”, o que tornou-a “um sucesso de público, reaproximando o evento à comunidade”. Em 2004, a festa procurava “prestar homenagem aos imigrantes de *todas* as origens – em especial italianos”. Em 2006, o tema da festa “A alegria de estarmos juntos” e as encenações no desfile visavam “recuperar a pluralidade expressa nos primeiros povoadores: o índio, o negro, o tropeiro, o colono alemão, os administradores da colônia, os imigrantes italianos entre tantos outros”. Em 2012, o curso alegórico do desfile da festividade - que se repete em torno de oito vezes durante o período do evento em rua central da cidade - apresentava referências à “diversidade étnica das nossas comunidades de origem”.

Os estudos de Pesavento são os que focaram com maior intensidade o impacto do tradicionalismo nas relações de trabalho, abordando com maior atenção os ganhos que esta apropriação representa para os trabalhadores urbanos, postulando que os “egressos do campo, proletarizados, encontram no endosso das tradições gaúchas e na legitimação de uma determinada visão do social uma forma de compensação para as duras condições de vida” (PESAVENTO, 1993, p. 394).

Estes estudos analisam as implicações do tradicionalismo nas relações de trabalho urbanas de forma tangencial, sendo que as pesquisas acadêmicas acerca do tradicionalismo realizadas após a publicação destes trabalhos caracterizam-se por objetos mais específicos dentro do tema<sup>21</sup>, sem que sua imbricação com as relações de trabalho tenha sido mais especificamente abordada. Vejo quanto a este âmbito regional outra possibilidade de contribuição da análise da problemática proposta nesta dissertação.

Embora esta bibliografia “clássica” sobre o tradicionalismo aponte perspectivas pertinentes para sua análise, penso que o espaço temporal de duas décadas que separa a realidade social analisada pelos autores anteriormente mencionados daquela contemplada nos espaços temporais mais recentes propostos nesta pesquisa, atingindo o ano de 2010, tenha sido suficiente para a geração de dinâmicas sociais distintas, configuradas em relações sociais marcadas por processos históricos que não foram analisados amiúde pela academia desde os primeiros anos da década de 1990.

Cito, por exemplo, a recorrência de manifestações tradicionalistas em sindicatos de trabalhadores metalúrgicos e a ascensão política de figuras ligadas ao tradicionalismo (ou que se ligaram ao tradicionalismo para angariar maior capital simbólico<sup>22</sup>) dentro do

---

<sup>21</sup> Destaco no âmbito historiográfico os trabalhos *Um passado novo para uma história em crise: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)* de Letícia Borges Nedel, *De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso – um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847 – 1877)* de Carla Renata de Souza Gomes, *Canta meu povo: uma interpretação histórica sobre a produção musical de Teixeira (1959-1985)*, de Francisco Alcides Cougo Junior e *O centauro e a pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas*, de Jocelito Zalla. Publicados respectivamente em 2005, 2006, 2010 e 2011, dialogam diretamente com a temática do tradicionalismo, sendo que Nedel objetiva analisar a atuação dos folcloristas “na formulação dos atributos simbólicos demarcadores do que é ser sul-rio-grandense”, Gomes aborda a ressemantização do termo “gaúcho” e sua acepção como gentílico dos habitantes do estado, Cougo Junior procura escrutinar no cancionário de Teixeira o tipo de mensagem que transmitiam, seu reflexo e alcance social e o tratamento que receberam no Rio Grande do Sul e Zalla traça a trajetória de vida de Barbosa Lessa e sua ação enquanto figura basilar do projeto tradicionalista.

<sup>22</sup> O capital simbólico refere-se a atributos valorativos dos agentes que podem ser transferidos de um campo de relações a outro, sendo que neste caso, através da aproximação à população que o uso de hábitos e indumentárias tradicionalistas pôde proporcionar, determinados candidatos pretenderam aumentar seu capital social para transformá-lo em um “capital eleitoral”, com o objetivo de adquirir maior número de votos para cargos eletivos na estrutura estatal.

objeto de estudo. Assis Melo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos local, figura que em determinado momento de sua carreira como líder sindical passou a se apropriar tenazmente dos elementos simbólicos gauchescos, conquistou a maior votação para vereador na história da cidade em 2008 e em 2010, elegeu-se deputado federal. Alceu Barbosa Velho, vereador e vice-prefeito em administrações anteriores, elegeu-se prefeito em 2012 com um histórico de ampla participação em eventos tradicionalistas e contínua auto-atribuição à condição de “*gaúcho pelo duro*”. Jó Arse, coordenador da 25ª Região Tradicionalista, elegeu-se vereador em 2012 tendo como base social a contínua participação na organização de eventos tradicionalistas.

A emergência de líderes políticos<sup>23</sup> que tem como base o movimento tradicionalista<sup>24</sup> e a apropriação dos elementos simbólicos regionalistas por sindicatos de trabalhadores demonstram a necessidade de novas propostas interpretativas do fenômeno.

Sem almejar atribuir a esta pesquisa a pretensão de uma atualização dos estudos sobre a identidade regionalista, aponto que com base no objeto de estudo, procurarei apenas contribuir na análise da forma como se constroem identidades culturais, mais especificamente, na relação entre uma identidade étnica de italianidade e outra identidade regional gaúcha na cidade de Caxias do Sul. Este será mais um dos objetivos deste trabalho.

### *Perspectivas teóricas: as disputas simbólicas e o transitório*

Na medida em que esta dissertação se pautará pela análise de diferentes fenômenos relativos à construção de identidades coletivas, faz-se necessário apontar seus diferentes vieses. O próprio conceito de identidade é bastante complexo e

---

<sup>23</sup> Alceu Barbosa Velho, Jó Arse e Assis Melo são os exemplos mais tangíveis de políticos caxienses ligados a este movimento. Entretanto, é importante apontar como outras lideranças políticas locais, dentro do recorte temporal proposto por este trabalho, têm de forma crescente se apropriado sazonalmente da simbologia tradicionalista, através da indumentária e de maneirismos. Embora isto será tratado nos próximos capítulos, aponto com destaque as figuras de Mário David Vanin (prefeito), Édio Elói Frizzo (vereador e secretário municipal), Pedro Incerti (vereador), Renato Nunes (vereador), entre outros.

<sup>24</sup> Ruben Oliven argumenta em *A parte e o todo* (1992, p. 123-124) que o tradicionalismo até então não havia servido como plataforma eficaz para eleger políticos, através da menção a eventos ocorridos em 1986, quando Antônio Augusto Fagundes, importante figura pública do MTG, concorreu em condições bastante favoráveis a deputado federal e não se elegeu.

recentemente apropriado pelas ciências sociais e pela história<sup>25</sup> para explicação de fenômenos sociais. De início, cabe apontar que a diferenciação entre identidade *social* e identidade *cultural* subjaz diferentes perspectivas e abordagens sobre o conceito. Identidade social aproxima-se à conceituação proposta pela sociologia da década de 1960, quando autores como “Goffman, Goodenough, Moerman, McCall & Simmons trabalharam a noção de identidade procurando demonstrar como seu âmbito pessoal e social estão interconectados e podem ser tomados como o mesmo fenômeno. No nível individual, é objeto de investigação por psicólogos e no nível coletivo, a identidade social se edifica e realiza o que permitiria aos sociólogos e antropólogos fugirem a um psicologismo” (OLIVEIRA, 1976, p. 4). Já a identidade *cultural* insere-se em discussão posterior, quando a partir da década de 1970, com a crítica ao economicismo do materialismo histórico, fenômenos sociais caracterizados como culturais passam a ganhar proeminência em estudos de vanguarda à época, e dentro deste âmbito, incluem-se as identidades. Entretanto, cabe afirmar como as identidades culturais são analisadas com maior atenção ao individual, na medida em que seu objeto de análise localiza-se em um período de intensificação do consumo e mercantilização da cultura, na acentuação do processo de globalização das últimas décadas, que tornaram a identidade provisória, fragmentada, uma “celebração móvel” (HALL, 2006, p. 13).

Em *Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações*, Regina Weber (2004) discute determinadas perspectivas teóricas sobre o assunto desenvolvidas dentro dos parâmetros da antropologia e da sociologia e suas aproximações das perspectivas de historiadores que já trabalham com a temática da identidade étnica e nacional, em especial com assuntos relativos à imigração<sup>26</sup>. De início, a autora menciona a dificuldade dos historiadores em apropriarem-se do referencial teórico-conceitual relativo aos estudos sobre etnicidade, bastante desenvolvido na Antropologia e demonstra como certas premissas analíticas da

---

<sup>25</sup> A abordagem das questões relativas às identidades sociais pelos estudos históricos é de ocorrência recente, propiciado pelo progressivo intercâmbio de temáticas e ferramentas analíticas que caracterizou as ciências humanas nas últimas décadas. Este fenômeno se acentuou a partir de 1970, inserido dentro do processo de renovação experimentada pela teoria social e pela historiografia, com a crítica ao economicismo, às perspectivas teleológicas e às pretensões de explicação global das teorias estruturalistas, características próprias das meganarrativas europeias.

<sup>26</sup> Diante deste cenário de valorização interdisciplinar sobre o qual repousa este trabalho, considero relevante defender a importância da pesquisa histórica acerca da temática da identidade em um recorte temporal amplo e aproximado ao tempo presente. Mesmo reconhecendo que outras áreas das humanidades possam se apropriar qualificadamente da diacronia, considero que o profissional da área da história, com sua atenção especialmente voltada à análise das conjunturas e processos históricos, bem como de suas contínuas transformações, pode trazer novas contribuições interpretativas à temática.

historiografia, como a noção de processo histórico, podem ser alinhadas com as perspectivas mais atuais da teoria social que apontam as identidades como construídas, citando postulados de Eric Hobsbawn (1998) e Immanuel Wallerstein (1988) neste sentido<sup>27</sup>.

Stuart Hall, ao analisar diferentes abordagens teóricas sociológicas sobre as identidades coletivas, aponta que o sujeito na modernidade tardia deixa de ser visto como portador de uma identidade coerente e estável, mas sim de várias identidades fragmentadas, até contraditórias. A identidade torna-se uma “celebração móvel, formada e transformada continuamente”, “definida historicamente, e não biologicamente”, sendo que o sujeito “assume diferentes identidades em diferentes momentos, não unificadas em torno de um eu coerente”(HALL, 2006, p.13).

Para Hall (2006), a reconfiguração das identidades no cenário da modernidade tardia é um fenômeno completamente imbricado ao processo de globalização. Embora este processo abra caminho para a homogeneização global, fortalece uma “fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da alteridade” (HALL, 2006, p.77), agindo no fomento a um novo interesse pelo local. Concluindo, o autor aponta que a globalização gera

um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas (HALL, 2006, p. 87).

Tais perspectivas de Hall se alinham com os fenômenos de construção de identidades analisados nesta pesquisa histórica, onde se percebe a ascensão de uma identidade regional num contexto de globalização e mercantilização de determinados elementos definidores da portabilidade de uma identidade coletiva. O processo de globalização<sup>28</sup> em específico, é considerado pelo autor como fundamental para o

---

<sup>27</sup> Os apontamentos da autora remetem a estudos recentes de autores consagrados, que ofereceram indícios analíticos convergentes às perspectivas mais atuais da teoria social. Com efeito, a apropriação pela temática na história cultural ainda é bastante incipiente, tornando necessário que se busque na teoria social as discussões mais antigas e profícuas que envolvem teorizações importantes sobre identidades coletivas.

<sup>28</sup> O autor aponta que o processo de globalização está relacionado a toda modernidade, porém sua intensificação no último século criou um cenário propício a novas dinâmicas sociais relativas à fragmentação da identidade. Sobre a globalização, Hall a percebe como “processos atuantes numa escala global, que atravessa fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações nas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.” (MCGREW, David apud HALL, 2006, p. 67).

fortalecimento de identidades locais, apontando que nas últimas décadas, os grandes modelos fornecedores de representações identitárias, como a nação e a raça, vem perdendo espaço para identidades de caráter étnico e regional.

Serão duas formas de identidade coletiva que receberão maior atenção neste trabalho, uma de caráter regional<sup>29</sup>, especificamente a versão sobre a identidade gaúcha proposta pelo MTG, e outra de caráter étnico, construída por descendentes de imigrantes italianos no Brasil.

As dinâmicas de construção da italianidade em Caxias do Sul não se caracterizaram por uma pretensão de soberania através da criação de um estado ou mesmo de autonomia em relação ao resto do país, o que exclui a possibilidade de emprego das premissas teóricas relativas à identidade nacional. Embora ocorram semelhanças entre a construção de identidades étnicas e de identidades nacionais, a italianidade em Caxias do Sul caracteriza-se por étnica por ter se formado entre sujeitos que, em sua maioria, nunca foram à Itália, mas constroem no Brasil um ideal sobre o que vem a ser essa origem, a qual é utilizada como marcador e sinal diacrítico do grupo.

Podemos considerar essa italianidade como um discurso que propõe a construção de uma identidade étnica, outro conceito relevante para esse trabalho. A interpretação das dinâmicas de definição dos grupos étnicos neste trabalho alinham-se à teorização da etnicidade proposta de Fredrik Barth. Para o autor, a análise sobre tais fenômenos deve ser deslocada para as fronteiras étnicas, de onde surgem os elementos definidores dos grupos, em detrimento de definições sobre grupos étnicos que focam o compartilhamento e a perpetuação de uma determinada cultura “essencial” como basilar.

As fronteiras étnicas são para Barth este espaço privilegiado de análise por concentrarem as dinâmicas sociais de auto-atribuição e atribuição por outros de categorizações e de classificação de grupos empregados pelos próprios atores. Na

---

<sup>29</sup> Em virtude deste trabalho continuamente focar dinâmicas sociais relacionadas a distintos âmbitos geográficos, como local e regional, se faz necessário apontar em que sentido tais termos serão utilizados. Local faz menção à cidade de Caxias do Sul, âmbito espacial central dos fenômenos sociais que serão abordados. Quanto à regional, destaco como é uma delimitação altamente polissêmica, utilizada tanto para uma realidade tão ampla que abarca vários países (por exemplo, a região platina) quanto para abarcar determinadas localidades ou microrregiões. A perspectiva adotada nesta dissertação parte da observação de que, no Brasil, construiu-se discursos sobre identidades regionais que se constituem dentro da identidade nacional. Essa construção vem desde o regionalismo romântico na literatura do século XIX, passando pelas propostas sobre identidades regionais e sua relação com o nacional dos anos 1920 e 1930 (ver o Manifesto Regionalista, de Gilberto Freyre) e se torna basilar na forma como o MTG delimita esse regionalismo. De fato, este regional refere-se de à construção da identidade social gaúcha, relativa especificamente aos habitantes do estado do Rio Grande do Sul ou a descendentes destes portadores de um *ethos* específico, sobre o qual o MTG erigiu e normatizou o culto a um conjunto de “tradições”.

medida em que os grupos étnicos são formas de organização social e os atores usam estas identidades para se classificarem e classificarem os outros, é neste espaço de interação que emergem as características apontadas como significativas, sendo que algumas serão enfatizadas como marcadores e diacríticos do pertencimento ao grupo<sup>30</sup>.

A apropriação das teorizações de Barth e de autores que o tomaram como base para refinar o *corpus* teórico acerca de fenômenos étnicos é constante nos estudos mais recentes acerca da italianidade em Caxias do Sul<sup>31</sup>, que serão discutidos nos próximos capítulos. Quanto às perspectivas teóricas sobre a identidade regional ou o regionalismo, considero pertinentes as premissas de Pierre Bourdieu, na medida em que dirigem sua atenção não apenas para as dinâmicas sociais de disputas implícitas no estabelecimento das representações simbólicas legítimas, mas também sobre a “tábua de valores” que apontam determinadas características como valorativas ou estigmas.

O regionalismo (ou o nacionalismo) é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer coletivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas; ou, se se prefere, a conservação ou a transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objetivas ou intencionais) da identidade social. Nesta luta pelos critérios de avaliação legítima, os agentes empenham interesses poderosos, vitais por vezes, na medida em que é o valor da pessoa enquanto reduzida socialmente à sua identidade social que está em jogo (BOURDIEU, 2011, p. 124)

Ruben Oliven se dedicou à análise da construção desta identidade regional sul-rio-grandense. Segundo o autor, o fenômeno de ascensão de uma identidade regional remissiva aos habitantes do Rio Grande do Sul ocorre como reação à homogeneização cultural inerente ao processo de globalização e também na contraposição do regional perante o nacional, trazendo à tona uma reelaboração do gauchismo a partir da década de 1950.

---

<sup>30</sup> Os postulados de Barth foram o ponto de partida para o refinamento teórico de um grande conjunto de dinâmicas sociais relativas à formação dos grupos étnicos. Destacam-se nesta análise específica de fenômenos nas “fronteiras” dos grupos étnicos os trabalhos de Poutignat & Streiff-Fenart, Glazer & Moynihan, Cohen e Oliveira. Os estudos de Immanuel Wallerstein, também convergem nas suas propostas analíticas, apontando como os processos de etiquetagem e rotulação de grupos étnicos se insere dentro das dinâmicas do capitalismo histórico, que objetiva imputar papéis ocupacionais pouco valorizados a grupos de pessoas distinguíveis por meio de simbolização externa.

<sup>31</sup> Mocellin (2008), Santos (2004) e Kanaan (2008).

A afirmação de identidades regionais no Brasil pode ser encarada como uma reação a uma homogeneização cultural e como uma forma de salientar diferenças culturais. Esta redescoberta das diferenças e a atualidade da questão da federação numa época em que o país se encontra bastante integrado do ponto de vista político, econômico e cultural sugere que no Brasil o nacional passa primeiro pelo regional. (OLIVEN, 1992, p. 43)

Na análise desta identidade de âmbito regional, Oliven lança mão de premissas teórico-analíticas de Oliveira (1976) a respeito das identidades contrastivas, autor que ancora seus postulados na atenção à fronteira entre os grupos sociais como espaço privilegiado de análise de suas dinâmicas.

As perspectivas de Zygmunt Bauman sobre a identidade também serão apropriadas na análise do objeto de estudo. O autor dirige sua atenção ao caráter altamente transitório dos valores fundantes da vivência social das últimas décadas, como fruto da acentuação do processo de globalização, imputando um caráter de fluidez a dinâmicas sociais ancoradas em épocas anteriores a elementos estáveis e perenes<sup>32</sup>.

Os fenômenos sociais correlatos à formação das identidades são analisados pelo autor dentro desta perspectiva. Atento ao forte processo de individualização da contemporaneidade, aponta a construção de identidades em um âmbito mais pessoal, dentro de um panorama social que oportuniza um amplo leque de possibilidades de modelos identitários a serem assimiladas pelos agentes

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido (...) torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido é o herói popular, ‘estar fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto. (BAUMAN, 2005, p. 35)

As perspectivas do autor oferecem algumas possibilidades de abordagem da problemática proposta. As aproximações são possíveis na medida em que o recorte temporal é pautado por este crescente processo de globalização, num cenário urbano

---

<sup>32</sup> Percebemos a aproximação deste contexto de análise elencado por Bauman para pensar sobre a identidade com os apontamentos de Hall onde define a identidade como uma celebração móvel num contexto de globalização. A especificação do pensamento de Bauman em relação a de Hall se concentra numa atenção pormenorizada ao âmbito subjetivo.



integrado ao mercado de consumo global e midiático, que permite acesso dos grupos sociais analisados a diferentes identidades. Adiciona-se a estes elementos um caráter de sazonalidade das manifestações identitárias tradicionalistas, apresentando-se com grande intensidade nas comemorações da Semana Farroupilha<sup>33</sup> ou na ocorrência de rodeios e festivais; também oferece bens simbólicos que podem ser apropriados parcialmente, possibilitando aos indivíduos a adoção de elementos de outros conjuntos identitários, na formulação de identidades multifacetadas. Tais dinâmicas podem ser dirimidas dentro deste panorama de “liquidez moderna” proposto por Bauman.

A utilização destas duas abordagens teóricas sobre as identidades coletivas, uma amparada na análise das relações de dominação simbólica e outra nas perspectivas voltadas à fragmentação e ao transitório, pode apresentar-se como um cenário ideal para um embuste teórico, tendo em vista que são perspectivas divergentes em determinados aspectos. Entretanto, penso que como toda pesquisa empírica, é a partir da realidade estudada que se deve abstrair os modelos explicativos, e neste caso, verificar quais destes estudos já se aproximaram das discussões que a análise do objeto possibilitará.

Além da identidade, outro conceito central na discussão do objeto de estudo deste trabalho é o de *representação*. A apropriação do termo para o plano teórico na sociologia remete aos trabalhos dos autores fundantes da disciplina<sup>34</sup>, sendo que seu uso contínuo e associação a diferentes modelos teóricos e propostas interpretativas, por parte de sociólogos, antropólogos e historiadores, tornaram-no um conceito volúvel. Não se justifica elaborar aqui um arrazoado explicativo da trajetória do termo na teoria social, mas se faz necessário precisar o significado a partir do qual se dará seu uso neste trabalho, bem como informar sob quais perspectivas teóricas será utilizado.

Partirei da noção de representação apontada por Pierre Bourdieu<sup>35</sup>. O autor aponta como inócua a contraposição realidade/representação, criticando aqueles que visam à compreensão da “realidade” sem considerar que esta busca pela realidade e a sua construção enquanto objeto de conhecimento ocorre através de um processo de

---

<sup>33</sup> A lei número 4850, assinada em 11 de dezembro de 1964 pelo deputado Francisco Solano Borges, então presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, oficializou a “Semana Farroupilha”, “a ser comemorada de 14 a 20 de setembro de cada ano, em homenagem e memória aos heróis farroupilhas”, segundo definição do Artigo 1.

<sup>34</sup> Marcel Mauss e Émile Durkheim tinham na representação social um conceito central em seus estudos, no intento de apontar os sistemas de classificação como eminentemente sociais e não produtos de atividades individuais espontâneas e suficientemente aproximadas a ponto de permitir um consenso, como sinalizavam os estudos da psicologia da virada do século XIX para o XX.

<sup>35</sup> Peter Burke (2005) considera Bourdieu como um dos quatro principais autores cujos pressupostos teóricos foram apropriados pela Nova História Cultural, junto a Mikhail Bakhtin, Michel Foucault e Norbert Elias.

“representação, dependente tão profundamente do conhecimento e do reconhecimento” (BOURDIEU, 2011, p. 108).

Desta forma, as representações assumem para Bourdieu a condição de classificações socialmente construídas que pautam a ação cotidiana, mas não opostas à realidade. São tão concretas quanto, e inseridas num contexto de disputas onde os agentes intervêm na busca pela sua legitimação e imposição.

Entender as disputas que envolvem a legitimação destas representações segundo a perspectiva de Bourdieu nos leva a analisar o caráter simbólico destas disputas. Por simbólico, o autor designa o caráter *mágico* que este esforço de legitimação de determinadas representações assume, na medida em que são amplamente reconhecidas, mas ignoradas enquanto tal.

As teorizações de Pierre Bourdieu foram intensamente apropriadas pela corrente historiográfica da chamada Nova História Cultural. Roger Chartier, um de seus principais expoentes, tece considerações importantes a respeito da questão das representações, alinhadas às perspectivas de Bourdieu e direcionadas à pesquisa histórica.

primeiro, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem; em seguida, as formas de exibição do ser social ou do poder político tais como as revelam signos e ‘performances’ simbólicas (...); finalmente, a ‘presentificação’ em um representante (individual ou coletivo, concreto ou abstrato) de uma identidade ou de um poder, dotado assim de continuidade e estabilidade (CHARTIER, 1994, p. 8).

Esta tripla definição do conceito de representação abarca as expectativas de significado do conceito sob as quais será empregado às discussões deste trabalho. A nítida aproximação das proposições de Chartier sobre representação aos postulados de Bourdieu quando define os critérios objetivos de uma identidade regional<sup>36</sup> e o uso contínuo destas perspectivas nos estudos deste tipo nos sugerem que as discussões promovidas por estes dois autores tiveram sucesso em proporcionar definições mais

---

<sup>36</sup> “Mas mais profundamente, a procura dos critérios objetivos de identidade regional ou étnica não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque) são objeto de representações mentais, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objetivas, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores”. (BOURDIEU, 2012 p. 112)

acuradas do termo, tornando-o mais operacional para análises sociais e históricas. Entretanto, destaco como emergiram da necessidade de inculcar-lhe definições tangíveis, tendo em vista a grande generalidade que o conceito atingira devido à sua apropriação em debates de diferentes áreas das humanidades, fazendo alusão tanto a processos simples de abstração como a processos criativos que envolvam reflexão, ressignificação e simbolização do social. É principalmente em alusão a estes últimos processos - mais complexos e envoltos em disputas e hierarquias sociais na conferência de significados à realidade objetiva – que o conceito será apontado no decorrer das análises.

### *Abordagem das fontes*

Serão três os principais tipos de fontes históricas abordadas para a pesquisa do objeto de estudo: periódicos, documentação dos CTG e da vigésima quinta RT e relatos orais.

O periódico que será analisado é o jornal *Pioneiro*. Fundado em 1949<sup>37</sup>, o jornal passa a ter circulação diária de forma permanente a partir de 1981. A escolha por analisar apenas esta publicação se deve ao seu caráter local/regional<sup>38</sup> e seu status de centralidade dentre a mídia impressa voltada aos assuntos políticos, econômicos e culturais da cidade dentro do recorte temporal proposto<sup>39</sup>. Outras mídias impressas locais assumem relevância diminuta, na medida em que suas periodicidades são no máximo semanais e não atingem um número de páginas e colunistas expressivos, alcançando pouca circulação.

Visando focar os eventos com maior repercussão dentro do gauchismo e do tradicionalismo institucionalizado, foram analisados entre os anos de 1980 a 2010, o período compreendido como *Semana Farroupilha*, ou seja, dos dias quatorze a vinte do

---

<sup>37</sup> Inicialmente de propriedade da empresa Gráfica Nordeste Ltda., o jornal foi adquirido pelo grupo RBS, principal empresa midiática do sul do Brasil e sediada em Porto Alegre, em 1993. Tais aspectos serão discutidos no primeiro capítulo.

<sup>38</sup> Sediado em Caxias do Sul e com notícias referentes principalmente à cidade, o *Pioneiro* apresenta-se como “diário de integração da Serra”, na medida em que dedica em suas seções algum espaço para reportagens relativas às cidades da Serra Gaúcha. Entretanto, dentro desta abordagem regional, há um destaque maior às cidades limítrofes à Caxias do Sul.

<sup>39</sup> Cabe destacar que dentro do período proposto para análise, outras empresas midiáticas também se destacaram na cidade. A Rádio Caxias, a Rádio São Francisco e a emissora regional de televisão RBSTV Caxias do Sul, também associada ao grupo RBS, são outras plataformas midiáticas de destaque em todo o recorte temporal proposto neste estudo.

mês de setembro. A fim de pesquisar como o periódico antecipava o evento, noticiava seus preparativos e repercutia seu dia máximo e conclusivo, também foram integrados ao recorte de dois a três dias antes do evento e de um a dois dias depois, dependendo do dia da semana.

Na pesquisa dos anos compreendidos entre 1980 e 2002, o jornal foi acessado através do banco de dados digitalizado do Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, disponibilizado no sítio da internet da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul<sup>40</sup>. Este banco de dados reúne documentos oficiais, fotografias e jornais de Caxias do Sul digitalizados, provenientes de conjuntos documentais do Arquivo Histórico da Câmara Municipal (AHCM) e do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA). Entre os anos de 2003 a 2010, a pesquisa dos jornais foi realizada na Seção de Periódicos da Biblioteca Pública Municipal Dr. Demétrio Niederauer, onde as páginas dos jornais foram fotografadas para posterior análise.

A análise do tratamento dispensado ao tradicionalismo neste periódico será efetuada sob dois planos, um quantitativo e outro qualitativo. Com isto, pretende-se analisar a quantidade e o tipo de publicidade dada ao fenômeno, bem como os discursos efetuados a seu respeito e a representação identitária construída por ele acerca do regional gaúcho e sua relação com o étnico italiano.

Para a análise do aspecto quantitativo, foram analisadas e recortadas todas as páginas de jornais que apontassem quaisquer informações relativas ao tradicionalismo, como notícias, editoriais, anúncios comerciais, tabelas de programação de eventos, imagens, colunas e seções especiais. Textos e imagens com abordagens tangenciais ao tema também foram destacados. Estes recortes foram organizados por uma tipificação simplificada<sup>41</sup> e por séries anuais, objetivando pesquisar a evolução e a qualidade da sua visibilidade, bem como a apropriação do mercado publicitário da simbologia pertinente ao movimento. Além da textualização a respeito de sua interpretação, estes dados classificados foram tabulados e expostos por meio de gráficos visando demonstrar a evolução e publicidade da temática regionalista no município.

O fato de algo se tornar notícia e ser apontado com determinada recorrência já envolve uma série de questões, necessitando escrutinar o que levou à decisão de

---

<sup>40</sup> Disponível em: <http://www.camaracaxias.rs.gov.br/site/?idConteudo=12>. Acessado em 17 de abril de 2014.

<sup>41</sup> Os recortes relativos ao tradicionalismo foram classificados sob os diferentes temas ou seções do periódico: notícias, imagens, editorial, propagandas, cronograma de eventos, menção na capa, menção na contracapa, seção especial e colunas.

publicar alguma coisa de alguma forma (DE LUCA, 2008, p. 141). A classificação e seriação das diferentes menções ao tradicionalismo procurará estar atenta a estes variados destaques, a fim de analisar esta evolução da publicidade e da recorrência de alguns discursos sobre o assunto durante o recorte de aproximadamente trinta anos. Quanto ao aspecto qualitativo, serão analisadas as diferentes transformações do discurso sobre o tradicionalismo apresentado pelo jornal, sendo que o foco maior neste âmbito de trabalho recairá na pesquisa das seções do editorial e seções especiais destinadas ao assunto. As notícias, cuja pretensa objetividade pode mascarar tais nuances, também serão pesquisadas, porém com menor detalhamento. Neste sentido, de Luca (2008) aponta considerações importantes:

os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir (DE LUCA, 2008, p. 145).

A troca de proprietário do jornal em meio ao recorte temporal e a adoção de uma pauta pedagógica sobre o tradicionalismo remetem à importância de pesquisar sobre o próprio grupo responsável pela linha editorial do jornal. Este âmbito também será abarcado na análise destas fontes, que será realizado com maior detalhamento no capítulo 1.

Outro tipo de fonte pesquisada será o corpo documental burocrático e fotográfico coletado dos próprios CTG elencados para pesquisa e da vigésima quinta Região Tradicionalista. No que concerne aos CTG, este material será diverso e esparso, na medida em que estas instituições não dispõem de setores burocráticos específicos e fazem uso de registros simples, como atas descritivas de reuniões da diretoria, cadastros de associação a grupos de dança, pequenos balanços contábeis de festas, bailes e de pagamentos a músicos e coreógrafos.

Tais documentos encontram-se sob a tutela da diretoria de tais instituições e foram disponibilizados de forma irregular. Sua pesquisa objetiva o detalhamento da análise da fundação destas instituições, na crescente participação de funcionários das empresas e seus familiares nestas manifestações, na emergência de diferentes atividades realizadas dentro desta ritualística tradicionalista, na identificação de um grupo central de líderes e na relação destes CTG com as empresas, buscando reconhecer quais tipos de apoio foram oferecidos para o estabelecimento e manutenção destes grupos.

Um acervo mais rico em possibilidades de análises e também disponibilizado por estas instituições e pessoas a elas ligadas é o acervo fotográfico. O registro imagético de eventos organizados por estes CTG, como bailes, invernadas artísticas<sup>42</sup>, mateadas<sup>43</sup> e a participação de seus grupos de danças em rodeios e outros eventos ligados ao tradicionalismo é bastante comum entre os membros destas instituições, principalmente dos indivíduos que assumem as funções da diretoria. Estes armazenam amplo arquivo fotográfico, cuja pesquisa possibilita analisar o incremento de atividades protagonizadas por estas instituições e de participantes, e sua participação em outras atividades voltadas a manifestações culturais da cidade.

De acordo com Boris Kossoy (2001, p. 76), a fim de se proceder a um escrutínio válido das fotografias enquanto fonte histórica, se faz necessário uma dupla investigação dos documentos deste tipo que serão disponibilizados para pesquisa: deve-se reconstituir o “processo que gerou o artefato, determinando seus elementos constitutivos e suas coordenadas de situação” e seus próprios “elementos icônicos, componentes do registro visual, o conteúdo da representação”

A 25ª Região Tradicionalista também concentra registro documental importante, na medida em que é a organização representativa do MTG para parte da região da Serra Gaúcha, na qual se inclui Caxias do Sul. Esta instância do movimento coordena e normatiza os CTG, além de centralizar a organização de eventos ligados ao tradicionalismo como rodeios, alguns festivais musicais e a Semana Farroupilha.

Desta organização obteve-se alguns complementares àqueles dos CTG, quando não se encontrarem em seu acervo fontes importantes, bem como de comprovação ou comparação com as outras fontes quando necessário. Entretanto, em virtude do forte incremento das manifestações tradicionalistas em Caxias do Sul nas últimas décadas e do aspecto central que assumiu neste cenário, tal instituição tornou-se palco de intensas disputas de diferentes grupos, propiciando inclusive a ascensão de alguns de seus líderes no cenário político. Em virtude disto, ao mesmo tempo em que aponto, julgo relevante relativizar a inacessibilidade de todo o corpo documental desta instituição, por possibilitar o acesso de um “desconhecido” a informações que poderiam fomentar embates entre indivíduos e grupos adversários inseridos num campo de intensas disputas políticas.

---

<sup>42</sup> Grupos de danças gauchescas dentro dos CTG que criam coreografias e se apresentam em eventos e festividades tradicionalistas.

<sup>43</sup> Reuniões com fins recreativos caracterizadas pelo consumo de chimarrão, bebida tradicional local associada à figura do gaúcho.

Entender como os processos históricos são percebidos pelos próprios agentes é uma oportunidade singular, que possibilita uma complexa análise da inteligibilidade de mundo por parte das pessoas, permitida apenas aos estudos históricos voltados a espaços temporais recentes e que se utilizam dos recursos da história oral para obtenção de fontes. Desta forma, será na pesquisa dos relatos orais repousará o trabalho de elaboração e análise de fontes mais intenso e central concernente ao objeto de estudo desta dissertação. Estes relatos foram obtidos através de entrevistas a indivíduos relacionados aos processos históricos pesquisados, como membros de diretorias atuais e antigas dos CTG pesquisados e participantes assíduos destes espaços desprovidos de cargos diretivos<sup>44</sup>. Desta forma, pretende-se analisar um espectro de indivíduos com variados níveis de participação, na emergência do tradicionalismo em meio aos trabalhadores das empresas metal-mecânicas locais. O critério definidor para a escolha de alguns entrevistados remete às diferentes posições perante a condição de sujeitos portadores de autoridade para se expressar dentro da estrutura dos CTG pesquisados, entendidos como um campo de relações sociais no qual os agentes estão inseridos e relacionam-se de acordo com determinadas posições.

A realização de entrevistas com fins de análise histórica remete ao uso das metodologias propostas pela história oral<sup>45</sup>, um campo de estudos envolvido em uma ampla carga de discussões e que aponta a diferentes propostas de procedimento e de análise destas entrevistas. O depoimento obtido por este método emerge como uma fonte histórica, porém fruto do diálogo proposto pelo pesquisador, entre ele e o pesquisado.

Propor o depoimento oral como apenas mais um tipo de fonte histórica incorre em desconsiderar a ampla interferência que o historiador possui na sua produção, o que

---

<sup>44</sup> Em relação ao CTG Os Carreiros, Adão da Silva, Realino Bertoldi e Gilmar Bristot; no CTG Velha Carreta José de Oliveira, Alcidino de Oliveira, e Gervásio Padilha; no CTG Sinuelo, Zanildo do Nascimento, Roni Martins e Gilmar Zillio; no CTG Marco da Tradição, Antônio Lima, Valdoir Oliveira e Bruna Lima.

<sup>45</sup> Este campo de estudos tem conquistado amplos espaços de discussão na historiografia, sendo que a consideração de seu estatuto, como uma técnica, metodologia ou mesmo disciplina em separado tem sido pauta de discussões. Concordo com Ferreira e Amado quando a definem como uma metodologia: “*a história oral, como todas as outras metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral, o que a nosso ver, não permite classificá-la apenas como prática. Mas na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar questões, ou seja, formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas na historiografia e na teoria da história, em que se agrupam conceitos capazes de pensar os problemas metodológicos gerados pela pesquisa histórica.*” (2012, p. 170)

deve também ser relevado e considerado na preparação destas entrevistas. Há também outros elementos importantes e específicos às pesquisas de história oral nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como as relações entre escrita e oralidade<sup>46</sup>, memória e história, ou tradição oral e história (FERREIRA & AMADO, 1997, p. 171). A memória especificamente, por sua importância basilar para a formulação destes relatos orais, suscita importantes considerações na história oral.

“A história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão históricas; na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes, e a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes; a narrativa, a forma de construção e organização do discurso são valorizadas pelo historiador” (FERREIRA & AMADO, 1997, p. 172).

A respeito das considerações sobre a memória, destaca-se a formulação teórica de Maurice Halbwachs. Sociólogo influenciado pelos princípios de Durkheim<sup>47</sup>, o autor aponta-a como um fenômeno de caráter plenamente social, uma construção de determinado coletivo sobre o passado que impregna de significados. Não pode ser desvinculada do âmbito social ao qual se remete, impossibilitando sua redução a um fenômeno individual, bem como deve ser entendida em constante reelaboração na sua relação com o presente. Esse seu amplo caráter social e sua vinculação às

---

<sup>46</sup> As formas de transcrição dos relatos orais obtidos nas entrevistas de história oral também são pauta de discussões. Verena Alberti aponta na obra *Manual de história oral* (2005, p. 174 - 175) inúmeras formas gráficas para representar situações inerentes à expressão oral, como risos, ênfases, silêncios, expressões de emoção, etc. Defende a correção dos relatos orais para que atendam à norma ortográfica por parte do transcritor, bem como o desmembramento das contrações. Não sugere que a transcrição seja devolvida ao entrevistado para correção, por considerar que geralmente efetuam muitas modificações a fim de torná-lo elegante e mudam o conteúdo do discurso, descaracterizando sua natureza de oralidade. Os apontamentos da autora são aproximados às intenções de transcrição deste trabalho. Única linha de ação significativamente diferenciada em relação à autora será quanto correção ortográfica das falas, algo que não será efetuado em demasia. Indo ao encontro de Halbwachs, considero que o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem e também local da criação de sinais identitários diacríticos. Por tratar-se de um estudo relacionado à construção de identidades, penso que não cabe interferir excessivamente nesta forma de expressão tão reveladora dos pesquisados.

<sup>47</sup> As produções de Halbwachs remetem à década de 1920, sendo que o autor foi aluno de Henri Bergson, proeminente intelectual entre os séculos XIX e XX cuja principal obra refere-se à memória como algo que emerge com liberdade e espontaneidade no cérebro, em oposição a esquemas mecanicistas que a alojavam em um canto obscuro deste órgão. Aproximou-se da sociologia por influência de Durkheim, com o qual compartilhou o bojo teórico inicial desta ciência ainda jovem nas primeiras décadas do século XX, e dialogou também com Marc Bloch, figura fulcral na *episteme* da historiografia contemporânea. Seu principal estudo, *A memória coletiva* (1950) é uma publicação póstuma, tendo em vista que o autor faleceu em 1945. As premissas de Halbwachs foram “redescobertas” pelas ciências humanas nas últimas décadas do século XX.



representações de diferentes grupos imprime à memória um elemento constitutivo também das identidades sociais.

A íntima relação entre memória e identidade será amplamente considerada e problematizada na análise das entrevistas realizadas para este estudo. Neste sentido, as perspectivas de Michael Pollak sobre esta relação também são pertinentes ao tema desta dissertação. Discípulo teórico de Pierre Bourdieu, Pollak percebe a identidade como uma manifestação do *habitus*<sup>48</sup> de um grupo, dentro do qual a memória tem um papel central. Na análise desta relação entre memória e identidade, a contribuição teórica de Pollak está centrada na criação da noção de “memórias em disputa”, que trata dos embates entre diferentes grupos sociais para que determinada memória seja considerada legítima, por sua consolidação permitir a positivação das representações de alguns grupos perante outros.

A apropriação das ferramentas teóricas e conceituais destes autores foi fundamental para o planejamento e execução das entrevistas, bem como da transcrição dos arquivos orais e sua análise. Para a prática da história oral, a evocação da memória é um elemento basilar, o substrato que fornece o conteúdo para análise. Acessada por meio do ato da entrevista, transformada e materializada em narrativa, impõe de forma automática à pesquisa a condicionante de sua problematização, que se pauta por analisar as determinantes subjetivas e coletivas para a constituição da memória, as influências da moral e ética correntes, as associações entre representações variadas, sua importância como elemento formador da identidade e as disputas sociais travadas pelo seu controle.

Num âmbito mais específico, a atenção a algumas dinâmicas dos fenômenos mnemônicos<sup>49</sup> proporcionaram alternativas de ação frente a entrevistados que apresentavam discursos preparados, principalmente àqueles relacionados com os

---

<sup>48</sup> Para Pollak, os *habitus* são “a incorporação da mesma história compartilhada por um grupo” (POLLAK, 2006, p. 53), o que se insere dentro da teorização do conceito formulada por Bourdieu, como “sistemas de disposições duráveis e transferíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, princípios geradores e organizadores das práticas e representações” (BOURDIEU, 1990, p. 88 - 91). Este *habitus* se aplicaria à identidade de um grupo na medida em que “as práticas que estes engendram são mutuamente compreensíveis (...) e dotadas de um sentido objetivo por sua vez unitário e sistemático, transcendente às intenções subjetivas e às produções conscientes - individuais e coletivas”

<sup>49</sup> Em *Matéria e Memória* (1999), Henri Bérson efetua importantes apontamentos acerca da memória e suas diferentes formas e manifestações. A quantidade e complexidade dos conceitos e discussões propostas pelo autor tornam impossível reduzir suas principais conclusões a um espaço tão exíguo como este, mas em relação à ação frente a sujeitos entrevistados com discursos preparados, cabe mencionar a “memória sonho”, um tipo de memória apontada por Bérson que pode ser acionada por meio de um estímulo externo e que traz à tona lembranças e discussões além daquelas predeterminadas em uma fala preparada para entrevistas. (BERGSON, 1999. p. 121)

primeiros momentos dos CTG. A análise e discussão sobre os relatos orais produzidos nesta dissertação serão efetuadas no capítulo 2.

### *Estrutura da dissertação*

A descrição dos objetivos e da problemática de pesquisa desta dissertação demonstra a necessidade de discussão de uma gama de tópicos que embora imbricados ao objeto de estudo central, exigem análises específicas. Desta forma, a disposição temática e analítica dos capítulos almeja atingir sua proposta explicativa no trânsito entre os diferentes âmbitos de temas correlatos ao objeto.

O primeiro capítulo visa apontar os processos históricos que configuraram o cenário de emergência das manifestações identitárias regionalistas nos grupos sociais que serão analisados, com um breve histórico da cidade Caxias do Sul, os fluxos migratórios intraestaduais destinados à cidade, a emergência e consolidação da italianidade e a configuração das relações de trabalho nas grandes empresas metal-mecânicas.

O segundo capítulo se debruçará sobre a construção e imputação de representações acerca do tradicionalismo e de sua identidade na cidade por meio das publicações do jornal Pioneiro sobre o tema durante a Semana Farroupilha, analisando a quantidade da publicidade conferida e as representações inseridas nesta cobertura dos temas, conforme apontado anteriormente.

O terceiro capítulo terá como foco os processos históricos relacionados ao estabelecimento e consolidação dos CTG pesquisados como espaços de sociabilidade dos trabalhadores e de construção de uma identidade tradicionalista, suas relações com as empresas, com o MTG e com vigésima quinta RT e sua ascensão no cenário de manifestações tradicionalistas através da participação em eventos culturais. O eixo central da pesquisa se constituirá a partir da análise de documentos burocráticos, fotográficos e das narrativas construídas pelos entrevistados acerca da história destes espaços, nos quais tiveram papel destacado enquanto partícipes e/ou líderes.

O quarto capítulo também terá como foco a análise das relações entre memória e identidade a partir das narrativas construídas pelos entrevistados acerca dos CTG pesquisados, mas abordando de forma mais específica as narrativas sobre os sujeitos

participantes destes CTG e sobre a crescente valorização das manifestações identitárias tradicionalistas e destes espaços pela sociedade caxiense.

Para concluir a dissertação, apontarei nas “reflexões finais” as principais interpretações e deduções sobre os temas discutidos nesta dissertação.

## CAPÍTULO 1 – CAXIAS DO SUL E O TRADICIONALISMO

Nesta pesquisa, parto da interlocução entre a produção acadêmica focada sobre a construção, no pós-Segunda Guerra, de uma identidade étnica na região colonial de imigração italiana no Rio Grande do Sul entre os séculos XIX e XX (Beneduzi (2004), Santos (2004), Mocellin (2008) e Kanaan (2008)); com a historiografia especificamente relacionada à história da cidade de Caxias do Sul (Machado (2001), Herédia (1997, 2001 e 2011), Gomes (2013), Giron (1977, 1994, 2007 e 2009)), com a historiografia relacionada à história do Rio Grande do Sul, mais especificamente a que se refere às migrações, urbanização, etnicidade, industrialização e trabalho desde os anos 1980 (Soares (2007), Singer (1968) Koucher (2006) e Weber (2002)) e a historiografia que aborda o fenômeno do tradicionalismo e da construção de uma identidade regional gaúcha (Oliven (1992), Pesavento (1993) e Jacks (1997)).

Justifica-se a apropriação das discussões destas temáticas, diversificadas tanto em relação aos tipos de processos históricos abordados, quanto ao âmbito espacial ao qual se dirigem, por tratarem de fenômenos com incidência direta ao objeto de estudo desta dissertação. Os postulados destes estudos serão cotejados no decorrer deste capítulo e dos próximos, trazidos à tona na medida em que a análise do objeto pesquisado suscitar o debate.

Para a discussão que será empreendida neste capítulo, que visa à análise do cenário de emergência do tradicionalismo em Caxias do Sul, torna-se necessário o escrutínio da configuração das identidades coletivas de distintos grupos sociais, das quais os sinais diacríticos foram construídos tomando como base representações dos papéis de determinados grupos nos processos históricos relativos ao desenvolvimento econômico da cidade. Intrínseco a estes processos, o contato com a sociedade circundante e o progressivo intercâmbio cultural das últimas décadas traz a estas dinâmicas locais de construção de representações identitárias outros modelos que foram apropriados e reassimilados, como no caso focado, o tradicionalismo.

Portanto, neste capítulo, articularei a bibliografia já consolidada com o objeto de pesquisa aqui analisado.

*O tradicionalismo como a construção de uma identidade regional*

O progressivo alcance social do tradicionalismo gaúcho nas últimas seis décadas e seu estabelecimento como fiador dos principais símbolos identitários do gaúcho é um fenômeno que tem recebido atenção por parte da academia. Pensadores das ciências humanas, em especial da Antropologia e História, têm estudado este processo de construção identitária. Abordagens mais aprofundadas do fenômeno, marcadas por um caráter de distanciamento do objeto pesquisado, têm ocorrido a partir da década de 1980, apresentando análises mais qualificadas e complexas a respeito deste processo<sup>50</sup>.

O tradicionalismo em Caxias do Sul é um fenômeno que ainda não foi especificamente abordado pela academia. Há menções genéricas a respeito<sup>51</sup>, em obras que o tratam sob uma perspectiva ampla, através da inclusão de dados sobre a quantidade de CTG no município e na Região de Colonização Italiana e o alcance do movimento em grupos sociais distintos ao do gaúcho idealizado do sudoeste do estado, como os descendentes de imigrantes italianos e alemães.

Desta forma, abordarei os estudos pautados por esta abordagem ampla da temática que atingiram maior proeminência. Destaco dois trabalhos situados entre a década de 1980 e o início da década de 1990: *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação* (1992) de Ruben Oliven, que situa a emergência do tradicionalismo em um cenário mundial globalizado de afirmação de culturas regionais frente a manifestações culturais exógenas e do cenário brasileiro na histórica relação regional *versus* nacional; e *A invenção da sociedade gaúcha* (1993), de Sandra Pesavento, onde podemos encontrar de forma genérica o impacto que os constructos simbólicos do tradicionalismo apresentam nas relações de trabalho de grupos urbanos proletarizados.

*A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação* (1992), de Ruben George Oliven, talvez se apresente no meio acadêmico atual como o principal estudo a respeito do regionalismo gaúcho. Este trabalho incorporou as discussões teóricas recorrentes nas ciências sociais à sua época, como as abordagens acerca da identidade/alteridade em voga nos estudos étnicos e a atenção às questões relativas às

---

<sup>50</sup> A identidade regionalista têm desde a década de 1980, gerado ampla produção acadêmica nas áreas da História e Antropologia, com autores cujas abordagens foram importantes para discussões sobre o tema, mas que não serão diretamente citados neste trabalho. Destaco Gutfreind (1989), Maciel (1984, 2002) e Albeche (1996).

<sup>51</sup> Em Oliven (1992), quando aponta o crescimento do tradicionalismo na Região de Colonização Italiana, utilizando Região de Colonização da Serra, mas que se enquadra como onde se estabeleceram majoritariamente os imigrantes italianos.

representações simbólicas, neste caso de construção identitária, dentro das premissas propostas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu.

O livro incorporou textos publicados pelo autor em revistas acadêmicas nos últimos anos da década de 1980, transformados em capítulos. Um de seus postulados principais é tencionar a construção da identidade gaúcha com a homogeneização cultural inerente ao processo de globalização, fazendo uso da contraposição do regional perante o nacional como elemento basilar da ascensão e reelaboração do gauchismo na segunda metade do século XX.

Na abordagem do cenário de emergência do tradicionalismo, Oliven identifica-o como um movimento de resistência cultural frente ao processo de globalização, que ressignifica e se apropria de elementos simbólicos já constituídos pelo gauchismo ou reelabora tradições em atividades onde não encontraram manifestações culturais “genuínas”, como danças e músicas. Em relação a este último tipo de ação, Oliven cita Barbosa Lessa quando este aponta como criações suas a dança do “Pezinho” e a composição “Negrinho do Pastoreio”. Tais tradições popularizaram-se a ponto de serem geralmente consideradas como parte do folclore do estado<sup>52</sup>, o que surpreendeu o próprio Barbosa Lessa. O tradicionalista referencia Hobsbawn<sup>53</sup> para justificar este ato. Oliven, identificando também um processo de reelaboração de tradições próximos daquilo que Hobsbawn apontou, referencia-o também, entretanto, considerando o aspecto crítico do autor britânico em relação a tais fenômenos sociais<sup>54</sup>.

Outra discussão proposta pelo autor é problematizar como os elementos representacionais do tradicionalismo alcançaram tamanha projeção mesmo sendo referentes ao “passado que teria existido na região pastoril da Campanha, no sudoeste do Rio Grande do Sul e na figura real ou idealizada do gaúcho”, ou seja, “deixando fora a metade do território sul-rio-grandense e grande parte de seus grupos sociais”<sup>55</sup>.

---

<sup>52</sup> A *região* pode ser compreendida também como uma “comunidade imaginada”, tal como propõe o conceito de nação. Contudo, este termo é mais polissêmico do que o de nação, já que é utilizado por vezes para abordar várias nações, tanto quanto para tratar de alguma localidade específica. No caso brasileiro, principalmente a partir do *Manifesto Regionalista* de Gilberto Freyre (1967), construiu-se a ideia de que a nação brasileira é constituída de várias regiões (Freyre propunha a valorização das regionais e dizia que, antes de ser nacional, é preciso ser regional). Na concepção da região nordeste de Freyre, estavam abarcados vários estados da federação. No discurso regionalista tratado nessa dissertação, a região corresponderia ao estado do Rio Grande do Sul.

<sup>53</sup> Barbosa Lessa e Oliven referem-se à obra *A Invenção das Tradições* (1983) de Hobsbawn e Ranger, cujos apontamentos alinham-se às perspectivas que os autores gaúchos consideravam acerca do tradicionalismo.

<sup>54</sup> Oliven também discorre sobre a invenção das tradições relativa à indumentária, em específico à bombacha e aos vestidos das prendas.

<sup>55</sup> OLIVEN, 1992, p. 100.

Elencando elementos que visam combater a noção da democracia racial sulina, Oliven aponta como a imagem do negro é relegada a segundo plano e a do índio, grupo muito reduzido e enfraquecido do estado, é apropriada e positivada pelo tradicionalismo, “associada a uma imagem de bravura e altivez”<sup>56</sup>.

Em relação à forte penetração do tradicionalismo nos grupos sociais formados pelos descendentes de imigrantes alemães e italianos, ainda no contexto da metade do século XX, Oliven sinaliza-o como um processo de ascensão simbólica, na medida em que democratiza representações hegemônicas num estado com variadas influências culturais. O termo colono, que designava os imigrantes e seus descendentes, passou a ser associado no imaginário coletivo com a falta de habilidades e recursos positivados, ganhando caráter pejorativo e construído no tencionamento com a oligarquia pecuária em posição privilegiada. Desta forma, alguns dos signos diacríticos desta última, como o cavalo, a indumentária e os maneirismos passaram a representar ascensão social para estes grupos, que se apropriaram intensamente da identidade tradicionalista.

Outro aspecto importante analisado por Oliven em *A parte e o todo* (1992) são as circunstâncias e disputas que envolveram a emergência do nativismo e o grau de diferenciação que este atingiu em relação ao tradicionalismo. Para o autor, o momento inaugural do movimento se dá com a publicação do artigo *Aiatolás da Tradição* (1986) por Juarez Fonseca e Gilmar Eitelvein, com grande repercussão social e apoio da classe artística. O artigo direciona suas críticas especialmente para o conservadorismo dogmático do Movimento Tradicionalista Gaúcho, apontando que as representações que este constitui sobre a figura do gaúcho estão completamente afastadas dos estratos sociais mais humildes da sociedade, envoltos no processo de migração do campo para a cidade<sup>57</sup>.

Apontando o caráter mais “progressista e inovador do nativismo” (OLIVEN, 1992, p. 123.), seu sinal distintivo frente ao conservadorismo dos tradicionalistas, Oliven se afasta das perspectivas de autores de perspectivas críticas em relação ao movimento, como Dacanal & Gonzaga<sup>58</sup> e Golin, que viam pouquíssima diferença

---

<sup>56</sup> OLIVEN, 1992, p. 104.

<sup>57</sup> “O mundo agropastoril enfraqueceu com a inevitável ascensão industrial. Incharam os centros urbanos com a avalanche descontrolada do êxodo rural. Enquanto isso, os aiatolás da tradição, todos bem postados nas cidades, querem reviver e manter a mística do campo, sob o argumento fugidivo de que os peões tinham lá casa, comida e felicidade. Uma mística alimentada por fazendeiros, que perderam uma força de trabalho estável e disciplinada” (FONSECA & EITELVEIN, 1986, p. 8).

<sup>58</sup> A publicação no ano de 1980 da coletânea *RS: Cultura e Ideologia*, organizada por José Hildebrando Dacanal e Sérgio Gonzaga, marca um dos momentos iniciais de uma abordagem crítica denunciatória e

prática entre os dois grupos. Para o autor, os dois movimentos apresentam propostas relativamente diferenciadas em relação à construção desta identidade social e o que os unia era simplesmente

o fato de disputarem o mesmo mercado de bens simbólicos e utilizarem instâncias medianas de consagração, como os festivais de música, o debate jornalístico, etc. De certo modo, eles podem ser caracterizados como intelectuais que estão à margem do circuito consagrado de legitimação intelectual, na medida em que não têm acesso às instâncias mais clássicas, como as universidades, as revistas acadêmicas, os congressos científicos, etc. (OLIVEN, 1992, p. 123.).

O trabalho de Oliven analisa a construção da identidade gaúcha e do fenômeno de ascensão do movimento tradicionalista em meio à relação entre nação e região no Brasil e às circunstâncias sócio-históricas no próprio estado. Sua proposta interpretativa contém uma intenção desmistificadora, porém não se atrela a modelos explicativos pré-configurados, possibilitando estudar o fenômeno na sua complexidade<sup>59</sup>.

As perspectivas de Sandra Pesavento sobre as representações imputadas à figura do gaúcho podem ser divididas em dois momentos históricos: anterior à década de 1990, quando se aproximava da interpretação de autores com fortes críticas ao movimento, e após 1993, quando suas publicações demonstram a apropriação de ferramentas teóricas da história cultural por parte da autora. O artigo *A invenção da sociedade gaúcha* foi produzido dentro deste segundo momento interpretativo, onde propõe que as representações pertinentes à construção imaginária da sociedade gaúcha podem ser agrupadas dentro de quatro conjuntos focais: o mito das origens<sup>60</sup>, a articulação personagem/paisagem, a opção política/ideológica e a identificação entre autor e público.

Em referência ao mito das origens, a autora aborda as representações construídas nos discursos da historiografia de gerações anteriores que imputaram características

---

desmistificatória do tradicionalismo, por parte de intelectuais dentro e fora da estrutura acadêmica, inserindo neste primeiro conjunto, profissionais da área da história.

<sup>59</sup> Cabe citar a crítica de Jocelito Zalla em *O Centauro e a Pena* (2011) efetuada ao trabalho de Oliven (1992). Ao contrário da classificação de Nedel (2005, p.5), Zalla aponta que o trabalho de Oliven ainda possui um caráter denunciatório, problematizando o rompimento da dicotomia entre realidade e representação proposto pelo autor. Para Zalla, Oliven constrói sua análise acerca do tradicionalismo em alguns momentos tomando-o como uma ideologia e aproximando-se da abordagem dos autores de sua geração, permitindo a Zalla apontar incoerências no uso do conceito de representação por parte de Oliven. In: ZALLA, 2011, p. 26

<sup>60</sup> A respeito da construção da figura do gaúcho na literatura regional entre os séculos XIX e XX, ver Guazzelli (2002).



positivadas à sociedade gaúcha, associando bravura e ideal cívico por meio de “reconstruções idealizadas” da história local. O segundo conjunto diz respeito à associação destas representações positivadas do gaúcho à paisagem natural e às atividades econômicas e militares historicamente presentes no estado. Estes estereótipos dão margem para a elaboração dos ideais de uma sociedade sem classes e da democracia racial sulina, relacionando-se com o terceiro grupo de representações listado, que aborda o apego à nacionalidade brasileira e o papel da sociedade local na defesa e manutenção do território nacional, procurando se desvincular da pecha de “separatistas” em virtude da Revolução Farroupilha.

Partindo destes pressupostos, é importante destacar como tais representações não são mais postas como um falseamento da realidade social com fins de dominação de uma classe privilegiada. Pensando o tradicionalismo não mais como uma ideologia carregada de intencionalidades maquiavélicas e focando a dinâmica que leva a sua aceitação pelos trabalhadores urbanos, a autora não projeta um movimento de imputação de ideários que ocorre apenas de “cima para baixo”, mas que também faz sentido para aqueles que a aceitam, como uma estratégia de pertencimento e obtenção de reconhecimento no mundo:

A evocação de imagem de um modo de vida antigo — "tradicional" — dá-se associada a uma positividade que opera como "atenuante" das condições concretas da vida (...) onde o processo que levou à marginalização e ao empobrecimento do homem do campo, compelindo-o à cidade, é esquecido, para, em seu lugar, tomarem força as construções idealizadas de uma situação em tudo superior e mais digna do que a atual. Na periferia dos centros urbanos, os egressos do campo, proletarizados, encontram no endosso das tradições gaúchas e na legitimação de uma determinada visão do social uma forma de compensação para as duras condições de vida. Pobre, mas honrado e altivo, como o centauro dos pampas. (PESAVENTO, 1993, p. 392)

Entretanto, na medida em que avança no texto, percebe-se uma linha de argumentação da autora onde ela não descarta por completo um componente ideológico no tradicionalismo. Citando recorrentemente premissas de Bourdieu, apenas nega um caráter unidirecional deste fenômeno<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> “os dominados não têm escolha senão a aceitação da definição dominante de sua identidade ou a busca de assimilação desses valores, numa reelaboração que mediatiza estereótipos e estigmas com a sua identidade legítima. De qualquer forma, o engajamento, passivo ou não, consciente ou não à causa da identidade regional fornece aos autores da representação um capital cultural e simbólico” (PESAVENTO, 1993, p. 393)

Entre os principais apontamentos de Pesavento neste ensaio está a demonstração de quão inócua é a busca em demonstrar a falta de autenticidade e de ligação com o “real concreto” destas representações identitárias regionalistas. Ressalto que a autora realiza tais apontamentos dez anos após a publicação dos escritos desmistificatórios de Tau Golin e oito anos após a publicação do trabalho do tradicionalista Barbosa Lessa, *Nativismo: um fenômeno social gaúcho* (1985), no qual o autor, na condição de um dos preceptores do tradicionalismo, aponta que um significativo conjunto de danças, músicas e indumentárias foram de fato, elementos criados e regrados de acordo com diretivas próprias dos integrantes do Movimento Tradicionalista Gaúcho<sup>62</sup>.

Todas estas discussões demonstrando a falta de legitimidade histórica de um grande conjunto de representações assimiladas como próprias de um *ethos* do gaúcho, incluindo a *mea culpa* de um de seus principais representantes, não arrefeceram o progressivo alcance social que este ideário foi atingindo durante a década de 1980 na sociedade gaúcha. Penso que este cenário permitiu à autora perceber a pertinência de desvincular a discussão acerca destas representações sobre o seu caráter de legitimidade e direcionar seu foco para as funções sociais operadas por estas construções identitárias, determinantes de sua ampla aceitação em variados grupos e estratos sociais.

Como apontei anteriormente, a autora realiza esta análise sem se abster totalmente da tarefa de imputar ao tradicionalismo um fenômeno com caráter ideológico. Neste sentido, reforça sua faceta homogeneizadora:

por que não endossar um pacote já pronto de discursos e imagens que dignificam e conferem autenticidade aos moradores da região? Trata-se de uma herança que só oferece bens culturais reconhecidos socialmente... Aliás, diga-se de passagem, a única forma de obter a socialização de uma construção imaginária do social é negando o social enquanto tal, ou seja, negando a diferença dos grupos em jogo e acentuando os fatores de identidade, míticos e idealizados ou recolhidos do concreto real, eliminando o conflito e/ou empurrando-o para fora do contexto regional. Em suma, a reconstrução do social, segundo a elaboração de discursos e imagens de representação coletiva, traduz-se numa ação simbólica para produzir uma unidade real ou a crença nessa unidade. Sua eficácia, contemporaneamente se valendo dos recursos da mídia, do charme da propaganda e dos novos veículos de comunicação social, mede-se pela difusão de hábitos, pela aceitação de ritos, pelo endosso de símbolos e pelo não questionamento. (PESAVENTO, 1993, p. 394)

---

<sup>62</sup> Justificando-se, Barbosa Lessa argumentava que a satisfação dos espectadores perante algumas manifestações culturais claramente inventadas eram tão efusivamente favoráveis que demonstravam como atendiam a necessidade de contemplar e preencher um vácuo de elementos folclóricos representativos do povo gaúcho. In: (OLIVEN, 1992, p. 84)

Estes apontamentos de Pesavento são valiosos para que se possa analisar o impacto promovido pelo tradicionalismo enquanto principal movimento de caráter regionalista do estado, em relações sociais de várias naturezas, sejam econômicas, políticas, de trabalho, culturais, etc.. Este seu caráter homogeneizante está baseado também em reconstruções históricas idealizadas, como a democracia racial sulina, e de um grande ideário relativo à Revolução Farroupilha, como a brasilidade de seus próceres e a busca valente de reparação de injustiças sociais.

Os trabalhos de Oliven e Pesavento pautam-se por uma análise abrangente sobre o fenômeno de ascensão do tradicionalismo e da construção das representações sobre a identidade gaúcha, sendo que o espaço temporal de ocorrência do fenômeno ao qual dirigem sua análise atinge o recorte proposto nesta dissertação, justificando o apontamento como parte da produção bibliográfica pertinente a este estudo.

Outro aspecto que sublinha a importância que estes estudos apresentam se deve ao fato de nenhum trabalho com esta perspectiva abrangente de análise da construção da identidade gaúcha ter atingido a proeminência que estes atingiram. Não que a temática tenha deixado de ser abordada no meio acadêmico. O que caracteriza a produção acadêmica mais recente relativa a uma identidade regionalista é a sua particularização de temas, seja relativa a espaços temporais específicos ou sobre personagens, eventos e processos históricos detalhados.

Entre esta produção acadêmica mais recente, um dos trabalhos que fogem de tal caracterização, apresentando um objeto de análise relativamente abrangente em relação ao tradicionalismo é *Um passado novo para uma história em crise: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)* de Letícia Nedel (2005). A autora objetiva analisar a atuação dos folcloristas, um grupo que considera ainda pouco estudado, “na formulação dos atributos simbólicos demarcadores do que é ser sul-riograndense” (NEDEL, 2005, p. 12).

Embora o objeto central de sua pesquisa seja diferenciado e temporalmente afastado dos recortes propostos nesta dissertação, despontam as qualificadas e pormenorizadas revisões promovidas por Nedel acerca da produção bibliográfica anterior sobre o tema, abordando entre outros, as perspectivas de Golin, Oliven e Pesavento. Nedel considera os estudos de Oliven como uma das primeiras contribuições a respeito do tema sem o compromisso denunciatório que pautava estudos anteriores. A

respeito destes estudos anteriores, que visam desmistificar os discursos do tradicionalismo, a autora aponta:

Porém, essas primeiras revisões não passaram incólumes ao clima de dissensão ideológica reinante ao término de tantos anos de ditadura militar. Uma simples passada de olhos pelos artigos de *Cultura e Ideologia*<sup>63</sup> é suficiente para confirmar a suspeita de que os autores clamavam, em plena campanha pela anistia, pelo rompimento ético com uma tradição literária ali descrita em sentido amplo, e referida como anacrônica e reacionária. (NEDEL, 2005, p. 4)

Neste sentido, parte das discussões empreendidas a seguir procurará demonstrar em que medida os apontamentos destes autores são de fato, pertinentes com o objeto de estudo, e quais indícios que suas análises podem oferecer para entendermos com maior profundidade as múltiplas implicações sociais correlatas a esta identidade.

#### *Caxias do Sul: desenvolvimento econômico e as relações de trabalho*

Propor uma análise histórica de construção de identidades coletivas em um determinado recorte espacial e temporal implica necessariamente em considerar a relevância dos processos históricos vinculados à construção de representações e discursos que informam essa sociedade sobre si e sobre os outros, tanto quanto para si e para os outros. Leva-se em conta na construção destas representações um cenário interno de lutas por valorização correlacional entre diversos grupos, e no âmbito externo, seus objetivos de apresentar a população com relativa homogeneidade, atribuída de qualidades valorativas específicas.

No caso da cidade de Caxias do Sul, as principais representações construídas sobre os habitantes locais remetem à sua capacidade “laboriosa” e “empreendedora”, apontadas como intrínsecas ao desenvolvimento econômico da cidade. Os processos históricos relativos à imputação destes atributos podem ser classificados e mapeados temporalmente, e são voltados especialmente a um grupo étnico, dentro do qual se

---

<sup>63</sup> Nedel faz referência aos textos “O Mito da Produção sem Trabalho”, de Décio Freitas, “As Mentiras sobre o Gaucho, primeiras contribuições da literatura” de Sergius Gonzaga, “A Miscigenação que não houve” de José Hildebrando Dacanal, e “Historiografia e Ideologia” de Sandra Pesavento. In: Dacanal, & Gonzaga, 1980.

concentram setores importantes da sociedade caxiense, relacionados ao comando da economia local e à formação destes discursos<sup>64</sup>: os descendentes de imigrantes italianos.

A discussão relativa à construção desta italianidade será efetuada adiante, sendo que este trecho introduzirá ao leitor algumas das questões referentes à história da cidade que servirão para a análise que se pretende efetuar nesta dissertação, tendo como foco entre o desenvolvimento econômico local, a crescente importância que as grandes empresas do segmento metal-mecânico (relacionadas aos CTG focados) assumiram no panorama econômico caxiense, bem como a configuração específica das relações de trabalho nestes locais. Teci este apontamento sobre alguns traços da construção de representações identitárias para mencionar uma prévia problematização e seleção da historiografia local apropriada e relativa a este desenvolvimento econômico, tendo em vista que não passou incólume ao processo de formação de tais discursos. Foi de fato, parte importante para consolidação de alguns. Até a década de 1970, caracterizou-se por um forte caráter laudatório em relação aos imigrantes italianos e seus descendentes<sup>65</sup>. A partir desta década, em virtude da consolidação de grupos de intelectuais com formação acadêmica, passou a se orientar por produções com pretensões científicas, onde os processos históricos eram analisados à luz de teorias sociais críticas. Entretanto, aponto que os postulados destes estudos históricos mais recentes, relacionados ao desenvolvimento da economia regional, foram de alguma forma reelaborados por diferentes estratos sociais, conferindo a estes discursos um grau de “conhecimento científico”, tornando-os respaldados intelectualmente. (MOCELLIN, 2008, p.189)

No afastamento destas perspectivas sobre o desenvolvimento econômico local laudatórias à italianidade, penso que a compreensão da proeminência econômica atingida pelo município durante sua existência de aproximadamente um século e meio remeta à análise dos processos e eventos históricos que no seu conjunto, demonstram a junção entre circunstâncias locais e conjunturas nacionais favoráveis ao

---

<sup>64</sup> Como aponta Mocellin (2008), os empresários e os intelectuais tiveram papel fundamental na promoção da italianidade em Caxias do Sul a partir da década de 1960.

<sup>65</sup> “Os primeiros escritos sobre imigração italiana [...] exaltavam sua contribuição no estado do Rio Grande do Sul. Nesses escritos, os imigrantes italianos eram tratados como pioneiros, desbravadores, como heróis civilizadores. O mito do progresso era tratado em tais álbuns por meio das trajetórias de imigrantes que se transformaram em empresários e comerciantes bem sucedidos. A década de 1970, momento a partir do qual se iniciou uma produção significativa sobre o tema da imigração italiana, caracterizou-se pelos estudos de cunho científico em oposição àqueles, até então, realizados por escritores, historiadores e cronistas, que tinham o propósito de exaltar a contribuição da etnia italiana no Estado, e se encontravam publicados em enciclopédias e álbuns comemorativos.” (MOCELLIN, 2008, p. 94)

desenvolvimento da indústria de transformação local<sup>66</sup>. Na esteira do crescimento deste setor, pode ser alinhado o intenso processo migratório que resultou num crescimento populacional acentuado do município, acima da taxa de crescimento populacional do estado e do país.

De fato, o marco inicial do surgimento do que é atualmente o município de Caxias do Sul se dá com a chegada dos primeiros imigrantes italianos à região, dentro da política do Império de ocupação das “terras devolutas” e do processo de eugenia da sociedade brasileira. No extremo sul do país, tal processo ocorreu em dois momentos: inicialmente voltado à imigração alemã, na primeira metade do século XIX, ocorreu espacialmente nas planícies dos rios Taquari, dos Sinos e Caí (MACHADO, 2001, p. 38), com seus limites ao norte nas escarpas que separam esta região dos Campos de Cima da Serra. Esta região escarpada, comumente designada como Serra Gaúcha, tornou-se a partir de 1875, o foco territorial de ocupação desta política, que se dirigia então à população rural do norte da península itálica, onde ocorria um intenso processo de êxodo rural<sup>67</sup>.

A organização do processo de colonização destas terras ocorre por meio do loteamento dos terrenos, acessados através de estradas que partem de pequenas vilas, espaços planejados para formarem centros urbanos onde se instalariam estabelecimentos comerciais e órgãos governamentais (MACHADO, 2001, p. 41 -46).

As colônias prosperaram dentro desta proposta nos seus anos iniciais, sendo que a de Caxias do Sul é favorecida por alguns fatores particulares vinculados à sua posição espacial<sup>68</sup>. A proximidade da região com os Campos de Cima da Serra, já ocupados por

---

<sup>66</sup> “A economia caxiense se encontra consolidada num parque industrial moderno, onde se destacam indústrias de perfil dinâmico, simultaneamente às indústrias de perfil tradicional. A consolidação desse parque tradicional evidencia os resultados de um processo de integração da economia nos mercados nacional e internacional, ajustada às exigências dos mercados e às tendências tecnológicas”. (HERÉDIA, 2007. p. 89)

<sup>67</sup> É importante ressaltar que a bibliografia acerca das populações nativas locais é exígua, e na historiografia local, percebe-se um relativo “silêncio” a respeito destas populações. As diminutas menções ao contato entre os imigrantes italianos e as populações nativas podem ser encontradas em BENEDEZI, 2004, p. 178; ADAMI, 1963, p. 26-37; GIRON, 2007, p. 46; MACHADO, 2001, p. 165-167. Sobre os resquícios materiais das populações autóctones da região, ver CORTELETTI, 2008.

<sup>68</sup> A respeito deste processo inicial de destaque econômico da cidade, o discurso local confere ao labor e ao empreendedorismo dos primeiros imigrantes italianos uma faceta praticamente heróica. Problematizando tais perspectivas, Herédia aponta: “Por meio das representações coletivas se desenvolve uma luta pela identidade. As representações e os estereótipos que marcam essa cultura estão baseados em códigos de valores que expressam as oportunidades que teve essa população emigrante no Sul do Brasil. O acesso à terra, a possibilidade da propriedade privada, o valor ao trabalho, a família unida, a terra produtiva e o sentimento de religiosidade integrado ao sentimento de regozijo pela vitória foram sentimentos que permitiram às representações coletivas terem força cultural no meio e representar o resultado de uma definição coletiva. O empreendedorismo – como explicação de sucesso da cultura – expressa o símbolo da iniciativa privada, da capacidade de lidar com situações novas e de modificar o

luso-brasileiros e caracterizados pela criação de gado, tornou a localidade um entreposto comercial entre esta região e o sul do estado<sup>69</sup>.

Esta circunstância facilitou o surgimento de hospedarias e estabelecimentos comerciais no pequeno núcleo urbano colonial, que forneciam os materiais necessários às atividades agrícolas dos colonos e facilitavam a comercialização de seus produtos.<sup>70</sup> Embora entre os séculos XIX e XX a colônia de Caxias do Sul tivesse na agricultura sua principal atividade econômica, já se formara em seu núcleo urbano uma associação de comerciantes, que progressivamente integrariam aos seus estabelecimentos pequenas atividades manufatureiras de funilaria (MACHADO, 2001, p. 169).

Em 1903, devido a divergências políticas com o intendente local, esta associação de comerciantes procura mediação com o então presidente da província, Júlio de Castilhos. Alinhados ao PRR, partido castilhista, o apelo dos associados aproxima-os do presidente provincial e depois do seu sucessor, Borges de Medeiros facilitando a execução de obras viárias que deram novo impulso ao comércio local, como pontes que ligavam as estradas locais<sup>71</sup> ao norte do Estado e em 1910, a instalação da linha férrea, importante via de escoamento do principal gênero ali produzido, o vinho (MACHADO, 2001, p. 172 - 176).

A partir da instalação da linha férrea, a cidade já despontava como a economia mais proeminente da Região de Colonização Italiana. Ainda na primeira metade do século XX, outra importante obra viária, a BR-116, beneficia a cidade, tendo em vista

---

*cenário encontrado, marcado por valores expressos no trabalho. Implica a consciência coletiva de que a região foi demarcada por traços culturais próprios e esse elemento foi fator de desenvolvimento regional. Os estereótipos criados são resultado de indicadores que apontam para o sucesso das ações promovidas pelo migrante e que são compartilhados pelo grupo social. Os mitos criados possuem um estatuto simbólico que foi utilizado pelos membros da comunidade para construir imagens concretas, com o fim de constituir a própria cultura” (HERÉDIA, 2005, p. 245-256).*

<sup>69</sup> “Por sua localização geográfica, num centro de passagem para outras colônias, Caxias conhece um desenvolvimento econômico mais rápido que as demais. Além da forte produção agrícola dos seus moradores, servia de entreposto comercial entre os Campos de Cima da Serra, as colônias do Nordeste e Porto Alegre”. (COSTA, 1975, p. 169)

<sup>70</sup> Em Machado (2001, p. 164) encontramos apontamentos sobre o processo de incremento da desigualdade de renda entre os comerciantes urbanos que enriqueceram e os colonos que empobreceram, venderam suas terras e migraram para o núcleo urbano.

<sup>71</sup> “A administração sábia do intendente Inocêncio de Matos Miller – que esteve à frente dos negócios da vila [de Antonio Prado] de 1899 a 1903 e de 1910 a 1923 – fê-lo projetar uma ponte no Passo do Zeferino, tendo sido adquirido material no exterior para a construção. Os interesses um tanto escusos dos comerciantes caxienses, unidos aos do vacariano Cel. Avelino Paim, acabaram levando o material para Criúva, onde, no Passo do Korf, em 1907, foi inaugurada a primeira ponte sobre o Rio das Antas. Com isso Caxias adquiria acesso direto ao comércio com os campos de Vacaria.” (POSENATO, 1989, p. 9)

que o projeto de seu traçado foi aproximado ao núcleo urbano por pressão política da Associação de Comerciantes ao governo federal<sup>72</sup>.

A possibilidade de escoamento da produção possibilitou o fortalecimento da economia local, fator que conjugado à acumulação de capital nas atividades comerciais e suas pequenas manufaturas anexas permitiram o estabelecimento de pequenas indústrias de transformação. As políticas econômicas da Era Vargas contemplaram positivamente tal contexto de industrialização, permitindo a forte expansão destas indústrias e sua projeção no cenário econômico estadual e nacional<sup>73</sup>.

A partir da segunda metade do século XX o setor secundário mantém expansão contínua. Alguns segmentos da indústria de transformação do aço apresentam reveses, mas emergem empresas voltadas ao setor metal-mecânico, destacando neste espectro fabricantes de carrocerias de ônibus, carretas, maquinário agrícola, entre outros. A instalação de um grande conjunto de empresas menores fornecedoras de bens de produção consolida a cidade na condição de polo econômico metal-mecânico a nível nacional.<sup>74</sup>

Na década de 1980, algumas empresas deste setor destacam-se e ganham projeção nacional, cada uma concentrando em suas linhas de produção milhares de funcionários. Este período marca a entrada de capital estrangeiro associado a estas empresas sob a forma de *joint-ventures*, permitindo o alinhamento a normas internacionais e o acesso ao mercado externo<sup>75</sup>. As últimas décadas marcaram a

---

<sup>72</sup> O projeto inicial da estrada previa sua passagem por Nova Petrópolis em direção a São Francisco de Paula, não beneficiando Caxias do Sul. Em Herédia & Machado (2001, p. 68), encontramos: “Dante Marcucci, então prefeito de Caxias e ex-presidente da Associação dos Comerciantes, comprovou através de dados econômicos, o poderio que Caxias representava para a economia do Estado, fazendo com que Getúlio Vargas promettesse que a rodovia passaria por Caxias, como realmente aconteceu. Mais uma vez ficava comprovado o poder da Associação Comercial e da sua articulação com as autoridades municipais no sentido de decidir a mudança de pontes e as alterações de traçados de estradas, sempre com vistas a beneficiar a região.”

<sup>73</sup> “No final da década de 40 já se pôde observar a ocorrência de transformações importantes na composição industrial local, com o surgimento de indústrias mais dinâmicas ao lado das indústrias tradicionais, que vinham prevalecendo desde o início da industrialização”. (HERÉDIA & MACHADO, 2001, p. 69)

<sup>74</sup> Herédia aponta cinco fases no desenvolvimento econômico de Caxias do Sul, destacando a quarta entre a década de 1950 e 1980. “Nessa etapa, Caxias do Sul expande sua economia, tendo como investimentos a modernização da sua indústria através da ampliação das plantas de suas unidades produtivas e da importação de equipamentos modernos em todos os ramos industriais. [...] Nesse momento, além da criação de fábricas de pequeno e médio porte, foram criadas empresas de grande porte, que se originaram de capital formado por outras empresas e por crédito obtido no mercado financeiro. A formação de grupos marcou definitivamente o diferenciamento de investimentos, bem como a consolidação da indústria caxiense, orientada por administração profissional, ao invés das simples administrações familiares”. (HERÉDIA, 2007)

<sup>75</sup> Tal processo atingiu especialmente as empresas Randon. Segundo Mocellin (2008) “Em 1982, pediu concordata preventiva, e em 1984 iniciou sua recuperação. A estratégia de desenvolvimento dessa



consolidação destas empresas no cenário internacional, com estabelecimento de linhas de produção e centros de distribuição em outros países, alcançando o patamar de empresas brasileiras multinacionais.

As especificidades do tipo de produção efetuado pelo setor metal-mecânico caxiense também merecem detalhamento, devido às suas implicações nas relações de trabalho locais. Em virtude da falta de automação robótica disponível para os principais itens fabricados, torna-se necessário uma linha de produção extensa, praticamente artesanal<sup>76</sup>, o que requer grande quantidade de mão de obra. Outro fator a ser apontado é a forte sazonalidade da produção de alguns itens, demandando intensa produção em alguns períodos devido à execução de prazos de contratos estabelecidos com os clientes.

Desta forma, percebe-se que a inserção de trabalhadores migrantes nestas relações de trabalho ocorre em um contexto de ampla necessidade do tipo de mão-obra que fornecem, principalmente em relação a tarefas com pouco retorno salarial, mas não menos necessárias nas linhas de produção fabris.

#### *Italianidade, migração e heterogeneidade étnica*

O amplo destaque econômico da cidade não passou despercebido dentro do processo de construção dos elementos identitários dos locais, ou dos bens simbólicos remissivos a uma “italianidade”. De fato, foi um dos substratos básicos para a composição de representações positivadas acerca dos imigrantes e seus descendentes dentro de um processo histórico de construção identitária contrastiva, ou seja, construída na oposição ao “outro”. Este outro, que serve como base representacional comparativa, concretiza-se na figura dos brasileiros não descendentes de imigrantes europeus recentes, localmente designados como “pelo duros”, “luso-brasileiros”, “morenos”, “pardos” e “negros”, sem que algumas destas nomenclaturas fossem necessariamente correlatas ao fenótipo destes indivíduos. Embora na primeira metade

---

*empresa se concentrou na especialização e na diversificação. Em 1986, ela optou pela estratégia de joint ventures como forma de partilhar investimentos e incorporar tecnologias de ponta já consagradas em mercados internacionais. Em 1992, ocorreu uma reestruturação na empresa, com a criação de uma holding de capital aberto, composto por 11 empresas operacionais, direcionadas para os segmentos de implementos para transporte, autopeças, veículos especiais, fruticultura e prestação de serviços.”* (MOCELLIN, 2008, p. 120)

<sup>76</sup> “Salienta-se o caráter inovativo de muitas indústrias do parque industrial caxiense, as quais se modernizaram, mantendo na sua planta industrial processos de trabalho sustentados na mecânica com traços ainda artesanais, paralelamente à existência de tecnologias avançadas.” (HERÉDIA, 2007, p. 96)

do século XX o outro contrastivo pudesse estar numericamente reduzido e espacialmente distante da sociedade caxiense, a partir de 1950, um intenso fenômeno migratório trouxe à cidade dezenas de milhares de “brasileiros”<sup>77</sup>, que também serviram de base para uma construção identitária por contraste.

Os contínuos fluxos migratórios que atingiram a cidade tinham como base pessoas oriundos de cidades do Rio Grande do Sul e do sul de Santa Catarina.<sup>78</sup> Esta migração interna forneceu a mão de obra necessária às linhas de produção das grandes empresas locais a baixo custo, possibilitando ao empresariado o lucro e a contínua acumulação de capital, ambos necessários para a expansão das instalações fabris. Na primeira metade do século, os trabalhadores eram em geral descendentes de italianos das zonas rurais da Região de Colonização Italiana, que por variados motivos de cunho econômico, deslocaram-se para a urbe que oferecia empregos em abundância.

A modernização econômica local ocorrida durante as décadas de 1950 e 1960 incrementou a demanda por mão de obra, gerando um fluxo migratório que Herédia (2011, p.65) situa como o terceiro num conjunto de cinco fases distintas<sup>79</sup>. A maior parte deste contingente tinha como destino ocupacional as crescentes indústrias de transformação da cidade, caracterizando desta forma uma forte “associação entre o crescimento industrial e o crescimento das migrações” (HERÉDIA, 2011, p. 68). Durante o Regime Militar, marca-se a quarta etapa deste fluxo migratório, quando as indústrias caxienses consolidam-se, expandem seu parque fabril e forma-se na cidade uma infraestrutura e um setor terciário que oferecem suporte aos municípios vizinhos no que tange à educação, saúde e serviços em geral, criando grande número de postos de trabalho nos setores secundário e terciário. A quinta fase inicia-se na década de 1990<sup>80</sup>, quando o destino dos migrantes se dá como mão de obra para o desenvolvimento do setor terciário, paralelamente ao preenchimento de postos do setor secundário em contínua expansão.

---

<sup>77</sup> “Os imigrantes italianos, para marcar a diferença, tinham uma expressão que resumia sua posição em relação ao outro. Diziam eles: “Brasileiros tutti neri”, ou seja, “Brasileiros todos negros”, ainda que tivessem apenas cabelos pretos e pele morena, eram vistos por eles como negros. Esse demarcador da diferença utilizava mais que o critério da raça: utilizava o ponto de vista de um grupo em relação ao outro.” (GIRON, 2007, p. 41)

<sup>78</sup> A respeito destas informações, ver Azevedo (1957 p. 334); Herédia (2011, p. 67 – 72) ; Soares (2007-2009, p. 291 a 311)

<sup>79</sup> As duas fases predecessoras inserem-se dentro do processo de migração de imigrantes italianos e seus descendentes da zona rural e de pequenos núcleos urbanos da própria RCI para a zona urbana de Caxias do Sul. (HERÉDIA, 2011, p. 67).

<sup>80</sup> A delimitação cronológica do objeto de estudo desta dissertação, que abrange o período compreendido entre os anos de 1980 a 2010, coincide com a quarta e quinta fase dos fluxos migratórios conforme a proposição de Herédia (2011).

Nestes três conjuntos de deslocamentos, destacaram-se como principais pontos de procedência dos migrantes os municípios de Vacaria, Lagoa Vermelha, Esmeralda, Bom Jesus e São Francisco de Paula. A partir dos anos 2000, os municípios de Santana do Livramento, Dom Pedrito, São Gabriel e Alegrete despontam como importantes pontos de origem dos migrantes, dando aos fluxos migratórios um forte caráter intraestadual (HERÉDIA, 2011, p. 71).

O destino ocupacional destes trabalhadores migrantes, durante as duas últimas décadas do século XX, concentrou-se majoritariamente nos postos menos valorizados das indústrias de transformação da cidade e nas vagas também pouco valorizadas do setor terciário em expansão. Justifica-se esta situação devido ao baixo nível de escolaridade e pouca experiência da maior parte destes trabalhadores<sup>81</sup>, vindos em sua maior parte de cidades com cenários econômicos decadentes<sup>82</sup>.

Em virtude destes processos migratórios, a população caxiense passa a assumir a partir da década de 1960 um caráter cada vez mais heterogêneo e diminui progressivamente a predominância de uma população de ascendência italiana. Este contato interétnico acentua a construção de representações positivadas a respeito de um *ethos* do trabalho associado à figura do imigrante italiano e seus descendentes.

Pensar nos processos históricos pertinentes à configuração positivada da italianidade em Caxias do Sul nos remete a analisar dinâmicas sociais de disputas em torno da associação de bens simbólicos e da ressignificação de discursos a respeito de um *ethos* do trabalho<sup>83</sup> voltados aos imigrantes italianos e seus descendentes. Destaco duas dimensões da italianidade que percorreram o período, sendo que aquela configurada mais tardiamente substituiu a antiga em proeminência, mas não em sua totalidade. Pode-se afirmar que foram dimensões sobrepostas, e associadas posteriormente a diferentes grupos de imigrantes ou descendentes no decorrer do tempo.

---

<sup>81</sup> A autora aponta que a partir da década de 1990, os migrantes buscam emprego primeiramente no setor terciário e depois no secundário, à medida que os níveis de escolaridade são mais altos nessa área e podem, enquanto trabalham no setor terciário, buscar qualificação para este setor. (HERÉDIA, 2011, p. 72)

<sup>82</sup> Cidades dos Campos de Cima da Serra e da região da Campanha.

<sup>83</sup> Em um estudo efetuado através da análise de trinta e seis histórias de famílias escritas por descendentes de imigrantes italianos entre 1975 e 2000 com objetivo de tratar sobre a identidade e cultura regional, Giron (2007) aponta, que o trabalho emerge como o valor mais citado. De acordo com a autora: “A cultura regional, o conjunto de padrões de comportamento, de crenças, de instituições, de valores materiais e imateriais são atravessados pelo trabalho. Se a cultura é produzida pelo trabalho do homem, o mito se baseia no seu princípio fundador, quando o trabalho dos primeiros imigrantes derrubou as matas e plantou as roças e dessas brotaram as cidades”. (GIRON, 2007. p. 54)

Inicialmente as representações constituídas a respeito dos imigrantes italianos lhes apontavam como indivíduos grosseiros, capacitados apenas para trabalhos pesados e facilmente ludibriados. Sintetizadas na alcunha de colono<sup>84</sup>, tais representações tinham caráter pejorativo, ancoradas na natureza rural de suas atividades econômicas e de seu cotidiano.

A identificação dos imigrantes italianos e seus descendentes como colonos lhes imputavam valores negativados perante a sociedade envolvente<sup>85</sup>, cujo expoente representacional era a figura do fazendeiro gaúcho. Neste âmbito, justifica-se a conceituação destas construções identitárias como contrastivas, formuladas na oposição a outros conjuntos representacionais disponíveis. De acordo com Oliven,

os imigrantes estrangeiros idealizavam o gaúcho como tipo socialmente superior. Para isso, contribuiu não somente o fato de os fazendeiros formarem a camada social mais poderosa do estado, mas também de o símbolo principal do gaúcho ser o cavalo. Na Europa, esse animal era apanágio e marca da distinção da aristocracia rural (OLIVEN, 1992, p. 114).

A positivação da italianidade ocorrerá em paralelo à ascensão econômica de Caxias do Sul,<sup>86</sup> demonstrando a complementaridade destes fenômenos: a ascensão do grupo no campo econômico engendrou em amplo ganho de capital simbólico<sup>87</sup>.

Este fenômeno não se verifica em relação às primeiras décadas da ocupação do território por estes imigrantes italianos, tendo em vista que as atividades econômicas no

---

<sup>84</sup> “No nível das representações, significava, sobretudo, carência de certos atributos positivamente considerados. Colono remetia à noção de pessoa com carência de ambição, de traquejo social, de elegância, de postura corporal e comportamental, de senso de oportunidade e de progresso, de arrojo, de perspicácia, de sagacidade”. (TEIXEIRA, 1988, p. 54)

<sup>85</sup> Sobre as desavenças entre a recém fundada associação de comerciantes em Caxias do Sul e o intendente local, Machado (2001) aponta “Na realidade, havia um preconceito declarado contra o imigrante italiano que era visto pelos luso-brasileiros “como gente ignorante e pobre”, que veio para ocupar os espaços vazios do território rio-grandense, desprezados pelos fazendeiros e criadores, que compunham a elite gaúcha” (MACHADO, 2001, p. 172)

<sup>86</sup> Na abordagem dos diferentes autores que retratam este contraste entre os descendentes de imigrantes italianos e os “brasileiros”, percebe-se claramente que o substrato básico deste processo de construção identitária étnica, onde emerge em relação a estes descendentes de imigrantes italianos uma *italianidade*, que permite esta diferenciação valorizada em relação aos outros é o desenvolvimento econômico da cidade, justificado por meio de atributos específicos destes “italianos”, principalmente o apego ao trabalho. Como a cidade experienciou ao longo de sua história poucas crises econômicas especificamente próprias em relação ao estado ou ao país, a positivação desta italianidade operou de formas variadas, mas constante, desde seus primeiros momentos. O período de maior interrupção neste processo pode ser considerado a Campanha de Nacionalização do Estado Novo, que dificultou a publicidade de representações positivadas de diferentes etnias ligadas a fluxos de imigrantes europeus no Brasil.

<sup>87</sup> Como aponta Bourdieu (2011) : “se cada campo tem a sua lógica própria e a sua hierarquia própria, a hierarquia que se estabelece entre as espécies do capital e a ligação estatística existente entre os diferentes haveres fazem com que o campo econômico tenda a impor a sua estrutura a outros campos” (BOURDIEU, 2011, p. 135)

período ainda estavam pouco desenvolvidas, incipientes. Beneduzi (2004) aponta a construção de uma identidade remissiva à sua terra natal, dentro da elaboração de um sentimento de italianidade, analisando construções emblemáticas das pequenas vilas constituídas nos núcleos coloniais e sua significação dentro de um imaginário que remete à terra de partida (BENEDUZI, 2004, p. 138).

Verifica-se neste primeiro momento a elaboração de uma identidade ligada a um imaginário com forte caráter endógeno, conforme o mesmo autor citado anteriormente, fruto da relação esporádica com a sociedade brasileira circundante por parte dos ocupantes da região de colonização italiana. A partir do aumento do contato entre os colonos e os brasileiros - tropeiros, administradores das colônias, comerciantes, entre outros, e do desenvolvimento econômico da região, forma-se o cenário para a construção de uma identidade étnica destes imigrantes, com a delimitação das “fronteiras entre grupos”, formadas pelas lutas simbólicas onde signos são construídos, apropriados, positivados e associados a determinados grupos. Neste âmbito, a partir do final da década de 1920, um conjunto pré-formatado de elementos simbólicos de caráter nacionalizante e homogeneizador será apropriado com maior intensidade por segmentos sociais hegemônicos dentre estes imigrantes italianos.

Foi a aproximação de destacados comerciantes e industriários locais ao fascismo italiano na década de 1930 o que permitiu a apropriação de representações favoráveis aos imigrantes e seus descendentes. Estes se associaram aos atributos de um *ethos* do trabalho e da disciplina fornecido pelo modelo fascista<sup>88</sup>.

De acordo com Giron (1994), esta vinculação à Itália fascista permitiu a configuração de uma italianidade que vai operar a distinção do grupo no contraste com os brasileiros. Para a autora,

o ufanismo italiano na região não se limitava apenas ao reconhecimento da Itália fascista como sua pátria, levava também ao desprezo que os italianos passaram a revelar em relação aos brasileiros. O desprezo (...) evidenciava-se nas comparações entre a Itália e o Brasil, nos argumentos utilizados nas palestras e nos discursos. Os ‘italianos no exterior’ consideravam os brasileiros incompetentes, preguiçosos e ignorantes. (GIRON, 1994, p. 111)

---

<sup>88</sup> “O ufanismo era um sentimento novo e gratificante, os desvalidos imigrantes apátridas perceberam no seu trabalho um sentido maior e reconhecido pela pátria. Os imigrantes passaram de colonos desconhecidos a símbolo do trabalho útil e produtivo. A Itália abria os braços para seus filhos de há muito esquecidos, e estes a reconheciam como pátria e se reconheciam como italianos.” (GIRON, 1994, p. 109)

Ressalto que esta italianidade positivada, calcada no desenvolvimento econômico e associada a representações do modelo fascista italiano foi apropriada na década de 1930 pela burguesia local e compartilhada principalmente com as camadas urbanas de origem semelhante. Assim justificava seu recente sucesso econômico, ao mesmo tempo em que enquadrava os trabalhadores que migravam oriundos da zona rural, num universo simbólico onde o esforço e o bom comportamento<sup>89</sup> ligavam-se a outros valores que fomentavam o orgulho da coletividade, permitindo sua inserção social. A dimensão pejorativa da italianidade, associada ao colono continuou operante, acionada para marcar distinções entre o próprio grupo de imigrantes, na dicotomização entre os rurais e os urbanos ou nas lutas simbólicas dos urbanos frente a outros urbanos de variadas regiões do Rio Grande do Sul<sup>90</sup>.

A associação entre o fascismo e os líderes locais foi interrompida pela intervenção do Estado Novo, em 1938. Em 1954, a inauguração do Monumento Nacional ao Imigrante e do busto de Vargas em espaços próximos retratam a reaproximação entre o governo central e os líderes locais, que se sentiram afrontados com a proibição dos nomes italianos concedidos a praças e ruas da cidade. Entretanto, tal apropriação de elementos simbólicos no ideário fascista marca o primeiro grande processo de formação de um conjunto representacional positivado de uma italianidade local.

Os estudos etnográficos promovidos por Thales de Azevedo na década de 1950 em Caxias do Sul, efetuados na esteira de um conjunto de pesquisas sociais do autor com temáticas relacionadas à mestiçagem e estereótipos raciais<sup>91</sup>, também são importantes para analisarmos o processo de construção da italianidade, na medida em que identifica, mesmo que de forma genérica, a inserção de luso-brasileiros na sociedade local. O autor entrevistou historiadores diletantes proeminentes, como João

---

<sup>89</sup> Quanto a isto, Herédia assinala a falta de movimentos grevistas em Galópolis. In: HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. *Processo de Industrialização da Zona Colonial Italiana*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997, p. 165.

<sup>90</sup> “Na própria região, a palavra colono é usado como outro tipo de ofensa, significando grosso. Colono, é pois, usado como um palavrão, como tantos outros para expressar desprezo. Há toda uma humilhação centenária, uma noção de inferioridade introjetada nos próprios moradores da região, por assim serem considerados pelos moradores de cidades e campos de outras regiões, onde a cultura lusa é dominante e na qual a língua portuguesa é falada com correção até pelas camadas mais pobres da população. Não é incomum, nos dias atuais, um colega que tem ainda uma pronúncia carregada nos erres despertar o riso dos colegas”. (GIRON, 2007, p. 52)

<sup>91</sup> No início da década de 1950, Thales de Azevedo experienciava a efervescência acadêmica possibilitada pelo projeto da UNESCO em estudar as relações raciais brasileiras, tendo aquilo que seria seu principal trabalho, *As elites de cor: um estudo de ascensão social*, publicada em Paris, em 1953.

Spadari Adami, além de políticos locais. A pretensão etnográfica de seus estudos é perceptível também pelo acompanhamento contínuo de “informantes” locais.

Azevedo realiza suas análises com base nas premissas da teoria da aculturação<sup>92</sup>, propondo que “Persistem ali valores da zona rural que os ‘italos’ supõem europeus mas que são apenas ‘coloniais’, isto é, reelaborações da experiência europeia no meio colonial” (AZEVEDO, 1994., p. 72).

O autor aponta que os italianos, embora procurassem exaltar sua distinção em relação aos brasileiros calcados em valores que remetem a um *ethos* de origem europeia, estavam em meio a um lento e inexorável processo de aceitação da cultura brasileira, citando por exemplo, a “penetração, lenta mas segura, do espiritismo e da macumba” (AZEVEDO, 1994., p. 20) numa comunidade onde o catolicismo estava amplamente arraigado.

É claramente perceptível como a análise da *italianità* por parte de Azevedo está impregnada destes pressupostos da teoria da aculturação. Exemplificando, o autor cita como os italianos reelaboraram suas heranças europeias portando uma espécie de ética protestante ligada ao espírito do capitalismo, ou como em momentos de rechaço a manifestações de austro-húngaros em fins da Primeira Guerra Mundial, uniram difusamente duas identidades nacionais.

Também surge com certa regularidade a figura do luso-brasileiro na Caxias do Sul da década de 1950 nos escritos de Azevedo. Estas informações vislumbram o caráter contrastivo da italianidade, do mesmo modo que apontam certos traços das relações entre estes grupos. Em 1952, por exemplo, o autor relata em seus cadernos de estudos que a população lusa correspondia a cerca de um quinto do total da cidade, formada por burocratas, comerciantes, mas principalmente, por “morenos” e “marginais”, sem ocupação definida e condições de vida miseráveis (AZEVEDO, 1957, p. 295). Já em 1959, registra em seu caderno de pesquisa: “aumentam as malocas de Caxias com a vinda de gente de Bom Jesus, São Francisco de Paula e até de Santa Catarina; atração do alto salário regional” (AZEVEDO, 1975, p. 334).

O contato destes luso-brasileiros com os descendentes de italianos ocorre num contexto onde os imigrantes e seus descendentes encontram-se positivados perante estes

---

<sup>92</sup> Os estudos sociológicos sobre a aculturação designam-na como um processo pelo qual dois ou mais grupos com culturas diferentes, entrando em contacto contínuo entre si, originam mudanças sociológicas importantes num deles ou em ambos.

*outsiders*, e reforçam-se as clivagens entre grupos através do contraste das identidades atribuídas a um e outro. Azevedo relata:

“Parece evidente que a distância social entre o colono em começo de prosperidade e, de outro lado, o caboclo e o fazendeiro de Cima da Serra ajuda a acentuar o contraste de condições e modo de vida. O roceiro caboclo, o camponês brasileiro sem terra própria e dependente de patrões que não o estimulam, parece dar ao colono a impressão de uma cultura inferior, desprezível, que é assimilada depreciativamente à do negro, isto é do escravo; o fazendeiro é visto (...) que não faz lavouras, por preferir viver de seus enormes rebanhos, ao passo que o italiano do norte é trabalhador (...)” (AZEVEDO, 1975, p. 209).

Percebe-se a imputação de representações simbólicas negativas ao grupo que migra e se estabelecerá na condição de *outsider*, bem como o *ethos* do trabalho positivando o italiano. Implícitas nas identidades dos dois grupos, estas representações compõem parte do universo simbólico da sociedade caxiense de 1950, marcando e segmentando seus habitantes em relações identitárias contrastivas.

O registro de Thales de Azevedo aponta como o desenvolvimento econômico local foi basilar para a construção das representações positivadas acerca dos descendentes de imigrantes italianos, então representativos da maioria populacional da cidade, bem como sinalizava um contexto de migrações para a cidade no final dos anos 1950.

Os principais estudos que nos fornecem indícios acerca da construção da italianidade em Caxias do Sul a partir da segunda metade do século XX também são de cunho antropológico. Pretendo cotejar brevemente três trabalhos que trazem dados interessantes para tratar das identidades contrastivas da italianidade e dos migrantes de fluxos mais recentes destinados à região: o de Miriam Santos (2004), relativo à análise da Festa da Uva como um evento propício para a construção de representações relativas à italianidade; de Maria Clara Mocellin (2008), sobre a importância dos empresários e intelectuais para a configuração dos bens simbólicos relativos à italianidade; e de Beatriz Kanaan (2008), voltado ao estudo da relação entre os migrantes e a italianidade em Farroupilha, cidade próxima a Caxias do Sul.

Em *Trajetórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul* (2008), Mocellin aponta que a formação de representações positivadas acerca da italianidade em Caxias do Sul se insere dentro de um contexto histórico, iniciado a partir da década de 1960, quando “setores do



empresariado local são beneficiados pelas conseqüências de uma política desenvolvimentista adotada no país, abrindo assim o chamado processo de modernização econômica desta região” e impressas pela *intelligentsia* local em parte por meio de uma “vasta literatura sobre o tema da imigração italiana, como também por um redimensionamento nas políticas culturais praticadas pelos produtores culturais” (MOCELLIN, 2008. p. 14).

Os empresários e os intelectuais são apontados como os grupos sociais de atuação mais destacada na valorização da cultura da imigração. Os empresários passam a ser representados como modelos exemplares, e suas “trajetórias eram narradas enfatizando o sofrimento e a coragem dos antepassados para superar as adversidades da imigração, abordando igualmente o ‘espírito empreendedor’ e a coragem dos empresários que se aventuravam na indústria”. Já os intelectuais atuaram na condição de “promotores culturais”, escrevendo sobre o processo imigratório e agindo no sentido de “desfazer alguns estigmas associados ao colono” (MOCELLIN, 2008. p. 15).

Para a autora, a intensificação da chegada de migrantes de origem luso-brasileira foi fundamental para aguçar a configuração de representações dicotomizadas e reforçar as noções sobre um *ethos* do trabalho relativo aos portadores da italianidade.

Atraída pela modernização econômica, especialmente pelas alternativas de emprego nas indústrias do setor metalúrgico, boa parte desse contingente migratório irá compor a mão de obra da indústria local. Veremos então como, desse encontro interétnico entre descendentes de imigrantes italianos (já estabelecidos) com os “brasileiros” (recém-chegados), constrói-se uma auto representação em que os descendentes de italianos se distinguem como “*mais trabalhadores*”, “*mais qualificados*”, “*mais aptos ao trabalho*” (MOCELLIN, 2008, p. 178) .

Em *Bendito é o fruto: Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul – RS* (2004), Santos analisa a importância da Festa da Uva para as estratégias de elaboração dos elementos de distintividade da identidade ítalo-brasileira dos descendentes de imigrantes italianos em Caxias do Sul. A autora inicia sua análise com uma ampla retomada histórica do processo imigratório e do desenvolvimento inicial da cidade, onde já insere a discussão sobre as construções identitárias, que após serem analisados diacronicamente, também serão tratadas sob uma perspectiva sincrônica. De acordo com a autora,

O valor social da cultura italiana é reafirmado através de uma distintividade étnica e funciona como um reforço da posição social dos italianos dentro da sociedade de Caxias do Sul (...) funciona também como um “capital étnico”, isto é, como uma vantagem econômica em função da etnicidade. Em suma a construção de uma identidade contrastiva em relação à sociedade nacional surge quando o grupo se diferencia □□separando colonos e cidadãos -□mas, principalmente quando tal postura começa a se mostrar vantajosa, levando inclusive, nos últimos anos, a incorporação e reelaboração de valores e costumes camponeses por parte da população urbana (SANTOS, 2004, p. 289).

Em outros trechos deste trabalho, é apontado o fato dos descendentes de imigrantes italianos não mais constituírem a maioria da sociedade caxiense, embora compusessem a maioria das classes mais altas. Percebe-se desta forma, como a autora concilia a noção de identidade contrastiva dentro da sociedade caxiense contemporânea. Este “outro”, que nos autores apontados anteriormente estava migrando para a cidade, aparece agora para Santos como estabelecido, parte da sociedade local, mas ainda elemento antitético à italianidade.

Mocellin aplica sem reservas a conceituação de etnicidade ao fenômeno de elaboração da italianidade em Caxias do Sul. Santos, por sua vez, vê na auto-identificação dos portadores deste “capital étnico” como brasileiros um impeditivo para designá-los como grupo étnico, considerando a italianidade como um conjunto de distintividades acionadas para marcar uma posição social, atingindo no máximo o status de identidade diferenciada<sup>93</sup>.

O trabalho de Kanaan *Imigrações contemporâneas e italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha – RS* (2008) é dentre todos, o que enfoca com maior precisão e intensidade a temática da migração interna frente à italianidade. Sua análise é espacialmente circunscrita à cidade de Farroupilha<sup>94</sup>, que devido ao processo de industrialização impulsionado a partir da década de 1970, passou a receber um grande contingente migratório de cidades menores do Rio Grande do Sul, destinado a suprir a carência de mão de obra nas empresas.

Kanaan realiza uma pesquisa eminentemente etnográfica, de observação participante (KANAAAN, 2008, p. 152), tendo em vista a aproximação e grande número

<sup>93</sup> Embora cite amplo referencial étnico, a autora demonstra algumas restrições em designar determinados grupos como “grupos étnicos”. (SANTOS, 2004, p. 6)

<sup>94</sup> Localizada a apenas 15 quilômetros de Caxias do Sul, e também colonizada inicialmente por imigrantes italianos, a cidade de Farroupilha possui em torno de 58.000 habitantes e seu processo de industrialização iniciou na década de 1970. Desta forma, o fenômeno migratório e suas implicações identitárias podem trazer luz à configuração deste mesmo processo na Caxias do Sul de décadas passadas.

de entrevistas que realiza com as pessoas que compõem os conjuntos sociais objetos de seu trabalho, além de lideranças políticas e empresariais. Isto permitiu uma maior capacidade de percepção das sutilezas pertinentes às complexas dinâmicas identitárias contrastivas, gerando conseqüentemente, reflexões notáveis.

Destaco inicialmente o conceito de jogos identitários utilizado pela autora. Tal terminologia condensa um grande conjunto de expressões sem reduzi-las, apresentando um alto caráter alegórico: remete à auto-atribuição, aproximação, afastamento, associação, construção, reconstrução ou desconstrução de representações simbólicas por parte de grupos sociais e indivíduos na busca de determinadas posições sociais. Imputa às disputas simbólicas de caráter identitário, dinâmicas singulares de avanços, recuos, estratégias e posicionamentos.

A sensibilidade possibilitada pela aproximação ao objeto de pesquisa e a utilização de conceitos explicativos densos resultaram em uma análise profunda a respeito do tema, além de conclusões pertinentes.

Desta forma, compreendi que a identidade, além de ser construída na interação com o outro, carrega juntamente um componente ideológico. Ou seja, penso que, nas relações interétnicas que observei entre os “italianos” e os “brasileiros”, a interação acontece realçando a preponderância do grupo da italianidade, inerente à negação dos sujeitos vindos e tidos como “de fora” (KANAAAN, 2008, p. 155).

Com foco dirigido à negatização simbólica dos *outsiders* em Farroupilha, a autora defende que tal relação desigual de forças nas disputas simbólicas é crucial para a manutenção de representações que justificam a aceitação e continuidade de relações sociais e econômicas de exploração.

O trabalho de milhares de operários e operárias que sustenta os grandes empreendimentos encontra-se silenciado pelo discurso étnico difundido entre os moradores do lugar. A evocação de um *ethos* do trabalho, como inerente à italianidade, diante da falta desta característica entre os brasileiros, não estaria excluindo uma percepção aí presente que é a da relação patrões e operários?(...) evidencio a reapropriação, por parte dos operários recém-chegados, da crença do mito do pioneiro que ascende a grande empresário. Para eles, as chances de vencerem e tornarem-se patrões é muito palpável. Afinal o grande empresário, também já foi pobre, colono. Esta é a ficção do lugar e a realidade de alguns (KANAAAN, 2008, p. 156).

As conclusões da autora analisam os efeitos das construções identitárias dentro das relações de produção em Farroupilha como elemento reificador e justificante da exploração dos trabalhadores menos qualificados pelos patrões<sup>95</sup>. Neste caso, àqueles representacionalmente negativados cabem as funções mal remuneradas, enquanto os outros, positivados, apropriam-se dos resultados desta força de trabalho.

Na abordagem das relações entre a italianidade e a migração interna, o estudo de Kanaan oferece indícios interessantes para análise da construção desta italianidade. Entretanto, o estudo de caso que será efetuado nesta dissertação remete a um objeto diverso, onde determinados grupos sociais, inseridos num cenário onde as representações da italianidade encontram-se igualmente positivadas, aderem a um modelo identitário de caráter regional estadual, ancorado em um espaço mais amplo que a italianidade remissivas à RCI, e sob certo aspecto, antitético às representações desta identidade. Na análise desta emergência do tradicionalismo em Caxias do Sul, pretende-se observar estas aparentes contradições.

---

<sup>95</sup> Alinho a este estudo de caso pressupostos do pensamento de Immanuel Wallerstein (2001), quando aponta que o capitalismo tende a criar etnicidades com a finalidade de imputar-lhes determinados papéis ocupacionais.

## CAPÍTULO 2 - A SEMANA FARROUPILHA EM CAXIAS DO SUL ENTRE 1980 E 2010 ATRAVÉS DA COBERTURA DO JORNAL PIONEIRO

A análise das fontes jornalísticas tem como objetivo apresentar alguns indícios para o estudo da problemática desta pesquisa, que nos permitem perceber características da difusão de representações de uma determinada versão sobre a identidade regional sul-rio-grandense na imprensa de Caxias do Sul entre os anos 1980 e 2010.

Neste sentido, visando abordar a publicidade e o tratamento dispensado ao tradicionalismo em Caxias do Sul durante o recorte temporal proposto, pretende-se analisar a cobertura que o jornal *Pioneiro*, principal periódico local, realizou a respeito da Semana Farroupilha, momento de culminância de manifestações tradicionalistas. Esta pesquisa de fontes visa também apontar se o jornal atuou efetivamente na difusão de determinadas representações da identidade gaúcha e sua consonância com as mesmas representações perpetuadas pelo MTG.

A análise da cobertura jornalística deste evento específico apresenta-se como representativa e válida para a compreensão do fenômeno de ascensão do tradicionalismo em Caxias do Sul em virtude da centralidade que ambos, jornal e data comemorativa, gozam em seus respectivos meios.

O jornal *Pioneiro* caracteriza-se pelo protagonismo que assume entre a mídia impressa e a mídia em geral<sup>96</sup> no que tange à cidade de Caxias do Sul. Fundado em 1948, o jornal caracterizava-se pela periodicidade semanal entre os anos de 1948 e 1975, com alguns meses de periodicidade diária entre fevereiro de 1950 e setembro de 1951. Entre 1975 e fevereiro de 1981, passou a ter duas publicações semanais e a partir de então, periodicidade diária, sendo que até o momento presente, uma única edição é voltada aos sábados e domingos.

Até 1993, o jornal era propriedade da Gráfica Nordeste Ltda.<sup>97</sup>, sendo incorporado ao Grupo RBS a partir de então. Este processo de aquisição permite ao jornal, que desde o início do recorte temporal proposto já se apresentava como o de maior circulação em Caxias do Sul, acessar a ampla plataforma do grupo RBS, o maior

---

<sup>96</sup> Analisa-se o periódico não como mero espaço de transmissão de informações ou formador de opiniões (como se arrogam alguns jornalistas), mas como um instrumento de construção e difusão de representações, muitas vezes coadunado com os discursos dos setores hegemônicos no campo econômico.

<sup>97</sup> Nas figuras 3 e 4 do anexo 2, há menção à “Diretora Presidente Paulina Soldatelli Moretto”, que não serão encontradas nos anos seguintes até 1992. A família Moretto continha indivíduos em posições relevantes na sociedade caxiense, destacando-se o filho de Paulina, Paulo Moretto, bispo da diocese de Caxias do Sul entre 1976 e 2011.

grupo de mídia da região sul do Brasil<sup>98</sup>, com dezenas de emissoras de televisão aberta, de rádio, jornais e portais da internet. A partir de 2008, o Pioneiro passa a fazer parte do portal de internet do Grupo RBS, disponibilizado desde então com uma versão na internet<sup>99</sup>.

A aquisição pelo Grupo RBS trouxe ao jornal maior destaque dentro dos outros veículos de comunicação do grupo também presentes em Caxias do Sul, como emissoras de rádio e de televisão. Também evitou a concorrência com o principal jornal do Estado, de propriedade do grupo, mas com foco maior ao público de Porto Alegre, o Zero Hora<sup>100</sup>. Isto permitiu ao Pioneiro manter-se como a principal mídia relativa aos fenômenos políticos, econômicos, sociais, culturais e esportivos de Caxias do Sul.

O outro elemento central nesta análise é a data comemorativa em si. A Semana Farroupilha<sup>101</sup> corresponde a um festejo oficial do estado do Rio Grande do Sul estabelecido em 1964, que estabelece o período entre os dias quatorze e vinte de setembro como destinados “à memória e homenagem dos heróis farroupilhas”. Em 1995, estas comemorações ganharam maior incentivo com a publicação de nova lei que estabelecia o dia vinte de setembro como data magna do Estado e feriado civil<sup>102</sup>.

A Semana Farroupilha concentrou em seu período de ocorrência as mais fortes manifestações identitárias remissivas ao tradicionalismo. Torna-se comum visualizar indivíduos nas ruas trajados com indumentárias gauchescas típicas, incluindo funcionários em seus locais de trabalho. Em várias cidades do Rio Grande do Sul são disponibilizados espaços para um “Acampamento Farroupilha”<sup>103</sup>, onde grupos

---

<sup>98</sup> Em 2009, após a aquisição de um jornal da cidade de Joinville, em Santa Catarina, o Grupo RBS tornou-se alvo de uma ação civil pública por parte do Ministério Público Federal de Santa Catarina, acusado de oligopólio, tendo em vista que por lei é permitido apenas o controle de duas emissoras por um único grupo. Entretanto, o grande conjunto de emissoras e jornais que utiliza o nome fantasia Grupo RBS estão registradas em nome de diferentes pessoas da mesma família. *Jornal o Estadão*, 12/01/2009. Acessado em 25 de abril de 2014. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,mpf-de-sc-questiona-oligopolio-de-midia-do-grupo-rbs,305922,0.htm>.

<sup>99</sup> Disponível através do sítio <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/>. Acessado em 12/05/2014.

<sup>100</sup> Jornal de maior publicação no Rio Grande do Sul, o Zero Hora também pauta suas notícias por um pretensa abrangência estadual, mas tem como foco maior de público leitor os habitantes da capital e em menor grau, da região metropolitana.

<sup>101</sup> Embora sejam elaborados discursos a respeito da Semana Farroupilha que denotem um caráter cívico à data, não conseguem ser transcendentais quanto às representações pertinentes a uma identidade regionalista. A Semana Farroupilha emerge no decorrer da segunda metade do século XX como a data máxima do tradicionalismo, e as representações erigidas em torno de ambos são amplamente interconectadas.

<sup>102</sup> Decreto de número 36180/95, de 18 de setembro de 1995.

<sup>103</sup> Amplo espaço aberto disponibilizado em algumas cidades para a montagem de barracas e galpões por parte de grupos tradicionalistas, como CTG, grupos de familiares, de amigos, ou de empresas. Tais barracas e galpões tornam-se algo similar a uma moradia provisória de seus ocupantes durante os festejos da Semana Farroupilha.

tradicionalistas, de CTG ou mesmo de amigos e familiares, montam barracas e participam de bailes e provas campeiras<sup>104</sup>. Também é comum nas cidades do estado a realização de desfiles temáticos relacionados ao evento, de caráter oficial, acompanhado por autoridades e organizado pelas prefeituras, Brigada Militar e Coordenadorias da Educação<sup>105</sup>.

Desta forma, considero que esta análise proporciona o acesso a um fértil espaço de construção e difusão de representações da identidade regional gaúcha, bem como possibilita desvelar algumas das disputas que envolvem a legitimação destas representações. A fim de possibilitar que a abordagem dos indícios proporcionados pelas fontes possa ser aproveitada da melhor forma possível, serão efetuadas duas análises, uma de caráter quantitativo e outra qualitativa. A análise quantitativa fornecerá apontamentos a respeito da evolução e da qualidade da publicidade da data máxima do tradicionalismo na cidade oferecida pelo jornal, tendo como base a compilação de dados anualmente segmentados. A análise qualitativa, mais detalhada, focará como os discursos, a disposição de imagens e a diagramação do jornal operaram no processo de construção de representações a respeito de uma identidade tradicionalista em Caxias do Sul.

Cabe destacar que o jornal, de forma mais acintosa a partir da metade da década de 1990, operou na difusão de representações positivadas acerca do tradicionalismo. Em virtude de seu significativo alcance social, é provável que tenha influenciado nas decisões dos trabalhadores, tanto os oriundos do interior quando os nativos de Caxias do Sul, em participarem dos CTG vinculados às suas empresas. Tal fato, somado a outras circunstâncias que serão apontadas no capítulo 4, pode explicar a grande presença de descendentes de imigrantes italianos nos CTG.

#### *A publicidade conferida ao tradicionalismo pelo Pioneiro entre 1980 e 2010*

Com o objetivo de proporcionar uma abordagem qualificada a respeito desta cobertura jornalística, foram pesquisadas *todas as páginas de todos os periódicos* do Pioneiro publicados no período, com exceção das seções de classificados. Deste

---

<sup>104</sup> Atividades que avaliam o domínio do cavaleiro sobre o gado, como laçar, agarrar e imobilizar reses.

<sup>105</sup> As Coordenadorias da Educação são instâncias microrregionais de atuação burocrática da Secretaria Estadual da Educação, abarcando por vezes até dezenas de municípios.

universo, menções de qualquer natureza<sup>106</sup> relacionadas ao regionalismo foram coletadas, visando abarcar todo o tipo de publicidade dada ao fenômeno pelo periódico.

Analisar as diferentes formas tipográficas, textuais e imagéticas através das quais o tradicionalismo foi apresentado pelo periódico no decorrer do espaço temporal é uma tarefa imprescindível a esta pesquisa. Como aponta de Luca (2008, p. 144-145),

pode-se admitir, à luz do discurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra de uma determinada forma aquilo que se elegeu como digno de chegar a um público [...] ter sido publicado implica em atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de [...] um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. Estas por sua vez, também são atravessadas por hierarquias.

Desta forma, as menções foram tipificadas de acordo com a sua natureza e o espaço que ocuparam na estrutura do periódico: como *notícias*, foram designadas reportagens gerais com vistas a informar eventos por ocorrer nos dias vindouros, a cobertura de eventos ocorridos no dia anterior ou poucos dias antes, a programação de festividades e comemorações, abordagens relativas a figuras importantes destes eventos, como músicos gauchescos prestigiados e políticos que se apropriaram de elementos gauchescos, encontradas majoritariamente nas seções Cidades<sup>107</sup>, Serviços<sup>108</sup>, Política<sup>109</sup> e Economia<sup>110</sup>; por *capa*, relativo às manchetes e imagens relacionadas à Semana Farroupilha<sup>111</sup>; *coluna* compreendeu os apontamentos relativos ao tradicionalismo em espaços diários ou semanais reservados a autores específicos, alguns sobre assuntos

<sup>106</sup> Visando abarcar ao máximo a publicidade conferida ao principal evento do regionalismo gaúcho, foram analisadas e computadas também menções às comemorações da Semana Farroupilha nas cidades de abrangência do Pioneiro, por igualmente apresentarem-se como uma forma de conferir visibilidade ao tradicionalismo em Caxias do Sul, cidade que concentra a maioria dos leitores do periódico.

<sup>107</sup> Seção do jornal Pioneiro com vistas a informar notícias gerais sobre as diferentes cidades da Serra Gaúcha, âmbito espacial focado pelo periódico.

<sup>108</sup> Seção do jornal que visa apontar informações gerais a respeito do horário de funcionamento de bancos, órgãos públicos e supermercados, bem como datas e horários de festividades locais e espaços de entretenimento.

<sup>109</sup> Menciono que a partir de metade da década de 1980, torna-se comum abordagens do periódico sobre o tradicionalismo na seção de política, demonstrando a relação entre políticos locais e o tradicionalismo, na medida em que o primeiro turno das eleições para postos nas diferentes instâncias dos poderes executivo e legislativo ocorrem em data aproximada da Semana Farroupilha e os candidatos aproveitavam constantemente os festejos para efetuar campanha corpo-a-corpo.

<sup>110</sup> As menções acerca do tradicionalismo na seção de Economia iniciaram-se a partir dos anos 2001 e tornaram-se recorrentes, tratando especificamente do crescente comércio de produtos ligados à indumentária gaúcha na cidade e da indústria fonográfica gauchesca num plano geral.

<sup>111</sup> Nesta seção foram introduzidas manchetes e imagens também presentes na contracapa do jornal, também compreendido como um espaço que confere maior destaque aos elementos que apresenta.



predeterminados<sup>112</sup>, outros com temática livre; *anúncio comercial*, que compreende variadas formas de propaganda de produtos e serviços, alguns relacionados a um mercado específico de apropriação de bens e comportamentos de um “gauchismo”, cuja demanda é intensificada no período, outros de bens diversos que apropriam-se de discursos regionalistas com fins mercadológicos, ou mesmo institucionais<sup>113</sup> (comuns a partir de 1993, quando o jornal passa a fazer parte do Grupo RBS e incorpora nas suas páginas as campanhas institucionais promovidas por esta empresa); como *editorial*, que compreende as referências ao tradicionalismo efetuadas nos espaços onde os editores destacados do jornal tecem a “opinião institucional” sobre assuntos candentes no período; *charges* e, por fim, *seção especial*, referindo-se a seções extraordinárias do jornal, particularmente destinadas a assuntos que em determinadas épocas tornam-se abordados com maior frequência, ou ao caderno “Sete Dias”, destinado à eventos, manifestações e produções culturais locais.

O objetivo desta análise quantitativa consiste na demonstração da evolução da publicidade do tradicionalismo através do jornal, utilizando-se de uma ampla tabela com dados numéricos dos quais se extraíram gráficos. Com vistas a dar conta da complexidade implícita nas diferentes maneiras através das quais um periódico confere destaque aos assuntos que aborda, elaborei a tipificação anteriormente citada, que agrega à análise uma qualificação fundamental. Entretanto, aponto que muitos elementos analisados necessitarão de abordagens complementares, onde se fará uso da suplementação visual de algumas páginas do jornal que serão destinadas ao Anexo. Justifica-se a formação deste anexo imagético para possibilitar melhor análise de fatores intrínsecos à evolução da mídia impressa, como o uso progressivo de imagens coloridas e recursos artísticos, tanto quanto informações relevantes que não podem ser mensurados por meio de dados numéricos simplificados, como a diagramação do jornal e o espaço destinado às diferentes reportagens e menções analisadas.

A Tabela 1 classifica anualmente a quantidade de menções encontradas, todas tipificadas, bem como o número total de páginas encontradas e pesquisadas dentro do recorte temporal e uma média aproximada de quantas páginas a cada 100 conteriam menções aos eventos da Semana Farroupilha.

---

<sup>112</sup> Destacam-se pela longa duração durante o recorte temporal as colunas diárias Mirante e Caixa-Forte, respectivamente reservadas à política e economia locais.

<sup>113</sup> Os anúncios comerciais encontrados durante esta pesquisa apresentam variados tamanhos e recursos imagéticos, tornando imprescindível associar à abordagem da evolução quantitativa deste tipo de menção sua evolução qualitativa.

**Tabela 1: tipos de menções sobre o tradicionalismo encontradas no jornal Pioneiro por ano pesquisado, total de páginas pesquisadas e média geral de páginas com menções ao tradicionalismo entre o total pesquisado.**

Antes de partir para a análise destes dados, se faz necessário realizar alguns

Ano	Notícias	Capa	Coluna	Anúncios Comerciais	Editoriais	Charge	Seção Especial	Total de menções	Total de Páginas	Média %
1980	5		3	3	2			13	190	6,81
1981	8		1					9	228	4,23
1982	7	1	2					10	220	4,57
1983	10	1	1	2				14	288	4,86
1984	8	1		1	2	1		13	250	5,2
1985	11	3	11	1	1			27	272	9,89
1986	12							12	390	3,07
1987	11							11	326	3,37
1988	10	1						11	344	3,19
1989	9							9	378	2,39
1990	2							2	398	0,61
1991	8	1	1				1	11	418	2,63
1992	7	2	1					10	330	3,02
1993	18	4	2		1	1	1	27	338	6,98
1994	19	3		1				23	440	5,22
1995	16	3				1	1	21	484	3,93
1996	18	7	1	1	2		7	36	520	6,3
1997	9	8	4		1	1	12	35	498	6,39
1998	18	5		10	1	2	10	46	502	8,36
1999	8	6	5	1	1	1		22	558	3,35
2000	9	8	3	2	8	1	5	36	484	6,87
2001	13	6		12	1		18	50	482	10,37
2002	21	6		10	1			38	516	7,36
2003	19	4	8	18	2	1	4	56	352	10,8
2004	21	8	2	8	0	1	1	41	428	9,58
2005	26	7	7	20	1	1	1	63	404	15,59
2006	30	10	5	14	2	1	4	66	416	15,87
2007	13	9	9	7	1	0	14	53	434	12,21
2008	14	10	8	8		1	8	49	392	12,5
2009	9	10	3	6	2	1	12	43	340	12,65
2010	16	9	5	5	0	3	6	44	388	11,34
Total	405	133	82	130	29	17	105	901	12008	XXXXX

apontamentos. A periodicidade do ano de 1980 era variável, ano no qual o recorte temporal contemplou a pesquisa de quatro exemplares. Entre 1981 e 2010, o jornal apresenta periodicidade diária, porém com apenas um exemplar para os sábados e domingos. Deste modo, o número de exemplares pesquisados em cada ano foi variável, entre oito e dez.

Por essa oscilação acarretar também na variação de espaço para as menções ao tradicionalismo, estes dados quantitativos podem ser minimamente relativizados.

Destaca-se então a importância da média de menções por página, calculada na última linha. Ela possibilita analisar a evolução do tema dentro do espaço oferecido pelo jornal de forma proporcional.

A evolução da quantidade de páginas disponíveis para pesquisa e o número de menções encontradas são dados que devem ser complementarizados, na medida em que não podemos dissociar a evolução da quantidade de publicações do universo de páginas pesquisadas, número que também evoluiu no decorrer do recorte temporal. Estes dados devem ser compreendidos como inter-relacionados, melhor visualizados nos gráficos 1 e 2. Através destes podemos comparar a evolução da quantidade de menções tendo por base a evolução da quantidade de espaço publicável e no gráfico 2, uma proporção percentual generalizante<sup>114</sup> da quantidade de menções encontradas por páginas pesquisada.

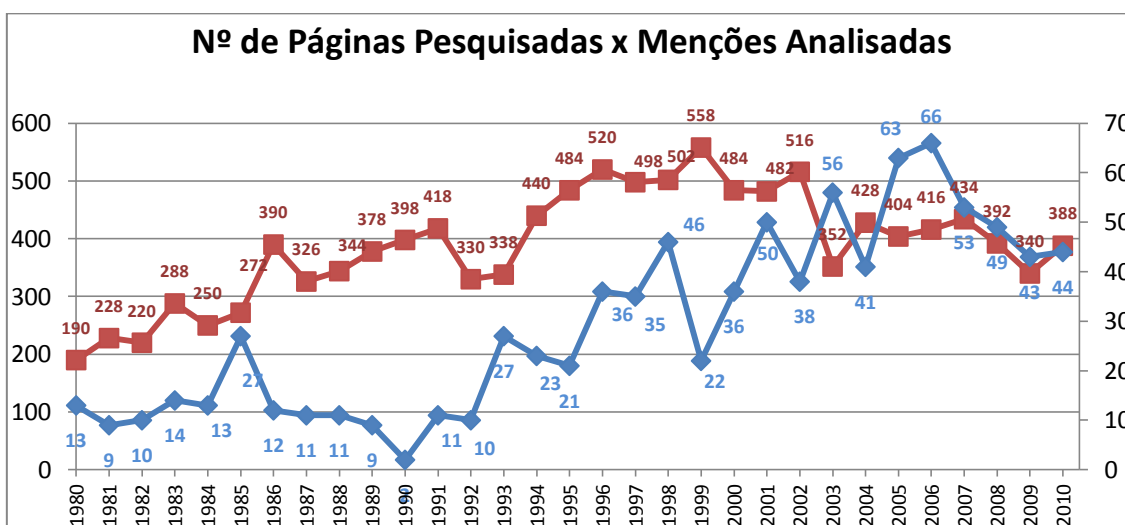


Gráfico 1: comparação entre o total de páginas publicadas por ano dentro do período da Semana Farroupilha (vermelho) e a quantidade de menções encontradas (azul).

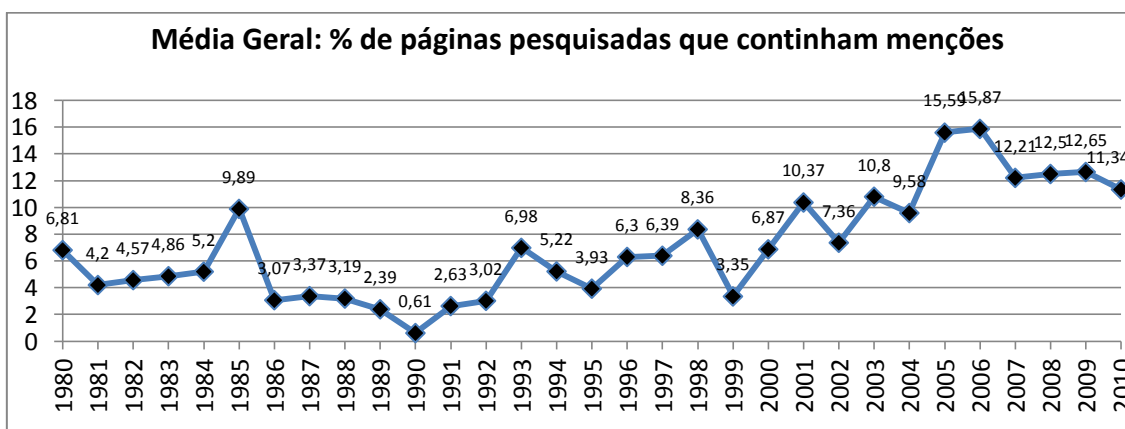


Gráfico 2: evolução anual da média geral de menções por páginas pesquisadas

<sup>114</sup> Destaco a artificialidade deste dado, tendo em vista que foram encontrados por diversas vezes duas ou três notícias/reportagens relativas a Semana Farroupilha na mesma página.

Percebe-se entre 1980 e 1992 um quadro de lento declínio de menções à Semana Farroupilha e ao tradicionalismo, mais agudo em 1990, mas com exceção ao ano de 1985, em virtude da comemoração do sesquicentenário da Revolução Farroupilha<sup>115</sup>. Analisando a tabela 1, percebe-se que tal destaque neste ano não ocorre por meio da confecção de encartes especiais ou de um maior número de reportagens, mas em virtude de sua abordagem por diversos colunistas.

É a partir de 1993, quando o jornal torna-se parte do conglomerado de empresas midiáticas do Grupo RBS, que se percebe um crescente destaque para o tradicionalismo por meio das páginas do jornal. Durante o resto da década de 1990, com exceção ao ano de 1999, a proporção de menções praticamente dobra, e na década seguinte, chega por vezes a quintuplicar na comparação com os dois primeiros anos da década de 1990.

Em virtude desta análise por meio de gráficos poder gerar um distanciamento ao objeto analisado, considero importante apontar a relevância destas variações. Deve-se considerar que o periódico analisado, por gozar de um papel de centralidade na mídia impressa regional, aborda cotidianamente um grande conjunto de assuntos que exigem textualização extensa e sem relação a esta data comemorativa, como esportes, política e economia nacional e internacional, segurança, serviços gerais, entre outros. Desta forma, o aumento da exposição de determinado assunto não decorre de forma acidental ou involuntária, sugerindo sua problematização. Analisando conjuntamente o gráfico 3, onde torna-se perceptível que estas menções passaram a ser constantes também nas capas e contracapas, conclui-se que a Semana Farroupilha passa a ser apresentada pelo jornal com destaque crescente.

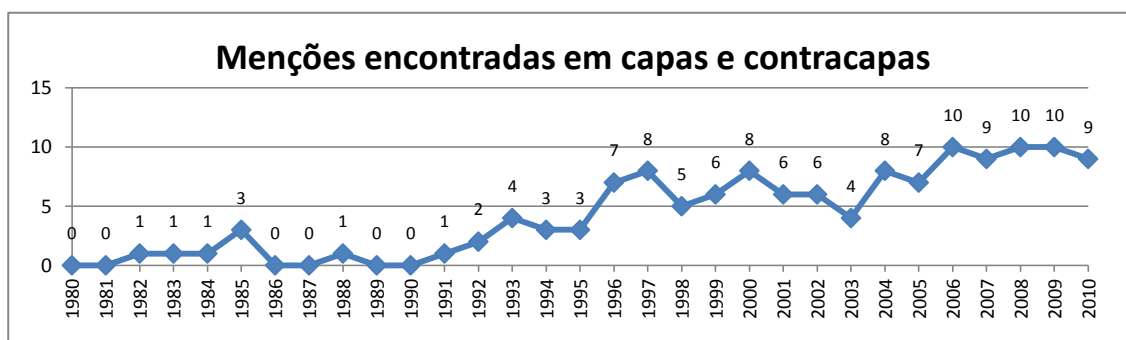


Gráfico 3: menções ao tradicionalismo encontradas nas capas e contracapas do jornal O Pioneiro por ano.

<sup>115</sup> As discussões historiográficas acerca da conceituação dos eventos sediciosos em torno da proclamação da República Rio Grandense como “Revolta” ou “Revolução” Farroupilha não são abordadas pelo periódico, sendo o termo Revolução o escolhido para tratar do evento.

Voltando à Tabela 1, percebemos como a partir da metade da década de 1990, tornou-se comum o periódico dedicar amplos espaços para o tradicionalismo e a Semana Farroupilha local através de seções especiais. Como será analisado posteriormente, estes espaços tiveram papel central na difusão de determinadas representações da identidade gaúcha, adotando inclusive, forte tom pedagógico em relação a um *ethos* gauchesco.

Os dados da quinta coluna da Tabela 1 fornecem indícios sobre o crescimento de um mercado vinculado a produtos e serviços destinados à apropriação de bens simbólicos gauchescos, especialmente quanto à indumentária para danças, bem como a progressiva apropriação por parte do mercado publicitário impresso da simbologia regionalista, utilizando-se de elementos remissivos a um *ethos* do gaúcho idealizado e frases laudatórias a seu respeito.

No período anterior ao ano de 1998, os anúncios comerciais deste gênero são exíguos, e fazem alusão a bailes com temáticas gauchescas<sup>116</sup>. Em 2002 os anúncios tornam-se recorrentes, referindo-se a lojas de produtos gauchescos, cursos de danças, anúncios das comemorações da Semana Farroupilha, de empresas ligadas à telefonia móvel, redes de supermercados e eletroeletrônicos<sup>117</sup>. Destacam-se neste âmbito também os diferentes anúncios institucionais do Grupo RBS<sup>118</sup>.

A análise do conteúdo destes anúncios comerciais será efetuada de forma mais direta adiante. Entretanto, é importante ressaltar que o nítido crescimento deste tipo de publicidade conferida à Semana Farroupilha e o tradicionalismo tanto gera reflexos no corpo social que se apropria desta plataforma midiática, por estar mais suscetível à recorrência visual desta simbologia e às representações que carrega consigo, quanto demonstra o crescente apelo positivo que a data e os símbolos correlatos despertam no público consumidor em geral<sup>119</sup>.

#### *As representações sobre o tradicionalismo promovidas pelo Pioneiro entre 1980 e 2010*

Em relação ao estudo qualitativo destas fontes, destaco inicialmente que será pautado pela análise da mudança no decorrer do período da abordagem promovida pelo

---

<sup>116</sup> Figura 3 do Anexo.

<sup>117</sup> Figura 52 do Anexo.

<sup>118</sup> Figuras 41, 42, 43, 44 e 45 do Anexo.

<sup>119</sup> Destaco que os anúncios comerciais são remissivos a empresas que atuam na venda de produtos ou serviços que atendem a um amplo espectro de consumidores, com variável poder aquisitivo, como supermercados, celulares, eletroeletrônicos e não a nichos específicos de demandas.

periódico sobre o regionalismo gaúcho, o tradicionalismo e a Semana Farroupilha, atentando como operou na difusão e construção de determinados discursos e representações sobre a identidade gaúcha e sua inserção na sociedade local. Com o objetivo de respeitar as diferentes formas de discursos efetuadas pelo periódico, analisarei os diferentes setores da estrutura do periódico dentro da tipificação já apontada.

O editorial de um periódico apresenta-se como um espaço privilegiado para percebermos a posição política da mídia em questão frente a determinado assunto sobre o qual ela se manifesta<sup>120</sup>. Neste sentido, a análise qualitativa deste espaço será efetuada com maior detalhamento, por trazer indícios importantes de escrutínio das maneiras através das quais o periódico pauta o fenômeno pesquisado. Como a Tabela 1 aponta, não foram publicados editoriais específicos em relação à Semana Farroupilha e ao tradicionalismo durante *todos* os anos pesquisados, enquanto em alguns foram publicados até dois.

As figuras 4 e 5 do Anexo contêm os dois editoriais publicados no ano de 1980 referentes ao assunto. Na figura 4, onde encontramos o editorial do dia dezessete de setembro, percebe-se a problematização acerca dos discursos proferidos sobre esta data comemorativa balizada na Revolução Farroupilha, quando apontam a importância central do MTG em promover comemorações festivas tendo como base “acontecimentos distantes, ainda mal estudados e nem sempre corretamente interpretados”. No decorrer do texto, entretanto, passa-se a valorizar os ideais promovidos pela data, que frente à situação de incertezas que assolam o país durante a redemocratização e descrédito da população em relação à possibilidade de mudanças positivas neste cenário, “merecem todo o acatamento”. Os ideais cívicos promovidos pela comemoração agregam-se à necessidade “afetiva e direta da população”. Por fim, o jornal aponta seu compromisso em apoiar o tradicionalismo e seus promotores por oferecerem “alimento espiritual” para o povo que a “urbanização ameaça destruir”<sup>121</sup>.

O editorial publicado três dias depois deste supracitado, apresentado na figura 5, apresenta um forte tom laudatório em relação ao MTG, associando-o intimamente à Semana Farroupilha. Aponta-o “como um movimento espontâneo”, cujos esforços que

---

<sup>120</sup> Cabe apontar que esta seção do jornal apresenta um aspecto relativamente formal em comparação com outros setores de um periódico, fazendo uso de vocabulário mais elaborado. Desta forma, dirige-se a um público relativamente restrito.

<sup>121</sup> Pioneiro. Caxias do Sul, 17/09/1980, p. 4.

visam “orientá-lo ou discipliná-lo têm resultado inúteis”<sup>122</sup>, com variadas linhas de ação, e que propiciou a criação de “um apreço pela história rio-grandense verdadeiramente notável”. Também cabe destaque à interpretação efetuada em torno de sua base social, ao apontar como as populações recém-instaladas nos núcleos urbanos e oriundas do campo “têm encontrado no tradicionalismo um lenitivo à sua saudade e ao seu desenraizamento”. Por fim, defende que as autoridades devem oferecer apoio ao movimento, que encontra ampla recepção popular e o caracteriza como um patrimônio incalculável do estado<sup>123</sup>.

Através das manifestações destes dois editoriais, constata-se um viés institucional do periódico amplamente favorável ao tradicionalismo. No editorial do dia dezessete de setembro, percebe-se um comprometimento em efetuar uma projeção consciente desta identidade (ainda vista como em construção) como forma de oferecer segurança a uma população em contexto de mudança constante. No editorial seguinte, quando aponta o tradicionalismo como um movimento espontâneo e sem orientação externa, o periódico busca guarida na posição de neutralidade, tão cara aos organismos midiáticos, sem deixar de logo em seguida, defender o apoio governamental ao movimento, tornando novamente nítida sua posição de fomento à promoção desta identidade. Com isso, podemos supor que os processos históricos relativos a emergência e crescimento do alcance social do tradicionalismo em Caxias do Sul e dos CTG por consequência, tenha sido influenciado de forma decisiva pela mídia local, não como uma “invenção” de setores midiáticos hegemônicos, mas ao menos em parte, fruto de um projeto planejado de identidade promovido pela imprensa, visando fomentar no universo simbólico local representações positivadas acerca do tradicionalismo.<sup>124</sup>

Outros apontamentos destes editoriais merecem destaque. A problematização acerca do “passado mitificado” tomado como base das comemorações da Semana Farroupilha e formador do conjunto representacional do tradicionalismo, bem como a identificação da base social do movimento nas populações urbanas recém-egressas do

---

<sup>122</sup> Embora o tradicionalismo seja pautado pelo caráter centralizador e altamente hierárquico de seu órgão máximo, o MTG, este cenário não era abordado de forma tão clara no período em questão. A menção a estas tentativas de controlar o movimento referem-se principalmente à seara política, tendo em vista que a ocupação de cargos diretivos na estrutura de governo por parte de seus líderes também ocorrerá apenas a partir de 1982, com a nomeação de Luiz Carlos Barbosa Lessa como Secretário da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>123</sup> Pioneiro. Caxias do Sul, 20/09/1980, p. 4.

<sup>124</sup> Tal possibilidade será verificada no subcapítulo seguinte, quando serão analisados trechos das entrevistas com tradicionalistas relativos à importância que consideraram ao periódico na valorização do tradicionalismo na cidade.

campo, revela amplas possibilidades do autor (ou autores) dos textos estar (em) informado(s) das discussões historiográficas publicadas também em 1980 na coletânea *RS: Cultura e Ideologia* (DACANAL & GONZAGA, 1980), que direcionaram apontamentos neste sentido e inaugurou extensos debates entre a academia e o tradicionalismo em virtude de seu forte viés crítico ao movimento. Entretanto, o contínuo apoio que os dois editoriais declaram ao movimento, retrata que esta apropriação de premissas críticas ao tradicionalismo não sobrepujou a adoção de perspectivas otimistas sobre uma repercussão positiva na sociedade dos valores e ideais propalados pelo movimento.

Após o ano de 1980, apenas em 1984 é que o periódico destina novamente espaço em seu editorial para abordar o assunto. Também por meio de duas publicações, uma no dia dezoito de setembro e outra no dia vinte e um, fica evidente o clima de discussão a respeito do pacto federativo, como apontado por Oliven (1992). A crise econômica pela qual passava a economia do estado e a formação de discursos a respeito da sua contribuição para com a federação e o “parco retorno” recebido é o cenário de fundo destes dois editoriais<sup>125</sup>.

O editorial encontrado em 1985 aborda também um cenário de estagnação econômica do estado, apontando a necessidade de “fazer opções adequadas ao seu futuro” a fim de “encontrar uma saída para o desenvolvimento”. O sesquicentenário da Revolução Farroupilha é abordado de forma rápida, apontando que “muito já se ouviu falar a respeito”. O apontamento de que “ficarão alguns questionando a inspiração do movimento, suas concepções políticas e ideológicas, tentando embasá-los como um exemplo da manipulação do povo pelas classes economicamente mais fortes” reforça a ampla possibilidade de apropriação do debate historiográfico corrente a respeito do tema, encontrado em publicações dos anos anteriores. Entretanto, sem procurar esconder certa contrariedade a tal perspectiva, aponta-se na sequência que “parece mais importante, mais produtivo, mais compensador buscarmos na mobilização, na defesa dos interesses do Rio Grande que os farroupilhas representaram mais do que qualquer outra coisa”<sup>126</sup>.

Dentro do quadro já apontado na análise quantitativa, percebe-se uma retração da publicidade conferida pelo jornal ao tradicionalismo e à Semana Farroupilha até o

---

<sup>125</sup> Pioneiro. 21 de setembro de 1984. p. 4; Pioneiro, 18 de setembro de 1984. p. 4.

<sup>126</sup> Pioneiro, 20 de setembro de 1985. p. 6.



ano de 1993, quando encontramos outro editorial com postulados interessantes. Intitulado “A inspiração farroupilha” e publicado no dia vinte de setembro, aborda a “brasilidade” dos sediciosos farrapos. Ainda que seu movimento tenha resultado na busca por uma República independente, isto se devia à impossibilidade de “um tratamento digno por parte do governo central”. Aponta inclusive que a emergência de tal sentimento na atualidade é improcedente e que se “cultua o mais digno sentimento de brasilidade” nesta “província”<sup>127</sup>.

Dois editoriais publicados em 20 de setembro de 1996 merecem destaque. O primeiro aponta a necessidade de se reforçar o conhecimento do público geral da “vida e a lida do peão, do trabalhador das charqueadas e matadouros, pobres em recursos materiais”, sem que por isso se tenha que “discriminar o dono da terra, da mesma forma envolvido num jogo duro de produção e mercado”<sup>128</sup> - claramente vinculado à pretensão homogeneizante do discurso tradicionalista. O segundo editorial deste mesmo dia apresenta claras semelhanças ao de 1993, com a mesma temática, argumentação e estrutura narrativa<sup>129</sup>. Os editoriais analisados entre 1997, 1998 e 1999 também apontam continuamente esta brasilidade do gaúcho, “que se orgulha de seus símbolos sem deixar de ser brasileiro”<sup>130</sup>. No editorial de 1997, é apontada a necessidade dos gaúchos “lutarem contra a iniquidade na relação federativa sem medo de parecerem separatistas”<sup>131</sup>, e no de 1998, aponta como este gaúcho que “demarcou fronteiras”, agora as derruba com o MERCOSUL e “preparou-se tanto para enfrentar os prejuízos como para auferir os ganhos da nova geopolítica”. Em 1999, aponta-se como o Rio Grande do Sul escolheu se integrar ao Brasil, apresenta-se como uma de suas principais economias e deve dirigir sua atenção na resolução de sua crise econômica interna, afirmando a “necessidade de se buscar uma paz como a selada em Poncho Verde. Desta vez, não mais entre gaúchos e pretensos adversários, mas entre os próprios gaúchos, num gesto firme de união pelo Rio Grande”<sup>132</sup>.

---

<sup>127</sup> Pioneiro, 20 de setembro de 1993, p. 6

<sup>128</sup> Pioneiro, 20 de setembro de 2006, p. 6

<sup>129</sup> Na comparação entre estes dois editoriais, produzidos com três anos de afastamento entre um e outro, percebe-se claramente esta semelhança, verificando-se nos dois exemplos a utilização de cartas de líderes farroupilhas.

<sup>130</sup> Jornal Pioneiro. Caxias do Sul, 19 de setembro de 1998, p. 4.

<sup>131</sup> Jornal Pioneiro. Caxias do Sul, 20 de setembro de 1997, p. 4.

<sup>132</sup> Jornal Pioneiro. Caxias do Sul, 20 de setembro de 1999, p. 6.

A discussão a respeito do caráter “separatista” do gaúcho é um tema candente na década de 1990<sup>133</sup>, perante a qual o jornal não se abstém de externar um discurso incisivo, em direção à “brasilidade do Rio Grande do Sul”. Discorrendo a respeito da “construção imaginária da sociedade gaúcha” em ensaio publicado em 1993, Pesavento aponta a inserção desta discussão acerca da escolha da nacionalidade brasileira pelos gaúchos dentro das disputas envolvidas na construção do mito das origens da sociedade gaúcha, sendo a posse de Vargas no executivo nacional o motivo de “todo um esforço de demonstrar integração e brasilidade” (PESAVENTO, 1993, p. 387). Sobre esta discussão, nas décadas de 1930 e 1940, certos setores da historiografia gaúcha passaram a apontar como causas da Revolução Farroupilha

“o congênito anseio pela descentralização administrativa e a separação transitória, motivada pela proclamação da República, fora a estratégia empregada para a obtenção do verdadeiro federalismo. Em suma, os gaúchos eram sobretudo brasileiros e não haviam, em tempo algum, querido independentizar-se” (PESAVENTO, 1993, p. 388).

Esta perspectiva historiográfica está circunscrita a um determinado espaço temporal, sendo uma entre várias a respeito do tema<sup>134</sup>. Evidencia-se desta forma a *escolha* efetuada pelo periódico por *esta* abordagem histórica, que suscita a difusão de representações específicas sobre a sociedade gaúcha. Considerando que a tomada deste discurso em que se justifica a luta por melhores condições do estado frente à federação sem que seja necessário de fato se desmembrar desta tenha se dado de forma tão categórica a partir de 1993, quando o periódico passa ao controle do Grupo RBS, é possível inferir que a posição do grupo midiático procura direcionar a opinião pública no sentido de manter e justificar certos elementos agregadores da sociedade gaúcha em prol de benefícios regionais, sem que assuma proporções sediciosas significativas, movimento que evoluiria em sentido obviamente contrário aos seus interesses econômicos, na medida em que é a retransmissora regional da principal rede de

<sup>133</sup> Ganhou repercussão a nível nacional um ato público em maio de 1990, protagonizado na Assembleia Legislativa por aproximadamente cinquenta pessoas e articulado pelo advogado Antonio Carlos Estrela, que pretendia criar o Partido da República Farroupilha com o objetivo de dar vazão a um movimento político que abriria margem para os estados federados brasileiros se constituírem como Estados soberanos, visando tal possibilidade especificamente ao Rio Grande do Sul e aos estados de Santa Catarina e Paraná. Neste mesmo ano foi publicado um livro sugerindo a formação da República do Pampa Gaúcho, formado após a secessão do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina do resto do Brasil, por Irton Marx (1990).

<sup>134</sup> Pesavento aponta neste mesmo texto como que anteriormente a esta necessidade de desmorrar qualquer veleidade separatista do estado, a tese até então vigente do historiador Alfredo Varela (1933) era de que a Revolução Farroupilha teria sido separatista, uma vez que a proclamação da República Rio-Grandense tivera o intento de separar a província do Brasil. (PESAVENTO, 1993, p. 387)

televisão nacional. Também cabe destaque à ausência de qualquer problematização destes discursos, como ocorria de alguma forma nos editoriais da década de 1980.

A partir de 1999, ocorre novamente um amplo intervalo de anos nos quais o jornal não abordará a Semana Farroupilha em seu editorial, retomando-o apenas a partir de 2005, com abordagens voltadas especificamente ao tradicionalismo e às comemorações farroupilhas em Caxias do Sul, sem a relação constante com temáticas políticas e econômicas. Neste mesmo ano, o editorial destacou a evolução do desfile da Semana Farroupilha realizado na Rua Sinimbu, o acerto do Estado e do município em investir nos festejos e a correspondência que estas manifestações assumem na cidade que concentra o maior número de CTG no estado. Em 2006, também tece comentário elogioso ao empenho da prefeitura e da 25ª RT nos festejos que serão realizados na área dos pavilhões da Festa da Uva. Em 2007, aponta como o progressivo aumento do público presente no acampamento farroupilha e a intensidade dos festejos demonstram a pertinência da cidade em reivindicar o título de Capital Brasileira do Tradicionalismo Gaúcho. No editorial encontrado durante o recorte de 2009, o periódico posiciona-se favoravelmente à instalação da cobertura da cancha de rodeios no parque<sup>135</sup>, tendo em vista a sua condição de Capital Brasileira dos Centros de Tradições Gaúchas e as receitas que os eventos que este espaço permite podem gerar para o município<sup>136</sup>.

A partir de 2005, torna-se nítida uma abordagem diferenciada sobre a Semana Farroupilha e o tradicionalismo em Caxias do Sul por parte desta seção do jornal, na qual se percebe um posicionamento amplamente favorável ao evento e ao tradicionalismo em geral, incluindo a defesa do uso do erário público na construção de estruturas relacionadas a eventos desta natureza. O foco destinado ao evento passa a se restringir ao âmbito do município e aos festejos promovidos dentro do Acampamento Farroupilha no parque da Festa da Uva<sup>137</sup>.

Esta análise nos permite distinguir três tipos principais de discursos promovidos pelo jornal entre 1980 e 2010. Na década de 1980, demonstrava possível apropriação

---

<sup>135</sup> A realização da obra de cobertura da cancha de rodeios do Parque da Festa da Uva com custeio do erário municipal gerou amplo debate na sociedade caxiense, tanto pelo desmatamento efetuado no parque e autorizado por uma secretaria da própria prefeitura, quanto pela falta de recursos para obras em outras áreas que setores da sociedade caxiense consideravam mais pertinentes, como a cobertura de ginásios esportivos das escolas municipais.

<sup>136</sup> Jornal Pioneiro, 11 de setembro de 2006, p. 2; Jornal Pioneiro, 21 de setembro de 2005, p.2; Jornal Pioneiro, 11 de setembro de 2006, p. 2; Pioneiro. 11 de setembro de 2008. p. 4; Pioneiro. 21 de setembro de 2007. p.4; Pioneiro. 11 de setembro de 2009. p.4. Ver figuras 11,12, 13 , 14A e 14 B do Anexo.

<sup>137</sup> Entre 1980 e 1997, o Acampamento Farroupilha tinha como espaço físico o Parque Cinquentenário. A partir de 1998, passou a ser realizado no Parque da Festa da Uva.

dos debates acadêmicos promovidos sobre o tema, problematizando algumas apropriações históricas efetuadas pelo MTG, mas conferindo ao movimento importante função social, com menções à crise econômica do estado. Na década de 1990, operou no reforço da “brasilidade do gaúcho” e comparou os motivos dos revoltosos farroupilhas às discussões sobre o pacto federativo, elementos também presentes nos editoriais da década de 1980. A partir dos anos 2000, discorreu na defesa dos festejos e manifestações promovidas durante a Semana Farroupilha em Caxias do Sul.

Outra parte da estrutura do jornal que necessita de maior destaque analítico são as seções especiais. Estes espaços tiveram como função específica dispensar tratamento à Semana Farroupilha e à sua simbologia correlata, difundindo e construindo representações sobre o tradicionalismo e a identidade regional gaúcha através de discursos aproximados aos do MTG. Cabe destacar como se destinava a leitores variados, apresentando um viés pedagógico voltado tanto a um público infantil - no uso de quadrinhos e textualizações didáticas e heroicizantes de alguns líderes da Revolução Farroupilha<sup>138</sup> - como para adultos, quando esmiúça o funcionamento e a estrutura de um Centro de Tradições Gaúchas e demonstra como proceder em relação a determinados hábitos gauchescos, como culinária, indumentária e danças<sup>139</sup>.

A confecção destas seções especiais pelo periódico inicia em 1996 e passa a se tornar nos anos seguintes, quando se começa a perceber a valorização e forte incentivo do periódico aos festejos da Semana Farroupilha, alinhadas às proposições apresentadas nos editoriais do jornal anteriormente analisadas. O cotidiano do Acampamento Farroupilha e o desfile temático protagonizado em via central da cidade<sup>140</sup> ganham crescente destaque nesta seção, bem como a entrevista de pessoas ligadas ao “culto das tradições”.

Podemos perceber um conjunto de discursos e representações específicas relativas ao regionalismo construídas e difundidas pelo periódico neste período. Torna-se evidente o alinhamento do jornal com as proposições do MTG, tendo em vista que na abordagem de assuntos que poderiam gerar debates e críticas em relação à construção de um “passado mítico e idealizado” acerca do gaúcho, balizador dos discursos proferidos pelo tradicionalismo institucionalizado, são entrevistados pesquisadores

---

<sup>138</sup> Ver figuras 15, 16 e 31 do Anexo.

<sup>139</sup> Ver figuras 19, 20, 21, 25, 29 e 32 do Anexo.

<sup>140</sup> Durante o recorte temporal analisado, o Desfile Farroupilha foi realizado no dia 20 de setembro na Rua Sinimbu, uma das principais ruas centrais da cidade.

relacionados com o MTG<sup>141</sup>. Quanto à história da Revolução Farroupilha, abordada com relativa recorrência, também é clara a ênfase proporcionada às interpretações assemelhadas àquelas anteriormente apontadas nos editoriais, da opção pela nacionalidade brasileira e do caráter cívico do movimento dos tradicionalistas<sup>142</sup>, ou no endosso das representações proporcionadas através das diferentes manifestações do MTG<sup>143</sup>, quando destaca um desfile como “Aula de história na Sinimbu”.



Figura 1. Jornal Pioneiro 21 de set. de 2009, p. 21.

<sup>141</sup> Na figura 33 do Anexo, percebe-se tal prática com o destaque a um artigo laudatório sobre os lanceiros negros proferido por um major da Brigada Militar e em outro espaço, minúsculo em relação ao anterior, a menção de que alguns historiadores apontam como o massacre que sofreram foi fruto do acordo de paz entre os líderes farrapos e as forças imperiais. Nesta página, destaca-se a ala que representará os lanceiros negros no desfile do dia 20 de setembro.

<sup>142</sup> Como se pode perceber na Figura 22 do Anexo.

<sup>143</sup> Destaco na figura 18 do Anexo as esdrúxulas definições de tradicionalista e nativista perpetradas pela pesquisadora Vera Stédile Zattera, reconhecida no meio local pela pesquisa de indumentárias e confecção de vestidos para as participantes dos concursos de Rainha da Festa da Uva. São definições que não apontam o caráter de dissensão e crítica ao MTG proposto pelos nativistas.

A ocorrência da publicação destas seções especiais está alinhada temporalmente com uma crescente popularização dos festejos da Semana Farroupilha na cidade e a sua ascensão à condição de “capital mundial dos CTG”. Neste sentido, em meio a esta seção de publicações, o jornal se ocupa em explicar este crescimento das manifestações, entrevistando a antropóloga Maria Clara Mocellin<sup>144</sup>, que aponta que “a adesão ao movimento foi a forma de o imigrante buscar aceitação e afirmar a sua identidade, perdendo a condição de estrangeiro”<sup>145</sup>.

Em relação a este apontamento de Mocellin, faço um pequeno destaque. Sua linha de argumentação encontra eco nos escritos anteriormente citados de Oliven e de outros autores que, em fins da década de 80 e começo da de 90, apontaram o crescimento do tradicionalismo nas regiões de colonização alemã e italiana como uma forma dos imigrantes e seus descendentes integrarem-se à sociedade gaúcha hegemônica na metade do século XX. Conforme apontei no primeiro capítulo, especificamente em relação à Caxias do Sul, considero que tal dinâmica deve ser relativizada, principalmente quando se analisa o período que transcorre após as décadas de 1960 e 1970, quando os imigrantes italianos e seus descendentes operaram com êxito na valorização de uma italianidade contrastiva ao “brasileiro”, tipificação ampla dentro da qual se enquadraria os tradicionalistas.<sup>146</sup> No decorrer deste trabalho, pretendo demonstrar como o crescimento do tradicionalismo na cidade em fins do século XX e início do XXI ocorreu pela adesão dos migrantes oriundos de cidades vizinhas de Caxias do Sul às representações identitárias do tradicionalismo, visando sua positivação simbólica. Além das argumentações vindouras nos próximos capítulos deste trabalho, destaco publicações do próprio jornal em análise que apontam neste sentido, como a entrevista com o músico tradicionalista local Xiruzinho, publicada em 21 de setembro de 1996. Nesta matéria que ocupa uma página inteira, se destaca uma “geração de pessoas que nasceram no interior do Rio Grande do Sul, migraram para a cidade grande” e encontraram dificuldades de ambientação ao espaço urbano, sendo que no

---

<sup>144</sup> Autora de importante estudo anteriormente citado, à época da entrevista, atuava à época como professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Caxias do Sul.

<sup>145</sup> Figura 23 do Anexo.

<sup>146</sup> A data destes processos históricos aos quais Mocellin se refere não é apontada na entrevista, deixando em aberto a possibilidade de que a entrevistada tenha se referido ao mesmo espaço temporal no qual Oliven designa esta “busca do imigrante por aceitação e de afirmar sua identidade”, ou mesmo de que o tenha apontado e o jornal, no processo de edição, tenha retirado algumas informações adicionais

atavismo com as raízes gauchescas descobriram uma forma de “despertar para o grupo e solidificar a identificação”<sup>147</sup>.

As seções especiais analisadas foram publicadas a partir de 1996, quando o controle acionário do jornal já havia passado para o Grupo RBS. O incentivo claro e manifesto do jornal à participação da população nos festejos da Semana Farroupilha vão ao encontro dos apontamentos de Nilda Jacks<sup>148</sup>, que em estudo relativo à ascensão dos movimentos tradicionalista e nativista e sua inserção na indústria cultural, aponta como o grupo midiático atuou com intensidade na disseminação do tradicionalismo e do nativismo no estado:

A adesão da indústria cultural ao movimento de resgate da identidade regional gaúcha, deve-se à pressão exercida de baixo para cima, da população para as estruturas formais de comunicação, compelindo-a a entrar no processo sob pena de perder uma oportunidade mercadológica e de afirmação da imagem perante o público consumidor, através da identificação com seus anseios. Mas há também outro fator que não pode ser relegado: a presença da Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), empresa de comunicação, mesmo que tardiamente. Esse papel foi fundamental e caracteriza um “processo de regionalização pelo qual estão passando algumas redes de televisão, com produção e emissão de caráter regional (Oliven, 1985, p. 34), resultando em uma comunicação mais identificada com as populações localizadas fora do eixo da produção nacional. (JACKS, 2003, p. 116)

Neste sentido, o Grupo RBS desenvolveu uma série de campanhas publicitárias promovendo a Semana Farroupilha através de suas diferentes plataformas, incluindo neste íterim, o próprio Pioneiro. Para a análise quantitativa anteriormente efetuada, classifiquei estas campanhas dentro da seção de anúncios comerciais devido à sua semelhança de diagramação e imagética com outros anúncios comerciais de grandes redes varejistas<sup>149</sup>, embora possuam um caráter diferenciado por demonstrarem a função que a própria mídia se arroga em relação ao tradicionalismo e à Semana Farroupilha.

O ano de 2004 é o primeiro ano em que encontramos estes anúncios. São publicados em oito dias próximos e na Semana Farroupilha de 2004, patrocinados pelas empresas Renner, Zaffari e Vivo, além da CEEE e do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. A partir de 2005, estes anúncios são também patrocinados pela RBS,

<sup>147</sup> Pioneiro, 21 de set. de 1996, p. 16. Ver figura 18 do Anexo.

<sup>148</sup> Em estudo efetuado na área da comunicação social, Jacks menciona que “muitos publicitários entrevistados apontaram a RBS como a responsável por “impor” a cultura que chamaram de gaudéria à população do Estado”. In: JACKS, Nilda. *Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional*. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 93.

<sup>149</sup> Como exemplificado na figura 52 do Anexo.

junto a outras empresas privadas, de economia mista e do próprio Governo do Estado. Neste ano foram oito publicações deste tipo, ocupando páginas completas com imagens de gaúchos a cavalo e frases do tipo: “A Semana Farroupilha é muito especial para os gaúchos. A programação da RBS também tem que ser”<sup>150</sup>; também jovens tomando chimarrão e a frase: “Você é muito mais apegado às tradições do que imagina”.



Figura 43. Pioneiro. 17 de set. de 2005. p. 17.

<sup>150</sup> Esta frase promocional de uma campanha promovida pelo Grupo RBS vai diretamente ao encontro dos apontamentos de supracitados de Jacks (2003).



No ano de 2006, os 10 anúncios publicados deste tipo tinham como lema “Sou fã do Rio Grande” e as imagens recorrentes alternavam-se entre homens pilchados em uma roda de chimarrão a um jovem realizando manobras com um skate com as cores da bandeira do estado. Em 2007, além da RBS, duas empresas estatais e o próprio governo do estado patrocinaram a campanha, com o lema “Como é grande meu amor pelo Rio Grande”. Com um pequeno texto sobre as várias formas dos gaúchos expressarem seu amor pelo Rio Grande, apontava que “O importante é viver intensamente essa paixão. Participe das comemorações da Semana Farroupilha”. Em 2008, uma campanha com mensagens similares às do ano anterior, também com apelo afetivo, mesmos patrocinadores e uso de um coração como imagem principal.

Nas figuras 41, 42, 43, 44 e 45 do Anexo encontramos diferentes exemplares destas campanhas, que se destacam pela pouca textualização e amplos recursos imagéticos, operando por meio do reforço visual de determinados símbolos gauchescos<sup>151</sup> a valorização das representações concernentes à identidade regionalista sul-rio-grandense.

Percebe-se através das imagens e mensagens utilizadas nestas publicações uma clara tentativa de popularização de determinados elementos simbólicos tradicionalistas, com vistas a atingir variados segmentos sociais e de relacioná-los às comemorações da Semana Farroupilha levadas a cabo pelo Grupo RBS junto ao governo e outras empresas sediadas no estado. No âmbito desta pesquisa, em relação ao público leitor destas mensagens no jornal Pioneiro, podemos concluir que a contínua disseminação destas representações é mais um indicativo do apelo que contém perante o grande público e como atuam no reforço da positivação destas representações enquanto próprias de um *ethos* dos habitantes do estado.

Os anúncios comerciais publicados no periódico no espaço de tempo analisado também demonstraram uma evolução interessante. Entre os primeiros anos da década de 1980 até 1994, os poucos anúncios encontrados se constituíam em pequenas propagandas de bailes tradicionalistas em alguns estabelecimentos noturnos de caráter popular de Caxias do Sul. A partir de 1997, começam a ser publicados anúncios de grandes empresas de telefonia móvel e redes de supermercados e de eletroeletrônicos. Percebe-se que aquelas sediadas no estado do Rio Grande do Sul aproveitam este momento de celebração tradicionalista para reforçar um vínculo com o estado e com o

---

<sup>151</sup> Campos, cavaleiros, bandeiras do estado, chimarrão, churrasco, entre outros.

público consumidor da sua região de origem, ao passo que as empresas nacionais aproveitam as representações desta data comemorativa para a criação de laços com o público alvo.

Durante os 30 anos pesquisados, apenas o ano de 2002 apresenta anúncios de pequenas lojas locais de produtos e indumentária tradicionalista, bem como de oferta de cursos de danças gauchescas. Embora tenha sido notório o crescimento no setor de comércio e fabricação de produtos vinculados ao tradicionalismo na cidade durante o período analisado, isto não se reflete na publicação de anúncios comerciais destes estabelecimentos no periódico.

Faz-se necessário apontar a mudança no decorrer do período da exposição da Semana Farroupilha e do tradicionalismo através das capas e contracapas do jornal. A exposição de determinado assunto nestes espaços é um claro demonstrativo do apelo que causam perante os consumidores, tendo em vista que a capa configura-se também como um espaço de propaganda daquela própria edição diária. A capa demonstra os assuntos que foram elencados como mais significativos para o público que o jornal visa atingir, que como foi adiantado anteriormente em relação a este periódico, concentra amplos espectros da sociedade caxiense. Também cabe considerá-lo como um espaço significativo de exposição das representações simbólicas que atingem grande impacto social em relação aos habitantes de Caxias do Sul no período analisado.

Entre 1980 e 1995, as menções sobre o tradicionalismo e a Semana Farroupilha encontradas nas capas e contracapas do jornal apresentam características descritivas, com imagens de grupos de danças se apresentando nos eventos e cavaleiros participando de cavalgadas da Chama Crioula que ocorriam na cidade, com frases descrevendo estes eventos em alusão à Semana Farroupilha. Cabe mencionar que tais menções eram pouco comuns, sendo que em alguns anos da década de 1980 nem ocorreram e tiveram alguma intensificação nos primeiros anos da década de 1990.

A partir de 1996, três anos após o jornal estar sob o controle do Grupo RBS, se percebe maior recorrência de menções ao tradicionalismo e à Semana Farroupilha nas capas e contracapas, e um novo tratamento dispensado ao movimento. As imagens passam a demonstrar com certa recorrência crianças pilchadas e em apresentações de danças, pais com filhos pequenos tomando chimarrão, cavalarianos em desfiles com dizeres enaltecendo sobre as comemorações: “Orgulho de ser gaúcha”, “Caxias, a mais gaudéria das cidades”, “Festa à pátria gaúcha”, “Marcha para os heróis anônimos do RS”, “Amor à cultura desde a infância”, “Hora de extravasar o orgulho gaúcho”, “A

tradição desfila de gala na Sinimbú”, “Desfile de virtudes e façanhas”, entre outros, são exemplos do claro tom enaltecedor que o periódico passa a imprimir às celebrações tradicionalistas na Semana Farroupilha.



Figura 51. Pioneiro. 19 de set. de 2009. Capa.

As figuras 46, 47, 48, 49, 50 e 51 apresentam exemplos de capas em diferentes anos, e torna-se perceptível a partir do ano 2000 menções com maior apelo afetivo e

menos “descritivas” de determinadas situações, como se percebe nas figuras 46 e 47, remissivas às décadas de 1980 e 1990 respectivamente. Isto reforça que o jornal não atuou apenas com vistas a difundir determinadas representações acerca do tradicionalismo, como fez uso de recursos e operações variadas para que estas representações fossem progressivamente apropriadas de forma positivada pelo público leitor em geral.

A maioria das menções sobre o tradicionalismo encontradas nesta pesquisa ocorreram sob a forma de notícias e reportagens, publicadas majoritariamente em espaços destinados a assuntos variados das cidades de abrangência do Pioneiro, incluindo neste ínterim, Caxias do Sul. O nome desta seção do jornal variou ao longo destes 31 anos pesquisados, sendo que no início da década de 80, não havia seções que distinguíssem as notícias e reportagens no corpo textual do jornal. Após o início da segmentação, em 1993, tais notícias e reportagens concentraram-se nas seções Variedades, Bom-dia, Região e por fim, Cidades.

Na década de 1980, as notícias e reportagens são escassas e descritivas. Em sua maioria, pequenos quadros apontando o horário do início de eventos relacionados à agenda oficial da Semana Farroupilha, como cavalgadas da Chama Crioula, hasteamento de bandeiras e apresentações de grupos tradicionalistas no Acampamento Farroupilha, e outras que apresentam manifestações tradicionalistas em espaços diversos. Dentre tais notícias e reportagens, algumas são esclarecedoras quanto à popularidade que o evento assumia na cidade. Em 1982, menciona-se um conjunto de palestras promovidas por um CTG local que visam “combater o preconceito contra as danças gaúchas por parte da juventude, que pensam que outros tipos de dança dão mais status”<sup>152</sup>. Em 1984, por exemplo, há uma menção ao uso de bombachas por alguns funcionários de bancos, que finaliza mencionando que “*poucas pessoas sabiam de fato o que a data significa e do que representa para o estado*”<sup>153</sup>. Especificamente relacionado aos objetivos principais desta pesquisa, no ano de 1986, é publicado uma pequena nota sobre a Roda de Chimarrão, evento organizado por um dos entrevistados do próximo capítulo e ligado a um dos CTG focados nesta pesquisa, o Os Carreiros, vinculado à empresa Randon, bem como menções rápidas às atividades de outros CTG

---

<sup>152</sup> Jornal Pioneiro, 11 de setembro de 1982, p. 17.

<sup>153</sup> Jornal Pioneiro, 21 de setembro de 1984, p. 13.

pesquisados<sup>154</sup>. Em 1987, foi publicada outra pequena nota sobre a inauguração do galpão Velha Carreta, de funcionários da empresa Randon<sup>155</sup>.

As reportagens e notícias encontradas na década de 90 demonstram como neste ínterim acentuou-se vertiginosamente o processo de popularização e valorização do tradicionalismo na cidade. Em 1992, o coordenador da 25ª Região Tradicionalista, Sadi Camargo Bortolon, destaca que *“aqui é a região mais rica em tradição. Os tradicionalistas do campo vieram para Caxias, em busca de emprego e trouxeram os hábitos do gaúcho, criando piquetes, invernadas de firmas e CTG na cidade, o que veio a reforçar a cultura tradicionalista na cidade. Hoje a 25ª RT tem 60 CTG, todos presentes na Semana Farroupilha”*<sup>156</sup>. Outra reportagem, do ano de 1994, com o título *“Legítimo gaúcho ganha a simpatia de todos”*, trata sobre Rubens Candeia, fundador do CTG Campo dos Bugres, que *“faz parte de qualquer festa ou movimento tradicionalista, desde que veio para Caxias com apenas 10 anos. Natural de Lagoa Vermelha, foi criado no campo.”*<sup>157</sup>

A figura do *“legítimo gaúcho que pode ser encontrado na Pérola das Colônias”* e os apontamentos de Sadi Camargo Bortolon se coadunam com a reportagem anteriormente mencionada sobre o músico Xiruzinho e com outra reportagem de 2004, sobre um jovem de 19 que após *“perder a conta de quantas vezes pensou em voltar para sua cidade natal, Uruguaiana”*, decidiu permanecer *“depois de fazer um curso de danças gauchescas e de conhecer a hospitalidade do povo de Caxias do Sul”*<sup>158</sup>. Vejo nestes relatos de migrantes de cidades do interior do RS participantes de grupos vinculados ao tradicionalismo em Caxias do Sul exemplos individualizados de uma dinâmica social mais ampla e historicamente situada, um dos cerne da pesquisa proposta neste trabalho. Vejo-os como claros indícios explicativos para o fenômeno de ascensão do tradicionalismo em Caxias do Sul.

Entre os anos finais da década de 1990 e o ano de 2010, as reportagens sobre o tradicionalismo foram paulatinamente deslocadas para as seções especiais, voltando as notícias com um caráter mais descritivo e pouco menos enaltecido do movimento, embora quase sempre elogioso ao regozijo popular gerado pelas celebrações.

---

<sup>154</sup> Jornal Pioneiro, 13 de setembro de 1986, p. 40.

<sup>155</sup> Jornal Pioneiro, 12 de setembro de 1987, p. 3.

<sup>156</sup> Jornal Pioneiro, 21 de setembro de 1992, p. 19

<sup>157</sup> Jornal Pioneiro, 17 de setembro de 1994, p. 2.

<sup>158</sup> Jornal Pioneiro, 11 de setembro de 2004, p. 4.

Nas notícias e reportagens também podemos computar outros dados interessantes, como o crescimento do público presente nas diferentes edições do Acampamento Farroupilha. A mudança no decorrer do período analisado destes números demonstra a popularização do evento, que em 1984 concentrava 3500 participantes na praça central da cidade. A partir de 1985, começam a ser realizadas no Parque Cinquentenário. No ano de 1994, são contabilizadas 60 mil visitantes. No ano 2000, atingia um número aproximado de setenta mil visitantes<sup>159</sup> e em 2010, 260 mil visitantes<sup>160</sup>. Estes números podem ser relativizados na medida em que muitas pessoas comparecem ao evento vários dias dentro da Semana Farroupilha, sendo contabilizadas mais de uma vez. De qualquer forma, demonstra em dez anos uma evolução do público participante de quase quatro vezes, o que fornece claros indícios de um forte incremento no número de adeptos e simpatizantes ao tradicionalismo em Caxias do Sul.

Dentre as notícias e reportagens, também podemos encontrar uma transformação da relação entre o movimento tradicionalista e a classe política local. Em 1994, surge a primeira menção a um prefeito pilchado, quando Mario David Vanin aguardava a chegada da Chama Crioula no Acampamento Farroupilha. Em 1997, menciona-se como prefeito e vereadores de partidos opostos assistem juntos aos desfiles tradicionalistas. Em 1999, o vice-presidente da República, Marco Maciel, é agraciado com um lenço vermelho pelo radialista Cabeleira ao vir para a cidade na inauguração da nova sede de seu partido, o PFL. Em 2003, quase todos os vereadores se encontram pilchados em homenagens a tradicionalistas na Câmara de Vereadores. Em 2005, uma série de relatos sobre a pilcha nova do prefeito, José Ivo Sartori e uma reportagem com o vice-prefeito Alceu Barbosa Velho, intitulada “Orgulho da origem campeira”. No ano de 2006, a participação de uma comitiva da União de Associações de Bairros (UAB) no desfile sem aprovação inicial da comissão organizadora da Semana Farroupilha na cidade, presidida pelo vice-prefeito Alceu, gerou escaramuças entre este e os representantes da entidade, que viraram de costas um ao outro durante o desfile e trocaram acusações de culpa pelo episódio. Em 2008, os dois candidatos a vice-prefeito nas eleições municipais respondem a um vestibular gauchesco elaborado por Manuelito Savaris<sup>161</sup>.

---

<sup>159</sup> Jornal Pioneiro. Caxias do Sul, 21/09/2000, p. 6.

<sup>160</sup> Jornal Pioneiro. Caxias do Sul, 21/09/2010, p. 4..

<sup>161</sup> Presidente do MTG por cinco gestões não consecutivas entre 2001 e 2014.

Durante a década de 1990, tal sucessão de eventos é demonstrativa de como a associação com a temática tradicionalista por parte da classe política<sup>162</sup>, mesmo que sazonalmente para alguns, é vista como uma dinâmica que oferece maior possibilidade de ganho do que perda de capital simbólico perante o grande conjunto do eleitorado. A partir dos anos 2000, a classe política caxiense passa a participar ativamente das comemorações da Semana Farroupilha, sendo que em alguns anos, a própria Câmara de Vereadores monta um galpão no Acampamento Farroupilha. O desfile de 2006, no qual ocorreram as escaramuças entre o vice-prefeito e lideranças comunitárias representadas na UAB, também demonstra como os eventos tradicionalistas desfrutam de significativa visibilidade e institucionalidade bem constituída, para servirem de palco de protestos contra autoridades governamentais locais.

Também destaco a figura 27 do Anexo, sobre reportagem em que o periódico aborda jovens participantes de grupos de danças de CTG que combinam dentro do próprio espaço o comparecimento a um show de *heavy metal*. Tal estilo musical, completamente diverso ao encontrado nestes locais de “culto à tradição”, sempre esteve vinculado a grupos urbanos com um conjunto de elementos simbólicos e representações suficientemente diacríticas para sinalizá-los socialmente, aproximado a uma identidade social, mas diametralmente opostos aos elementos pastoris e saudosistas vinculados à identidade gaúcha proposta pelo MTG. Percebe-se neste relato algo próximo àquilo que Hall e postulam sobre um cenário global onde o acesso à grande mídia e ao mercado de consumo imprimem às identidades um caráter transitório, como uma celebração móvel (HALL, 2006, p. 13), sendo que a escolha por determinado modelos identitários e seu conjunto representacional não implica na impossibilidade de se adotar outros tipos de modelos que pudessem ser apresentados como contraditórios.

Considero que o forte caráter de sazonalidade das manifestações tradicionalistas, possibilitado pelo seu acoplamento à Semana Farroupilha e a outros eventos esporádicos, como shows e rodeios, e pelo distanciamento de uma vida urbana pautada pela exigência de hábitos diferenciados de acordo com outros modelos representacionais, fornece maior possibilidade para a emergência desta identidade

---

<sup>162</sup> Assis Melo, outra figura de destaque no cenário político de Caxias do Sul, líder do Sindicato dos Metalúrgicos, vereador mais votado da história da cidade, candidato a prefeito por algumas vezes e deputado federal entre 2011 e 2014, também passou a se apropriar da temática tradicionalista a partir de determinado época e a dirigir pessoalmente a instalação do galpão do Sindicato no Acampamento Farroupilha.

transitória, mobilizada de acordo com as circunstâncias sociais e as subjetividades individuais.

#### *A ação do Pioneiro frente ao tradicionalismo de acordo com os tradicionalistas*

A analítica empreendida nos subcapítulos anteriores sobre a publicidade conferida ao tradicionalismo pelo jornal Pioneiro no período da Semana Farroupilha entre 1980 e 2010 é reveladora de como o periódico agiu na promoção desta identidade, tanto no sentido de popularizá-la, como em progressivamente imputar-lhe representações positivadas, especialmente após sua aquisição pelo Grupo RBS, em 1993.

A associação entre o esforço do jornal e o claro crescimento das manifestações ligadas ao tradicionalismo na cidade no mesmo período demonstra como esta ação empreendida pelo periódico provavelmente foi eficaz em seu intento, ou pelo menos, lhe possibilitou a simpatia em um crescente público consumidor. De qualquer forma, para que possamos analisar com maior acuidade o papel que o jornal O Pioneiro desempenhou na promoção do tradicionalismo na cidade, é interessante acessarmos as narrativas elaboradas pelos tradicionalistas entrevistados sobre a importância que reconhecem no Pioneiro como promotor do tradicionalismo local.

Tais narrativas fazem parte dos depoimentos obtidos junto a lideranças e participantes dos CTG focados. Dentro da estruturação previamente acertada das entrevistas, como última questão, os doze entrevistados foram questionados acerca da importância/influência que o Pioneiro teve para o tradicionalismo em Caxias do Sul, se ajudou na promoção do movimento na cidade.

Dos doze entrevistados relacionados aos CTG pesquisados, nenhum apontou que o jornal não tenha apoiado ou influenciado o crescimento do tradicionalismo, ou que na sua cobertura sobre a temática tenha tratado o movimento com menosprezo. As narrativas dividem-se entre alguns que apontam que o jornal poderia ter apoiado mais, outros que acreditam que começou a dar mais espaço na medida em que o tradicionalismo se popularizou na cidade e um terceiro grupo que menciona a atuação do jornal como importantíssima para divulgação do movimento.



Zanildo Barbosa<sup>163</sup> assinala que esta influência “foi fraca”. Aponta rapidamente como participou de programas midiáticos de caráter “cultural” sobre o tradicionalismo mas que tiveram pouca audiência, justificando que o “cultural é complicado”, que “não dá audiência”. Gervásio<sup>164</sup> em sua narrativa designa os programas de rádio como principais promotores do tradicionalismo no que tange à mídia, tecendo elogios à atuação de um radialista local amigo seu, e relativizando a importância do jornal. José de Oliveira<sup>165</sup> acredita que a mídia “até teve alguma influência” na promoção do tradicionalismo em Caxias do Sul “mas não acha que fosse tanto”, salientando que foi “mais aquele movimento popular que deu certo”.

Cabe apontar que embora sejam aqueles que tenham chegado mais próximo a uma negativa da importância da mídia e do periódico na ascensão do tradicionalismo, não se encontra nas narrativas destes três entrevistados elementos contundentes de reprovação à postura do jornal. De fato, parece-me que constroem suas narrativas focados em apontar aspectos relacionados tanto às suas experiências pessoais como sobre suas perspectivas próprias do por que da ascensão do movimento. No caso de Zanildo, sua preocupação com a baixa demanda por programas culturais e certo esvaziamento intelectual na base do movimento, nos próprios CTG; Gervásio, em ressaltar a importância dos programas de rádio vinculados ao tradicionalismo, com menção ao radialista Cabeleira, reconhecido no meio tradicionalista como grande promotor de eventos relacionados à temática; e José, em apontar a espontaneidade popular do movimento, argumentação encontrada com recorrência em suas narrativas.

A maior parte dos entrevistados assinalou em suas narrativas que o Pioneiro teve um papel importante na difusão do tradicionalismo, embora alguns apontem que o jornal tenha assumido tal linha de ação com certo senso de oportunismo comercial, acompanhando o crescimento das manifestações e de um intrínseco público consumidor destas notícias:

---

<sup>163</sup> Zanildo Barbosa foi o principal dirigente do Grupo Nativista Sinuelo, formado por funcionários da empresa Eberle/Mundial, entre fins da década de 1980 e os anos 2000, sendo que quando da sua filiação junto ao MTG, foi homenageado como patrão de honra. Com participação no movimento tradicionalista desde a década de 1960, nas internadas e coordenação de grupos de dança e em vários CTG, o entrevistado dirigiu sua atenção a estudos sobre o tradicionalismo, atuando como palestrante e brevemente como radialista.

<sup>164</sup> Gervásio Padilha foi patrão do CTG Velha Carreta em fins da década de 1980, sendo que anteriormente era coordenador de internadas em outro CTG local.

<sup>165</sup> José de Oliveira foi o primeiro patrão do CTG Velha Carreta, de funcionários da empresa Frás-le e um dos principais indivíduos envolvidos no processo de organização deste grupo.

Antônio: Sim, hoje bem mais. A mídia está ajudando bem mais hoje. (...) hoje a mídia dá um apoio muito grande. E tempo atrás talvez não pela época mesmo, tava tudo muito no início, tinha um público menor, hoje são outros tempos.

Bruna: Acho que eles acompanharam a evolução também. Eles viram que o tradicionalismo ganhou muito espaço na nossa cidade, com isso eles também estenderam o trabalho da mídia. (...). A gente tem também o apoio do Pioneiro, (...) mas acredito que sim, a mídia se expandiu junto com a tradição, foram acompanhando. Quanto mais eles falarem melhor.

Com opinião similar à de Antônio<sup>166</sup> e Bruna<sup>167</sup>, Roni Martins<sup>168</sup> vê na atuação do jornal um importante apoio para o aumento dos adeptos a esta identidade tradicionalista, sem descartar esse caráter comercial do periódico. Questionado se o jornal desempenhou papel importante na promoção do tradicionalismo na cidade, apontou:

Roni: Sem dúvida. O jornal Pioneiro, ele começou, quando ele... Por que a imprensa é assim né, quando ela nota que a coisa dá ibope (sic), é importante, ela segue, vai pelo mesmo caminho. Então quando começou a surgir estes movimentos, festivais, etc., quando a Semana Farroupilha começou a crescer aqui na região, e hoje é uma das maiores, o jornal Pioneiro fez muita matéria, incentivou, divulgou, enfim, isso também ajudou muito a região a tomar conhecimento e até ter motivação, as pessoas liam, se motivavam e iam, participavam e tal dos movimentos que eram feitos aí, começou os rodeios aqui também.

Outros entrevistados responderam ao questionamento de forma simples, apontando a influência do jornal para o crescimento do tradicionalismo na cidade como “importante”, ou “importantíssima”, sem apontar o porquê de tal afirmação e encaminhando suas narrativas para apontamentos diversos à pergunta efetuada. Tais narrativas foram comuns com entrevistados que possuíam uma narrativa mais engessada, um discurso formatado a respeito dos assuntos que estavam sendo abordados na entrevista.

Entre as narrativas dos entrevistados, considero a de Gilmar Bristot uma das mais reveladoras a respeito do impacto que a mídia teve na construção de

---

<sup>166</sup> Antônio de Lima, funcionário da empresa Marco Polo entre 1985 e o momento da entrevista, foi patrão da CTG Marco da Tradição entre 2005 e 2007.

<sup>167</sup> Bruna de Lima começou a participar do CTG Marco da Tradição em 1997 até 2007, depois fez parte dos grupos de dança dos CTG Laço da Amizade, Rincão da Lealdade e Os Carreiros.

<sup>168</sup> Roni Martins, funcionário da empresa Mundial foi patrão do Grupo Nativista Sinuelo e do CTG Sinuelo entre os anos 2000 e 2007.

representações positivadas do tradicionalismo e na ampliação de sua base social. Gilmar Bristot<sup>169</sup>, oriundo de regiões coloniais do interior de Caxias do Sul e descendente de imigrantes italianos, mesmo antes de ser questionado a respeito da influência do jornal Pioneiro na promoção do tradicionalismo em Caxias do Sul, apontou como uma das causas principais para o crescimento desta identidade as projeções propaladas pela mídia.

Gilmar: Eu acho que teve uma época em que os meios de comunicação mostravam muito a questão de que um povo tem que ter uma herança, tem que ter uma tradição, uma cultura, acho que a partir dali é que começou a se ver melhor o tradicionalismo, do que realmente o Rio Grande tinha de bom, de cultura. Acho que teve nesse período o envolvimento de pessoas de alta, de superiores, de prefeitos, vereadores, deputados, que acho que buscaram isso e tentaram trazer á tona. Acho que foi isso que motivou a mostrar o que realmente o Rio Grande tinha de cultura. (...) houve uma época, não me lembro qual época, em que se ouvia falar nesta questão de cultura. Se falava muito que o Nordeste tinha aquela cultura, então eu acho que o Rio Grande começou a perceber isso aí mesmo, até porque o Rio Grande teve uma guerra onde tinha o lenço vermelho, o lenço branco, e maragatos e chimangos, e tudo isso, acho que ajudou bastante, a tentar reviver aquela coisa né, acho que foi muito interessante isso aí. (...) o Pioneiro ajudou bastante e o Pioneiro ainda ajuda bastante nesta questão de cultura e mostrar o que acontece em relação a isso em Caxias, acho que o Pioneiro ajuda sim.

Ao analisarmos sua narrativa e o perfil social de Gilmar (que ao contrário de quase todos os outros entrevistados, não é oriundo de regiões campesinas), podemos perceber como o Pioneiro e a mídia em geral operaram com eficácia na positivação e popularização das representações referentes ao tradicionalismo para indivíduos que não tivessem desde jovens experiência com elementos do “*ethos* do gaúcho ideal” propalados pelo tradicionalismo. A experiência pessoal de Gilmar em relação a esta identidade regional pode ser um exemplo individual de um movimento mais amplo e abrangente, demonstrativo de como a mídia e o jornal atingiram com maior impacto espectros populacionais específicos e explicando a presença não apenas de migrantes recentes à Caxias do Sul nos CTG, mas também de descendentes de imigrantes italianos.

---

<sup>169</sup> Gilmar Bristot, funcionário da empresa Randon participou por um breve período durante a década de 1990 do CTG Velha Carreta e a partir de 1995 até o momento da entrevista, participou do CTG Os carreteiros.

### CAPÍTULO 3 – ESTABELECIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DOS CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS DOS FUNCIONÁRIOS DAS GRANDES EMPRESAS METAL-MECÂNICAS DE CAXIAS DO SUL

Este capítulo terá como foco principal as trajetórias dos CTG e sua relação com identidades e memórias envolvidas no estabelecimento e manutenção dos grupos nativistas e Centros de Tradições Gaúchas formados por funcionários das grandes empresas metal-mecânicas de Caxias do Sul. São os CTG Os Carreiros, formado por funcionários do grupo Randon em 1992; Sinuelo, formado por funcionários da Eberle/Mundial em 2003; Marco da Tradição, formado pelos funcionários da empresa Marcopolo em 1986; e o Grupo Tradicionalista de Cultura Nativista Velha Carreta, formado por funcionários da empresa Fras-le em 1984.

A escolha destes CTG como objetos de pesquisa se deve a presença de algumas características que os tornam significativos dentro do cenário de manifestações tradicionalistas da cidade como a continuidade de suas atividades dentro de um espaço temporal significativo, evidenciando a manutenção e renovação de um grupo significativo de participantes fixos; a criação de eventos próprios com milhares participantes, indicando crescente alcance e penetração social das atividades que desempenharam; contínua participação em concursos de danças e outros eventos dentro do calendário de manifestações tradicionalistas da cidade, indício de que assumiram relevância e até protagonismo neste cenário; a realização de atividades e encontros entre estes grupos, demonstrando o reconhecimento dentre estes próprios CTG de um perfil similar de público que comportavam e de atividades que desempenhavam.

Neste sentido, cabe informar que estes não foram os únicos grupos tradicionalistas locais formados por funcionários de grandes empresas específicas, vinculados às associações recreativas de funcionários destas. O primeiro CTG deste tipo, o Negrinho do Pastoreio, surgiu ainda em 1974, formado por trabalhadores das empresas têxteis Sehbe. Entretanto, antes da década de 1980, o grupo se desvinculou da empresa e continuou por conta própria, assumindo um perfil diferenciado dos CTG pesquisados. Outros casos de grupo tradicionalistas formados por funcionários de empresas remetem a um grupo tradicionalista de funcionários da empresa Agrale, que não chegou a formar um CTG e o CTG Ângelo Francisco Guerra, de funcionários da empresa Guerra, do qual as principais atividades estão vinculadas a um piquete de

laçadores. Como será apontado a seguir, o piquete de laçadores é um grupo pequeno e com pouco contato entre seus membros, formado para que estes possam participar de torneios tradicionalistas com atividades de laço, formando um grupo de pouco alcance social e heterogêneo.

O recorte temporal de pesquisa sobre estes grupos compreende as décadas de 1980, 1990 e os anos iniciais do século XXI, com uma pequena margem para os anos anteriores a 1980 em virtude de alguns grupos terem seus momentos iniciais ainda em fins da década de 1970. Antes do registro destes grupos como entidades tradicionalistas junto ao MTG, todos passaram por certo período, alguns até vários anos, como independentes ao movimento, como departamentos tradicionalistas dos núcleos recreativos e atléticos dos funcionários destas empresas. Embora nestes momentos iniciais ainda não estivessem vinculados ao movimento tradicionalista institucionalizado, as dinâmicas concernentes a este período também serão abordadas.

Para a realização do levantamento de fontes para essa dissertação, os entrevistados foram selecionados a partir de um diálogo inicial estabelecido com as diretorias atuais destes CTG. Os CTG foram visitados em dias da semana em que estavam promovendo ensaios e estabeleceu-se conversa com os responsáveis pelas instituições, que são os patrões, vice-patrões e secretários<sup>170</sup>, aos quais foi questionado sobre a existência de um acervo documental ou de fotografias do CTG. Foi solicitada a disponibilização do material para pesquisa, explicando que se tratava de uma pesquisa vinculada a uma dissertação de mestrado em história. Também foi requisitada a indicação de três indivíduos para entrevistar que poderiam disponibilizar narrativas detalhadas sobre a história do CTG, cada um preferencialmente ligado a uma década (80, 90, 2000), visando abarcar de forma mais completa sobre a formação do CTG, seu estabelecimento e manutenção.

Todas as lideranças dos CTG contatados demonstraram-se receptíveis, alguns até empolgados com a pesquisa, e disponibilizaram os materiais de que dispunham que poderiam ser utilizados como fonte para essa pesquisa. Pude perceber a manutenção de pequenos arquivos históricos por parte dos CTG, mesmo que simples. Entre os quatro grupos pesquisados, apenas dois tinham de antemão cronologias dos CTG formatadas, que continham informações majoritariamente relativas à sucessão dos dirigentes,

---

<sup>170</sup> Conhecidos como “capataz” dentro da terminologia dos cargos própria a estes espaços.

participações e premiações recebidas por membros do CTG e em concursos tradicionalistas de natureza variada.

Para a realização de entrevistas de história oral, utilizou-se, primeiramente, o critério de solicitar das lideranças dos CTG sugestões de possíveis depoentes. Nesse sentido, leva-se em consideração, para a análise dessas fontes, que provavelmente apresentam uma versão favorável aos CTG e à sua estrutura de poder.

Dentre os entrevistados sugeridos<sup>171</sup> pelas diretorias dos CTG, posso apontar alguns traços em comum: todos eram do sexo masculino, não naturais de Caxias do Sul (com exceção de dois entrevistados, nascidos em distritos do interior da cidade), foram ou são funcionários das empresas às quais estes CTG estão vinculados<sup>172</sup>, e nove entre os doze foram patrões destes CTG. Outro traço comum em todos os entrevistados foi a participação ativa como liderança do CTG, mesmo que alguns não ocupassem efetivamente postos nas diretorias. Alguns participaram dos CTG por vários anos e até décadas, outros ficaram envolvidos por alguns poucos anos. Em relação a isto, é importante apontar que a condição de participante/dançarino das invernadas, coordenador de invernadas ou patrão pressupõe uma presença contínua no CTG, no mínimo de uma vez por semana no período da noite em dias úteis e em vários finais de semana, consumindo importante espaço do tempo livre de que estes indivíduos dispunham. Desta forma, percebe-se que a adesão efetiva a um CTG, mesmo que não tenha sido por muitos anos por parte de alguns entrevistados, não os desautoriza como fontes de informações relevantes destes espaços.

As entrevistas basearam-se em um roteiro previamente estabelecido que orientava a conversa que o pesquisador realizava com o entrevistado. O roteiro tinha cinco eixos de questões principais, previamente apresentadas aos entrevistados, visando abordá-los a partir de uma linha comum. Inicialmente coletaram-se dados do entrevistado relativos à idade, naturalidade, trajetória profissional, inserção no tradicionalismo e nos grupos e posições pelas quais passou nos grupos. Em seguida, os

---

<sup>171</sup> Dos entrevistados sugeridos pelo CTG, se deixou de entrevistar apenas um, devido à impossibilidade de contatá-lo. Em seu lugar, decidi entrevistar alguém com perfil diferenciado, do sexo feminino e jovem, mas também bastante envolvido com o objeto de pesquisa. Esta entrevista com alguém de perfil diferenciado dos outros entrevistados, objetivou a possibilidade de emergir outra perspectiva sobre as temáticas abordadas.

<sup>172</sup> Embora a maioria dos participantes das diretorias dos CTG sejam do sexo masculino, enquanto contatei os CTG, pude perceber a participação de duas mulheres na diretoria, - as duas na condição de secretária - entre os quatro CTG pesquisados. De fato, nos CTG pesquisados, pude perceber que entre os membros, a participação de homens e mulheres é praticamente equitativa, na medida em que a participação em suas atividades exige números aproximados para que sejam formados casais para os pares de dança.

questionamentos dirigiam-se à história do CTG (Conte a história do CTG), a evolução de suas atividades, a criação e participação em eventos diversos, a relação com a empresa, o número de participantes. O terceiro eixo de questionamentos referiu-se ao perfil dos participantes destes CTG (Quem participava aqui do CTG?), com questionamento em relação a estes de dados similares aos dos entrevistados. O quarto relacionava-se à inserção destes tradicionalistas na sociedade caxiense e as mudanças deste processo no decorrer do tempo (Os CTG são valorizados aqui em Caxias?). Por fim, questionava-se a influência dos meios de comunicação na ascensão do tradicionalismo na cidade, com o objetivo de coligir estes depoimentos com a discussão empreendida no segundo capítulo deste trabalho (Qual foi a importância do jornal *Pioneiro* para o tradicionalismo em Caxias do Sul?).

Deve-se levar em consideração que em virtude das diferentes narrativas construídas pelos entrevistados e dos diferentes caminhos que uma entrevista pode tomar na tentativa de se obter informações em maior quantidade e qualidade, os questionamentos se desdobraram de forma diferenciada com cada entrevistado, por vezes alterando inclusive a ordem da proposição inicial.

Por fim, cabe mencionar que alguns dos questionamentos realizados junto aos entrevistados serão utilizados com maior aprofundamento no próximo capítulo, que terá como foco principal as memórias. Neste capítulo, será efetuada uma análise de como os depoentes constroem uma narrativa sobre a história dos CTG aos quais foram ou estão vinculados, em torno do segundo eixo de questionamentos, (quando os entrevistados foram perguntados acerca da história dos CTG), articulada com as fontes que existem nos acervos dos CTG.

### *Os Centros de Tradições Gaúchas*

Um Centro de Tradições Gaúchas é uma espécie de clube, em que os integrantes pagam uma mensalidade de valor relativamente baixo em comparação com outros clubes para participar de suas atividades. Os Centros de Tradições Gaúchas tem como modelo o 35 CTG, fundado em 1948 em Porto Alegre por jovens estudantes secundaristas oriundos do interior do estado e que foram nas décadas seguintes considerados os próceres do tradicionalismo.

Entre estes momentos iniciais do movimento tradicionalista até o início do recorte temporal deste trabalho, na década de 1980, os CTG transformaram-se em seus aspectos principais. Se inicialmente funcionavam como espaços de vivência onde se imitavam os hábitos do interior, após proliferarem-se pelo estado do Rio Grande do Sul e até pelo Brasil e passar por um intenso processo de regulamentação e submissão hierárquica ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, na década de 1980, os CTG já haviam se tornado um espaço de lazer institucionalizado, familiar, tendo nas danças coletivas sua principal atividade.

Os CTG possuem dois setores cujas atividades se voltam a fins completamente diferentes e exigem uma organização interna e dos seus participantes também completamente distinta. É a parte “cultural” ou “artística” e a parte “campeira”. A parte cultural ou artística envolve as atividades de danças, de grupos (invernadas) ou individuais<sup>173</sup>, e exige encontros semanais de seus membros para os ensaios. A parte artística concentra também as atividades de declamações e trovas e alguns materiais para leitura. Exige um espaço físico para estas atividades de ensaio e para a realização de bailes e fandangos, geralmente um galpão com características arquitetônicas específicas.

A parte campeira envolve as atividades relacionadas à lida com animais, com atividades comuns em rodeios, como tiro de laço e outros. Este setor, via de regra, não cria um grupo homogêneo, que se encontra costumeiramente e criam laços de sociais importantes, apenas abre espaço para que competidores destas atividades possam se inscrever nos torneios utilizando o nome do CTG, na medida em que necessitam estar afiliados a alguma entidade para que possam participar, apresentando rotatividade entre os participantes.

Em virtude destas características que dificultam a identificação de um amplo grupo tradicionalista dentro da parte campeira, a pesquisa empreendida neste trabalho sobre os CTG listados focou os departamentos culturais. Dentre as principais atividades do departamento cultural estão as invernadas de danças, que se dividem em cinco categorias: infantil, mirim, juvenil, adulta e veterana. As invernadas de dança são grupos de dança formados por casais de dançarinos, dentro da faixa etária de cada

---

<sup>173</sup> As danças individuais que envolvem participantes do CTG são restritas a participantes do gênero masculino: são as danças “biriva”, nas quais se inclui as modalidades Sapateado, Chico do Porrete, Chula e Danças dos Facões. Tal como nas danças das invernadas, também é necessário ser membro do CTG para poder participar dos concursos destas modalidades de dança.



categoria. Os ensaios destes grupos geralmente são semanais, e quando se aproxima de eventos e rodeios onde estes grupos irão disputar prêmios com grupos de dança de outros CTG, os ensaios podem ocorrer de duas a três vezes por semana.

Segundo dados obtidos com os entrevistados, os CTG pesquisados têm mantido desde fins da década de 1990 um número mínimo de 120 associados<sup>174</sup> (ou dançarinos, como alguns CTG preferem chamar), sendo que alguns chegam a 200. O número de indivíduos associados a um CTG inclui além dos dançarinos das invernadas, os dançarinos individuais, os declamadores e os membros da diretoria (ou patronagem).

É importante apontar que o número de pessoas diretamente envolvidas com o CTG, inclusive presente semanalmente em seus espaços físicos, é obrigatoriamente superior ao número de associados, na medida em que comparece a família dos participantes que são crianças e adolescentes ou de adultos cujo outro membro do casal não participe das invernadas. Em virtude disto, o número de indivíduos que circula pelo CTG durante a semana envolvidos em ensaios é geralmente o dobro do número de associados.

Outro dado que demonstra o tamanho do público vinculado a um CTG é o de participantes de bailes e fandangos promovidos por estas entidades. Os CTG promovem de dois a três grandes bailes por ano, e alguns menores de cada invernada. Nos bailes de maior porte, é comum o número de participantes chegar a seiscentas pessoas, lotando os espaços físicos de que disponibilizam.

A participação como dançarino de um CTG gera um compromisso relevante com os outros participantes da invernada, tendo em vista que a falta de um participante inviabiliza a participação do outro membro do par no ensaio e compromete o treino da coreografia por parte do grupo inteiro. Desta forma, a associação de alguém a um CTG como dançarino ou dançarina implica em um compromisso pessoal no qual se destina interessante parcela do tempo livre de que um trabalhador comum disponibiliza.

### *O tradicionalismo entre os funcionários das empresas Randon: o CTG Os Carreiros*

O Centro de Tradições Gaúchas Os Carreiros foi fundado em 16 de julho de 1992 por funcionários das empresas Randon. Entretanto, é importante ressaltar que

---

<sup>174</sup> O CTG Sinuelo atingiu um número de participantes próximo a este em meados do ano 2000.

formalmente, tal data refere-se ao recebimento oficial do grupo nativista que existia até então da carta de aceite enquanto entidade do MTG. De fato, o surgimento de um grupo de trabalhadores do grupo empresarial desejosos de formar um núcleo de culto às tradições gaúchas remete ainda ao final da década de 1970, quando começa a articulação de alguns trabalhadores da empresa em torno deste objetivo.

Uma das figuras principais deste processo é Adão da Silva, um dos entrevistados sobre os processos históricos relativos à formação e estabelecimento deste CTG.

Adão é natural de Criúva, distrito de Caxias do Sul situado ao norte da zona urbana, em área que compreende o início dos Campos de Cima da Serra. Nascido em 1951, fixou residência em Caxias em 1971, cursou estudos técnicos na área da enfermagem, trabalhou por dois anos no Hospital Pompéia e em 1975 iniciou suas atividades no Grupo Randon, onde trabalhou até sua aposentadoria, em 2007. Neste período, desempenhou suas atividades profissionais como auxiliar de enfermagem. Após a aposentadoria, trabalhou por mais três anos contratado junto ao plano de saúde desenvolvido pela empresa e dirigido aos funcionários, em atividades voltadas à orientação dos funcionários sobre como proceder no seu uso.

“Seu Adão”, como foi costumeiramente referido pela diretoria atual do CTG, foi apresentado como alguém imprescindível de ser entrevistado em se tratando de uma pesquisa cuja temática envolvesse a história deste CTG, sendo apontado como aquele que deu o “pontapé” inicial, um pioneiro do tradicionalismo ente os funcionários da empresa, portador de uma memória invejável sobre estes eventos e predisposto a compartilhar dessas informações com satisfação<sup>175</sup>.

O relato produzido através da conversa que envolvia, de minha parte como entrevistador, os questionamentos sobre a história do CTG, especialmente os processos vinculados aos seus momentos iniciais e sua consolidação, e da parte de Adão, suas devidas respostas, demonstrou que o entrevistado já possuía uma narrativa configurada a respeito da formação do CTG – complexa, com grande quantidade de informações e estruturada temporalmente – que abordava diferentes linhas de ação dos grupos participantes da entidade e que tiveram sucesso na proposta de ampliar o grupo

---

<sup>175</sup> Adão da Silva, apontado como o fundador do CTG Os Carreiros, era à época, enfermeiro, e tinha acesso a praticamente todos os funcionários da empresa. Considero que este aspecto teve ampla relevância junto ao corpo de funcionários da empresa no momento em que se pensa em iniciar um movimento ancorado em trabalhadores que podem estar em diferentes setores, numa empresa que contava com alguns milhares de funcionários no período em questão. Esta ampla rede de relações estabelecida pelo entrevistado, pode ser encarada como um importante capital social que o leva automaticamente a assumir a liderança do movimento tradicionalista em meio a estes trabalhadores.

tradicionalista, ampliar sua visibilidade e importância através da criação e participação em eventos tradicionalistas, sempre num tom gregário entre os envolvidos, como os próprios tradicionalistas, os setores da empresa relacionados às atividades de lazer dos funcionários e o proprietário da empresa.

Após elencar seus dados pessoais e sua trajetória profissional, Adão foi questionado acerca dos movimentos iniciais e dos contatos estabelecidos com as pessoas que objetivavam montar um núcleo tradicionalista. Questionado sobre como o tradicionalismo iniciou na empresa através de sua ação, apontou que:

Adão: Surgiu na verdade, porque a gente que sai do interior sai com uma característica, principalmente a característica da cultura gaúcha. E aí quando ali cheguei em 75, em 1975 já fui verificando o que é que tinha nessa área e não tinha nada. (...) Então fui me unindo junto aos adeptos e aos que gostavam do tradicionalismo e foi surgindo à ideia ali de nós formarmos quem sabe um núcleo do tradicionalismo, algo que desencadeasse um processo de a gente quem sabe formar até um CTG. Foram feitas essas primeiras conexões e quando surgiu mais ou menos a vontade de um número maior, aí eu encabecei. Aí fomos até a direção da empresa para que fosse manifestada essa vontade. A empresa na verdade estava sendo representada pela Associação Atlética da Randon que aí ela coordenava toda a área de esportes e me foi direcionado ali pra ter o primeiro contato. Como houve o respaldo por parte destes, nós fomos ampliando os horizontes, vamos dizer assim, pela abrangência do número de pessoas interessadas e chegamos até a direção da empresa.

De acordo com o relato de Adão, aproximadamente 15 pessoas participavam deste grupo inicial de danças tradicionalistas. Frente ao número aproximado de três mil funcionários da empresa à época, pode se concluir que houve uma participação diminuta dos funcionários da empresa neste momento. É importante ressaltar que Adão atendia a todos os setores na condição de auxiliar de enfermagem da empresa, acessando um amplo espectro entre o total de funcionários da empresa.

Dentro da narrativa de Adão, há menção a um revés significativo para o estabelecimento do grupo tradicionalista. No início da década de 1980, a empresa passa por um período de concordata<sup>176</sup> e reduz gastos em algumas áreas não prioritárias, como a Associação Atlética à qual estava subordinado hierarquicamente o grupo tradicionalista. Segundo Adão ,

---

<sup>176</sup> O que corresponderia atualmente ao processo de recuperação judicial.

Adão: (...) em 1980, nós começamos então, e oficializamos o tradicionalismo ali na empresa formando o quê? Um grupo e naquela oportunidade nós já tínhamos um nome, em que foi dado Velha Carreta. Bom, como veio a crise em 1981, a empresa pediu que a Associação Atlética Randon reduzisse ao máximo os gastos e não foi mais possível, a partir daquela época não foi possível nós contarmos com o auxílio financeiro da Associação Atlética porque estávamos em crise e a Randon entrou em concordata. Bom, quando entrou em concordata nós tínhamos mais era que compreender. Continuamos fazendo os nossos encontros, os nossos ensaios, mas sem aquela perspectiva de formarmos um CTG porque não tínhamos a certeza mais de como a Randon iria se portar perante o mercado, perante... as suas finanças, enfim, estávamos em concordata. Passou 1981, a Randon conseguiu sair daquela fase ruim, pagou-se a concordata, eliminou-se a concordata antes do prazo pré-estabelecido e aí nós voltamos a nos reorganizar – porque muita gente naquela época durante a concordata teve que sair, foi dispensado e dentre esses alguns que faziam parte do grupo tradicionalista e aí nós então nós nos reorganizamos, a partir dali. Em 1985 é que nós podemos dizer assim, que ressurgiu a vontade do tradicionalismo com uma certa intensidade, porque até ali nós não paramos. Mas aí surgiu a ideia de nós formarmos um evento pra que a gente consolidasse o gosto pelo tradicionalismo e reunisse o maior número de pessoas, envolvendo toda empresa. E aí o que aconteceu, surgiu a ideia e nós formamos então um evento a nível de empresa que é a Roda de Chimarrão. Em maio de 1985 nós fizemos a primeira Roda de Chimarrão. Bom, foi um sucesso, inclusive transmitido pela Rádio Difusora na íntegra, desde o princípio, desde a abertura até o final da programação.

O relato construído pelo entrevistado sobre os eventos do período analisado e a abordagem que faz sobre a posição tomada pelos participantes do CTG é marcada por um tom conciliatório que encontraremos com reincidência em outros trechos de sua narrativa. Neste excerto, este viés é especialmente perceptível quando menciona que “*a partir daquela época não foi possível nós contarmos com o auxílio financeiro*”, pois “*estávamos em crise e a Randon entrou em concordata. Bom, quando entrou em concordata nós tínhamos mais era que compreender*”.

Estes apontamentos encontrados na narrativa do entrevistado visam informar uma clara consonância destes trabalhadores com os objetivos da empresa e a compreensão e aceite de decisões que venham a prejudicar momentaneamente sua situação, inclusive com a demissão de alguns de seus pares.

De acordo com os relatos de Adão, tais fatos foram geradores de uma dificuldade que permeou todo o início da década de 1980 em formar um grupo com um número suficiente de pessoas para a criação de um CTG, com internadas e uma estrutura interessante. A realização de um evento novo em 1985, em um período do ano estranho às comemorações da Semana Farroupilha para que se “consolidasse o gosto

pelo tradicionalismo e reunisse o maior número de pessoas” revela uma mudança de estratégia por parte destes tradicionalistas mais engajados. O evento durou dois dias. Segundo Adão,

Adão: (...) na sexta feira nós solicitamos para a empresa liberar o pátio da empresa, que naquela oportunidade tinha um pátio grande, com uma área verde muito grande. E ali nós deixamos à vontade o pessoal acampar, e reuniu na sexta feira uma quantidade grande de funcionários que faziam a sua comida campeira ali. No sábado, bom, no sábado era um evento cultural, na sexta-feira era um evento social entre os convidados das pessoas que envolviam-se para o jantar. Então eu vou te dizer que dessas três mil pessoas que eram da empresa, eu tenho a impressão que no início foi... principalmente na sexta feira, porque envolvia os familiares, tenho a impressão que deu umas 600, 700 pessoas.

A Primeira Roda de Chimarrão organizada pelos tradicionalistas da empresa e pela Associação Atlética Randon é considerada pelo entrevistado como um evento seminal para a promoção do tradicionalismo entre os funcionários da empresa. A grande importância conferida ao episódio por Adão pode ser percebida também em um informativo especial da gestão 2002/2003 da S.E.R. Randon,<sup>177</sup> no qual Adão é o entrevistado principal sobre “O Tradicionalismo na Randon” e reforça a importância deste evento. Neste documento, novamente se evidencia um caráter agregador na narrativa de Adão ao relacionar o tradicionalismo, a empresa e seu proprietário, Raul Randon, quando aponta que *“num pedido de Peão para Patrão, nos foi concedida a oportunidade, pelo Sr. Raul Anselmo Randon, de organizarmos um evento que pudesse ser compartilhado por todos que assim o desejassem”*.

A expressão *“num pedido de Peão para Patrão”*, subjaz associações importantes, reforçando a posição hegemônica do empresário nas relações de trabalho e no universo simbólico do tradicionalismo, associado ao principal dirigente de um CTG. Realiza também uma relativa positivação dos funcionários como “peão”. Embora este termo esteja carregado de certo menosprezo à figura do operário, no meio tradicionalista faz menção a representações de um passado do trabalhador do meio rural que positiva a relação entre peões e patrões como democrática e aproximada. Desta forma, ao mesmo tempo em que cristaliza o posicionamento dos operários e do empresário nas relações de trabalho fabris, imputa de representações positivadas esta relação e valoriza simbolicamente o operário. Aliado a um contexto histórico onde a retenção de mão de

---

<sup>177</sup> Figura 58 do Anexo.

obra qualificada nas indústrias se faz necessária, a cristalização e posituação desta relação de trabalho conciliou interesses tanto dos operários quanto do empresário.

Questionei Adão se essas pessoas compareceram pilchadas ao evento, para investigar se já eram participantes de eventos deste tipo, se já vivenciavam espaços de culto às manifestações tradicionalistas e viram neste evento uma possibilidade de realizarem tais manifestações num espaço próprio às suas relações de trabalho. De acordo com o entrevistado,

Adão: nem todos estavam pilchados sem dúvida nenhuma porque nós é que estávamos implantando o tradicionalismo ali, a cultura ali dentro da empresa. (...) O sucesso foi grande e aí veio a solicitação por parte dos funcionários, até um abaixo-assinado, para que nós realizássemos a Roda de Chimarrão no mês de setembro. Esse pedido foi direcionado à Associação Atlética e eles nos convocaram: (...) Além de aplaudir nós aceitamos e realizamos a segunda Roda do Chimarrão em 1985 durante a Semana Farroupilha e o sucesso foi aumentando, o gosto das pessoas foi aumentando. Então todo mês de setembro, todos os anos, nós realizamos as Rodas de Chimarrão. Hoje é o evento que reúne, congrega o maior número de funcionários e é o segundo maior evento da empresa porque o primeiro evento é a Festa das Crianças onde reúne todos os funcionários de todas as empresas do grupo e mais os familiares. Além de todos os familiares reúne as crianças com idade para serem presenteadas – então esse é o maior evento, fim do ano. Mas o segundo maior evento da Randon, de todo o grupo, é a Roda de Chimarrão, que agora neste último ano que nós fizemos em setembro, reuniu cerca de quase 10 mil pessoas.

A narrativa de Adão, de forma similar às narrativas de outros entrevistados, direciona-se à menção de fatos e fenômenos que proporcionam uma versão valorativa da história CTG e das ações organizadas pelos seus líderes, geralmente apontando os eventos de maior sucesso e visibilidade entre os funcionários da empresa e o contínuo crescimento do número de participantes em suas atividades. A construção deste tipo de relato é decorrente de uma escolha óbvia, que busca valorizar e engrandecer as atividades relacionadas à identidade coletiva do grupo onde se insere a experiência pessoal do entrevistado, de um grande número de indivíduos que compõem seu círculo de relacionamentos e dos próprios portadores dos atributos simbólicos da identidade regional em questão.

A exigência da problematização das narrativas dos entrevistados se justificaria por motivos intrínsecos à ação mnemônica, com suas limitações tão bem conhecidas. Neste estudo proposto, cabe adicionar outras problematizações pertinentes à natureza dos processos históricos abordados, relacionados à ação de grupos que tiveram sucesso

em obter reconhecimento social na adoção de uma identidade regional, frente a uma situação histórica em que tal ato configurou-se como um importante posicionamento dentro da luta social por posituação simbólica. Considerando a memória como algo em contínua reelaboração com o presente e fazendo referência a eventos e processos históricos que perfazem mais de trinta anos, deve-se ponderar até que ponto as narrativas dos entrevistados baseiam-se em constructos coletivos que visam impregnar o passado de seus grupos de significados específicos. Desta forma, esta problematização não se baseia na mera desconfiança da acurácia dos apontamentos das narrativas, mas quais interesses subjacentes podem ser deduzidos quanto aos rumos que as narrativas tomam, das versões sobre a história destes CTG que visam imprimir.

Dentro deste âmbito podemos interpretar as contínuas menções às Rodas de Chimarrão. Pelo grande número de participantes em relação às outras atividades tradicionalistas desenvolvidas dentro do grupo de funcionários da empresa, é possível deduzir que o evento teve importância significativa em popularizar estas manifestações neste espaço de convivência, na medida em que a participação nos grupos de dança exigia uma vinculação mais estreita e contínua. De qualquer forma, considero esta busca por parte dos trabalhadores da empresa em vincular as manifestações tradicionalistas com as comemorações da Semana Farroupilha um elemento revelador de como estes tradicionalistas projetavam um período específico para o incremento das atividades relacionadas a esta identidade, demonstrando o caráter sazonal que este fenômeno identitário já havia assumido. Vejo nesta caracterização desta identidade, mesmo que justificada dentro do seu conjunto de representações por referir-se à celebração de eventos simbolicamente valorativos, uma aproximação da conceituação promovida por Stuart Hall (2006), de apontar as identidades como uma “celebração móvel”

O crescimento do número de participantes do evento entre 1985 e 2010, de 700 participantes a dez mil, tornando-se o segundo maior evento dos funcionários da empresa, demonstra uma adesão bastante significativa. Se levarmos em consideração que o número de funcionários da empresa chegou a doze mil em 2010, quadruplicando em relação a 1985, e que o número de participantes do principal evento tradicionalista aumentou em 16 vezes no mesmo período, pode-se deduzir que o “*gosto pelo tradicionalismo*”, como apontado pelo entrevistado, cresceu entre os trabalhadores da empresa nesses vinte e cinco anos de forma bastante significativa, encontrando cada vez mais adeptos.

De acordo com a narrativa de Adão, na segunda metade da década de 1980, quando as Rodas de Chimarrão já passam a ocorrer anualmente, começa a se articular novamente um grupo de pessoas em torno das atividades tradicionalistas. O ano de 1987 é marcado pela construção de um galpão<sup>178</sup>, cuja finalidade não é unicamente para encontros e festas tradicionalistas, mas cuja arquitetura remeta a isso, e um grupo de danças, o Grupo Nativista Os Carreiros. É importante ressaltar que as movimentações em prol da formação do grupo e da construção do galpão continuam à época sob a liderança de Adão. Segundo ele,

Adão: em 1988 nós já estávamos sentindo a necessidade de formarmos aquilo que em 1980 nós iniciamos, que era um grupo de dança. Em 1988 nós, daí sim, além de idealizarmos, formamos um grupo de dança que se chamou Grupo Nativista Os Carreiros. Antes disso, em 1987, nós fizemos um trabalho e inauguramos o galpão que ainda se encontra ali, nos pátios da empresa. (...) Como em 1981 nós não tivemos a continuidade e não podemos levar adiante nosso pensamento de formar o CTG Velha Carreta, a Fras-le naquela oportunidade absorveu esse nome e transformou então o grupo deles com o nome Velha Carreta. Como nós perdemos junto ao MTG esse nome nós... em conversa com as pessoas que construíram o galpão, que deram apoio para a construção do galpão, me disseram: Quem sabe Adão nós possamos colocar o nome do galpão Velha Carreta (...) Pelo resquício de 1980 que nós tivemos a ideia de fazer um CTG com o nome Velha Carreta. Bom, (...) fizemos o questionamento junto aos funcionários de qual é o nome mais sugestivo que poderíamos colocar para o novo grupo que nós iríamos formar. Vieram vários nomes, mas o nome mais forte era *Os Carreiros*. Foi levado para o seu Raul o nome, de qual que ele gostaria que fosse colocado como nome do CTG e ele me disse: Olha Adão, eu acho que seria um bom nome Velha Estância. Bom, mas como já estava arraigado em nós aquele nome Velha Carreta e tinha que ter uma correlação com o produto que a empresa formava (...), nós pensamos no condutor, daí eu disse: Olha, quem sabe seu Raul, ao invés de Velha Estância, que é um nome muito bonito e sugestivo, nós colocássemos alguma coisa correlacionada com o produto e aí ele perguntou: Mas o que que tu sugere? Disse: Olha, quem sabe, numa pesquisa aí, as pessoas acharam melhor o nome Os Carreiros. E ele aprovou, e aí nós formamos o CTG Os Carreiros. Mas antes, nós formamos o Grupo Nativista Os Carreiros que não tinha ainda a denominação oficial como CTG.

Percebe-se neste trecho da narrativa construída por Adão novamente o tom agregador entre as pretensões dos tradicionalistas e do empresário, além da busca por demonstrar como os tradicionalistas insistiram em vincular seu grupo à produção da empresa. Penso que o apontamento sobre esta linha de ação por parte dos

---

<sup>178</sup> Na figura 59 do Anexo, há uma foto da placa de inauguração do Galpão.



tradicionalistas vise informar um movimento de gratidão, um retorno aos investimentos que a empresa realizou para que fosse possível a construção de um espaço para as manifestações identitárias destes trabalhadores e sobre o apoio financeiro para as atividades dos grupos de dança, sem que tenha deixado de prever vantagens na vinculação nominal a um grupo industrial de destaque numa sociedade cujo universo simbólico possua várias de suas representações positivadas fortemente vinculadas a um *ethos* fabril.

Na narrativa de Adão e de outros partícipes e lideranças do CTG Os Carreiros, é conferida grande importância ao apoio oferecido por Raul Randon à entidade. No informativo citado anteriormente, entre as poucas fotos sobre as atividades do CTG em meio ao texto, há o destaque a uma premiação conferida aos grupos infantis pelo próprio empresário. Percebe-se em relação a esta ação comum dos participantes do CTG um esforço em demonstrar uma associação entre o empresário e o grupo tradicionalista, que no plano das representações, acarreta ao grupo a valorização do aceite e prestígio de uma figura amplamente reconhecida na sociedade local como portadora de valores positivados. Ao mesmo passo, tais informações também demonstram um interesse por parte do empresário no andamento destas atividades, traço que não é comum às outras empresas cujos CTG serão objetos desta pesquisa. Também não é comum às outras empresas o apoio esporádico a compras, além da verba anual, como apontou Adão quando questionado sobre o apoio de Raul Randon.

Adão: O seu Raul, quando nós formamos a invernada artística nós tínhamos os dançarinos, o peão e a prenda, nós tínhamos o conjunto todo, a invernada de dança e nós dependíamos do gaiteiro. O gaiteiro trazia a gaita dele a cordeona dele. Então o CTG não tinha uma cordeona. Daí eu e mais algumas pessoas fomos na sala do seu Raul e falamos: Olha seu Raul, nós temos o CTG, nós temos a invernada de dança, nós temos o gaiteiro, mas nós não temos a cordeona. Daí ele disse: - Vai lá ver o quanto custa que eu pago. Ganhamos a cordeona. Daí nós... quando nós formamos o piquete, nós tínhamos alguns que tinham os seus animais, mas com precariedade, um pedia emprestado pro outro... aí chegamos no seu Raul e dissemos: Nós temos a invernada de dança, nós temos agora o piquete de laço, está faltando animais... Aí ele disse: - Adão, fala com o Jorge da RASIP Vacaria, conversa com ele, escolhe um animal lá, o animal é de vocês. Ganhamos um animal.

A menção contínua à estreita relação entre o empresário e os tradicionalistas, tanto nas narrativas construídas na entrevista quanto nos informativos produzidos pela

SER Randon, demonstra a permanência por décadas de um discurso uníssono acerca da proficuidade da relação entre o empresário e os tradicionalistas, procurando vincular o sucesso do CTG a partir desta relação, posicionamento que valoriza tanto o empresário quanto os tradicionalistas. Em 2007, a criação de uma cavalgada em homenagem a Raul Randon, no dia de seu aniversário, por sugestão do próprio Adão é um indício claro deste processo.

Adão: Bom, e aí eu retornei, eu saí da empresa – com tudo funcionando normal – aí eu retornei em 2007 para implantar o plano de saúde da empresa. Quando eu cheguei, o presidente, senhor Craco, presidente da SER Randon naquela oportunidade, me disse: - Bom, agora que tu voltou nós precisamos de mais um evento aí, (...). Pensei quem sabe nós formamos um grupo de cavalgada (...) quem sabe homenagearmos o Seu Raul, mas homenagear devido a quê? Bom, daí claro que nós tínhamos várias razões, mas colocamos três razões bem pontuais: o que representa para nós ali como tradicionalistas (...), desde o princípio que foi procurado ele deu sempre o apoio – então, pelo apoio ao tradicionalismo. Por uma outra razão, o que que poderia ser? Pelo empreendedorismo, por tudo que ele representa, não apenas para empresa, não apenas para Caxias, mas a nível nacional, empreendedor a nível internacional, então o que ele representa para a sociedade no todo como empreendedor. Uma terceira razão, o aniversário dele. O aniversário dele é em 6 de agosto. Disse: - Olha, vamos homenageá-lo por essas três razões. E aí ficou como sendo as três razões aceitas e temos o grupo de cavalgadas. Bom, aí essa é a 105d105ar nossa, agora vamos ter que falar com seu Raul se ele aceita, mas grupo de cavalgada... só grupo de cavalgada? Aí eu disse: - Quem sabe nós formamos uma cavalgada em homenagem a seu Raul com essas três características e fomos até a sala dele e conversamos com ele. Ele aceitou, gostou muito, e aí colocamos uma ideia principal de um Grupo de Cavalgadas Raul Anselmo Randon em homenagem pela data natalícia, pelo que ele representa para o tradicionalismo e pelo que representa para a sociedade em geral como empreendedor.

Os três motivos apresentados como significativos para se criar uma cavalgada em homenagem ao empresário reforçam os apontamentos interpretativos anteriormente mencionados. O segundo motivo em específico, pelo “*o que ele representa para a sociedade no todo como empreendedor*” “não apenas para Caxias, mas a nível nacional e internacional” revela de forma nítida o reconhecimento por parte dos tradicionalistas de valências simbólicas importantíssimas no empresário. Na medida em que o empresário vinha demonstrando durante muitos anos abertura apoiar e participar das atividades dos tradicionalistas, associar-se a ele e às suas intrínsecas representações positivadas apresenta-se como uma escolha patente para os líderes do CTG.

Além da narrativa construída na entrevista de Adão, encontramos indícios importantes para a análise desta relação entre o empresário e o grupo de tradicionalistas da empresa no informativo da cavalgada de 2014, que embora extrapole o recorte temporal de pesquisa deste trabalho, possibilita analisar com maior detalhamento os discursos relativos a este ato. Cabe destacar que tal informativo foi encontrado na sede da 25ª Região Tradicionalista, patrocinado pela mesma e pelo Grupo Randon, demonstrando o alinhamento de todas na veiculação dos discursos que carrega<sup>179</sup>.

A capa do informativo traz uma fotografia do empresário parcialmente trajado com vestes gauchescas. Nas outras cinco fotos do evento retratadas no informativo, três destacam o empresário, sendo conduzido numa charrete pelo próprio Adão. Adão inclusive é o autor de um pequeno poema elogioso impresso no verso do informativo, que contempla os três aspectos mencionados como justificantes de se criar uma cavalgada e um grupo de cavalgada que homenageiem Raul Randon, como a data de aniversário (*marco da existência*), as valências simbólicas ligadas ao empreendedorismo do empresário (*aprendemos com o senhor ter coragem e persistência*)<sup>180</sup> e seu apoio ao tradicionalismo. O último item, ao mencionar “*obrigado pelo legado, deste amor pela Querência*” confere ao empresário um papel de extrema importância dentro do tradicionalismo, apontando-o como gerador de um legado neste sentido.

Tal documento vai em direção àqueles anteriormente mencionados onde se aponta a associação dos tradicionalistas ao capital simbólico do empresário como forma de conferir ao grupo representações positivadas no universo simbólico local. Deve-se destacar que o empresário, de forma menos intensa, também se positiva participando e se associando a diferentes grupos com diferentes identidades coletivas. Por meio de tal linha de ação, seu capital simbólico avança para além do conjunto de representações positivadas da italianidade, alcançando importante reconhecimento em outros espaços e grupos. O apoio conferido aos grupos lhe é retribuído no reconhecimento e valorização no meio tradicionalista relacionado não apenas ao grupo de trabalhadores de sua empresa, mas local, percebido através da ligação da instância regional do MTG com o evento.

Adão da Silva é apontado como a principal liderança do grupo durante as décadas de 1980 e 1990 e foi o primeiro patrão oficial do CTG, permanecendo nesta função até fins da década de 1990. Nos seus anos iniciais, o CTG tinha uma única

---

<sup>179</sup> Figura 55 do Anexo.

<sup>180</sup> Coragem e persistência são valores continuamente associados ao empreendedorismo.

invernada de dança, com 12 pares de dançarinos<sup>181</sup>. Porém, para começar a participar de rodeios e concursos de dança, se tornava premente ampliar o espectro de participantes, sendo que até então, a participação no CTG era restrita aos funcionários da empresa.

Adão: Ali nós chegamos a ter em torno de 12 pares, todos funcionários. Aí com o passar do tempo vai surgindo outras necessidades, vai se ampliando os participantes, não mais só como uma invernada de danças, mas temos que ter os individuais e nos individuais aí são chula, são poesia, declamação, que seja, gaita, essas coisas todas pra participar de um rodeio. Nós também estávamos contando com pessoas externas que se filiassem a nós e entraram como peões e prendas nos representando também, e a partir daí nós não paramos mais e não ficou restrito apenas aos funcionários. Nós abrimos também para pessoas ligadas de uma maneira ou outra com funcionários mas não familiares apenas pessoas com correlação com alguém ali.

Em torno de metade da década de 1990, em data que não pude precisar através das fontes, o CTG possibilitou a participação de pessoas que não fossem funcionárias do Grupo Randon, mas próximas ou indicadas por participantes. Este ato revela a intenção dos principais líderes e participantes do CTG em aumentar o alcance social do grupo e de participar de eventos tradicionalistas conceituados dentro de um campo próprio das manifestações tradicionalistas, os rodeios, que promoviam diversos concursos de danças de acordo com o tipo de dança e a faixa etária dos disputantes. Esta medida pode ser compreendida como uma forma de buscar maior disseminação desta identidade regional, e considero que tenha sido uma motivação relevante. Entretanto, vejo como intento mais significativo nesta incursão a atividades tradicionalistas razoavelmente institucionalizadas o fortalecimento do grupo, o incremento de sua relevância dentro da estrutura da SER Randon, tornando-o reconhecido dentro de um novo campo de relações sociais e justificando os subsídios oferecidos pela empresa às suas atividades.

É durante a década de 1990 que os outros dois entrevistados vinculados a este CTG passam a participar de suas atividades. São eles Realino José Bertoldi e Gilmar Bristot. A análise das narrativas destes dois entrevistados sobre os processos históricos deste CTG e de suas experiências pessoais na associação a uma identidade

---

<sup>181</sup> O número de participantes de cada invernada entre os CTG pesquisados variou bastante no decorrer do recorte temporal, mas geralmente se situou entre 15 e 25 dançarinos. Cada uma possui um coordenador, responsável pela organização do grupo, definição de quais casais participarão dos concursos, e junto com o patrão e coordenadores de outras invernadas, por selecionar e contratar os músicos, coreógrafos e professores de dança.

tradicionalista promovida nestes espaços nos leva a considerar o perfil diferenciado destes dois depoentes em relação a Adão, que por estar vinculado a estas atividades desde os seus primeiros passos e pelo amplo acesso junto às instâncias superiores da empresa, torna-se uma liderança eminente do grupo. Realino e Gilmar começaram a participar do CTG anos após iniciarem suas atividades na empresa, foram funcionários durante décadas, participam do CTG por muitos anos e ali vão galgando postos superiores.

Gilmar Bristot, nato em 1959 na localidade de São João, em Forqueta, distrito de Caxias do Sul, veio a residir no núcleo urbano próximo aos 18 anos, quando começou a trabalhar. Até 1993, trabalhou em algumas empresas do setor metal-mecânico como soldador e montador, quando passou a trabalhar na Randon Implementos.

Antes de iniciar suas atividades profissionais nesta empresa, Gilmar participava do CTG Velha Carreta, dos funcionários da empresa Fras-Le, devido à influência do sogro, que participava deste CTG<sup>182</sup>. Quando já trabalhava na Randon mas ainda se encontrava vinculado ao Velha Carreta, o CTG Os Carreiros criou uma invernada mirim, conclamando os funcionários a inscreverem seus filhos nesta modalidade. Gilmar inscreveu seu filho e a partir de então passou a participar deste CTG.

Gilmar: A gente começou a se entrosar, sabe como que é. Estando lá se fecha mais com esse ou com aquele, e aí começou conversa aqui, conversa ali, e aquela coisa, e o CTG se formando e eles procurando pessoas pra integrar, que fizessem parte né, já que estava iniciando, e aí como tinha os filhos, vieram me perguntar. Eu participava na Fras-le, a família não tava muito a fim de ir para ali, porque estavam entrosados lá, com as pessoas de lá, mas daí insistindo eles vieram para ali.

A narrativa construída por Gilmar durante a entrevista aponta indícios de como a adesão ao CTG e à temática tradicionalista ocorreu também por meio de relações interpessoais, de participação em um espaço de convivência com parentes, amigos e colegas de trabalho, sem que de fato as pessoas partam de uma vivência campesina anterior, ou de locais que as definam como originárias do “campo”. De início, a participação de Gilmar no CTG ocorria por levar os filhos para participar dos ensaios.

---

<sup>182</sup> O sogro de Gilmar Bristot é Alcidino Xavier, outro entrevistado nesta pesquisa. É importante apontar que não houve indicação de um sobre outro, sendo que a proposição para contactá-los partiu das lideranças dos CTG dos quais participavam.

Gilmar: A princípio foram eles que dançavam, aí depois com o tempo a gente foi mais se entrosando, eu comecei a participar no vocal, eu cantava, por um período, depois eu comecei a participar da dança, dançava.(...) Quando tem a internada, os filhos participando, em aula, os pais estão sempre entrosados, conversando, tomando chimarrão, aquela coisa de jogar conversa fora, é mais ou menos dessa maneira.

Gilmar e a esposa participaram de alguns postos relacionados à diretoria do CTG: ela foi secretária e os dois foram coordenadores de internada. Seus dois filhos participaram por vários anos dos grupos de dança e um tornou-se instrutor de dança em outro CTG. Gilmar participou do CTG entre 1995 até o momento da entrevista.

Realino Bertoldi, nascido em 1964 em Nova Petrópolis, veio para Caxias do Sul com três anos de idade, onde estudou e começou a trabalhar com 15 anos, numa empresa de móveis. Em 1984, passou a trabalhar na Fras-le e em 1987, iniciou na Randon como auxiliar de eletricitista e se profissionalizou como eletricitista de manutenção de veículos na Randon Veículos, onde trabalhava até o momento da entrevista.

Realino iniciou sua participação no CTG através do convite por meio de parentes e amigos também funcionários da empresa que já participavam do CTG, no início da década de 1990.

Realino: Foi em 93 para 94. 94 para 95 foi. A empresa sempre fez a Roda de Chimarrão, começou entre 91 e 92, nos já estamos na trigésima primeira, não me recordo bem<sup>183</sup>, daí eu vim participar com um pessoal em 94 para 95. Minha esposa tinha uma prima, cujo esposo fazia parte do CTG, era o vice-patrão na época. Então ela conheceu, viu esta prima dela dançando num grupo, fazendo uma apresentação nesta Roda de Chimarrão, esta prima convidou ela pra virmos conhecer o CTG, e eu tinha um colega que trabalhava comigo lá na Veículos que também fazia parte do CTG, era um dos secretários daqui, e ele me disse: - Então vamos lá que eu vou te apresentar pro pessoal lá. E foi aonde eu comecei a conhecer a cultura gaúcha, a tradição da dança (*ênfase*), porque tem a parte da dança e a parte campeira, onde o pessoal laça, gineteia e coisa assim, e o CTG tem essas duas funções, e eu entrei na parte artística, na parte da dança que é onde eu estou até hoje, há 22 anos já.

O depoimento de Realino indica que a realização destes eventos internos com temática tradicionalista voltados a um público amplo entre os funcionários da empresa

---

<sup>183</sup> Percebe-se um certo conflito quanto a data de realização da primeira Roda de Chimarrão apontada pelo entrevistado. Como a entrevista foi realizada em fins de 2014, e naquele ano se comemorou a 31ª edição da Roda de Chimarrão, um evento anual, deve-se levar em conta *que o evento começou em 1985*, quando teve duas edições, conforme apontado pelo outro entrevistado, Adão de Oliveira.

teve um papel importante no crescimento do número de pessoas ligadas de forma mais direta ao tradicionalismo na empresa. Pode-se deduzir que conferiram mais publicidade às atividades tradicionalistas entre os funcionários que não faziam parte do grupo, abrindo caminho para que aqueles que tivessem alguma predisposição em participar do CTG assim o fizessem.

Na narrativa de Realino sobre a forma como se dá a adesão ao grupo, percebe-se indícios contundentes da importância que as relações interpessoais, em especial as indicações de amigos e parentes, tiveram para que indivíduos se integrassem ao grupo – ainda que dentro do processo de luta por positivação e negatização de representações identitárias de diferentes grupos, os tradicionalistas, em 1995, ainda portassem certos estigmas dentro do universo simbólico local. Isto pode ser mais bem compreendido quando o mesmo entrevistado demonstra que pouco antes de começar a participar de CTG, tinha certa ojeriza pelas representações pertinentes aos tradicionalistas:

Realino: Então eu vesti a primeira bombacha, saí correndo na rua pra ninguém me ver, (...) não quero que ninguém veja. E eu não sabia que aquilo era uma coisa anormal mesmo sendo normal, por que eu também tachava o gaúcho como bombachudo, como boi de bota, coisa assim na época, isso há 25 anos atrás.

Analisando o conjunto de narrativas obtidas através das entrevistas, percebe-se que os participantes do CTG mais envolvidos com as atividades, dispostos a despende boa parte de seu tempo livre às tarefas inerentes à organização e manutenção do grupo e que participam dele por vários anos são candidatos naturais a ocuparem postos de liderança nos grupos. São os casos do entrevistado anteriormente citado, Gilmar, e de Realino. Quando questionado sobre seu envolvimento com a diretoria do CTG, Realino aponta:

Realino: Sim, sempre envolvido, desde que eu entrei, acho que eu fiquei só por um ano apenas ensaiando e ia para casa, daí depois apareceu a oportunidade, fiz parte do departamento jovem do CTG na época, acompanhava e ia nas reuniões da 25ª Região Tradicionalista, de lá para cá eu comecei a fazer parte como coordenador de internada, coordenador de departamento cultural, fui tesoureiro do CTG também, fui vice patrão por sete anos com o patrão Leonel Vargas de Lima, depois fui patrão, e agora estou há quatro anos como vice patrão com o Paulo Brito.

No espaço temporal entre o início da década de 1990 até o ano de 2010, percebe-se um significativo crescimento do número de participantes membros do CTG, aqueles que como citado anteriormente, estão vinculados às atividades de dança e necessitam despende boa parte de seu tempo livre nestas atividades. Tal época coincide com o período no qual Realino participa do CTG, e visto que desempenhou várias atividades ligadas à coordenação do grupo, seu depoimento é esclarecedor quanto aos motivos que levaram a este incremento no número de membros.

Realino: Quando comecei a fazer parte do CTG, nós tínhamos uma média de, nós tínhamos quatro grupos de danças: mirim, juvenil, adulto e veterana. Não passava de 7, 8, 10 pares por grupo e dali pra cá, a gente ficou um tempo peleando nisso, porque a gente não conseguia crescer, não conseguia evoluir, o CTG era sempre quieto, calminho no canto dele, aí depois de um certo tempo pra cá, depois que a gente mudou um pouco o nosso pensamento, (...) a gente trocou tudo, trocou instrutor, trocou músico, o CTG começou a crescer, começou a aparecer nos rodeios... Vamos dizer assim, começou a premiar, que é o que todo CTG procura hoje enquanto entidade. Claro que a gente vai para participar, para fazer o melhor que podemos, mas depois que a gente começou a aparecer mais nos eventos aí fora, o pessoal começou a se chegar mais. Hoje nós temos uma internada com 18 pares. A internada veterana está com 18 pares. A juvenil, que este ano foi o destaque do CTG, ganhou praticamente todos os rodeios em que a gente foi, está com 15 pares. Mirim estamos com 12 ou 13 pares. A adulta com 17 pares. Então a coisa cresceu bastante. Estamos com 150 dançarinos, fora os acompanhantes, como pais que acompanham os filhos na mirim e coisa assim.

Conforme Realino, o fortalecimento do CTG através do incremento do número de dançarinos só foi possível após a liberação de que não funcionários do grupo Randon pudessem participar do CTG. Desde que tal medida foi levada a cabo, ainda na década de 90, os participantes do CTG que são de fato funcionários da Randon tem se mantido em torno de quarenta por cento. Entretanto, a SER Randon exige que os membros da diretoria sejam funcionários do grupo Randon.

Pode-se depreender do depoimento de Realino e no de Adão o tipo de atividades à qual o CTG passa a destinar maior atenção: os concursos de danças em rodeios. A participação nos concursos de danças regionalistas assume a partir de fins da década de 1990, um papel central na organização dos departamentos artísticos dos CTG, e boa parte de suas atividades se voltam à obtenção de premiações nestes eventos.

A disputa por estas premiações e a valorização dos CTG dentro do meio tradicionalista em virtude de suas posições nestes campeonatos é fruto da consolidação



de uma grande estrutura de eventos e atividades vinculadas ao tradicionalismo no estado, sob a supervisão do MTG. O suporte e promoção destas atividades demonstra uma faceta dinâmica do MTG, que baseadas em competições e disputas entre suas entidades associadas, permitem motivação constante para participação dos indivíduos nos CTG e contínuo crescimento e relevância destes espaços. Vejo a contínua menção à importância da participação nestes eventos e atividades por parte deste CTG e dos outros que foram pesquisados, como será visto adiante, um êxito no estabelecimento por parte do MTG de um espaço de relações sociais, erigido em cima de uma tábua de valores específica, que define o posicionamento de diferentes agentes quando portadores de determinados recursos, aproximado à noção de “campo” de Bourdieu. Algo como um campo das manifestações tradicionalistas institucionalizadas do MTG.

*O Grupo Tradicionalista de Cultura Nativista Velha Carreta dos funcionários da empresa Fras-le*

A fundação do Grupo Tradicionalista de Cultura Nativista (GTCN) Velha Carreta<sup>184</sup> por um grupo de funcionários da empresa Fras-le ocorreu em 1984, após alguns meses de articulação e movimentação de um grupo de funcionários interessados em fundar um CTG de funcionários da empresa.

À época em que se contactou a diretoria do GTCN e se estabeleceu conversas a respeito da pesquisa, sobre a necessidade de se obter fontes para análise e de três pessoas para entrevistar que pudessem relatar sobre o início e a continuidade do grupo, o patrão e o vice-patrão encontravam-se em meio à organização da festa de comemoração dos 30 anos de fundação do grupo e haviam recém listado o nome de vários participantes importantes do CTG que seriam homenageados na ocasião. Em virtude de tais circunstâncias, houve por parte destes líderes atuais a sugestão de quase uma dezena de indivíduos que poderiam ser entrevistados.

Seguindo o critério anteriormente mencionado, optou-se por três entrevistados cujas experiências com o CTG contemplassem largo período, para que pudessem

---

<sup>184</sup> O Grupo Tradicionalista de Cultura Nativa Velha Carreta iniciou com o nome de Centro de Tradições Gaúchas Velha Carreta. A troca do nome se deu por ordem da diretoria do Clube Recreativo da Fras-le, que via na nomenclatura de CTG uma equiparação ou sobreposição deste em relação à CRF, ao qual deveria ser hierarquicamente inferior. De qualquer forma, sua estruturação e funcionamento interno são idênticos aos de um CTG.

através da entrevista, constituir narrativas sobre a história do CTG referentes a amplos recortes temporais.

O primeiro entrevistado foi José Antônio de Oliveira, o primeiro patrão do grupo e que assumiu papel central no processo de formação do CTG. José é natural de São Francisco de Paula, nascido em 1946 e passou a residir em Caxias do Sul aos 19 anos de idade. Por três anos trabalhou na Metalúrgica Eberle, em seguida por nove anos na Agrale e em 1978 passou a desempenhar suas atividades profissionais na Fras-le.

À época da fundação do CTG, José trabalhava como encarregado em um setor da fábrica responsável pela produção de embreagens, cargo que correspondente à chefia de um setor. De acordo com José, no início da década de 1980 começaram as primeiras conversas entre alguns funcionários da empresa para a formação de um CTG<sup>185</sup>.

José: (...) aí então começou aquela saudade das coisas e dentro da empresa a gente se identificava com aquelas pessoas que eram do interior e tinha as mesmas vontades. (...) E um dia eu tava passando na empresa e um colega me falou: – Vamos nós fazer isso aí . E eu respondi: – Mas de que maneira, nós não temos nem um gaiteiro, nem um instrutor pra começar! Mas ele disse: - Não, nós temos. Nós temos o Itamar Silva, que toca muito bem e temos o Teixeira, que era um instrutor, trabalha de instrutor de CTG. Daí eu disse: - Ah, mas daí já começa a mudar de figura. Aí conversamos ali entre essas pessoas que gostavam do gauchismo, e daí eu fui em busca. Minha primeira ideia foi falar com o Abelino Cardoso, que na época era um cara popular, e era patrão de CTG. Daí fui até a Rádio Caxias, que ele trabalhava lá, sabia a hora, daí ele me indicou para falar com o coordenador da 25ª RT, (...) ele me deu as coordenadas, o que eu devia fazer, quais eram os primeiros passos e tal.

José elenca o atavismo como um dos elementos motrizes da formação do grupo tradicionalista entre os funcionários ao apontar em sua narrativa que “*começou aquela saudade das coisas*”<sup>186</sup> e dentro da empresa a gente se identificava com aquelas pessoas

<sup>185</sup> À época da fundação do CTG Velha Carreta, José de Oliveira era encarregado de setor, o que lhe permitia acessar também um número interessante de pessoas e estabelecer uma rede de relações importante. O amplo acesso a funcionários e a busca por informações sobre como proceder na montagem de um CTG com diferentes personagens do tradicionalismo na cidade, assumindo a condição de “testa de ferro”, foram sem dúvida elementos importantes para justificar sua posição de primeiro patrão do grupo. Entretanto, embora não tenha revelado na entrevista, acredito que José era visto com bons olhos por parte da diretoria da empresa, na medida em que os diretores à época do Clube Recreativo Fras-le requisitaram-lhe que assumisse como primeiro patrão do grupo quando questionou sobre a possibilidade de se iniciar um grupo tradicionalista vinculado à empresa. Cabe mencionar que José foi eleito operário-padrão da Fras-le no ano de 1987, sendo destaque dentro do informativo bimestral de circulação interna da empresa (Figura 60 do anexo). Isto sem dúvida coloca o entrevistado como portador de um capital simbólico importante dentro do campo de trabalho no qual estava inserido.

<sup>186</sup> No diálogo da entrevista que antecede esta resposta, o entrevistado faz menção ao passado e à sua vida juvenil campesina, onde relata “*a saudade do traje de gaúcho, dos bailões, da convivência entre os*

*que eram do interior e tinha as mesmas vontades*”. A partir disso, ao encontrarem dentro do próprio grupo de interessados indivíduos capazes de assumir posições fundamentais num grupo tradicionalista e contatar as instâncias regionais do MTG, abriram caminho para a fundação do CTG. Na narrativa do entrevistado, aponta-se que em seguida,

José: nós passamos na fábrica, pegando assinaturas pra fazer uma eleição e botar um nome no CTG e eu não tenho assim, certeza, foi anotado alguma coisa mas os caras acabaram perdendo meu caderno lá, mas eram cento e poucas pessoas que estavam envolvidas lá, um número bom. Daí fizemos a eleição pra ver o nome do CTG e os mais votados pra formarem a patronagem do CTG. Primeira patronagem foi eleita direta pelo povo de dentro da fábrica. Mas antes disso, quando a gente estava se organizando, a gente foi falar com o presidente do clube recreativo na época, que era o Gilberto, pra ele ver se a empresa aceitava esse CTG dentro da empresa né, por que a gente não sabia se eles iam aceitar. Aí ele foi lá, falou na reunião de conselho, e os caras disseram que sim, não tinha problema nenhum. Então aí fizemos essa eleição, fizemos uma campanha dentro da fábrica pra arrumar os peões, as pessoas que se interessavam a dançar na invernoada, e em princípio, no início foi só dentro da fábrica. A gente encontrou uma dificuldade grande, tu sabe que a empresa era grande, mas arrumar gente pra dançar assim, até tinham boa vontade, mas nunca tinham dançado em uma invernoada...

Neste trecho da narrativa, considero que o destaque conferido ao caráter democrático da fundação do CTG e ao apoio inicial de um número significativo de funcionários pode desvelar traços gerais da narrativa que fora utilizada na busca em legitimar a reivindicação de formação do grupo junto às instâncias recreativas da empresa. De qualquer forma, este número de mais de cem apoiadores iniciais apontado por José é bastante significativo e o maior entre os CTG pesquisados quando relacionado ao processo de fundação. Justificam um processo relativamente rápido de identificação, formação e homologação junto ao MTG por parte deste grupo em comparação com os outros CTG.

O apoio do Clube Recreativo Fras-le (CRF), entidade que congregava as atividades de lazer dos funcionários da empresa, também foi significativo, no sentido de possibilitar a participação em eventos e um espaço físico próprio para o CTG. Questionado se a empresa apoiou na construção do CTG, José aponta que:

---

*gaúchos, daquele chimarrão, aquela pajada, aquela conversa*”, elementos sobre os quais se referem estas coisas citadas neste trecho da narrativa.

José: ela apoiou, dentro do possível né. Não que ela financiava tudo, mas ela deu uma boa mão, e aí os primeiros trajes que foram feitos para as internadas, cada um tirou do seu bolso e depois reembolsou algumas coisas, mas viagens, algumas coisas eles sempre apoiaram. Nós também tínhamos aquele galpão lá na sede. Na época ele era... Hoje ele foi bem remodelado, ele está melhor. O chão era de piso, então até pra fazer um baile era complicado. Mas daí através do CTG, com muita luta conseguimos o assoalho, a pista de dança no caso, que tem que ser de madeira.

Embora houvesse um apoio financeiro interessante por parte da empresa às atividades do CTG e à formação de uma estrutura física adequada para suas atividades principais, isso não significava a participação dos dirigentes da empresa nas atividades do CTG, como ocorria no caso da Randon. Para José isso se justifica:

José: eles eram convidados, mas assim, em ocasiões muito especiais eles até iam, porque no início nossos ensaios eram dentro da fábrica. Arrumava uma sala aqui, uma sala ali, treinamento. Daí eles não participavam muito. Mas a gente entende por causa do seguinte: a diretoria da empresa, eles não tinham isso no sangue. É a mesma coisa que nós irmos lá para o Rio de Janeiro, chegar lá no Carnaval... Por exemplo, se eu montasse uma empresa lá no Rio de Janeiro, o pessoal lá ia formar um grupo, um bloco de carnaval, eu ia dar apoio porque eu gosto do... mas eu não ia participar, não é meu chão, eu não tenho isso na veia. Eu entendo esse lado. Não se via muito, eles não participavam muito. Eles até davam um apoio financeiro, às vezes com muita luta – a gente sempre achava que merecia mais, sabe como que é, mas eles prestigiaram através do tempo. A prova está é que, eu até hoje me admiro do galpão que tem lá para ensaio do CTG, na parte de baixo – lá inclusive tem uma galeria com a foto de todos os padrões – imagina só, uma construção um prédio que não sai tão pouco dinheiro assim para construir. Houve um investimento que eles fizeram exclusivo para isso.

Em relação ao prestígio que a diretoria da empresa conferia às atividades do CTG, percebe-se uma leve contradição nos depoimentos de José. Em resposta a um questionamento anterior a este, ele apontou que “*as diretorias mandavam representantes, eles davam valor a isso aí*”. Como a citação direta transcrita acima foi em resposta a uma pergunta posterior e específica, deduzo que este pequeno lapso temporal em meio à intensa lembrança e discussão sobre suas atividades em um grupo tradicionalista do qual parou de participar a pouco menos de 30 anos, permitiu-lhe lembrar dos eventos e reelaborar seus apontamentos sobre o assunto. De qualquer forma, sua conclusão continua a mesma: de que a empresa, através de seus dirigentes,

apoiou o movimento, e que a não participação nos eventos não significava falta de suporte, apenas que não comungavam do mesmo “*gosto*”, “*não tinham isto no sangue*”.

Tais apontamentos fazem sentido quando analisamos o direcionamento na construção da narrativa impetrado pelo entrevistado, na medida em que vê na ligação com o passado do trabalhador do meio rural o motivo central da fundação do CTG e da participação das pessoas nestes espaços, algo que não se aplica aos proprietários da empresa, de descendência italiana.

Caberia problematizar sobre a possibilidade de transformação da perspectiva do entrevistado acerca destes eventos, em virtude da construção de sua narrativa basear-se no acesso a memórias submetidas a um amplo interregno temporal, possibilitador de reconstruções e reelaborações na imputação de significados a estes eventos do passado. Entretanto, ao analisar uma entrevista concedida pelo entrevistado publicada no informativo interno da empresa do terceiro bimestre de 1984, percebe-se uma linha discursiva semelhante à adotada durante a entrevista para este trabalho. Questionado na ocasião sobre o porquê de “criar um grupo folclórico gaúcho dentro da empresa”, apontou:

Como todos nós sabemos, grande parte das pessoas que aqui trabalham são oriundas de regiões vizinhas, como Vacaria, Esmeralda, Bom Jesus, São Francisco de Paula e outras cidades onde os costumes nativos são muito mais difundidos e praticados do que aqui em Caxias, então todos nós temos uma carência muito grande de reviver nossas origens e tradições, por isso a ideia de criar um grupo folclórico aqui dentro, para que possamos manter acesa a chama do tradicionalismo que existe em nós.<sup>187</sup>

Destaco como a narrativa do entrevistado sobre os motivos da criação do CTG por parte de um grupo de funcionários da empresa coaduna-se com parte das hipóteses explicativas inferidas por esta pesquisa, que toma como base um número maior de CTG com um perfil de participantes similar ao do GTCN Velha Carreta. Considero que o entrevistado, especialmente em 1984, teve bastante sensibilidade em perceber e analisar os fenômenos sociais que o cercavam<sup>188</sup>, sem adotar um discurso preponderante no meio tradicionalista que reforçava o caráter aglutinador do movimento e que no caso de

<sup>187</sup> FRAS-LE. *Informativo Interno*. Boletim 031, ano 07, maio/junho de 2014. Caxias do Sul.

<sup>188</sup> Deve-se mencionar que todos os participantes da diretoria inicial do CTG, da qual José foi o patrão, tinham sobrenomes não italianos, reforçando o caráter de migrante destes primeiros tradicionalistas.

Caxias, poderia sobrevalorizar a presença de alguns integrantes com descendência italiana nos CTG.

Em outro trecho da entrevista, José aponta mais uma justificativa para a formação do CTG e a necessidade de apoio da empresa às suas atividades, dentro de uma perspectiva de incentivo aos funcionários, motivacional:

José: E mesmo, eu acho que as empresas falam tanto em motivação, e o que que é motivação? É tu apoiar as coisas que o povo gosta. Porque uma empresa, dentro do chão de fábrica, o que move são as pessoas simples e aqui no Rio Grande do Sul, o pessoal não gosta só de CTG, mas é uma coisa que eles gostam.

Com o objetivo de minimizar a rotatividade e aumentar a produtividade da mão de obra, as empresas locais passaram a adotar políticas de gestão empresarial destinadas à valorização dos trabalhadores, tendo como uma de suas linhas de ação principais a realização de investimentos para promoção de atividades de lazer destes funcionários em espaços aproximados da empresa. Visando sua positividade simbólica frente ao corpo de trabalhadores, as empresas tomaram como base um discurso que versa sobre a importância da motivação destes funcionários no desempenho de suas atribuições profissionais, emanado principalmente pelos empresários e funcionários de alto e médio escalão. Neste trecho da narrativa de José, vejo uma apropriação por parte dos trabalhadores deste discurso e um redirecionamento específico, próprio aos seus interesses de ação coletiva.

Embora tivesse um papel central na formação, criação e homologação do CTG, José participou de suas atividades apenas durante o período de sua incumbência como patrão, que foi de dois anos. A partir disso, acompanhou as atividades no CTG de forma afastada, embora tenha apontado em sua narrativa que deveria ter participado mais:

José: (...) sim, só, eu participei do início. Na verdade, eu fui a pessoa que foi atrás – claro que sozinho não se faz nada, peguei uns companheiros para me ajudar – mas quem deu os primeiros passos fui eu mesmo. Fui em busca e como eu tinha começado até me escolheram como patrão, o (...) disse na época que eles aprovavam a criação do CTG mas gostariam que eu começasse como patrão. Mas eu tinha um pouco de dificuldade porque minha família não era muito ligada, minha esposa estava grávida, com alguns problemas aí. Então na verdade eu penso que a minha contribuição foi em ter metido o peito e fundado o CTG juntamente com meus colegas. Eu lembro até hoje e tenho colegas da primeira patronagem que também falam, que eu disse assim: - Eu estou aqui para jogar a primeira semente na terra. Resta saber se vai cair em terra boa ou vai cair numa laje de pedra e

vai morrer. Acho que caiu em terra boa porque até hoje ainda existe o grupo.

A narrativa de José aborda com maior detalhamento o processo de formação do CTG, da organização inicial e dos dois primeiros anos de seu funcionamento. Entretanto, devido à sua parca participação na sequência, não avança no período das décadas seguintes. Para analisarmos o processo de construção de uma identidade regional tradicionalista neste espaço após a metade da década de 1980, utilizaremos como subsídio os depoimentos de Alcidino Xavier e Gervásio Padilha. Cabe apontar que à época da entrevista, Alcidino já apresentava idade avançada e relativa distância temporal em relação aos eventos sobre os quais foi entrevistado, o que dificultou a indicação exata das datas de alguns eventos. Entretanto, como Alcidino foi um dos entrevistados com o qual foi estabelecido contato prévio antes da entrevista gravada, algumas datas foram pesquisadas e anotadas pelo entrevistado para disponibilizar no dia da entrevista. Nas datas não precisadas por Alcidino, procurei cruzar com as datas de outros eventos a fim de se aproximar o máximo possível destes dados.

Natural de Casa Branca, distrito da cidade de Bom Jesus, onde nasceu em 1933, Alcidino Xavier de Oliveira mudou-se para Caxias do Sul em 1979, em virtude da pressão da esposa que queria acompanhar os filhos do casal, que haviam fixado residência em Caxias do Sul.

Alcidino: O que me motivou foram os meus filhos, que precisavam trabalhar e estudar e naquela época em Bom Jesus era difícil fazer essas duas coisas, e aí eles começaram a vir pra cá, veio o mais velho, o segundo, e quando veio a filha, aí a minha mulher ficou querendo vir também por causa da filha. Eu não queria vir morar em Caxias, eu dizia pra eles que não vinha. Mas eles nunca desistiram, sempre me convidaram pra vir. Daí eu vim. A minha mulher, quando veio a filha e ela também começou a querer vir, daí eu tive que concordar com eles e vim.

Em Bom Jesus, onde residiu por 46 anos, Alcidino trabalhava como caseiro<sup>189</sup> na fazenda de um proprietário de uma das mais antigas concessionárias de veículos em Caxias do Sul. Na sua narrativa, Alcidino aponta como viveu a “lida de campo”, algo que dentro das simbologias pertinentes ao tradicionalismo lhe conferia amplo

---

<sup>189</sup> A função de caseiro remete às atividades de um capataz, um responsável por uma fazenda que ali estabelece residência geralmente acompanhado de sua família em edificação distinta à dos proprietários.

reconhecimento dentro do grupo. Questionado sobre a vida em Bom Jesus, Alcidino apontou que:

Alcidino: Minha vida de campo? Foi boa. Fui criado no campo, lutando com gado, com cavalo – lutei muito com cavalo. Fui domador de potro, mas hoje infelizmente, não consigo mais nem montar num cavalo, mas novo eu fui domador. E minha vida de campo foi muito boa, depois casei, depois de casado fiquei 14 anos na fazenda de Boni.

Após se mudar para Caxias do Sul, Alcidino trabalha por alguns anos como açougueiro em dois mercados distintos. Na segunda metade da década de 1980, em ano não precisado pelo entrevistado<sup>190</sup>, Alcidino passa a trabalhar na função de guarda na Fras-le. Questionado se vivenciava outros espaços tradicionalistas antes de entrar na Fras-le, Alcidino aponta que:

Alcidino: O tradicionalismo eu tive que abandonar um pouco, logo que vim pra Caxias, que eu lá sempre gostei muito. Inclusive eu fui um dos fundadores do (CTG) Presilha do Rio Grande, lá em Bom Jesus. E lá eu participava sempre do CTG. E aí quando vim para Caxias eu tive que abandonar um pouco por causa do estudo dos filhos e eu trabalhando. Mas eu tinha o mais novo, que sempre, desde pequeno gostou muito do tradicionalismo. Aí quando fui pra Fras-le, que tinha o CTG recém-fundado, o GTCN Velha Carreta, aí eu entrei lá (...).

Questionado sobre a história do CTG e sobre a sua participação na entidade, Alcidino aponta em sua narrativa a satisfação no envolvimento com o grupo e sua ação frente a um momento de crise do CTG, quando o patrão à época indispondo-se com o grupo e as instâncias administrativas da empresa responsáveis pelo CTG exigiram sua renúncia<sup>191</sup>.

Alcidino: Foi, foi muito bom, teve muitos amigos, conheci muita gente, uns que trabalhavam lá, porque o GTCN, na época, só podia participar funcionários da empresa. Quem não fosse funcionário não podia participar. Então eu trabalhei muito lá, inclusive quando saiu um rapaz lá, que deu um problema com ele, que ele teve que abandonar o CTG e ele não queria. Aí o gerente ameaçou ele com o seguinte: - Ou tu faz eleição pro CTG e bota outro patrão ou então tu passa no

<sup>190</sup> Alcidino aponta que quando entrou na Fras-le, passou a participar do recém-fundado GTCN. O entrevistado anterior, que foi patrão nos dois primeiros anos do CTG, 1984 e 1985, não o conheceu. Cruzando com outras informações apontadas pelos entrevistados e pelo próprio Alcidino, pode-se supor que Alcidino passou a trabalhar na Fras-le em 1987.

<sup>191</sup> Os motivos de tal indisposição com o grupo foram relatados em momento posterior à gravação da entrevista, narrativa da qual não se possui autorização para serem reproduzidos.



escritório e pega tuas contas lá. Aí ele se obrigou né, porque se ele não fizesse, de qualquer maneira ele ia perder o emprego e perdia a patronagem porque só podia se fosse funcionário. Aí ele deixou pro capataz. E o capataz queria botar no quadro mural que o CTG tinha falido, que o GTCN Velha Carreta tinha falido. Aí eu disse: - Não, vamos trabalhar, vamos lutar! Aí eu fui no ecônomo da sede campestre, fui falar com ele e falei... Aí ele mandou eu fazer... Como eu era guarda e tudo que é coisa que é proibida na empresa é com o guarda, então o pessoal não olhava muito bem pro guarda... Mas como eu tive sempre lá, tinha bastante amizade lá, aí eu falei com o cara lá e pedi pra ele que eu queria falar com o gerente da CRF pra nós fazermos uma eleição.

Alcidino aponta que marcou um horário para conversar com o gerente do CRF a respeito da importância da manutenção do GTCN. Estabelecida a conversa, o mesmo lhe orientou a requisitar ao ecônomo da sede campestre que providenciasse um churrasco para 40 pessoas envolvidas com o CTG, dentre os quais se formaria um grupo para compor uma nova patronagem. No dia do churrasco, ao final da janta e com a indefinição de um grupo disposto a assumir a liderança do grupo, o gerente da CRF que estava presente no local estabeleceu um processo simples para a escolha imediata de um novo patrão:

Alcidino: Aí disse: - O patrão não pode votar nem ser votado, mas os outros todos são candidatos. Aí começou a perguntar pra um e pra outro. Mas eles queriam muito que eu assumisse porque eu é que tava lutando, por isso é que até hoje eu chego lá a hora que eu quero chegar e me recebem, graças a Deus, muito bem.(...) . Eu saí com 4 votos na frente, como eles queriam muito que eu fosse patrão. Aí votavam pra cá, votavam pra lá, eram 40 pessoas. Aí tinha o tal de Amâncio. O Amâncio me perguntou, tava antes de mim, perguntou pra quem que ele votava, e tinha uma conversa lá que ele tinha vontade de ser patrão. Só na época o negócio do racismo existia muito forte, que hoje está proibido né. (...) Como ele era preto o pessoal ficava... Mas aí ele queria ser o patrão. Aí eu disse pra ele, levantei, pro pessoal ouvir que ele queria ser patrão né, digo: - Amâncio, o teu voto vale pra você e pode votar pra você mesmo, teu voto vale - e ele votou. Aí o pessoal, continuaram a maioria votando para ele. Aí elegeram o Amâncio.

A função de guarda, que exigia turnos de trabalho nos finais de semana, é apontada por Alcidino como o grande impeditivo para que assumisse como patrão, já que estes dois dias correspondem ao principal momento de reuniões, ensaios e bailes do GTCN. Entretanto, o que mais chama a atenção na narrativa supracitada são os reiterados apontamentos de Alcidino em relação ao fato de Amâncio ser negro e como

isto era visto como problemático para que assumisse a posição de patrão do CTG. Respondendo sobre a patronagem de Amâncio,

Alcidino: É, o Amâncio foi, assumiu e fez uma boa patronagem. Foi um bom patrão, o pessoal lhe queria bem. Pela razão de ser preto né, o pessoal achava que..., como que vai ser um patrão, logo de um CTG? Mas o pessoal respeitava ele, ele manteve a tradição.

Em todas as entrevistas realizadas, a única que contém menções relativa à cor dos indivíduos envolvidos nos eventos e processos históricos discutidos é esta sobre Amâncio. Neste sentido, é importante apontar que os discursos que compõem o ideário tradicionalista sinalizam a sociedade gaúcha como fruto de uma mistura de raças e com forte viés de integração dos diferentes povos que participaram da formação social do estado, tornando o racismo algo abjeto e contrário às suas premissas básicas.

Considero sintomático o fato desta única menção a respeito da questão da cor ter surgido com um entrevistado de idade avançada, cuja narrativa construída na entrevista não se apresentava como algo previamente estruturado, ou que demonstrasse clara intenção de direcionar seus apontamentos a perspectivas específicas sobre a história destes espaços. Alcidino foi entrevistado em dois momentos, sendo que no primeiro, quando não gerou entrevista gravada e transcrita, não mencionou esta situação com Amâncio.

Acredito que esta *falta de uma* (ou ao menos, *não-perceptível*) predisposição em direcionar suas narrativas de modo a estabelecer um significado específico a variados aspectos da história deste CTG, permitiu que este assunto emergisse na entrevista de Alcidino. Tal circunstância pode ser uma das causas explicativas para o fato de apontamentos sobre o mesmo assunto não surgirem nas narrativas dos outros entrevistados. Além de contrário ao conjunto de representações do tradicionalismo, o racismo é atualmente malvisto e socialmente rechaçado, e menções a práticas deste tipo formariam um relato desagradável sobre a história de espaços que os entrevistados valorizam e procuram positivar.

De acordo com Alcidino, durante o período da gestão de Amâncio, provavelmente na metade da década de 1990, o GTCN tinha uma média de 100 membros, demonstrando que mesmo após as dificuldades na troca do patrão anterior, continuava com um número interessante de participantes.

O terceiro entrevistado relacionado ao GTCN Velha Carreta é Gervásio Padilha.

Natural de Refugiado, distrito do município de Vacaria e nascido em 1947, Gervásio deslocou-se para Caxias do Sul em 1966, tendo como motivo maior a busca por um “emprego bom”. Realizou cursos de torneiro mecânico em escola técnica do SENAI e logo começou a trabalhar em empresas do setor metal-mecânico, como Eberle e Agrale. Em 1975 entrou na Fras-le, onde desempenhou suas atividades profissionais até 1990.

Gervásio iniciou sua participação em entidades tradicionalistas locais no mesmo ano em se estabeleceu na cidade, quando começou a participar dos grupos de dança do CTG Rodeio Minuano. Embora já trabalhasse na Fras-le na época em que se iniciaram os primeiros movimentos em prol da fundação de um CTG dos funcionários da empresa, se manteve alheio a este processo por estar ainda envolvido com o outro grupo. Entretanto, relata que o início do CTG tinha um bom número de apoiadores e pessoas disponíveis a participar de suas atividades.

Ao contrário da precisão das afirmações relativas às datas em que iniciou e saiu das empresas onde trabalhou, Gervásio não especifica as datas em relação às suas diferentes formas de participação do GTCN em sua narrativa. Aponta que iniciou “*lá por 1980*”, embora a entidade tenha sido fundada apenas em 1984. Conversando com o entrevistado após o depoimento, chegamos à conclusão que foi alguns poucos anos depois da fundação do CTG, em 1986 ou 1987, que Gervásio começou a participar de suas atividades. Em pouco tempo, tornou-se patrão da entidade.

Gervásio: Quando eu entrei no CTG da Fras-le eu fui convidado para ser patrão porque eu trouxe um conhecimento lá do CTG Rodeio Minuano, de internadas artísticas. Eu até gostava mais de ser coordenador de internadas do que patrão de CTG, mas fiquei de patrão por três anos.

Nesse período inicial, o número de participantes do GTCN era pequeno em comparação com atualmente, mas superior em relação aos CTG de outras empresas. Em processo similar ao apontado no CTG Os Carreiros, do grupo de funcionários das empresas Randon, com o passar dos anos inicia-se uma diversificação das atividades do CTG, englobando funcionários interessados em participar de modalidades novas, o que leva à formação de um piquete de laçadores e novos grupos de danças ligados a diferentes tipos de dança e categorias etárias.

Gervásio: A gente começou com 30 pessoas e quando saí já estávamos em 50, só de participantes do CTG, das internadas. Depois foi

aumentando porque a gente criou os piquetes de laçadores de vaca parada, inclusive a gente conseguiu um sucesso muito grande com o piquete, a gente conseguia troféus, bois de dois anos. Depois vendia, pegava o dinheiro e fazia a festa, com toda despesa paga por conta dos prêmios que a gente ganhava.

Em relação ao apoio da empresa para o CTG, Gervásio cita em sua narrativa que a empresa emprestava o salão onde o grupo realizava as festas e bailes nos quais arrecadava dinheiro para comprar as pilchas, bem como custear outras atividades. Também cita que o proprietário da empresa, Francisco Stédile, apoiava financeiramente o grupo em alguns momentos específicos:

Gervásio: No começo não, mas depois eles começaram a dar bastante apoio quando eles viram que as coisas ficavam mais alegres. No caso, até o seu Francisco Stédile abriu uma continha lá para comprar todas as pilchas para a internada mirim, começando desde a camisa até a espora. Seu Francisco Stédile fez isso para nós.

A narrativa de Gervásio demonstra de forma contundente o reconhecimento positivo pelo funcionário do ato do empresário adquirir indumentária para o grupo de dança infantil com a frase “*seu Francisco Stédile fez isso para nós*”, que no contexto da narrativa, finaliza uma ideia de crescente reconhecimento por parte do empresário das atividades do CTG<sup>192</sup>. Creio que este trecho destacado da narrativa seja revelador do significado maiúsculo que um gesto favorável ao grupo por parte do empresário adquire para alguns funcionários. Demonstra como estes empresários eram tratados por alguns com certa reverência, percebidos como grandes personalidades locais. Detinham grande capital simbólico, muito em virtude de serem socialmente reconhecidos como portadores dos elementos positivados representativos da italianidade, sendo que atitudes favoráveis aos grupos eram percebidas pelos trabalhadores como um sinal de prestígio do grupo.

Nas narrativas de Gervásio e José<sup>193</sup>, podemos perceber em variados momentos a importância que os rodeios e concursos assumiram para a crescente popularização destes espaços, para o crescimento dos grupos de dança e do interesse de pessoas de fora da empresa em participar deles. Como Gervásio refere-se ainda a eventos de fins da

<sup>192</sup> Pôde-se perceber no momento da entrevista mudanças na entonação e na forma de apontar tal informação que impregnaram a fala de maior significância e não podem ser traduzidas de forma integral através desta transliteração

<sup>193</sup> Em trecho não transcrito anteriormente, José utiliza como exemplo do sucesso do grupo sua participação e a conquista de prêmios em diferentes rodeios e concursos de danças.

década de 1980, podemos perceber que tais atividades foram importantes para dinamizar as atividades dos CTG, na medida em que os inserem em um novo campo de relações sociais, como apontado em relação a outros CTG. Sem dúvida, tais atividades permitiram o fortalecimento destes grupos, acarretando em maior alcance social na valorização desta identidade regional.

Gervásio: As festas de rodeio, o pessoal novo começou a gostar, de participar dos concursos, o ENART, que já é uma dança um pouco diferente, mas o pessoal começou a se entrosar nisso aí, e isso aí foi muito bom, pra Caxias do Sul, pra nós como um todo que gosta do meio tradicionalista.

A partir da década de 1990, a adesão ao GTCN Velha Carreta torna-se possível também a pessoas que não eram funcionárias da empresa Fras-le. Como nos outros CTG pesquisados, alguns anos depois desta medida, apenas entre 30 e 40 por cento dos membros do CTG são de fato funcionários da empresa, mas o número geral de inscritos aumenta bastante. O GTCN Velha Carreta, na época das entrevistas, era entre os quatro pesquisados aquele com maior número de membros inscritos e um dos maiores de Caxias do Sul, com aproximadamente 400 participantes.

#### *O CTG Marco da Tradição e o tradicionalismo entre os funcionários da empresa Marcopolo*

Nos anos iniciais da década de 1980, reuniões e jantares particulares de um grupo de amigos funcionários da empresa Marcopolo foram os momentos iniciais do que viria a ser o CTG Marco da Tradição, fundado oficialmente em 1987. Por volta de 1986, os membros deste grupo passaram a se articular em torno da criação de um CTG vinculado à Associação dos Funcionários da Marcopolo (AFM), declarando como objetivo a “*divulgação do nome da AFM e proporcionar uma forma de lazer aos seus funcionários*”<sup>194</sup>.

A aprovação por parte da AFM à proposta abriu margem para o grupo promover apresentações dentro da empresa, especialmente no refeitório, com o intuito de divulgar o grupo e atrair mais participantes. O grupo inicial, de cinco casais, tornou-se um pouco

---

<sup>194</sup> De acordo com histórico interno produzido e disponibilizado pela Fundação Marcopolo.

maior com a divulgação, chegando a oito casais e mais algumas pessoas, como músicos e instrutores de dança.

Neste mesmo ano se realiza a escolha do nome do CTG, conhecido até então apenas por CTG da Marcopolo, por meio de um concurso no qual todos os funcionários da empresa poderiam participar. O nome Marco da Tradição vence o concurso, sendo o nome Marco alusão a “*começo, início de um CTG*”, que “*futuramente se observou que remetia ao nome da empresa*” e tradição porque se destinaria ao culto às “*tradições do Rio Grande do Sul*”.

Deve-se mencionar que as informações até então apontadas tem como fonte uma cronologia produzida pelo CTG e não por entrevistas. Conseqüentemente, considero que deve ser problematizada a informação de que o nome “*Marco*” do CTG foi utilizado pelo seu significado de “*começo, início de um CTG*” e apenas posteriormente à decisão de utilizá-lo se observou sua proximidade com o nome da empresa.

Destaco que os entrevistados mais antigos relacionados a este CTG vinculam-se a ele apenas na década de 1990. A dificuldade em encontrar pessoas que pudessem ser entrevistadas sobre a história inicial do CTG, vinculadas aos eventos da década de 1980, se deve ao falecimento de importantes lideranças iniciais e pelo fato dos grupos de participantes deste CTG terem passado por duas rupturas relevantes. O grupo que protagonizou a primeira debandada fundou o CTG Aruá. Na segunda, em 2006, muitos de seus membros, incluindo alguns dos ocupantes de cargos na diretoria, filiaram-se a outro voltado apenas às atividades campeiras, onde os grupos de dança não existiam. Tal movimento gerou o departamento artístico do CTG Laço da Amizade, fundado em 2006.

Atualmente, o CTG Marco da Tradição está hierarquicamente subordinado à Fundação Marcopolo, instituição responsável pelo gerenciamento das atividades esportivas e de lazer oferecidas aos funcionários da empresa Marcopolo, que contabiliza nas plantas fabris de Caxias do Sul em torno de 9000 funcionários.

O acesso aos entrevistados iniciais se deu após questionamentos junto ao patrão do CTG no período das entrevistas, Dérico Pavian, contatado após buscar junto à Fundação Marcopolo indivíduos que pudessem oferecer depoimentos relativos à história do CTG. Dérico apontou que era mais vinculado ao departamento campeiro, que não tinha conhecimento das pessoas com maior vinculação à história do CTG e que o patrão anterior a ele, que havia ficado oito anos no cargo, seria alguém que poderia indicar esses nomes.

O padrão anterior a Dérico, Valdoir Oliveira, foi o primeiro entrevistado entre os três vinculados a este CTG, mesmo que tenha sido aquele com experiência mais recente no CTG. Isto ocorreu em virtude da dificuldade em encontrar os outros, e por ter sido com ele que consegui os dados necessários para realizar uma seleção prévia e estabelecer contato com os entrevistados com experiências predecessoras no CTG. Este foi o único CTG em que ordenei as entrevistas desta forma. Nos outros CTG pesquisados procurei entrevistar inicialmente aqueles com experiência mais antiga no CTG, objetivando melhorar a qualidade dos apontamentos, observações e questionamentos nas entrevistas vindouras através da relação com informações anteriormente disponibilizadas.

Valdoir Alves de Oliveira, nascido em 1964, é natural da cidade de Anita Garibaldi, no interior do estado de Santa Catarina. Deslocou-se para Caxias do Sul em 1990, após alguns parentes já terem se estabelecido na cidade. Agricultor até então, em 1990, em meio a algumas dificuldades enfrentadas na produção rural, Valdoir vem para Caxias visitar a cunhada quando ela o incentiva a trabalhar e se estabelecer na cidade. A mesma desempenhava suas atividades profissionais na Marcopolo, onde o encaminhou para que realizasse alguns testes. De acordo com Valdoir, naquela mesma semana ocorreu sua admissão funcional.

Valdoir iniciou na empresa como auxiliar de produção, mas foi trocando de posições dentro da fábrica através da especialização em determinados segmentos, por meio de uma série de cursos que a empresa disponibilizava internamente. À época da entrevista, Valdoir exercia a função de montador eletricitista.

De acordo com sua narrativa, após iniciar carreira na empresa, Valdoir também começa a participar das atividades de lazer voltadas aos funcionários e seus familiares, dentre as quais acaba entrando em contato com o CTG.

Valdoir: A Marcopolo é uma empresa que incentiva bastante atividades esportivas, de tradicionalismo, ela incentiva bastante. Meu filho mais velho, William Felipe, entrou na escolinha de futebol da empresa, que ela tem também isso daí. Eu acompanhava ele e logo que a gente foi conhecendo mais essa parte da empresa, a gente foi entrando nas atividades que mais gostava. Tinha o *Entrevero*, uma festa de três dias que a empresa dá para os funcionários. Nesses dias eu sempre ajudava eles a montar acampamento, a fazer comida. O pessoal do CTG era bastante envolvido com essa festa, já tinha o CTG, mas eu não fazia questão de participar. Daí a minha filha, a mais nova que é a Evelyn, quando ela fez seis anos, ela já entrou no CTG, que é com essa idade que entram.

A participação da filha de Valdoir no CTG começa em 1998. Com o passar do tempo, ao levar a filha para os ensaios e apresentações, Valdoir foi convidado a participar do CTG junto com a esposa e após alguns anos, decide se juntar às invernadas de dança. Valdoir aponta em sua narrativa o estranhamento ao utilizar a pilcha pela primeira vez:

Valdoir: Já fui comprando pilcha, já ia, no começo era tão... pra mim parecia tão difícil usar uma pilcha e coisa e tal e pensava: - Bah, mas eu vou usar pilcha mas não parece que é o que eu quero, mas foi indo, foi indo e...

De acordo com a narrativa construída pelo entrevistado, sua participação nas atividades do CTG ocorre paulatinamente. Na década de 1990, começa ajudando nos eventos que o CTG organizava e passa a participar com mais frequência quando sua filha ingressa na invernada mirim. Entretanto, no ano de 2006, quando Valdoir e sua esposa passam a integrar a invernada veterana do CTG, ocorre uma verdadeira reviravolta na relação do entrevistado com o tradicionalismo. Neste mesmo ano, o CTG enfrenta uma debandada de seus integrantes do departamento artístico, que fundaram este departamento junto ao CTG Laço da Amizade. Conforme apontado por Valdoir além dele e sua família, apenas mais “*seis ou cinco*” pessoas continuaram participando do CTG, que anteriormente tinha aproximadamente 150 membros.<sup>195</sup>

Em decorrência desta situação, Valdoir é alçado à condição de patrão do CTG em setembro de 2006. Em sua narrativa, aponta que apesar do desconhecimento em relação ao tradicionalismo como um todo e mais especificamente, quanto às funções que lhe caberiam, permaneceu como patrão por oito anos, conseguindo neste período reorganizar os grupos de dança.

Valdoir: Olha, eu entrei de patrão sem conhecer nada e saí assim também (risos)... não sem conhecer. Claro, eu tive muito apoio de toda turma. Eu fui um cara assim... eu acho que fiz uma coisa boa por que, não que eu conhecesse, mas eu pedia muito a opinião pra eles, pra todo mundo eu pedia opinião, vamos fazer isso, aquilo, por que eu não conhecia muito dessa história de tradicionalismo, eu não conhecia muito. E fui batalhando, trazendo pessoas, e convidando e...

<sup>195</sup> Segundo o próximo entrevistado, Antônio de Lima, a ruptura teria ocorrido em virtude da exigência por parte da Fundação Marcopolo de que se aceitasse apenas funcionários da empresa e familiares destes como integrantes do CTG. A rejeição a esta diretriz, que caso acatada implicaria na saída de um grande número de participantes, teria levado a este movimento dos membros de formarem um novo departamento artístico.



montamos.... quando eu comecei nós não tínhamos nenhuma invernada e eu saí com todas as invernadas, mirim, juvenil, adulta e a veterana.

De acordo com a narrativa do entrevistado, a 25ª Região Tradicionalista, instância da estrutura hierárquica do Movimento Tradicionalista Gaúcho imediatamente superior ao CTG, lhe disponibilizou importantes orientações.

Valdoir: Ajudaram, deram instruções, eu sempre pedia bastante, eu sempre pedia apoio pra eles e conversava com eles bastante, uma estrutura bem organizada. Nós, pra fazermos os concursos de prendas e peões internos, a gente ia lá e pedia o apoio para eles e eles apoiavam.

O apoio da 25ª Região Tradicionalista apontado por Valdoir é revelador de como esta instância do MTG optou por dar suporte para manter tais grupos, mesmo que liderados por alguém com parco reconhecimento sobre o tradicionalismo. Considero que tal postura do MTG evidencia sua busca por disseminar o tradicionalismo, sua identidade regional e seu conjunto de representações mesmo em certos casos implique em pouca espontaneidade popular e sem grande aprofundamento e discussão sobre as temáticas de seu ideário.

Na sua narrativa, Valdoir aponta que tomou algumas medidas no sentido de aumentar o número de integrantes do CTG, sendo que a principal foi a insistência com a Fundação Marcopolo para que voltasse a permitir a participação de não funcionários da empresa neste espaço. Questionado sobre essa composição de funcionários e não funcionários, apontou que:

Valdoir: Era meio a meio, como é agora. Agora também é meio a meio. É porque quem é funcionário às vezes participa de outro CTG e não gosta de participar do CTG da empresa, já está ligado a outras pessoas, então hoje é meio por meio. E pra manter o CTG na época, eu tive que falar para eles: - Olha, pra mim manter o CTG e aumentar seu número de participantes, nós teremos que aceitar pessoas que não sejam funcionários, até porque eles me pediram que aceitássemos só funcionários. Não temos condições. Nós pedíamos pras pessoas e elas diziam que já estavam em outros CTG.<sup>196</sup>

---

<sup>196</sup> No depoimento de Valdoir podemos encontrar um suporte à versão de Antônio, que virá adiante, quando aponta que *eles* (Fundação Marcopolo) haviam lhe pedido que aceitassem apenas funcionários da empresa.

Observa-se nas narrativas de Valdoir e dos outros entrevistados que assumiram posições de liderança nos CTG uma busca permanente pelo aumento do número de participantes destes espaços. Considero que um dos principais motivos para esta linha de ação seja a busca por competitividade na participação dos diferentes concursos de dança e de premiações individuais nos rodeios e variados eventos tradicionalistas. Isto reforça como o estabelecimento deste campo de relações de disputas organizado e regrado pelo MTG foi fundamental para aumentar o alcance social destas entidades tradicionalistas, levando intrinsecamente a uma popularização do apego à identidade regional sul-rio-grandense relacionada aos constructos presentes no ideário do movimento.

À época da patronagem de Valdoir, os eventos promovidos pelo CTG, bem como o período de inscrições para participação nas invernadas eram publicados através da intranet da empresa e de murais, principais canais de comunicação das ações da Fundação Marcopolo com os funcionários da empresa. De acordo com o entrevistado, a divulgação era bem executada, afirmando que “*só não participava do CTG quem não queria*”. Do ponto de vista financeiro, o apoio da empresa às atividades do CTG é reconhecido por Valdoir como fundamental. Neste caso, ele cita seu próprio exemplo:

Valdoir: Ela sempre apoiou, ela tem as entidades que ela sempre apoia. Tem o CTG, o piquete de laço, o futebol, ela sempre apoiando. Por que é caro, é caríssimo manter um CTG sem apoio. Eu por exemplo, nós éramos em quatro na família. Nossa, o custo é alto, e se a gente não tem uma parte custeada, se tornava bem...

Embora ultrapasse o recorte temporal proposto, cabe apontar que ao fim do mandato de Valdoir, em 2014, o CTG Marco da Tradição já contava com cerca de 200 participantes.

O segundo entrevistado relacionado a este CTG é Antônio Carlos de Back Lima, patrão do CTG entre 2005 e 2006. Nascido em 1964 em Vacaria, fixou residência em Caxias do Sul em 1985, na busca por oportunidades profissionais. No mesmo ano iniciou sua trajetória profissional na Marcopolo como montador de acabamento, empresa em que trabalhava até o momento da entrevista como controlador de materiais.

A relação de Antônio com o CTG dos funcionários da empresa não ocorreu logo em seus primeiros anos de atividade profissional, época que coincide com o surgimento do CTG. De fato, o entrevistado passa a frequentar o espaço por volta de 1997, quando

lhe convidaram a inscrever sua filha na internada mirim do CTG que à época contava com cerca de 100 participantes.

Antônio: Primeiramente eu entrei por causa dela, como companhia, pra frequentar, sair no final de semana, a gente ter alguma ocupação fora. Aí a gente colocou ela lá com a intenção de que ela aprendesse e a gente também se enturmasse lá com o pessoal. Aí a gente começou a fazer parte de um grupo muito bom, daí começamos a trabalhar na parte das internadas, coordenação, ajuda com o pessoal, na comissão, e a gente foi gostando tanto que a coisa foi crescendo e crescendo até o dia em que chegou a oportunidade, em que eu tive que entrar para a patronagem.

Na narrativa que constrói, Antônio não mitiga a importância deste caráter social que o CTG assume, inclusive apontando que anteriormente ao seu ingresso no CTG, tinha escassa relação com o tradicionalismo. A forma de inserção de Antônio no CTG da empresa onde trabalha é comum a alguns entrevistados, demonstrando como estes grupos angariaram adeptos não apenas por identificarem-se com o modelo identitário e com as representações relacionadas ao tradicionalismo que tais entidades veiculam, mas por configurarem-se como importantes espaços de sociabilidade. Neste caso, em relação aos funcionários de empresas, apoia-se sobre uma sociabilidade preexistente, fabril, da relação de colegas de trabalho, facilitando a inserção de novos membros. Um demonstrativo da importância que estes espaços assumiam para seus participantes pode ser percebido pela afirmação de Antônio de que a vivência no CTG se destacava como a principal atividade social de seus membros.<sup>197</sup> Percebe-se também no depoimento de Antônio como esta vivência no CTG era percebida como algo prazeroso para seus participantes, ao designar que era um “*grupo de muita amizade, muita união, pessoal trabalha, todo mundo tem funções, tarefas, todo mundo ajuda.*”

Antônio passou a fazer parte da “patronagem”, algo aproximado à comissão diretiva do CTG como “agregado das pilchas”, ou tesoureiro, no ano de 2003. Desempenhou esta função até 2006, quando se tornou patrão do CTG<sup>198</sup>. Nesse período, houve um crescimento no número de participantes do grupo, passando de 100 a 120 pessoas em 2003 para 150 entre 2006 e 2007, quando já contava com todas as internadas completas.

<sup>197</sup> Durante a entrevista, Antônio respondeu de forma afirmativa quando questionado se percebia que a participação no CTG era a principal atividade social dos integrantes deste grupo.

<sup>198</sup> Há um desencontro de datas entre as afirmações retiradas das fontes. Antônio aponta que iniciou como patrão em 2005, o histórico da Fundação Marcopolo aponta 2006 e Valdoir aponta anos anteriores. É uma data difícil de precisar. Suponho que tenha sido em 2006.

O depoimento de Antônio também traz importantes indícios do suporte financeiro que a empresa oferecia ao grupo através da Fundação Marcopolo:

Antônio: A empresa apoiava com um valor X. Daí o grupo tem que batalhar pra conseguir mais, por que este valor que eles dão, ele não... como que eu vou te explicar? Para o ano todo, o pessoal tem que fazer o baile, o pessoal tem que ajudar a pagar as passagens, o transporte quando nós íamos para fora também tinha que ajudar a pagar. A comida... a entidade entrava, o CTG entrava, a Fundação dava. Aí a gente fazia uma vaquinha para dividir o transporte.

Da mesma forma que entrevistados dos outros CTG pesquisados, Antônio aponta que as instituições da empresa vinculadas às atividades destinadas aos funcionários destinavam um valor fixo importante, mas insuficiente para custear todas as atividades nas quais o grupo se envolvia. Para comporem os valores necessários a todas as despesas, realizavam bailes e festas em que o lucro obtido permanecia com o CTG, ampliando a ajuda de custo às atividades mais onerosas, como viagens para participação de membros em concursos e rodeios.

De acordo com a narrativa de Antônio, o apoio ao CTG Marco da Tradição por parte da empresa não se dava apenas pela via institucional, através da Fundação Marcopolo, mas também por parte de um dos proprietários da empresa, Valter Gomes Pinto<sup>199</sup>.

Antônio: Ele promovia o CTG levando para apresentações na comunidade, como as quermesses. E a gente conseguia mais alunos ali. Foi aonde ele começou a pegar o pessoal de fora, não só o pessoal de dentro da empresa. Tinha o pessoal de fora que daí foram se apegando ao CTG.

O apoio de Valter às atividades do CTG também foi relatado por Valdoir em conversa informal além da entrevista gravada e transcrita. De acordo com Valdoir, Valter Gomes Pinto era amigo pessoal do tradicionalista Paixão Côrtes, e pediu para que a esposa deste, Marina Côrtes, desenhasse modelos de vestido a serem utilizados pelas integrantes das internadas artísticas do CTG Marco da Tradição. Valdoir também aponta que entre os proprietários da empresa, Valter era aquele que eventualmente visitava as atividades em que o CTG estava incluso.

---

<sup>199</sup>À época, um dos três principais acionistas e diretores da empresa, junto com Paulo Bellini e José Fernandes Martins.

Da mesma forma que nas narrativas dos entrevistados dos CTG anteriormente mencionados, encontramos nas narrativas de Antônio e Valdoir uma valorização do apoio do empresário às atividades dos tradicionalistas, algo aproximado a uma conferência de prestígio ao grupo por parte de alguém positivado simbolicamente. Destaco que quanto às narrativas dos entrevistados deste CTG, as menções se demonstraram menos laudatórias, mais comedidas em comparação àquelas encontradas nas narrativas de participantes de outros CTG pesquisados.

Após o período em que desempenhou a função de patrão, em 2006, Antônio se afastou do CTG. O final do seu mandato coincide com o período da debandada de integrantes do CTG Marco Tradição para formarem o departamento cultural do CTG Laço da Amizade. Antônio, entretanto, não participou do outro CTG, apontando que apenas visitava o grupo esporadicamente.

A terceira entrevista relativa a este CTG foi também a última entre todas as entrevistas realizadas para elaboração desta pesquisa. Enquanto deparava com dificuldades para marcar um encontro com o objetivo de entrevistar o último indivíduo relacionado a este CTG, percebi uma característica problemática constante no perfil de todos os entrevistados até então: todos eram do sexo masculino, mesmo que o rateio de participantes destes espaços entre homens e mulheres seja praticamente meio a meio.

Tal prevalescência pode ser explicada por circunstâncias que cercam os CTG pesquisados: foram fundados e são voltados aos trabalhadores vinculados à área da produção fabril metal-mecânica de grandes empresas, que no espaço e tempo pesquisados eram em sua esmagadora maioria, um público formado por homens<sup>200</sup>; estão submetidos ao ideário tradicionalista, cujas principais representações concernentes a um tipo ideal do ser gaúcho remete a uma figura masculina”

Entretanto, penso que tais circunstâncias não justificam a ausência total de um depoimento por parte de uma mulher para se pensar a história destes espaços. De fato, é impossível pensar na constituição dos CTG sem a presença feminina, seja pela necessidade básica de formar casais para as invernadas de danças, ou em virtude do caráter familiar que o espaço assume. Considero que por estarem presentes e atuantes nestes espaços quase que na mesma proporção numérica que os homens, era necessário

---

<sup>200</sup> Embora sejam espaços caracterizados pela presença de familiares destes trabalhadores tradicionalistas e da necessidade da composição de casais para formação dos grupos de dança, fatores que geram praticamente uma equidade na quantidade de homens e mulheres, deve-se ressaltar que o elo de ligação principal entre os participantes destes grupos é a relação de colegas de trabalho, o que os coloca como aqueles que detém maior capital social e rede de relacionamentos melhor estabelecida nestes espaços. As mulheres iniciam sua participação nestes espaços geralmente na condição de filhas ou esposas destes.

dar voz às mulheres, mesmo que isso significasse não seguir o critério anterior de entrevistar pessoas recomendadas pelos dirigentes dos CTG.

Desta forma, o terceiro depoimento sobre este CTG foi obtido com Bruna de Lima, filha de Antônio e participante de grupos de dança tradicionalistas desde a infância. Nascida em 1991, em Caxias do Sul, Bruna começou a participar do CTG Marco da Tradição com seis anos de idade, influenciada inicialmente pelo seu professor de dança na escola regular, que também era professor no CTG Marco da Tradição. Pelo fato do seu pai ser funcionário da empresa e já ter recebido convites para levar a filha nos grupos de dança mirim, seu pai e sua mãe decidiram por inscrevê-la no grupo do CTG, do qual começaram paulatinamente a participar.

Bruna participou dos grupos de danças do CTG Marco da Tradição até 2006<sup>201</sup>, participando depois do CTG Laço da Amizade e do CTG Rincão da Lealdade. À época da entrevista, participava do CTG Os Carreiros.

Questionada sobre o que a motivou a participar de CTG, Bruna apontou em sua narrativa:

Bruna: (...) o que eu vejo é que quando se inicia pequeno, criança, os pais querem que os filhos cresçam num ambiente familiar, sabendo conviver em grupo e tendo amizades. Quando a gente vai crescendo, o nosso foco vai se voltando mais para a dança, talvez mais para se esforçar, pra buscar algo que a gente quer, como um troféu, essas coisas, mas o que mais motiva mesmo é o sentimento de gostar – além de ser um sentimento cultural, que a gente vem aqui no Rio Grande do Sul sempre tendo muito orgulho de cultivar as tradições – acho que também é mais de tu gostar do que tu está fazendo, como qualquer outro esporte, como qualquer outra coisa que a pessoa gosta e se dedique.

Integrante de uma nova geração de participantes dos CTG em relação aos outros entrevistados, Bruna demonstra como as atividades de declamação e de danças individuais e coletivas, comuns em rodeios e outros eventos, gerou uma nova e importante dinâmica de disputas que reforça a adesão das pessoas a estes espaços, especialmente em relação aos mais jovens. O apego às representações de uma identidade regional sul-rio-grandense mantém-se integrado a estas atividades, seguindo dentro do regimento do MTG a reprodução de representações e discursos através das coreografias, interpretações do cotidiano e eventos da história do Rio Grande do Sul,

---

<sup>201</sup> Embora aponte que tenha saído do CTG em 2007, é provável que sua saída tenha ocorrido em 2006, junto com outros integrantes que passaram a participar do grupo Laço da Amizade.

incorporados às atividades de danças, declamações e trovas. Tais atividades integram também os participantes mais antigos, agindo como um reforço para a manutenção e crescimento do grupo de participantes.

Na narrativa construída durante a entrevista, Bruna menciona a importância do caráter familiar do CTG para a “*formação de uma pessoa*”. Destaco como tal apontamento é recorrente entre os entrevistados, demonstrando a importância que esta “função social” percebida pelos integrantes dos grupo teve no crescimento de seu número de participantes.

Bruna: Acho que cultivar a amizade em si não é só dentro do CTG, mas acho que ele acaba proporcionando um ambiente familiar, que a gente convive mais com as pessoas lá, mesmo que seja para um compromisso, sejam horas de ensaio, a gente acaba tendo uma convivência maior, com isso a gente acaba criando uma segunda família e talvez criando um ambiente mais propício pra isso, mas não que o CTG seja o único local, mas um local importante, uma influência muito importante pra formação de uma pessoa.

Percebe-se na narrativa de Bruna certa relativização da importância que o CTG assume enquanto espaço de vivência social para estes integrantes mais jovens em relação aos outros entrevistados, todos pertencentes a uma geração anterior e oriundos de outras cidades. Vários fatores explicam tal diferença, mas principalmente a falta de relações sociais inerente ao migrante, que tem no ambiente de trabalho um espaço propício para integração e criação de laços sociais novos, levando os CTG a assumirem um papel de grande importância para estas pessoas; considero também de grande importância para esta relativização dos CTG pelos mais jovens o fato de suas experiências de vida estarem mais próximas a um espaço temporal onde se observa um fenômeno global de pluralidade identitária, onde o mesmo indivíduo se associa a diferentes tipos de identidades culturais sem que isso incorra em uma contradição problemática – no caso dos participantes de CTG, a identidades sociais ligadas a elementos rurais e urbanos ao mesmo tempo.

Outro diferencial do depoimento de Bruna em relação aos de outros entrevistados se deve ao fato dela poder apresentar sob uma perspectiva feminina as dinâmicas que envolvem as questões de gênero nos CTG. Quando questionada sobre as diferenças entre homens e mulheres quanto a ocupar cargos de coordenação nos CTG, Bruna aponta que:

Bruna: Sim, ela está na mesma posição que o homem, hoje a patroa do CTG, a função dela, administrativa e coordenadora é tão importante quanto à do patrão, eles trabalham juntos, é uma patronagem, todo mundo trabalha junto, a gente tem a nossa tesoureira que é uma mulher. A gente tem a patroa que está sempre presente com as invernadas, não só na questão da dança mas também da administração, a gente tem as nossas mulheres da cozinha que sem elas a gente não comeria nos rodeios e a gente tem a nossa instrutora de dança, a nossa professora de dança, hoje não é só o homem que coordena uma invernada, ele tem a ajuda de uma mulher, que é quem dá as diretrizes pras outras mulheres dançarem.

Embora nenhuma mulher tenha sido indicada para ser entrevistada sobre a história dos CTG ou mencionada nas entrevistas como relevantes para a formação e manutenção destes grupos, e que tenha encontrado entre os CTG pesquisados apenas duas exercendo funções junto à patronagem, é interessante o depoimento de Bruna no sentido de apontar a importância destas para o funcionamento dos CTG, seja em cargos diretos ou em tarefas cotidianas. Percebe-se no trecho destacado por duas vezes a menção à palavra “hoje”, no sentido de atualmente, procurando demonstrar uma configuração recente desta situação, fruto de uma mudança em relação ao passado destas instituições.

Nas narrativas produzidas pelas outras entrevistas, encontram-se pouquíssimas menções ao papel desempenhado pelas mulheres nestes espaços. Levando em consideração as circunstâncias intrínsecas à formação destas entidades, como a prevalescência masculina no espaço fabril das empresas em questão e o ideário tradicionalista centrado na figura masculina, não surpreende que na constituição da memória dos entrevistados acessada por meio das narrativas das entrevistas, o espaço dado às mulheres seja minúsculo, praticamente acessório.

Ao apontar em sua narrativa que a mulher “*está na mesma posição que o homem*” e citar exemplos neste sentido, considero que a entrevistada visa desassociar a pecha de machista imputada a estes espaços e ao tradicionalismo, algo apontado com recorrência em análises críticas efetuadas sobre o tradicionalismo em geral. Como ocorrido com outros entrevistados, sua narrativa direciona-se no sentido de estabelecer uma versão com pouco espaço para analisar as dissensões e incongruências destes espaços – uma escolha óbvia, na medida que em tais grupos se encontra sua experiência pessoal e de seus próximos.



*O CTG Sinuelo e o tradicionalismo nas empresas Eberle e Mundial*

Dentre os quatro CTG pesquisados, o Sinuelo é aquele cuja inscrição junto ao MTG é a mais recente entre todos, ocorrida em março de 2003. Entretanto, a formação de um grupo de funcionários voltado a atividades tradicionalistas remete a julho de 1986, quando é formado o Grupo Nativista Sinuelo.

No período compreendido entre 1986 e 2003, o Grupo Nativista Sinuelo<sup>202</sup> passou por momentos de intensificação, interrupção e ressurgimento de suas atividades com grupos de dança. Penso que tal oscilação se relacione principalmente a uma intensa rotatividade de funcionários, causada pelas dificuldades financeiras enfrentadas no período pelo grupo Eberle, caracterizado pela diversidade na produção de itens relacionados à fundição de metais<sup>203</sup>, foi paulatinamente desmembrado em outras empresas de acionistas majoritários diversificados, como Metalcorte, Grupo Voges e Mundial. Isto incorreu em demissões e readmissões constantes no período, dificultando a formação de grupos duradouros de colegas de trabalho, caso comum em CTG das empresas<sup>204</sup>. Devido à isto, mesmo que esteja relacionado de forma direta à empresa Mundial, principal herdeira das atividades da Eberle, o CTG compreende funcionários de empresas diferentes, antigamente pertencentes à Eberle.

É importante mencionar que a Metalúrgica Abramo Eberle era uma das empresas mais antigas de Caxias do Sul, tendo iniciado suas atividades ainda em fins do século XIX e reunindo em seu ápice – décadas de 1950, 1960 e 1970 – aproximadamente uma dezena de milhar de funcionários, dividindo suas operações em várias unidades fabris espalhadas pela cidade. Desta forma, o surgimento de um conjunto de trabalhadores interessados em formar um grupo tradicionalista apenas durante a década de 1980 nesta empresa que continha uma grande massa de trabalhadores durante todo o século XX, junto às informações das datas de formação dos outros CTG de empresas pesquisados, demonstra como podemos localizar com segurança no segundo quartel do século XX a popularização do tradicionalismo na

---

<sup>202</sup> Em relação à lida campeira, a expressão *sinuelo* refere-se ao gado manso que serve como guia do gado bravo, de comportamento arreado. Considero que tal nomenclatura ao CTG faça menção ao caráter de estabelecimento de normas e de civilidade próprio a estes espaços.

<sup>203</sup> Seus itens produzidos concentraram-se em botões de roupas, talheres e motores elétricos.

<sup>204</sup> Mesmo com a troca de proprietários das empresas, percebe-se que foi comum a manutenção dos funcionários inclusive daqueles ligados às posições de chefia e coordenação de alguns setores, o caso dos três entrevistados relacionados a este CTG.

cidade, atingindo especialmente os estratos sociais que formavam a força de trabalho local.

Os entrevistados relacionados a este CTG foram selecionados de forma similar aos abordados anteriormente. Após estabelecer conversas com a diretoria atual da entidade, foi explicado o tema, os objetivos desta pesquisa e a importância de entrevistar três pessoas estreitamente vinculadas ao CTG e com significativo conhecimento de sua história. Os nomes que emergiram rapidamente foram de Zanildo Barbosa do Nascimento, relacionado início do grupo nativista e patrão de honra; Roni Martins, primeiro patrão do CTG e que permaneceu na função por seis anos consecutivos; e Gilmar Zillioto, segundo, último e patrão do CTG à época das entrevistas. Devido à sua breve existência e longo tempo de atuação destes entrevistados junto ao CTG, basicamente todo o espaço temporal de existência do CTG esteve sob a liderança de um dos entrevistados.

O primeiro deles, Zanildo Barbosa do Nascimento, esteve envolvido com manifestações tradicionalistas em Caxias do Sul desde o início da década de 1960, quando fixou residência na cidade. Nascido em Tupanciretã, em 1944, ainda na infância Zanildo e sua família se transferem para Santo Ângelo, principal núcleo urbano da região das Missões. Após concluir o “ginásio”, servir no Exército e desempenhar atividades profissionais mal remuneradas em Santo Ângelo, Zanildo desloca-se para Porto Alegre com o objetivo de se inscrever na seleção para a Brigada Militar, na qual ingressa ainda em 1964. Entre 1964 e 1965, Zanildo fixa residência em Porto Alegre e passa a cursar a escola de bombeiros da Brigada Militar. É ainda em Porto Alegre, no departamento tradicionalista de um clube de subtenentes e sargentos, que Zanildo passa a ter contato com o tradicionalismo. Na narrativa construída durante a sua entrevista, Zanildo aponta alguns motivos para a participação nestes espaços tradicionalistas:

Zanildo: (...) essas pessoas que vinham do interior para matar a saudade, se direcionavam aos centros de tradições. Porque lá eles viam o quê? Pelo menos uma fotografia de uma carreta, de uma carroça, de um cavalo, e o pessoal falava o linguajar lá de fora, então era uma forma de comunicação, se comunicavam muito mais facilmente, tomavam chimarrão...

Entretanto, aponta que nessa época, a adesão ao tradicionalismo gerava certa ojeriza social:

Zanildo: É, não era tão fácil. Não se usava bombacha, lenço era muito difícil e era só quando ia pra festa. Muita gente ainda nessa época, quando participei ainda em 1965, muita gente ia para o CTG de ônibus, até porque nem todos tinham posses. Então faziam uma sacola, botavam ali as botas, tudo, iam de cola fina. Chegavam lá, iam para o banheiro, trocavam de roupa, botava bombacha, daí quando saiam trocavam tudo de novo... Por quê? Porque não era tão bem aceito, era chamado de grosso. – Olha, lá vai o grosso velho!

A narrativa construída por Zanildo aponta que em 1965, o tradicionalismo apresentava-se como um movimento socialmente setorizado, vinculado aos migrantes das regiões rurais e campesinas do estado que se deslocavam para as cidades. Percebemos que a narrativa do entrevistado compõe um cenário similar daquele relatado por Barbosa Lessa (1985) quando aponta sobre as motivações iniciais para formação de um movimento de resgate da cultura campeira dos habitantes do Rio Grande do Sul.

No início do ano de 1966, após concluir os cursos preparatórios, Zanildo é transferido para o Corpo de Bombeiros de Caxias do Sul, que recentemente havia se tornado de competência do governo estadual. Em pouco tempo, começa a participar dos grupos envolvidos nos eventos comemorativos da Semana Farroupilha desta cidade:

Zanildo: Eu cheguei em 1966, fevereiro. Já em setembro tinha desfile, então eu já tinha feito uns contatos com os de bombacha, né. Aí eu até participei do desfile a cavalo, tinha o desfile a cavalo pelo 20 de setembro da Semana Farroupilha. (...) Na década de 70, eram só os de bombacha. Então tinha, na época que eu cheguei, eles faziam a Ronda Crioula, que era como se chamava, se acendia um lampião e o pessoal montava guarda, os cara de bombacha (...) Então ali me entrosei com um pessoal, os primeiros que eu conheci foram do CTG Rodeio Minuano, depois me entrosei um pouco com o pessoal do Tropeiro do Rio Grande e acabei participando no CTG Paixão Côrtes.

A identificação inicial de Zanildo com “*os de bombacha*” demonstra como em fins da década de 1960, o tradicionalismo já havia configurado um conjunto de elementos simbólicos suficientemente coerente, representativo e diacrítico, possibilitando que seus portadores fossem reconhecidos e localizáveis em meio a outros grupos sociais urbanos. Tanto quanto em Porto Alegre, o tradicionalismo em Caxias do Sul era um movimento socialmente setorizado, localizável entre os migrantes de cidades vizinhas, com um passado razoavelmente vinculado às atividades campeiras. Caxias do Sul contava à época com quatro CTG, responsáveis por praticamente toda a agenda tradicionalista na cidade, como bailes e eventos cívicos. Tais eventos tinham um caráter praticamente fechado, restrito aos participantes dos CTG, ao mesmo tempo em que

transitar pilchado pelas ruas da cidade gerava xingamentos jocosos. De acordo com Zanildo, tanto em Porto Alegre quanto em Caxias do Sul era necessário “*derrubar algumas barreiras*”:

Zanildo: Porto Alegre, 1965. Nesse período eu e o outro sargento lá, aluno, nós tínhamos um baile em Esteio, nós íamos de ônibus. Ele disse: - Bá, tenho que trocar de roupa. Eu disse: - Não, vamos pilchados! Nós temos que aprender a aguentar o tranco. Se pilchemos e fomos pro baile, de ônibus, todo mundo, só nos dois... A gente foi e voltou. É ali que começa a derrubar algumas barreiras, e outras pessoas começaram a fazer. Hoje andar pilchado na rua é normal, mas na época... Em Caxias, a mesma coisa, ninguém andava pilchado nas ruas, de jeito nenhum e eu ia nos bailes lá, não tinha carro, ia no baile no Paixão (CTG Paixão Côrtes) e voltava de lá do Paixão até o quartel.

A narrativa de Zanildo sobre esses momentos iniciais do tradicionalismo enaltece certo protagonismo por parte destes tradicionalistas mais engajados (dentre os quais se inseria) na busca por valorização social desta identidade.

Zanildo foi sargento do Corpo de Bombeiros de Caxias do Sul entre 1966 e 1971, quando assumiu o comando do grupo até 1973. Logo após chegar à cidade, Zanildo passou a cursar o “Clássico”, depois iniciou o curso de bacharelado em Direito, que concluiria em 1974.

Em 1975, Zanildo licenciou-se temporariamente do Corpo de Bombeiros e passou a desempenhar suas atividades profissionais junto a empresas locais de médio e grande porte, como Eberle e a Malharia Kalil Sehbe, prestando assessorias na montagem e execução da segurança patrimonial e física. Na Eberle, Zanildo manteve-se vinculado por décadas, e quando ocorreu o desmembramento da empresa<sup>205</sup>, passou a desempenhar suas atividades profissionais na Metalcorte e na sequência, no Grupo Voges. Além da segurança física e patrimonial, Zanildo alternou funções na chefia de setores como Expedição e Almoxarifado .

Como mencionado anteriormente, a vinculação de Zanildo com grupos tradicionalistas em Caxias do Sul remete aos primeiros momentos em que se estabeleceu na cidade, ainda em fins da década de 1960. Participava inicialmente do

---

<sup>205</sup> Em 1985, o Grupo Eberle foi adquirido pelo Grupo Zivi-Hércules, criando o grupo Zivi- Hércules-Eberle, que em 2003 tornar-se-ia a Mundial S.A. De fins da década de 1980 até 2003, parte das plantas fabris do grupo e dos funcionários em suas linhas de produção passaram para a Metalcorte e posteriormente, Grupo Voges, o que explica o fato do Grupo Nativista Sinuelo ser frequentado após 2003 por funcionários de dois grupos empresariais distintos.

CTG Paixão Côrtes, até 1974, quando começou a participar do CTG Negrinho do Pastoreio, formado por funcionários da Malharia Kalil Sehbe. Entre 1975 e 1977 foi patrão deste CTG, desligando-se de suas atividades após finalizar seu mandato. Alguns anos após a saída de Zanildo da função de patrão, o CTG Negrinho do Pastoreio desvinculou-se das empresas Sehbe.

Em fins da década de 1970, Zanildo passou a coordenar um grupo de danças tradicionalistas, formado por ele, sua esposa e mais seis casais que se apresentavam em diferentes festividades tradicionalistas, bailes ou concursos de dança, chamado *Os Gaudérios*. Zanildo coordenou este grupo até começo dos anos 2000. O grupo era formado por integrantes de diferentes CTG pelos quais Zanildo já havia passado.

Zanildo aponta em sua narrativa que na década de 1970, a aceitação ao tradicionalismo em Caxias do Sul já era maior em relação aos anos anteriores. Uma organização incipiente entre os CTG, o surgimento de programas de rádio vinculados à temática e a realização de um rodeio na cidade são demonstrativos disto.

Zanildo: Nós fazíamos programas de rádio na Rádio Independência, nós fazíamos dois programas de rádio, a gente se reunia com o Cabeleira, nós íamos para a praça de bombacha e tomávamos chimarrão, quer dizer, amansando a turma, isso já a partir de determinada época. Na década de 70 já o pessoal aceitava, essa turma nova, o pessoal se pilchava e ia embora(...) ainda tinha alguma coisa mas já não era tanto, foi diminuindo, a Semana Farroupilha já não era tão fechada, só para os de bombacha, o pessoal de fora, aquele pessoal que vinha vindo de fora já começaram a participar.

Analisando a narrativa de Zanildo, percebemos como ele identifica além de alguns movimentos em torno do crescimento da aceitação do tradicionalismo na cidade, a chegada contínua de um contingente migratório de pessoas oriundas de cidades do interior do estado, que começaram a participar das atividades vinculadas à Semana Farroupilha, um apontamento que se coaduna com as hipóteses explicativas deste trabalho. Anterior à intensificação de uma publicidade positiva conferida às representações de uma identidade regional tradicionalista pela mídia na década de 1980, uma das principais forças motrizes da ascensão do tradicionalismo na cidade foi a busca destes migrantes por uma identidade positivada dentro do universo simbólico da sociedade caxiense.

Na década de 1980, Zanildo tinha como principal atividade relacionada ao tradicionalismo as atividades e a coordenação do grupo de dança *Os Gaudérios*. Ao

mesmo tempo, ajudou na formação de outros grupos tradicionalistas, como o de funcionários da empresa Eberle, onde desempenhava suas atividades profissionais.<sup>206</sup>

Zanildo: Ah, o grupo da Eberle, na época foi em 1986, os próprios funcionários começaram a se movimentar, então nós começamos o Sinuelo – Grupo Nativista Sinuelo que era da empresa. Todas as empresas tinham: da Marcopolo, a Fras-le com o Velha Carreta, Marcopolo tinha o Marco da Tradição, a Randon tinha Os Carreiros, então nós iniciamos em 86 só com o pessoal da empresa ou filhos, tinha uma gurizadinha, que deviam ter uns 10 ou 12 casais de crianças, e dava ensaio, se firmou, em 1988 nós resolvemos fazer um acampamento – tinha o trabalho, mais esse, mais o grupo de dança – ainda que então resolvemos fazer o Acampamento das Empresas - primeiro acampamento das empresas fizemos lá em cima na sede campestre onde hoje estão construindo a fundição, enfim fizemos lá.

O surgimento de um grupo tradicionalista entre os funcionários da Eberle ocorre posteriormente a outras empresas locais. Considero que o fato da empresa Eberle ser mais antiga conferiu ao seu corpo de trabalhadores um perfil diferenciado em relação a outras empresas, concentrando proporcionalmente maior número de indivíduos naturais do próprio núcleo urbano de Caxias do Sul. Este fator pode ter atuado como um dificultador para a formação de um grupo de tradicionalistas atuante na empresa.

A atuação de Zanildo junto ao grupo de tradicionalistas de funcionários da Eberle se deu anteriormente à sua formatação como um CTG, indo até o início dos anos 2000. Até este período, a empresa apoiava estas atividades cedendo um espaço físico para os encontros semanais para realização dos ensaios e encontros.

---

<sup>206</sup> Na segunda metade da década de 1970, Zanildo é encarregado de montar a segurança física e patrimonial das várias unidades fabris da Eberle espalhadas pela cidade, assumindo a chefia das portarias, da vigilância interna e dos serviços vinculados à prevenção de incêndios. Sem dúvida, tais incumbências lhe colocaram em contato com um grande número de funcionários da empresa. Em 1980, Zanildo passa a ser responsável pelo turno da noite da fábrica de motores e nos anos seguintes, chefia os setores de expedição e almoxarifado das diferentes unidades da empresa. No decorrer da década de 1980 é que inicia a liderança de Zanildo junto ao grupo inicial de tradicionalistas formados por funcionários da empresa. A ampla experiência de Zanildo junto a outros CTG e ao grupo de danças tradicionalistas que liderava lhe credenciavam como um líder natural a dirigir o grupo. O fato de ter passado por diferentes setores da empresa conferia a Zanildo, tal como a Adão, a condição de “nó” dentro de uma ampla rede de relações sociais entre os funcionários tradicionalistas que pretendiam formar um grupo. Porém, vejo no capital simbólico de Zanildo a principal explicação para sua emergência como líder deste grupo. Zanildo já havia sido chefe em vários setores da empresa, tinha ampla vivência junto a diferentes grupos ligados ao tradicionalismo, resultando em ampla rede de contatos neste meio e prática nas danças gauchescas, o que lhe permitia assumir a coordenação dos ensaios destes grupos. Na construção de sua narrativa, o entrevistado não arroga características positivas como determinantes para sua proeminência nestes grupos, demonstrando uma salutar modéstia. Entretanto, em um momento da entrevista, comenta sobre sua atuação neste grupo e em outro CTG, afirmando “*Eu ajudei nesse da Eberle, ajudei a fundar o Pampa do Rio Grande, pessoal me pediu, eu dei ensaio para eles por dois anos.*”

Zanildo: Ela dava o espaço, condições, até economicamente contribuía. Depois ali em 1990 deu uma encolhida, pessoal ficou meio amortecido, tentaram levantar e não foi pra frente. Aí no ano 2000, eu tava lá em cima (*trabalhando na empresa Voges*), aí eles me pediram, que gostariam de reiniciar e não foi fácil reiniciar, eu ia de novo começar com outra turma bem diferente. Aí eu reiniciei ali do lado do Emílio Meyer, fazendo todos os sábados de manhã, eu tirava para... Daí tiramos pais, depois crianças, até que um dia quase não foi ninguém e disse: Puta merda, isso não vai. Aí consegui alguns casais e daí eu disse:

- Bom, pra mim chega, não tenho mais tempo, mas aí o pessoal tocou e hoje está bem.

A narrativa de Zanildo aponta como o estabelecimento de um grupo de tradicionalistas formado por funcionários da Eberle e das empresas que se formaram após seu desmembramento em 2003 foi marcado por oscilações contínuas. Como apontei anteriormente, considero que a grande rotatividade de funcionários gerada pelas dificuldades da empresa tenha sido a principal causa de por estas dificuldades, embora não tenham sido mencionados pelos entrevistados.

A partir dos anos 2000, Zanildo deixa de participar do grupo, passando o comando para Roni Martins. Quando o grupo associa-se ao MTG em 2003, Zanildo é homenageado como “Patrão de Honra”, sem que ainda desempenhasse atividades de coordenação e liderança junto ao CTG.

A construção da narrativa de Zanildo é complexa e carregada de um grande número de informações, semelhante à de Adão da Silva. Estes dois entrevistados, com experiência como radialistas e com ampla participação em eventos com temática tradicionalista, apresentaram um discurso previamente estruturado quando questionados, algo que embora problematize, não desqualifica as interpretações que podem ser obtidas de suas narrativas. No discurso de ambos, percebe-se uma maior capacidade de dirigir a atenção em suas narrativas a elementos que consideram mais importantes de serem realçados. Enquanto Adão tinha como foco a participação do empresário Raul Randon e o apoio da empresa ao CTG, Zanildo destacava o atavismo, a ligação com o passado como fundantes do tradicionalismo e como os participantes do movimento vêm no decorrer dos anos dispensando pouca atenção ao seu caráter “cultural”. Neste sentido, percebe-se como a elaboração das narrativas dos entrevistados tendo como base suas memórias se faz numa tensão contínua com reflexões do presente, conferindo importância a determinados relatos em detrimento de outros.

O segundo entrevistado relacionado a este CTG é Roni Manoel Grendene Martins. Nato em 1953 na cidade de Bom Jesus, Roni se desloca para Caxias do Sul e fixa residência em 1969, em busca de estudos e oportunidades profissionais. Logo que se estabelece na cidade, Roni trabalha no comércio e em 1974 passa a trabalhar na Metalúrgica Abramo Eberle, como operador de máquinas. Mesmo com as trocas de proprietário e de produção da empresa, se transformando na Mundial S.A., Roni trabalha nesta empresa até a época da entrevista, como chefe do setor de produção.

O contato de Roni com o ideário tradicionalista não inicia através do CTG da empresa. Na narrativa construída durante a entrevista, Roni menciona sua infância na “lida campeira” e sua experiência com um grupo musical como seus primeiros contatos com o ideário tradicionalista.

Roni: Na verdade, desde a infância fui criado no meio, na lida campeira e tal, principalmente na minha região, e quando eu vim para cá, assim que eu tive a oportunidade de começar a participar, iniciava tocando um acordeon, e aí eu iniciei no tradicionalismo, lá em 1975 como músico, e aí foi nascendo um ciclo de amizades, a gente formou um grupo musical, na época era chamado conjunto e foi evoluindo e tal. Teve uma época em que já tava quase deixando o trabalho de lado pra seguir só realmente a música, devido ao progresso que teve, mas sabe como que é, tu sempre encontra dificuldades, e mais vale um pássaro na mão do que um bando voando. Eu toquei até 1991 e foram 18 anos da minha vida além do trabalho na fábrica, na metalúrgica, no fim de semana como músico.

Roni não participou da formação do grupo tradicionalista na Eberle, processo iniciado em 1986, devido ao seu envolvimento com o conjunto musical. Em 1993 quando já não tinha mais envolvimento profissional com a música, Roni começa a se envolver com o grupo tradicionalista da empresa, pouco atuante à época.

Roni: (...) em 1993 eu já não estava mais atuando como músico, por que era muito corrido o trabalho na empresa mais o grupo, então eu tive que optar, e optei por ficar na empresa, mas pelo fato de gostar do tradicionalismo eu comecei a me envolver e dar palpites. Na época existia o grupo Sinuelo, que era da Eberle, mas estava meio adormecido. Ele foi criado e tal, mas chegou num ponto em que ficou meio parado. E aí por iniciativa do Zanildo do Nascimento, a gente começou a conversar e tal e ele me deu um pialo assim, meio de cutiarra, para que eu liderasse o reinício do Grupo Sinuelo na época, então eu fiquei



meio que sem saída, mas tudo bem. Eu nem esperava ter a capacidade pra fazer isso. Mas felizmente, com a ajuda de todo mundo a gente reiniciou e está aí até hoje. Dentro do estar aí até hoje teve uma porção de fases, que foram bastante difíceis, como qualquer coisa na vida, não é muito fácil.

Na narrativa de Roni destacada acima, percebe-se novamente menção às oscilações do grupo tradicionalista, com fases em que quase encerrou suas atividades. O período mais crítico teria ocorrido por volta do ano 2000, que como já apontado dentro do depoimento de Zanildo, a participação das pessoas no CTG se tornou bastante reduzida, levando Roni a pensar seriamente em deixar a coordenação do grupo.

Roni: Você tem que estar lá todos finais de semana e você precisa ter as pessoas que te ajudam e é um compromisso, não adianta, você faz ou você não faz. Então aí houve uma época que eu estava disposto a de novo fechar a porta, chavear, botar no bolso e devolver pra SER Eberle, que era a responsável por essa parte aí da empresa, cultural. Mas em respeito a dois casais e os seus filhos, no dia em que eu estava lá para bater o martelo, como se diz, eles estavam lá esperando abrir a porta e em respeito a eles não foi feito isso.

Em sua narrativa, Roni aponta esse momento em que apenas dois casais compareceram às atividades como importante para a formação do grupo, na medida em que ali se decidiu por requisitar à SER Eberle, que à época era a instância da empresa responsável pelas atividades culturais e de lazer dos funcionários, que permitisse a participação de não funcionários no grupo.

Roni: Pessoal se envolvia quando promovia um jantar, um baile e tal , aí *okay*, faltavam até ingressos, mas o dia a dia, fazer a coisa andar... Então aí é que tá, a partir desse dia, a gente decidiu, conversando com o pessoal da SER Eberle, com a direção ali, em permitir que viessem pessoas de fora da empresa. Aí começou então a nascer a invernada mirim, depois veio a juvenil, aí daqui a pouco veio a adulta e aí a gente começou a trabalhar, mas não como CTG. Nós éramos não filiados na época. Aí, por necessidade e por cobrança até do próprio pessoal que participava, que começou a crescer, crescer e crescer, as invernadas principalmente, que queriam participar de rodeios, aí a gente se filiou, na 25ª, no MTG e tal, e aí nasceu o CTG Sinuelo.

O registro do CTG Sinuelo junto ao MTG, considerado como em outros centros tradicionalistas a data inaugural da entidade, se dá em 25 de março de 2003. Roni foi o primeiro patrão, ficando no cargo até 2007, quando ocorre uma nova eleição. Neste

período, os grupos de dança do CTG de diferentes categorias crescem em tamanho, e passam a participar de rodeios e concursos de danças.

Roni foi o patrão do CTG por oito anos, considerando o período em que liderou o grupo quando ainda não estava vinculado ao MTG. De acordo com o entrevistado, dirigir um CTG é uma atividade desgastante, e essa quantidade de tempo á frente da entidade foi suficiente para que desse sua contribuição.

Roni: Enfim, criou-se, nasceu o CTG Sinuelo do qual eu fui patrão durante oito anos, acredito. Porque oito anos? Porque isso é um compromisso, ele é desgastante, você tem problemas, porque são pessoas, pessoas tem seus problemas, principalmente se tratando de invernada mirim, porque normalmente os pais levavam as crianças, às vezes desapareciam e você tinha que assumir aquele compromisso com os pequeninos e tal e tinha uma dificuldade em encontrar alguém que se dispusesse a me substituir né, porque sangue novo sempre dá um plus maior nas coisas. E aí então, foi mudando o pessoal da equipe de apoio, até porque você sozinho não faz nada. Se não tem uma boa equipe junto você tá engessado, então dentro dessa equipe o pessoal foi aprendendo, foi se interessando e aí surgiu o novo patrão, que foi o Gilmar Ziliotto.

Um trecho significativo da narrativa construída durante a entrevista de Roni dedica-se ao apontamento das dificuldades envoltas no exercício da liderança de um CTG, bem como na formação de um grupo dirigente, uma “patronagem” que ajude nas tarefas e atividades que envolvem o ambiente. O entrevistado aborda com destaque o esforço que deve ser realizado para a participação e condução efetiva destes grupos, informações que somadas ás de outras entrevistas, demonstra como a adesão ao tradicionalismo por meio da participação em CTG demanda tempo e vontade por parte de seus integrantes, subjacente a uma firme aceitação dos conjuntos simbólicos da identidade tradicionalista, que mesmo com a relativização e dúvidas que as atividades de dança podem suscitar como motivadores da participação das pessoas nestes espaços, continua sendo seu ideário basilar.

Também fica implícito na narrativa o cuidado em formar uma nova liderança para a instituição. Na medida em que a SER Eberle exigia que o patrão do CTG fosse um funcionário da empresa, tal cuidado passa a ser central para o patrão, por reconhecer que a atuação daquele que se encontra neste cargo influencia diretamente na qualidade das atividades inerentes ao espaço e até na manutenção do grupo.

O terceiro entrevistado, Gilmar Zilliotto, era o patrão da instituição durante a execução das entrevistas, tendo iniciado seu mandato ainda em 2007. Nascido no

interior de Vacaria em 1961, Gilmar mudou-se para Caxias do Sul em 1983. À época, Gilmar realizava seus estudos em um seminário, uma espécie de escola preparatória para padres em regime de internato, de onde saiu e passou a trabalhar em uma instituição bancária. Pouco tempo depois, em 1985, iniciou na Metalúrgica Abramo Eberle, na área contábil. Desde 1998 desempenha suas atividades profissionais no setor de benefícios e assistência aos funcionários da empresa Mundial.

A relação de Gilmar com o tradicionalismo se deu inicialmente por meio da música, participando de grupos musicais nativistas formados junto a amigos e seu irmão desde 1985. Atualmente está participando de apenas um grupo. Sua participação junto às atividades de dança do CTG da empresa iniciou em 2004, quando ele e a esposa decidiram levar os filhos para participar dos grupos de dança do CTG Sinuelo.

Gilmar: Foi em 2004 basicamente que nós pensamos em levar os nossos filhos, eu e minha esposa, e sabíamos já do andamento do CTG Sinuelo dentro da empresa e eu fui basicamente para levar os filhos, tinha uma filha e um filho pequeno, então a gente se aproximou. Até então a gente nem participava muito do tradicionalismo, muito pouco usava-se bombacha, mas como a gente veio do interior, aí nós admirávamos esse trabalho, como é normal do pessoal que vem do interior gostar mais dessa parte de tradicionalismo, e a gente foi também por ver que dentro dos CTG as pessoas são educadas de forma a traçar objetivos para as pessoas e eu via isso também como uma ferramenta de responsabilidade social. Então a gente pensou também em ajudar e apoiar essa parte de tradicionalismo e estamos aí basicamente por trazer os filhos.

Na narrativa construída durante a entrevista, percebemos que Gilmar aponta como justificativa para a participação no CTG algo similar àquilo elencado por Antônio, onde o funcionário inicia a participação nas atividades do CTG em busca de um espaço para disponibilizar atividades de dança e sociabilidade para os filhos e acaba se integrando junto aos grupos com atividades de sua faixa etária, reforçando como o caráter familiar dos CTG foi um aspecto importante para o contínuo crescimento e alcance social destes espaços. Destaco também como o entrevistado aponta como “*normal do pessoal que vem do interior*” gostar do tradicionalismo, revelando que no contexto da sociedade caxiense, a busca dos trabalhadores de grandes empresas metal-mecânicas não naturais da cidade por atividades vinculadas ao tradicionalismo e a adoção de sua identidade correlata tem se mostrado, a partir das últimas décadas do século XX, como um direcionamento comum, e que sua repetição por diferentes indivíduos em situação social similar tenha gerado um padrão de ação coletivo e uma

estratégia de ação social compartilhada, um habitus, tendo em vista que os depoimentos analisados abrem possibilidade para interpretarmos que tal escolha pela adoção desta identidade se desprenda da caracterização de múltiplas vontades individuais desconexas com motivações amplamente diversas.

Ainda em 2003, quando da homologação do Sinuelo como CTG, Gilmar começa a participar enquanto tesoureiro do CTG devido à sua posição na Fundação Abramo Eberle<sup>207</sup>. Em 2005, Gilmar passou para a função de secretário, assumindo a responsabilidade de cuidar das atas e do regramento interno do CTG. Nesse período entre 2003 e 2007, em que o entrevistado anterior, Roni Martins permaneceu como patrão e Gilmar Ziliotto como membro em diferentes cargos da patronagem, algumas medidas foram tomadas para ampliar o número de participantes, que, de acordo com os entrevistados, tiveram sua eficácia. Em 2003,

Gilmar: que participavam ativamente não tinham mais que 20 pessoas, e ali eles se reuniam para treinar algumas danças tradicionais, mas aí era uma única internada, sem observância das normas, das regras, até quanto à idade lá tinha membros de uma família, pai, mãe e os filhos que se reuniam juntos e ensaiavam juntos. Aí a partir desse momento então a gente buscou pessoas dentro da empresa que a gente sabia que gostavam, mas não participavam muito, então a gente foi, entrou em contato com essas pessoas, vendo o real interesse, daí nós elencamos um pouco mais de cem pessoas que tinha esse interesse e a partir daí a gente fez esse registro, se divulgou nos canais de comunicação da empresa e na verdade o CTG era até então de pessoas mais de dentro da empresa que puxavam, mas nunca foi assim só de funcionários, ele sempre foi aberto à comunidade, os funcionários podiam convidar os seus amigos, seus parentes, para participar junto e assim que ele existe até hoje. Os participantes convidam os seus amigos e participam normalmente.

Somando as narrativas de Roni e Gilmar, percebe-se que a participação de não funcionários no Grupo Tradicionalista e depois CTG Sinuelo foi sempre uma questão delicada, à qual aparentemente a SER Eberle e depois a Fundação Abramo Eberle teve alguma contrariedade. Tal política de abertura dos CTG ligados a empresas para não funcionários se mostrou necessária nos quatro CTG pesquisados e de acordo com os apontamentos dos entrevistados, foi fundamental para o estabelecimento exitoso destes grupos. De acordo com Gilmar, por volta do ano de 2010, o número de participantes do CTG já havia crescido bastante, envolvendo aproximadamente 150 pessoas.

---

<sup>207</sup> A instância administrativa da empresa responsável pelas atividades de lazer dos funcionários, incluindo o grupo nativista e o CTG, mudou com o passar do tempo. De início a SER Eberle e depois a Fundação Abramo Eberle.

Gilmar: mais de 100 dançarinos, entre as 5 invernadas, eu diria que tem uns 120 dançarinos e tem uns outros tantos filiados à entidade Sinuelo que não dançam, que foram dançarinos, ou simpatizam e querem se filiar para participar junto, porque as vezes a gente faz acampamentos, quando tem rodeio, Semana Farroupilha aqui em Caxias, então essas pessoas que são filiadas eles até tem alguma vantagem para entrar lá nos Pavilhões, quem tem a carteirinha não paga o ingresso, então as pessoas participam conosco e a gente orienta pra que participem junto e essas pessoas são as que nos ajudam nos eventos, não precisa estar dançando, eles participam de outras formas.

O histórico disponibilizado pelo CTG Sinuelo e analisado como fonte para esta pesquisa menciona reiteradas vezes a importância da vinculação do CTG com atividades comunitárias, apontando como uma de suas premissas básicas tratar “*o Tradicionalismo como Instrumento de Inclusão e Promoção Social*”<sup>208</sup>. Percebe-se na narrativa de Gilmar a mesma preocupação em mencionar esta linha de ação do CTG quando aponta as diferentes atividades que promovem, algumas abertas à comunidade em geral.

Gilmar: (...) a gente faz curso de dança de salão, de música gaudéria, regionalista, temos umas pessoas internas que estão capacitadas pelo MTG, as pessoas se prepararam e as pessoas do MTG que dão o curso eles dão uma carteirinha de instrutor. Além disso nós temos quem entra que quer aprender uma outra atividade, nós temos diversas oficinas, temos a oficina de declamação, temos oficina de chula, até tenho o meu filho Rodrigo que dá aula de chula, esse ano ele aprovou um projeto na Lei de Incentivo à Cultura para dar aula de chula não só na nossa entidade, mas em outras entidades, então ele estendeu o convite para o CTG Negrinho do Pastoreio, Os Carreteiros da Randon, então eles estão vindo ensaiar aqui conosco e de forma gratuita. Ele conseguiu aprovar esse projeto, então todas as despesas e custos estão dentro. Aí até pra ele entender que a chula é uma modalidade meio esquecida, então ele tá tentando reativar esse trabalho aí.

A realização destas atividades variadas voltadas à comunidade em geral foi apontada com mais veemência na narrativa de Gilmar. Embora os outros CTG também se envolvam em atividades comunitárias variadas, a ênfase apontada nas narrativas relacionadas a este CTG sobre este aspecto se sobressaiu, demonstrando a possibilidade de que esta linha de ação seja mais forte nesta instituição. Entretanto, destaco que tal proposta possa conter um amplo caráter pessoal na figura de Gilmar, que além de patrão do CTG, é membro da Fundação Abramo Eberle, instância gestora dos benefícios da

---

<sup>208</sup> In: HISTÓRICO do CTG Sinuelo. Caxias do Sul, 2013, 4 páginas.

empresa Mundial. Também destaco a aproximação dos apontamentos dirigidos neste sentido na narrativa construída na entrevista com Gilmar com o discurso apresentado no histórico disponibilizado pelo CTG, o que indica ampla possibilidade de que este último documento tenha sido produzido pelo entrevistado. Soma-se a esta evidência o fato de ter sido produzido em 2013, ano em que Gilmar encontrava-se à frente do CTG.

#### CAPÍTULO 4 – GAÚCHOS E ITALIANOS NOS CTG DOS FUNCIONÁRIOS DAS EMPRESAS METAL-MECÂNICAS.

Este capítulo terá como foco principal examinar os sujeitos que participaram dos CTG pesquisados e sobre a valorização e aceitação destes CTG e do tradicionalismo em Caxias do Sul nas últimas décadas do século passado e nos anos iniciais do século XXI a partir da análise das narrativas construídas nas entrevistas, especificamente de trechos relativos ao segundo e terceiro eixo de perguntas.

Os apontamentos deste capítulo se diferem do anterior por não trabalharem com as versões apresentadas nas entrevistas de forma individualizada e distribuídas de acordo com os CTG dos entrevistados, onde se procurou explicar o estabelecimento e consolidação dos CTG em questão, bem como a relação entre “patrões” e “peões” neles. Pretende-se abordar aqui algumas das semelhanças encontradas nos relatos como versões a respeito de determinados padrões de seus participantes, de suas atuações e comportamentos, sobre as relações sociais estabelecidas que cercam o fenômeno do tradicionalismo em Caxias do Sul e que possam ajudar na construção de hipóteses explicativas sobre o crescimento do alcance social do tradicionalismo nos grupos sociais focados e em menor grau de enfoque, na sociedade caxiense.

Da mesma forma que no capítulo anterior, estas narrativas serão analisadas como construções baseadas na memória dos entrevistados, acessadas através dos questionamentos e inferências do entrevistador. Leva-se em consideração que tais construções, como nos ensina Pollak, são projetadas de forma consciente ou inconsciente com valores sociais e interesses vigentes no momento da entrevista, e de forma não menos importante, sofreram a interferência destas projeções nos inúmeros momentos em que fora reaccessada durante todo o espaço temporal que distancia os fatos questionados do momento da entrevista.

*A caracterização dos participantes dos CTG abordados através das narrativas construídas nas entrevistas.*

Quando se pretende analisar um determinado fenômeno histórico, conhecer e estabelecer um conjunto interessante de características do grupo de pessoas que nele

esteve envolvido é uma tarefa que se possível de ser realizada, de grande importância para que se possa gerar interpretações potencialmente explicativas e aproximadas do objeto em questão.

Por pretender explicar o crescimento do tradicionalismo entre os funcionários das grandes empresas metal-mecânicas de Caxias do Sul utilizando como principais fontes históricas entrevistas para história oral, se tornou oportuno realizar durante tais entrevistas questionamentos que pudessem trazer à tona as narrativas que os entrevistados efetuam sobre quem foram os participantes destes espaços, para que se pudesse acessar as narrativas que constroem sobre os participantes destes espaços e deduzir quais os interesses que lhe guiam ao proferir determinada perspectiva. A partir da problematização sobre as diferentes versões que apresentaram, pretende-se inferir hipóteses explicativas sobre o fenômeno do crescimento do tradicionalismo nestes espaços pesquisados em Caxias do Sul de forma mais qualificada.

Durante as entrevistas, o questionamento “*Quem participa aqui do CTG?*”, foi o ponto de partida de uma nova linha de diálogo em que perguntas e observações da parte do entrevistador foram realizadas no sentido de buscar detalhar nas narrativas dos entrevistados as caracterizações sobre estes participantes. Tais questionamentos foram retomados em momentos onde outros temas eram discutidos e sumariamente evocavam caracterizações destes participantes, exigindo a realização de novos questionamentos neste sentido para se ampliar as possibilidades de análise destas narrativas. Sob um olhar generalizante, pode se afirmar que esta caracterização dos sujeitos participantes destes espaços foi um entre outros temas ao qual se pretendeu destinar maior atenção durante as entrevistas.

As narrativas construídas pelos entrevistados apresentaram diferentes versões sobre quem eram os participantes destes espaços, nas quais juntamente com as caracterizações, emergiram diferentes causas que justificassem determinado perfil. Estas diferentes versões podem ser agrupadas entre aquelas projetadas por grupos de entrevistados cuja adesão ao tradicionalismo tenha iniciado em diferentes espaços temporais: um grupo relativo à fundação destes locais, cujo contato com manifestações tradicionalistas se deu na década de 1980 ou anteriormente, outro grupo cuja adesão se concentrou na década de 1990 em diante.

O primeiro grupo de entrevistados esteve associado à fundação dos CTG pesquisados e apontaram em suas narrativas que os participantes destes espaços à época tinham como característica principal o fato de serem naturais de regiões de paisagem



campesina, relacionando as atividades desenvolvidas nestes locais com o tradicionalismo. Suas narrativas convergiram na construção de apontamentos de que tais participantes eram pessoas vindas “*de fora*”, do “*interior*”, da “*região de campo*”, especialmente de cidades como Bom Jesus, Vacaria, Lagoa Vermelha, Esmeralda, Cambará do Sul, São Francisco de Paula, Uruguaiana e São Gabriel. Podemos apontar os relatos de Adão da Silva, Antônio de Lima, Roni Martins, José De Oliveira e Zanildo Barbosa do Nascimento como exemplares neste sentido.

Roni: E como isso era com pessoas de fora, normalmente da região de Bom Jesus, Vacaria, Lagoa (*Vermelha*), e por aí afora, tudo pessoas ligadas dentro do tradicionalismo, da campanha, da lida campeira e tal então com certeza isso veio junto com eles pra cá, e como eles não podiam ir pra lá todos os fins de semana fazer suas festas, eles faziam aqui, então é onde começou a nascer esse tradicionalismo, CTG, encontros...

José: Na verdade assim, falando em todo o pessoal que participou, porque que trabalhava na empresa, que deram apoio – não só a patronagem, mas o grupo todo que nem eu te falei, que era umas cento e poucas pessoas – então isso daí é gente que vinha de vários lugares: de São Francisco de Paula, Bom Jesus, Vacaria, Cambará do Sul, Esmeralda, Lagoa Vermelha e teve muita gente que participou desde o início também que vieram da região da Campanha, da Fronteira, por exemplo: São Borja, São Gabriel, essa gente vieram de vários lugares que participaram junto (...)

Zanildo: A maioria era do interior. Dentro do nosso próprio grupo, Os Gaudérios, a única pessoa que era de Caxias era minha esposa, o resto todo mundo de fora, tudo gente de fora. Todos, por exemplo, uns eram de São Francisco, Vacaria, Uruguaiana, Lagoa Vermelha, eu vinha lá das Missões. Nos Centros de Tradições não era diferente, era isso aí, pessoal vindo de fora. Aquilo que eu te disse, o saudosismo fazia com que as pessoas fossem para dentro do CTG para ouvir gaita, declamação falando da terra, porque a declamação sempre fala da terra

As narrativas destes cinco entrevistados, que tiveram participação nos CTG durante seus primeiros anos de existência, são contundentes em apontar que os primeiros a pensar sobre a possibilidade de formarem grupos tradicionalistas e CTG de funcionários das empresas, que no início restringia-se a núcleos reduzidos de trabalhadores, eram migrantes originários de cidades do interior do Rio Grande do Sul com cenários econômicos estagnados, principalmente dos Campos de Cima da Serra, próximas a Caxias do Sul. Nesse sentido, percebe-se que essas duas identidades, a gaúcha e a étnica italiana são representadas como separadas. Os “gaúchos” seriam, nesses depoimentos, os não descendentes de italianos que procuravam afirmação e

valorização de sua identidade dentro de um lugar no qual eram vistos como “vindos de fora”. A exaltação da identidade gaúcha promovida pelos CTG servia justamente para este fim.

Vejo em relação a narrativa destes cinco entrevistados uma aproximação desta caracterização dos sujeitos participantes a características suas, análogas às suas experiências de vida<sup>209</sup>. Também destaco como esta caracterização confere valorização no campo das representações pertinentes ao tradicionalismo, associando estes primeiros participantes e os próprios entrevistados a valores e práticas de um passado do trabalhador do meio rural, que contém os principais elementos simbólicos exaltados pelo movimento e sua identidade regional correlata.

Além da valorização simbólica no ideário tradicionalista, deduzo que a associação a este passado na “*lida campeira*” tenha operado como um sinal diacrítico dentro dos grupos de tradicionalistas, na medida em que há um grande número de participantes sem ligação com as representações positivadas que tal associação produz neste meio. Esta associação, por positivar alguns e outros não, pode ter funcionado como um elemento legitimador da posição de alguns tradicionalistas perante outros na estrutura destes CTG e nas manifestações tradicionalistas como um todo. Cabe destacar que os próceres do movimento, tomados como modelos ideais entre os que se identificavam desta forma desta identidade, elencavam no atavismo ao passado rural as justificativas para o estabelecimento do movimento.

Neste sentido, percebe-se nas narrativas que sobre a caracterização dos sujeitos dos grupos tradicionalistas, os entrevistados elencaram como principais justificativas para a adesão ao tradicionalismo a ligação com o passado pastoril. Percebe-se neste sentido os apontamentos de Zanildo Barbosa, ao afirmar que o “*saudosismo fazia com que as pessoas fossem para dentro do CTG para ouvir gaita, declamação falando da terra*”; de José de Oliveira, quando afirma que “*depois de um bom tempo é que a saudade daquelas coisas que a gente vivia começou a aflorar, a saudade dos bailões, da convivência entre os gaúchos, daquele chimarrão, aquela pajada*”; de Roni Martins ao apontar que eram “*tudo pessoas ligadas dentro do tradicionalismo, da campanha, da lida campeira e tal, então com certeza isso veio junto com eles pra cá*”; de Adão da Silva, quando afirmou que “*a gente que sai do interior sai com uma característica, principalmente a característica da cultura gaúcha*”.

---

<sup>209</sup> Adão da Silva de Criúva, Antônio de Lima de Vacaria, José de Oliveira de São Francisco de Paula, Roni Martins de Bom Jesus e Zanildo Barbosa do Nascimento de Palmeira das Missões.

As expressões “cultura”, “lida campeira”, “saudosismo”, “saudade”, encontradas nas narrativas dos entrevistados são representativas e recorrentes dentro da justificativa da caracterização destes primeiros sujeitos participantes dos CTG, demonstrando a aproximação a um discurso proferido pelos principais intelectuais do movimento sobre suas causas. Vejo neste aspecto como provável a possibilidade de que tais entrevistados tenham se apropriado desta literatura tradicionalista e no momento de construir as narrativas sobre si, observarem de forma consciente ou não, 154d154 mais pertinentes os elementos que vinculassem suas experiências de vida e de seus pares às narrativas oferecidas nesta literatura, relativas aos líderes do movimento que assumiram a condição de tipos idealizados entre os tradicionalistas.

Cabe mencionar que a participação destes entrevistados nos CTG pesquisados esteve concentrada em seus períodos iniciais, a maioria na década de 1980, quando as representações relativas a esta identidade sul-rio-grandense não se encontravam em processo de franca valorização na sociedade caxiense e o interesse principal pela participação em CTG vinha de parte de grupos sociais compostos em sua maioria por migrantes. Desta forma, considero que a construção destas narrativas, onde encontramos praticamente a mesma caracterização dos sujeitos participantes destes CTG, esteja associada a uma ínfima presença de descendentes de italianos ou de naturais de Caxias do Sul nos momentos iniciais destes grupos.

Nas narrativas de alguns integrantes classificados dentro deste primeiro grupo, podemos perceber a menção a uma mudança no perfil destes sujeitos participantes dos CTG a partir da década de 1990. Destaco os relatos de Roni e Adão neste sentido:

Roni: Aquelas pessoas que vieram de fora casaram, tiveram filhos, que aí já são naturais da região. Então eles já começaram a nascer com e ter uma mescla de cultura, uma mistura da cultura italiana com a cultura gaudéria lá e tal, do pessoal lá de fora. Então essa convivência que fez também com que o pessoal daqui começasse a aderir ao movimento

Adão: ...muitos que não tinham ligação nenhuma com o tradicionalismo. Passou a ter com o evento, como curiosidade ou até pelo gosto, mas não como integrantes lá da... origem mesmo.

Percebo o apontamento sobre uma mudança na caracterização destes participantes pelos entrevistados dois motivos diferenciados. Roni parte de uma observação pessoal, relacionada a percepção do fenômeno que relata em familiares e

amigos próximos, apontando a formação de famílias de descendentes de italianos com estes migrantes oriundos de cidades vizinhas como explicativo para essa inserção de naturais de Caxias do Sul no tradicionalismo e a adoção de sua identidade correlata. Já Adão integra este apontamento dentro da valorização dos eventos promovidos pelo grupo tradicionalista que coordenava com vistas a popularizar o tradicionalismo, reforçando a importância das ações do grupo em prol do alcance de um amplo espectro de funcionários, inseridas dentro de uma abordagem agregadora mencionada no capítulo anterior sobre suas ações enquanto líder tradicionalista.

As narrativas do segundo grupo de entrevistados convergem para o apontamento de que os sujeitos participantes dos CTG pesquisados eram também originários de Caxias do Sul e de descendência italiana. Este grupo é formado por entrevistados cuja participação nestes espaços teve início na década de 1990 em diante, e destaca-se entre seus apontamentos as menções a “*mesclado*” e “*misturado*” ao referirem-se a naturalidade dos participantes do CTG como de indivíduos nascidos em e fora de Caxias do Sul. Destaco neste sentido as narrativas de Gilmar Bristot, Realino e Gilmar Zillioto:

Gilmar Bristot: Eu acho que tem uma coisa assim, mista, tem italianos tem brasileiros. Eu acho que hoje na verdade não se tem assim, uma coisa – ah, é só italiano ou é só brasileiro – acredito que tenha uma mescla de pessoas, misturado brasileiro com o italiano, então não dá mais para dizer, - ah, você é um italiano.

Realino: Aqui é mesclado, bastante mesclado. Eu acredito que em todas as entidades de Caxias tenha uma mescla muito grande pessoas, de Vacaria nós temos um horror de gente, nós temos bastante gente de Vacaria, da região de Caxias, de outras cidades, tem de Bagé, tem pessoas da fronteira, que vem morar em Caxias, querem procurar uma entidade,

Gilmar: Hoje já está uma mescla maior, alguns anos atrás eram assim pessoas que trabalhavam em empresas, as empresas puxavam essas atividades, e pessoas vindas do interior tinham mais facilidade, mas hoje o que a gente vê (...). São pessoas que nasceram aqui, são aqui da cidade, porém eles acabam indo lá e gostando também.

Na constituição destas narrativas, percebe-se novamente a aproximação entre as experiências pessoais dos entrevistados com suas perspectivas sobre um fenômeno social mais amplo e abrangente, em especial no relato de Gilmar Bristot. Natural do interior de Caxias do Sul e de descendência italiana, o entrevistado passa a participar de CTG por influência do sogro e de sua esposa, naturais de Bom Jesus. Neste sentido,

deduzo que a construção de uma narrativa em que aponta um fenômeno social correlato à sua experiência pessoal seja fruto da percepção de processos sociais próximos e facilmente identificáveis pelo entrevistado. Deduzo, também, que diferentemente dos anos 1980, nos anos 1990 já não havia mais uma relação de exclusão ou de oposição entre a identidade “gaúcha” como proposta pelos CTG e a identidade étnica italiana. Nos anos 1990 já era possível imaginar-se como participante das duas identidades ao mesmo tempo.

Quanto às narrativas de Realino e Gilmar Zillio, percebe-se um tom categórico em suas afirmações de que recentemente há uma “*mescla*” entre a presença de naturais e não naturais de Caxias do Sul nos CTG pesquisados. Contextualizando este apontamento dentro de suas narrativas individuais, considero que tal ênfase tenha como objetivo reforçar a noção de tais espaços como agregadores, abertos às diferentes etnias e grupos sociais formadores da sociedade rio-grandense, algo relacionado a um dos principais postulados do discurso tradicionalista.

Juntando as narrativas dos dois grupos de entrevistados e as diferentes versões que formam sobre a caracterização dos sujeitos participantes dos CTG, podemos identificar apontamentos direcionados a uma preponderância maciça dos migrantes como participantes destes espaços em seus momentos iniciais, mas que a partir da década de 1990, tais espaços começam a ser frequentados por “*italianos*”, “*pessoas da cidade*” e “*daqueles que não tinham ligação nenhuma com o tradicionalismo*”. Tais apontamentos indicam uma percepção por parte dos entrevistados da mudança do perfil dos participantes dos CTG. A presença de pessoas desvinculadas a um passado de trabalhos no meio rural teria se tornado recorrente nestes locais, no decorrer da década de 1990 e nos anos 2000.

Entretanto, considero que tal fenômeno atingiu abrangência estadual, demonstrando que suas explicações podem ser encontradas além dos processos históricos pertinentes à sociedade de Caxias do Sul. Os eventos tradicionalistas promovidos na década de 1980, a popularização da música nativista e o apoio a este movimento por grandes grupos midiáticos a partir da década de 1990 abrem espaço para a consolidação do tradicionalismo como algo representativo de todos os habitantes do estado do Rio Grande do Sul, possibilitando a popularização do movimento e o aumento do alcance social desta identidade regional. Soma-se a isto a crescente popularização do movimento em Caxias do Sul também, com o surgimento de rodeios, programas tradicionalistas nas rádios e maior exposição na mídia – especificamente no principal

periódico local, como apontado no capítulo 2 – operaram na construção de representações positivadas acerca do tradicionalismo na sociedade local, paulatinamente abrindo espaço para esta inserção de não migrantes, de indivíduos totalmente desvinculados de um passado pastoril.

De acordo com as narrativas, a presença de naturais de Caxias do Sul, inclusive de descendência italiana, passa a se tornar mais comum a partir da década de 1990, mas a quantidade de pessoas de cidades do interior do estado participando destes CTG se mantém elevada.

A narrativa de Realino, referente ao perfil destes participantes num período próximo a 2010, realiza apontamentos interessantes neste sentido:

nós temos um horror de gente, nós temos gente de (...) Bagé, tem pessoas da fronteira, que vem morar em Caxias, querem procurar uma entidade, e vão nos rodeios, aparecem nos rodeios, eles vêm, procuram a gente, nós mostramos e levamos para lá e para cá...

Analisando a época à qual se refere e a região de procedência destes novos participantes, percebemos como os novos fluxos migratórios localizados por Herédia na virada do milênio mantiveram o incremento no número de tradicionalistas na cidade e nos CTG. Estes CTG vinculados a empresas, por abrirem a possibilidade de ingresso de pessoas que não fazem parte do corpo de trabalhadores, também continuaram aumentando o número de seus participantes devido a este fenômeno migratório novo, mas de caráter e resultados sociais similares àquele que levou à criação destes espaços.<sup>210</sup>

A caracterização do grupo social focado nesta pesquisa como trabalhadores de grandes empresas metal-mecânicas pode trazer a um olhar pouco aprofundado a ideia de homogeneidade quanto ao tipo de atuação profissional exercida nos locais de trabalho destes indivíduos. É importante especificar que a atividade fabril das empresas às quais estão vinculados é razoavelmente diversificada, e devido ao grande número de funcionários que compõem a mão de obra que utilizam e a necessidade de grande número de funcionários para desenvolver atividades burocráticas e outras diversas,

---

<sup>210</sup> É importante mencionar que em conversa com os padrões atuais do GTCN Velha Carreta, que não foram entrevistados nesta pesquisa, outro CTG que atualmente tem um grande número de participantes que não são trabalhadores da empresa, foi relatado a presença maciça de participantes originários de cidades da fronteira sul do estado, como Bagé, Santana do Livramento, Uruguaiana e Dom Pedrito.

possuem ampla variedade de funções e também de renda dentre o quadro de trabalhadores.

Em algumas das entrevistas efetuadas foram realizados questionamentos que objetivavam abordar a posição destes trabalhadores vinculados aos grupos tradicionalistas dentro do quadro de funcionários da empresa. O espaço para tais indagações ocorreu com alguns entrevistados ligados às atividades fabris, à linha de produção, e não a setores burocráticos e administrativos, que compunham a minoria entre os entrevistados. Questionados se os integrantes dos CTG tinham um perfil profissional similar ao deles, se haviam também pessoas de outros setores, ou mesmo componentes da gerência e diretoria, suas narrativas convergiram para o apontamento de que estes participantes dos CTG estavam relacionados às atividades fabris:

Gilmar Bristot: Eu acho que era mais a parte de fábrica, chão de fábrica. Dificilmente que eu conhecia assim, no CTG, nas internadas, era mais chão de fábrica sabe. Tinha por exemplo o presidente da SER Randon, aí sim, tinha, mas daí já era um supervisor, um encarregado, aí já era uma pessoa de nível mais alto, mas geralmente, tanto pra patrão como para componentes, era mais chão de fábrica.

Realino: Mas o pessoal que vinham na época aqui, era o funcionário normal da empresa, chão de fábrica, algumas pessoas de escritório, coisa parecida, vinham para cá, até filho de coordenador, de gerente aqui dentro, vinham participar.

Valdoir: Mais de chão de fábrica, mais da fábrica mesmo.

Gervásio: A maioria..., tinha três que trabalhavam comigo junto no setor de manutenção, eu trabalho no torno mecânico e eles, um trabalhava na solda e outro no setor de manutenção.

Algumas características das indústrias metal-mecânicas de Caxias do Sul são importantes de serem apontadas por incidirem no desenvolvimento de um panorama específico de relações de trabalho construídas entre estes trabalhadores e as empresas. Os produtos fabricados nestas empresas possuem uma baixa taxa de automação industrial em comparação com outras indústrias relacionadas à produção de veículos automotores, gerando a necessidade de grande quantidade de mão de obra. A falta desta durante o período de expansão destas indústrias, que engloba o espaço temporal analisado, gerou uma taxa relativamente baixa de rotatividade de funcionários, com inúmeros exemplos de trabalhadores vinculados por décadas à mesma empresa (algo comum entre os entrevistados). A valorização e escassez da mão de obra por longos

períodos<sup>211</sup> também gerou uma valorização financeira a estes trabalhadores, garantida pela legislação trabalhista vigente e pela atuação sindical nas negociações coletivas de aumento salarial anual (dissídio). Tais elementos foram suficientes para a formação de um cenário de relativa cumplicidade ente trabalhadores e empresa, inclusive de valorização salarial dos trabalhadores fabris mais antigos, relativizando o caráter pejorativo da pecha “chão de fábrica” auto imputado pelos entrevistados. Alguns dos entrevistados que praticamente se declaram como funcionários do “chão de fábrica”, desempenham suas atividades na empresa há vinte ou trinta anos e progressivamente galgaram funções pouco mais valorizadas. Além disto, por situarem-se em uma sociedade onde o emprego em uma grande indústria significa relativa estabilidade e valorização, e o *ethos* do trabalho perpassa diferentes classes sociais como um elemento social positivado, não pode ser considerado como um proletário qualquer. Dentro do universo simbólico local, estão carregados de algumas representações positivadas, principalmente dentro dos grupos sociais nos quais transitam com maior frequência.

*A valorização dos CTG pesquisados e do tradicionalismo em Caxias do Sul nas narrativas dos entrevistados*

A abordagem nas entrevistas sobre a valorização dos CTG dos funcionários das grandes empresas metal-mecânicas na sociedade caxiense nas décadas de 1980, 1990 e nos anos 2000 teve como eixo central o questionamento “Os CTG são valorizados aqui em Caxias?” Da mesma forma que em relação aos outros questionamentos centrais das entrevistas, quando as narrativas dirigiam-se a este sentido, outros questionamentos foram realizados dentro do tema, visando abordá-lo de forma mais aprofundada. Deve-se destacar também que por ser o quarto eixo temático entre as entrevistas, várias narrativas já haviam se direcionado para o apontamento desta valorização em referência ao tradicionalismo na cidade e não em relação aos CTG pesquisados especificamente.

---

<sup>211</sup> Na narrativa de Roni encontramos menção a esta escassez de mão de obra, quando relata que a Eberle: que houve uma época que o crescimento das empresas ele tava em ascensão e não tinha mão de obra suficiente na região. E aí então o que que as empresas faziam – pelo menos a empresa em que eu trabalho até hoje. Ela dava até uma premiação, tipo um rancho, ou coisa assim para o funcionário que fosse em algum lugar e trouxesse alguém pra vir trabalhar aqui. Depois a partir do momento em que ingressava na empresa era treinado, dado cursos quando necessário, pra que a empresa pudesse ter funcionários pra atender sua expansão, sua demanda de produção



Penso que tal direcionamento a uma seara mais ampla não desqualifica as narrativas. Considero que isto se deve ao fato dos entrevistados perceberem os CTG e o movimento tradicionalista imbricados, ou integrados em um mesmo bloco representacional frente à sociedade caxiense como um todo.

Como primeiro item comum a todas as narrativas dos entrevistados em relação a esta temática, percebe-se o apontamento de que houve uma valorização dos CTG e do tradicionalismo na cidade no decorrer do período temporal analisado. O depoimento de Gilmar Zillioto, que congrega argumentos presentes em outras narrativas, é contundente neste sentido:

Eu vejo que teve toda uma caminhada, mas hoje ele tá muito mais bem aceito, principalmente aqui na nossa cidade. Caxias do Sul foi considerada há dois anos a capital mundial do CTG, até pela quantidade de pessoas que participam, se não me engano são 106 CTG hoje filiados ao movimento tradicionalista aqui em Caxias. A 25<sup>a</sup> Região Tradicionalista é de Caxias do Sul, que abrange Caxias, São Marcos, Farroupilha, Flores da Cunha e Nova Roma do Sul, então ali estão filiados 106 CTG incluindo os piquetes de laço. É a região das 30 regiões do Estado que mais tem entidades cadastradas, por isso mereceu o título. Eu vejo aqui na cidade de Caxias, dentro dessa questão ali, que teve uma evolução bem acentuada, nos últimos anos, bastante gente participando, acho que a tendência é que continue isso aí.

O apontamento de Gilmar sobre o título de “*capital mundial dos CTG*”, o qual Caxias “*mereceu*”, é evocado na sua narrativa visando demonstrar uma “*evolução bem acentuada*” do alcance social do tradicionalismo na cidade nas últimas décadas. De fato, o apontamento do entrevistado (bem como de todos os outros) vai ao encontro de um fenômeno social indiscutível para qualquer observador sério da sociedade caxiense. Entretanto, cabe analisar como este título de capital mundial dos CTG opera como um elemento representacional importante para a construção da narrativa dos entrevistados, tendo em vista que foi amplamente propagado pela mídia e pela 25<sup>a</sup> Região Tradicionalista.

Tendo como base o apontamento desta valorização, as narrativas apontam de certa forma, um conjunto de causas elencadas pelos entrevistados na explicação da ascensão das manifestações tradicionalistas na cidade. Desta forma, pretende-se problematizar neste eixo temático das narrativas as diferentes versões encontradas sobre a valorização destes espaços e do tradicionalismo na sociedade local, analisando as

motivações para a apresentação de tais versões, bem como suas diferenças, semelhanças e complementaridade.

As versões apresentadas podem ser agrupadas dentro de duas linhas principais, nas quais os entrevistados fizeram uso de argumentos similares na construção de suas versões: um grupo apontou com maior contundência o apoio por parte de figuras políticas como fundamental para esta valorização; outro, o crescente destaque conferido ao tradicionalismo na mídia, tanto de plataformas de abrangência local como estadual.

Em relação às narrativas que apontaram a importância da ação e do incentivo de figuras políticas, destaca-se o relato das entrevistas de Valdoir:

Valdoir: Eu acho que cresceu desde que entraram os últimos prefeitos, como o Sartori, que já gostava bastante do tradicionalismo; que nem o outro prefeito, o Alceu Barbosa Velho, que gosta, então ele incentivava bastante. O parque dos pavilhões da Festa da Uva, que não tinha nada, foi na época deles que começou isso aí, e daí parece que cresceu mais nessa época, deu mais um crescimento nessa época aí.

Na sua narrativa, Valdoir aponta que algumas obras realizadas durante as gestões de dois prefeitos que “*gostavam bastante do tradicionalismo*” teriam funcionado como incentivos, cujas atividades impulsionaram o movimento tradicionalista como um todo. Neste mesmo sentido se baseia a narrativa de José de Oliveira:

José: eu acho que uma pessoa que ajudou muito aí foi o Alceu Barbosa Velho. Ele é tradicionalista, veio do interior e na gestão passada, ele era vice-prefeito, aqueles pavilhões lá, aquela cancha coberta foi tudo ele que, foi através dele que saiu. E hoje ele é prefeito e laçador, laça em torneio, isso aí também influencia bastante. E outra coisa, ele não é um cara como a maioria dos patrões de CTG aí que... a maioria não é formado. Ele é um advogado famoso de Caxias do Sul, diz que é um cara que dificilmente perde uma ação e... e aí o que que acontece? Ele tem bastante contato com a imprensa e começa a ajudar.

Considero que esta defesa de ambos entrevistados da importância das obras da cancha coberta no Parque da Festa da Uva promovidas por um prefeito ligado ao tradicionalismo obras só possa ser dirimida através de uma análise mais intrincada da situação. A obra a que se referem, a construção de uma cancha coberta para torneios de laço em área do Parque da Festa da Uva iniciada em 2009, foi bastante criticada quando

de sua realização, tanto pela sociedade em geral, que defendia o aporte de recursos públicos em outras áreas e criticava a derrubada de árvores no local, como por parte dos moradores de bairros adjacentes ao Parque da Festa da Uva, que reclamaram constantemente do barulho produzido quando ocorriam os torneios referidos ainda de forma provisória. Deduzo que o enfrentamento a esta contrariedade significativa por amplos setores da população caxiense tenha fortalecido o reconhecimento dos tradicionalistas pelos principais proponentes da obra, o prefeito da época, José Ivo Sartori e o vice-prefeito, estreitamente vinculado ao movimento tradicionalista e prefeito quando da ocorrência das entrevistas, Alceu Barbosa Velho. Desta forma, considero que a menção aos seus nomes e a importância da obra nas narrativas tenha como uma de suas motivações o reconhecimento a estas figuras políticas que protagonizaram um relativo enfrentamento na sociedade caxiense de modo a favorecer as atividades dos tradicionalistas.

Outro apontamento significativo encontrado na narrativa de José é em relação à figura positivada do prefeito na sociedade caxiense, como um “*advogado famoso de Caxias do Sul, diz que é um cara que dificilmente perde uma ação*”. Segundo o entrevistado, isto o coloca em um patamar diferenciado, por não ser “*um cara como a maioria dos patrões de CTG aí que... a maioria não é formado*”. Percebe-se neste sentido que a importância conferida à figura política que age em prol dos tradicionalistas se soma à portabilidade de elementos simbólicos positivados na sociedade em geral, como um de um profissional bem sucedido e bem situado na sociedade, um legítimo *self-made man*. Torna implícito que a associação de uma figura pública socialmente bem situada confira valoração ao tradicionalismo como um todo, demonstrando como seus participantes se percebem, ou percebem seus pares integrantes do movimento como de pessoas mais humildes, que não compõem os estratos sociais mais bem posicionados da sociedade caxiense<sup>212</sup> e que tal caracterização dos tradicionalistas aja de forma negativa dentro das lutas por legitimação e valorização simbólica dos diferentes grupos que compõem a sociedade caxiense.

No final do trecho destacado de sua narrativa, encontra-se uma menção de José sobre o fato desta figura política ter “*bastante contato com a imprensa e (isso) começa a ajudar*”. A menção à importância da imprensa nesta valorização do tradicionalismo e

---

<sup>212</sup> Somando esta análise da narrativa de José com a análise sobre a associação com o empresário Raul Randon por parte dos tradicionalistas do CTG OS Carreiros, percebe-se como os portadores desta identidade percebem na

dos CTG na cidade de Caxias do Sul é mais contundente em outros entrevistados, que serão analisados na sequência. Entretanto, registro novamente uma percepção aguçada e do entrevistado em relação aos fenômenos sociais circundantes, por analisar várias possibilidades explicativas para este fenômeno.

As versões que indicaram a mídia como principal vetor de promoção do tradicionalismo em Caxias do Sul e dos CTG pesquisados foram construídas nas entrevistas de Roni e Bruna:

Roni: Eu ia com a pilcha dentro de um sacola ou maletinha, alguma coisa por que você ouvia barbaridades na rua. Isso lá tipo por 75, 76, até os anos 80. A partir daí já começou a mudar o pensamento do pessoal, a cultura, aí já começou a quem tava com uma bombacha ou coisa do gênero, já era visto com outros olhos. Tu fazia questão de estar na rua caminhando com a pilcha. Então a mudança foi muito importante. Isso, porque que ocorreu? Por que houve também, da parte da mídia, principalmente da RBS, até pelo momento da criação do Galpão Crioulo, que existe até hoje, esses festivais nativistas, que na época dos anos 80 foi muito forte né, e aí, a partir daí começou a mudar.

Bruna: Teve, com certeza. Desde que eu tinha seis anos e comecei a dançar na mirim, hoje a gente vê no tradicionalismo muito mais pessoas participando, se interessando, e a mídia apoiando mais do que antigamente. Acho que teve uma ascensão, cresceu e as pessoas se interessam mais sim.

Embora os dois entrevistados apontem em suas narrativas a ação da mídia como principal causa da valorização do tradicionalismo em Caxias do Sul, cabe destacar como referem-se a períodos diferenciados. Roni aponta que esta projeção midiática do movimento inicia na década de 1980, citando nominalmente o principal grupo midiático do estado como protagonista desta ação. De acordo com sua narrativa, teve impacto suficiente para promover uma intensa valorização dos elementos simbólicos desta identidade regional e de seus portadores, quando aponta a diferença de tratamento ao andar na rua pilchado na década de 1970 e a partir da década de 1980, quando indica que já se “fazia questão de estar na rua caminhando com a pilcha”.

Ao mesmo tempo em que relata sobre a valorização e o crescimento do tradicionalismo em Caxias do Sul, a narrativa de Bruna indica a “mídia apoiando mais que antigamente”. Deve-se considerar que a experiência de Bruna junto ao tradicionalismo começa em 1997, com apenas seis anos, e que sua percepção

qualificada do apoio da mídia ao movimento para fins de uma base de comparação deva ter se dado apenas na década seguinte.

Entretanto, se somarmos esta menção na narrativa de Bruna aos apontamentos contundentes da entrevistada no eixo de questões posteriores, relativas à publicidade conferida ao tradicionalismo pelo periódico local e analisadas no capítulo 2, pode-se perceber que Bruna está se dirigindo à crescente atuação desta mídia impressa local acerca do movimento, principalmente a partir dos anos 2000. A narrativa de Roni, referindo-se ainda à década de 1980 e à atuação da RBS, apontando nominalmente a importância do programa televisivo Galpão Crioulo, iniciado em 1982, refere-se a uma plataforma midiática diferente da de Bruna, de programas televisivos de alcance estadual, que também exerceram influência sobre a população local na positividade das representações do tradicionalismo. A narrativa de Bruna foi construída referente a um outro momento histórico, onde esta atuação da mídia regional já tinha iniciado e positivado o tradicionalismo até certo grau. Provavelmente, este apoio a mais que *antigamente* ao qual a entrevistada se refere se deve à atuação da mídia local impressa, que de forma crescente e positivada conferiu publicidade ao tradicionalismo em Caxias do Sul, como apontado no capítulo 2 deste trabalho.

## REFLEXÕES FINAIS

Nesta dissertação, procurei analisar a ascensão de uma identidade regional ancorada nas representações propaladas pelo tradicionalismo entre trabalhadores de grandes empresas metal-mecânicas de Caxias do Sul, e como este fenômeno se relacionou com o crescimento das manifestações tradicionalistas na cidade, tomando como recorte temporal as duas últimas décadas do século XX e os primeiros anos dos anos 2000.

No início desta pesquisa, o esforço empreendido na busca por oferecer uma abordagem explicativa minimamente qualificada parecia exigir a análise sobre uma série crescente de temas correlatos, bem como de perspectivas teóricas dirigidas a diferentes fenômenos sobre as quais o tema principal deslindava.

O começo do fim deste momento inicial, quando os nebulosos recortes da pesquisa tornaram-se mais nítidos, surgiu quando o trabalho de interpretação das fontes começou a confirmar, modificar ou mesmo negar as primeiras hipóteses formuladas para a explicação do problema principal. Neste momento, começou a ser definido qual seria o direcionamento da pesquisa, quais os temas e teorias imprescindíveis para a análise principal e como ocorreria a disposição dos assuntos no corpo do texto na forma dos capítulos e subcapítulos.

De início, procurei introduzir os aspectos principais a respeito do objeto de pesquisa e os imprescindíveis temas que o impactam. Também procurei apontar o ineditismo deste estudo, suas limitações, sua bibliografia relacionada e o arcabouço teórico que se pretende utilizar em sua abordagem.

No primeiro capítulo, o objetivo principal foi permitir uma visualização dos principais processos históricos formadores do contexto analisado na problemática central. No âmbito espacial de Caxias do Sul, os processos para os quais se direcionou a análise concentraram-se no desenvolvimento econômico da cidade, substrato de um conjunto de atributos que valorizam as atividades fabris no universo simbólico local, bem como os trabalhadores ali presentes; também nos fluxos migratórios que trouxeram centenas de milhares de pessoas à cidade, dentre os quais grande número de indivíduos que associaram-se à identidade tradicionalista; e na emergência de uma identidade étnica relacionada aos imigrantes italianos e seus descendentes, a italianidade, ancorada nos principais atributos valorativos da sociedade local e associada aos membros das elites econômica e intelectual, basilar para que se possa compreender uma dinâmica

social de lutas simbólicas por valorização de identidades coletivas na sociedade caxiense.

A bibliografia sobre tais temas aponta como estes processos históricos foram completamente interdependentes: o desenvolvimento econômico local ofereceu os principais bens simbólicos sobre os quais os descendentes de italianos poderiam erigir representações positivadas sobre si, adicionando-as aos sinais diacríticos do grupo. Os migrantes que chegaram ao município oriundos de cidades menores do interior do estado com cenários econômicos estagnados, surgiram como o modelo negativado do “outro”, em um processo de construção identitária contrastiva. Os descendentes de imigrantes associados à italianidade eram vistos como mais trabalhadores, mais empreendedores, elementos que justificariam o sucesso industrial local.

A construção desta italianidade, a escolha e imputação de suas representações, estiveram atreladas às conjunturas históricas de fins do século XIX até o momento presente, sendo que a adoção de alguns de seus bens simbólicos podem ser mapeados temporalmente. O aspecto contrastivo da italianidade se reforçou na segunda metade do século XX, quando próximo ao recorte temporal desta pesquisa, nas duas décadas anteriores a 1980, os entrevistados apontaram que eram hostilizados, xingados de forma distante quando andavam pilchados em espaços públicos de Caxias do Sul.

Considero que a ojeriza ao tradicionalismo nestas décadas não demonstra apenas o exercício ou reforço da contrastividade de um grupo étnico – que se percebe como superior e encontra-se em posição de superioridade numérica ao outro negativado, mas também informa um reconhecimento, sinalizando como o tradicionalismo já apresentava um conjunto de elementos simbólicos diacríticos perceptíveis socialmente.

Dentro de um âmbito espacial relativo ao estado do Rio Grande do Sul, insere-se outra análise bibliográfica relevante a esta pesquisa, posicionada neste primeiro capítulo. Esta análise foi direcionada a estudos com perspectivas analíticas amplas sobre o fenômeno de ascensão do tradicionalismo e sua identidade correlata no estado.

O tradicionalismo inicia enquanto movimento social relevante ainda na metade do século XX, tendo como estrutura modelar de seus espaços o 35 CTG. A partir da década de 1960, o movimento se espalha com força pelo interior do estado, por outros estados do Brasil e até em outros países. Entretanto, uma de suas principais façanhas se deve ao fato de conseguir se apresentar como principal proponente dos elementos simbólicos do gaúcho, que devido à confusão entre o tipo ideal do habitante relativo a um passado distante da região de Campanha e o gentílico dos habitantes do estado,

tornou ainda mais importante a posição do movimento tradicionalista em relação á sociedade regional.

O tradicionalismo institucionalizou-se de forma eficaz, e o rechaço à sua centralização gerou um movimento de críticas emanadas principalmente em festivais musicais que ampliaram consideravelmente o alcance social de tais representações entre os habitantes do estado durante a década de 1980. Tal ascensão levou a mídia a abrir espaço para esta identidade regional e suas manifestações culturais, principalmente a música e a dança, gerando novas possibilidades de penetração social positivada de suas representações.

Dentro deste contexto inicia o capítulo 2. Percebendo a grande influência que a mídia desempenhou na oferta de uma visibilidade positivada do movimento nesta década, reconhecida entre os autores analisados da bibliografia do tema no capítulo anterior como um período do “boom” do movimento, analisou-se a função que a principal mídia da cidade de Caxias do Sul, o jornal Pioneiro, exerceu na popularização desta identidade regional durante um recorte de 31 anos, com análise voltada ao período da Semana Farroupilha, entre os anos de 1980 e 2010. Este espaço temporal concentrou um gigantesco crescimento da popularidade do tradicionalismo na cidade, que pode ser percebido no fato de no início da década de 1980 estar relegado a pequenos grupos esparsos e com pouco contato entre si e já em meados dos anos 2000, a cidade ser reconhecida como a “Capital Mundial dos CTG”, por ser a que concentra o maior número de agremiações deste tipo e reunir durante as comemorações da Semana Farroupilha, principal data tradicionalista, quase 300 mil pessoas entre os visitantes no Acampamento Farroupilha e os espectadores de seu desfile temático.

A análise se direcionou à quantidade da publicidade conferida e ao tipo de representações veiculadas sobre o tradicionalismo. Percebeu-se que até 1993, o apoio da mídia ao tradicionalismo era esparso, concentrando-se em alguns anos e praticamente ausente em outros. A partir de 1993, entretanto, há uma verdadeira reviravolta na publicização desta identidade regional no Pioneiro, quando passa a ser continuamente mencionada, fruto de reportagens especiais com tom didático, e positivada quanto aos seus principais constructos.

Tamanha mudança encontra sua explicação no fato do Pioneiro ter passado para o controle do Grupo RBS, principal conglomerado midiático dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e que desde a década de 1980 vinha inserindo dentro da programação de suas variadas plataformas midiáticas a atenção ao tradicionalismo.



A vinculação do Grupo RBS com o tradicionalismo foi um fenômeno observado e apontado por Nilda Jacks (2003). Desta forma, a mudança de postura do jornal Pioneiro em relação à visibilidade conferida ao tradicionalismo e à sua positivação se explicaria pela execução de uma diretriz praticamente institucional de seus novos proprietários, fomentando e imputando representações positivadas à população do estado com o objetivo de assegurar um público consumidor. Orquestrado de forma eficaz, tal processo foi fundamental em gerar uma intensa popularização do movimento durante o recorte temporal, como vários entrevistados apontaram em suas narrativas quando questionados a respeito da influência do jornal na propagação do tradicionalismo na cidade. Em relação à sociedade caxiense, pode-se apontar que o jornal Pioneiro operou, especialmente a partir de 1993, como importante vetor de publicidade das representações positivadas do tradicionalismo e de sua identidade regional, o que coadunado com outras plataformas midiáticas do Grupo RBS acessíveis, como televisivas e de rádio, pode ser considerado como uma das principais forças motrizes da ascensão do tradicionalismo na cidade e nos estratos sociais focados com maior ênfase nesta dissertação.

Após abordar bibliografias sobre os temas relacionados ao objeto e o papel de uma plataforma midiática como um dos principais vetores do tradicionalismo positivado na sociedade local, a análise dirige-se para a problemática central da pesquisa, que envolve a história dos CTG de funcionários das empresas metal-mecânicas de Caxias do Sul. O capítulo 3 teve como fontes históricas basilares materiais informativos destes CTG e de seus entrevistados, fotografias e cronologias elaboradas pelos mesmos e entrevistas estruturadas, efetuadas e transcritas de acordo com os pressupostos da história oral.

Na análise dos quatro CTG pesquisados, pôde-se perceber alguns dados em comum a todos: iniciaram suas atividades na década de 1980, a maioria como grupo nativista, e depois de alguns anos, com o incremento das atividades e do tamanho dos grupos de dança, inscreveram-se junto ao MTG a fim de participar de rodeios e concursos; tiveram como fundadores migrantes que dirigiram-se a Caxias do Sul por motivos profissionais, em busca de empregos melhores daqueles disponíveis em sua região de origem, e concentravam em seus momentos iniciais, como apontado nas narrativas dos entrevistados, indivíduos com a mesma origem e motivações para terem se deslocado para a cidade; obtiveram suporte financeiro fixo das empresas nas quais

seus funcionários trabalhavam, uma ajuda de custo para financiar parte das atividades do grupo;

Foram constatadas também algumas diferenças nas relações sociais ocorrentes nestes espaços, sendo a principal, o fato de que em alguns CTG, a participação dos empresários em suas atividades e sua relação com os tradicionalistas foi mais intensa e contínua que em outros, onde pouco apareciam, embora a maioria teve alguma participação. De acordo com as narrativas obtidas e as fontes pesquisadas, esta participação quando ocorria, era valorizada e vista como positiva por parte dos tradicionalistas.

Somando estas semelhanças e diferenças à análise efetuada com maior detalhamento no corpo textual do capítulo 3, pode-se tirar algumas conclusões quantos aos processos históricos relativos a estes espaços: em seu início, teve participação majoritária de migrantes originários de cidades do interior do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que destinaram-se para Caxias do Sul em busca de melhores oportunidades profissionais em uma época em que havia escassez de mão de obra no setor metal-mecânico. A manutenção destes grupos e o suporte financeiro às suas atividades demonstraram como as empresas de alguma forma, financiavam estas atividades, provavelmente com o intuito de fortalecer o vínculo do trabalhador com a empresa para reter a mão de obra já treinada em suas linhas de produção, evitando perdas com a rotatividade de funcionários. Destaco como estes espaços, além de concentrarem relações sociais com vistas à promoção de manifestações identitárias, operaram como importantes locais para diversão de seus participantes, incluindo momentos para diversão apenas dos adultos, como bailes e jantãs, e momentos de caráter familiar, incluindo participação das crianças.

O surgimento destes grupos na década de 1980 também é um dado que merece destaque. A década de 1980 foi marcada por uma popularização intensa das representações concernentes a esta identidade gaúcha em virtude dos festivais musicais e do movimento nativista, erigido em torno das críticas à centralização do MTG. Alinhados às conjunturas de seu período histórico, a nomenclatura inicial destes grupos vinculava-os ao nativismo, como Grupo Nativista Os Carreteiros, Grupo Nativista Sinuelo e Grupo Tradicionalista de Cultura Nativista Velha Carreta.

Quanto à proximidade de alguns empresários e a valorização desta relação, vejo como uma importante associação tanto para os tradicionalistas quanto para os empresários. Dentro do universo simbólico local, estes últimos despontam como figuras

extremamente valorizadas. Percebi entre os CTG pesquisados, que naqueles nos quais o empresário demonstrou alguma predisposição maior em apoiar o espaço e suas atividades, foi recebido de forma amplamente favorável pelos tradicionalistas, demonstrando como percebiam que este apoio mais contundente significava no âmbito da sociedade caxiense, uma conferência significativa de prestígio. Para os empresários, mais uma forma de ampliar seu respaldo, admiração e capital social frente aos funcionários, elementos que em se tratando de um universo cercado pelas relações de trabalho, são importantíssimos para a figura patronal.

A partir de tais interpretações, pode-se inferir várias hipóteses explicativas sobre a ascensão do tradicionalismo entre estes funcionários metalúrgicos. Caxias do Sul, cidade de amplo desenvolvimento industrial e polo de atração de migrantes de cidades do interior do estado, principalmente da região da Campanha e dos Campos de Cima da Serra, tem no *ethos* do trabalho um dos principais elementos de seu ideário coletivo. Entretanto, tais valores são atribuídos na sociedade local a um grupo específico, os descendentes de imigrantes italianos, através de uma construção identitária étnica que perpassou todo o século XX e encontrava-se de forma especialmente tenaz entre as décadas de 1960 e 1980.

Os migrantes de cidades do interior do estado, trabalhadores do setor secundário na cidade, especialmente nas grandes empresas metal-mecânicas durante as décadas de 1970 e 1980, eram o outro contrastivo na formulação da italianidade, o que lhes conferia atributos de pouca valorização social dentro da luta simbólica efetuada entre os diferentes grupos que compunham a sociedade local, ignorando-se o fato de serem importantes agentes produtores em um dos principais setores da economia local.

Distantes das representações e das tábuas de valores que os situavam socialmente em suas sociedades predecessoras, os migrantes têm no trabalho um dos poucos elementos que lhe poderiam atribuir características valorativas. Entretanto, na medida em que a italianidade concentra praticamente o monopólio das representações valorativas do trabalho e do empreendedorismo em Caxias do Sul, estes trabalhadores tinham pouca margem de ação para positivarem-se.

Considero que a década de 1980, marcada por uma forte valorização e popularização das representações relativas à identidade regional sul-rio-grandense em âmbito estadual, propaladas por meios de comunicação de ampla abrangência, tenha aberto uma possibilidade ímpar para estes migrantes associarem-se a um conjunto de representações valorativas, que lhe colocariam em uma nova posição na luta por

valorização dentro do universo simbólico da sociedade caxiense. Vejo este aspecto, aliado ao tempo necessário para se formar uma crescente rede de relações sociais, o motivo para que tais grupos e CTG tenham surgido na década de 1980, embora a maioria dos fundadores destes espaços estivessem em Caxias do Sul desde a década de 1970.

Também deve-se considerar a associação destes tradicionalistas com os proprietários das empresas em que trabalhavam como um fenômeno dentro deste âmbito de busca por valorização simbólica dentro da sociedade caxiense. Ao associarem-se com estas figuras públicas, modelos exemplares dos atributos valorativos da italianidade, os tradicionalistas posicionam-se de forma interessante perante as representações que envolvem o *ethos* do trabalho, demonstrando que são prestigiados e reconhecidos socialmente pelos principais representantes de tais atributos.

Tais interpretações mais amplas dos processos históricos relativos ao tradicionalismo entre estes trabalhadores são complementadas no capítulo 4, onde se analisou as narrativas dos entrevistados em relação à caracterização dos participantes dos CTG e a valorização destes espaços, bem como do próprio tradicionalismo na sociedade caxiense.

Em relação à caracterização dos participantes dos CTG, os aspectos mais relevantes acerca destes durante a década de 1980 foi apontado anteriormente, do fato de serem originários de cidades do interior e de como o tradicionalismo operou como um conjunto identitário que poderia positivá-los simbolicamente. Entretanto, a crescente presença de descendentes de italianos nestes espaços, principalmente após o início da década de 1990, demonstra a importância da sedimentação dos elementos positivados desta identidade social e de seu caráter abrangente e agregador, que perpassava todos os grupos étnicos do estado, esforço operado principalmente pela mídia estadual após 1980 e regional após 1993. Também deve-se mencionar a importância que o caráter familiar destes espaços teve para promover o ingresso de pessoas que não se vinculavam a um estereótipo próprio aos trabalhadores do meio rural que as representações deste movimento veiculavam. De qualquer forma, tal dinâmica promoveu o incremento do número de adeptos do tradicionalismo e de suas representações, por mais que alguns a negassem anteriormente.

Dentro deste capítulo também são apontadas as perspectivas dos entrevistados sobre a valorização do tradicionalismo na cidade, encontradas nas narrativas produzidas durante as entrevistas. Enquanto alguns entrevistados apontaram a importância da mídia

como principal força motriz de uma intensa popularização e aceitação do tradicionalismo na sociedade local, outros apontaram o suporte por parte de certas figuras políticas locais ao movimento.

Levando-se em consideração as interpretações que podem ser erigidas em torno dos processos históricos abordados nesta dissertação, podemos apontar que o tradicionalismo operou na década de 1980 para grupos de trabalhadores das empresas metal-mecânicas como um modelo identitário capaz de fornecer-lhes representações positivadas em meio a uma difícil luta simbólica por positivação. Apesar do trabalho cotidiano em empresas que compunham o cerne dinâmico da economia local, encontravam-se numa sociedade que destinava todo o reconhecimento sobre seu sucesso econômico a um grupo étnico específico, vinculado à elite econômica.<sup>213</sup>

Desta forma, a ascensão do tradicionalismo na década de 1980 permitiu a estes trabalhadores associarem-se a esta identidade regional como importante ferramenta de inserção positivada na sociedade local. Durante as décadas de 1990 e 2000, tal motivo justificante para a adoção do tradicionalismo entre estes grupos de trabalhadores se mantém. Entretanto, a presença crescente de descendentes de italianos nestes espaços é revelador de como a italianidade e o tradicionalismo deixaram de ser conjuntos identitários opostos, sem que uma possível dupla identificação ou manifestação de duas ou mais identidades incorresse em contradição insolúvel.

Por fim, cabe mencionar como a construção desta identidade serviu aos interesses tanto dos operários quanto dos patrões. Para os operários, pois essa identidade de trabalhador, de "peão", passa, em sua versão tradicionalista, de ser uma identidade desvalorizada para uma valorizada. Para os capitalistas, os "patrões", age como um reforço em garantir o enquadramento destes trabalhadores às dinâmicas locais de relações de trabalho.

---

<sup>213</sup> Embora completamente relacionadas ao espaço de trabalho destes funcionários, as interpretações sobre os processos históricos abordados não destinaram-se especificamente a luta trabalhista pelo fato de não terem sido apontados em momento algum pelas fontes. Considero que o estabelecimento de uma identidade tradicionalista entre estes funcionários tenha relação com uma positivação social identitária, operada através de várias estratégias e linhas de ação, mas não esteja precisamente vinculada com uma pauta de reivindicação trabalhista.

## ARQUIVOS E BIBLIOTECAS CONSULTADAS

Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Caxias do Sul (AHCM).

Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA).

Seção de Periódicos da Biblioteca Pública Municipal Dr. Demétrio Niederauer.

## FONTES PESQUISADAS

*Depoimentos:*

**BERTOLDI**, José Realino. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

**BRISTOT**, Gilmar. Caxias do Sul, janeiro de 2015.

**LIMA**, Antônio Carlos de Back. Caxias do Sul, fevereiro de 2015.

**LIMA**, Bruna de. Caxias do Sul, fevereiro de 2015.

**MARTINS**, Roni Manoel Grendene. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

**NASCIMENTO**, Zanildo Barbosa. Caxias do Sul, novembro de 2014.

**OLIVEIRA**, Alcidino Xavier de. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

**OLIVEIRA**, José Antônio de. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

**OLIVEIRA**, Valdoir Alves de. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

**PADILHA**, Gervásio. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

**SILVA**, Adão da. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

**ZILLIOTTO**, Gilmar. Caxias do Sul, janeiro de 2015.

*Documentos sem autoria:*

**HISTÓRICO** do CTG Sinuelo. Caxias do Sul, 2013, 4 páginas.

**HISTÓRICO** do CTG Marco da Tradição. Caxias do Sul, 2006, 53 páginas.

*Informativos das empresas:*

**FRAS-LE**. Informativo Interno. Boletim 031, ano 07, maio/junho de 1984. Caxias do Sul, 1984.

**FRAS-LE**. Informativo Interno. Boletim 050, ano 10, julho/agosto 1987. Caxias do Sul

**SER RANDON**. Informativo da gestão 2002/2003. Caxias do Sul, 2003.

**SER RANDON**. Informativo da gestão 2008. Caxias do Sul, 2008.

**SER RANDON**. Informativo da 7ª Cavalgada Raul Anselmo Randon. Caxias do Sul, 2014.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul, 1864-1962*. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1963.

ALBECHE, Daysi Lange. *Imagens do gaúcho: história e mitificação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

AZEVEDO, Thales de. *Os Italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de campo*. Caxias do Sul: EDUCS, 1994.

\_\_\_\_\_. *Italianos e gaúchos*. Rio de Janeiro/ Brasília, Catedra/INL, 1975.

\_\_\_\_\_. “Materiais para o estudo da aculturação de italianos no Rio Grande do Sul.” In: *II Reunião Brasileira de Antropologia*, Salvador: Universidade da Bahia, 1957

BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras (1969). In: POUTIGNAT, Phlippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENEDUZI, Luís Fernando. *Mal di Paese: as reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D’eu (1884 – 1925)*. Porto Alegre, 2004. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1973 [1966]

BERGSON, Henri. *Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BLOCH, Marc Léopold Benjamin. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre *The logic of practice*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1990.



BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Löic. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

CAREGNATO, Lucas. *A outra face: a presença de afro-descendentes em Caxias do Sul 1900 a 1950*. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 2. 176d. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

COHEN, Abner. The Lesson of Ethnicity [1974]. In: SOLLORS, Werner (ed.). *Theories of ethnicity: a classical reader*. New York: New York University Press, 1996.

CORTELETTI, Rafael. *Patrimônio arqueológico de Caxias do Sul*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

COSTA, Rovílio e outros. *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradição*. Porto Alegre: EST, 1975.

COUGO JÚNIOR, Francisco Alcides. *Canta meu povo: uma interpretação histórica sobre a produção musical de Teixeira (1959-1985)*. Porto Alegre, 2010. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DACANAL, José Hildebrando, GONZAGA, Sérgio (orgs.). *RS: Cultura e Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

DE LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. 2ª 176d., 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2008. P.136 a 153.

DUBY, George. *As três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982 [1978]

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

FONSECA, Juarez & EITELVEIN, Gilmar. “Aiatolás da Tradição: apontamentos para uma história natural”. Zero Hora, 14 de junho de 1986, Cultura, p. 8.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Ciências Sociais/MEC, 1967.

GIRON, Loraine Slomp. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EST, 1977.

GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Litório: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GIRON, Loraine Slomp. “Identidade: região e valores”; in GIRON, Loraine S.; RADÚNZ, Roberto (orgs.). *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

GIRON, Loraine Slomp. *Presença africana na serra gaúcha: subsídios*. Porto Alegre: Suliani, 2009

GLAZER, Nathan, MOYNIHAN, Daniel P. (ed.) *Ethnicity, Theory and Experience*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1975.

GOLIN, Tau. A ideologia do gauchismo. Porto Alegre: Tchê!, 1983.

GOMES, Fabrício Romani. *Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)*. Jundiá, SP: Paco Editorial, 2013.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso : um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*. Porto Alegre: Associados, 2009.

GUAZZELLI, Cesar A. B. Matrero, guerreiro, peão campeiro: aspectos da construção literária do gaúcho. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais (Brasil, Uruguai, Argentina)*. São Paulo: Ateliê, 2002, p. 108-136.

GUAZZELLI, Cesar A. B. História e Fronteira nas Fronteiras da Literatura: João Simões Lopes Neto e “Lendas do Sul”

GUTFREIND, Ieda. *A Construção de uma Identidade: a historiografia sul rio-grandense de 1925 a 1975*. São Paulo, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. *Processo de Industrialização da Zona Colonial Italiana*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti O mito do imigrante no imaginário da cultura. **Métis** : História & Cultura, Caxias do Sul, RS , v.4, n.8, p. 245-256, jul. 2005.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; CÂMARA DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS DE CAXIAS DO SUL. *Memória & identidade: CIC*. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras, 2007.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; MACHADO, Maria Abel. *Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: cem anos de história*. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos; MOCELLIN, Maria Clara. (orgs). *Migrações internas e suas dinâmicas: o caso de Caxias do Sul*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª edição, 1997.

HOBSBAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JACKS, Nilda. *Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional*. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

KANAAN, Beatriz Rodrigues. *Imigrações contemporâneas e italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS*. Porto Alegre, 2008. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

KLEIN, Cleci Eulália 178d178aro. *De “Bairro Lusitano” a “Zona Tronca”*: a presença dos portugueses em Caxias do Sul (1911 – 1931). Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1984

KOUCHER, Ademir Barbosa. *Migrações no Rio Grande do Sul: os novos cenários da desconcentração espacial urbana-regional*. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. [Dissertação de Mestrado]

LAZZAROTTO, Valentim. *Pobres Construtores de Riqueza*. Caxias do Sul e Porto Alegre: EST, 1981.

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994

LESSA, Luís Carlos Barbosa. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul – 1875/1950*. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2001.

MACIEL, Maria Eunice. A atualização do passado. In.: Félix, Loiva Otero, RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. *RS: 200 anos: definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2002, p. 191.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. *Bailões, é disto que o Povo Gosta: análise de uma prática cultural de classes populares no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1984. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MANFROI, Olívio. *A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975.

MARX, Irton. *Vai nascer um novo país: república do pampa gaúcho, união dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul, RS: Excelsior, 1990.

MOCELLIN, Maria Clara. *Trajatórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul*. Campinas, 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas.

NEDEL, Leticia Borges. *Um Passado Novo para uma História em Crise: Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Brasília, 2005. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Universidade de Brasília.

NIETHAMMER, Lutz. Conjunturas de identidade coletiva. *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP. N. 15, abr. 1997, p. 119-144

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

OLIVEN, Ruben G. *A parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993 [1978]

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. In: *Ensaio FEE*. Vol. 14, nº. 2, 1993.

POLLAK, Michael e HEINICH, Natalie. El testimonio. In: POLLAK, Michael. *Memoria, olvido, silencio: la producción social de identidades frente a situaciones limite*. La Plata/Buenos Aires: Al Margen, 2006.

POSENATO, Júlio (org.). *Antônio Prado: Cidade Histórica*. Porto Alegre: Arte & Cultura. 1989.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998

RIBAS, João Vicente. *A representação cultural gauchesca do município de Passo Fundo*. Dissertação (Mestrado em História). Passo Fundo. 2008. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História. Universidade de Passo Fundo.

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto: Festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos em Caxias do Sul – RS*. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, Ed. Da USP, 1968.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues Soares. Rio Grande do Sul – do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização (1930-85). In BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. *História Geral do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo, RS: Méritos, 2007-2009. V. 4, p. 291 a 311.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. *Os recados das festas: representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro, Funarte, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

\_\_\_\_\_. La construction des peuples: racisme, nationalisme, ethnicité. In: BALIBAR, E., \_\_\_\_\_. *Race, Nation, Classe: Les identités ambiguës*. Paris: La Découverte, 1988. P. 95-116;

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. Parte 1. 4. 180d. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

WEBER, Regina. “O Avanço dos Italianos”. *História em Revista*; v. 10. Pelotas, UFPEL/Núcleo de Documentação Histórica. (VII Encontro Estadual da ANPUH-RS). Dez., 2004.

WEBER, Regina. *Os operários e a colmeia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

ZALLA, Jocelito. *O centauro e a pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas*. Porto Alegre, 2011. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Anexo



Figura 1 - Pioneiro, 14 de setembro de 1990, p. 14



Figura 3 Pioneiro, 21/09/1990, p. 13

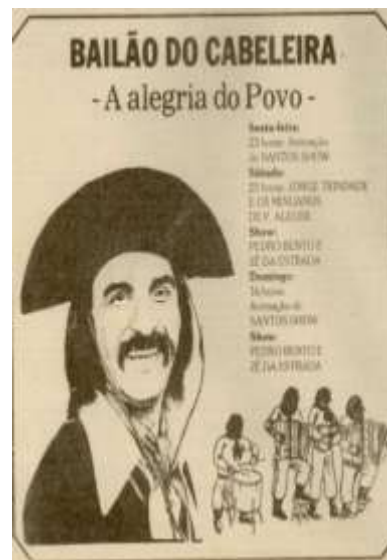


Figura 2. Pioneiro, 24 de set. de 1980, p. 6.



PÁGINA 4

# PIONEIRO

- PAULINA SOLDATELLI MORETTO, Dir. Presidente  
- BERNARDINO CONTE, Diretor Gerencial  
- GUILHERME BRANDALISE, Diretor Gerente  
FUNDADO EM 4 DE NOVEMBRO DE 1948.

Assinatura mensal: Cr\$ 150,00      Redação e Gerência  
Venda avulsa: Sábado Cr\$ 20,00      Rua Dr. Montauri, 663  
Quarta Cr\$ 20,00      Fones: 221.65.13 C. Postal 14  
221.64.11

EMPRESA JORNALÍSTICA PIONEIRO S/A.  
Circula aos Sábados e às Quartas-feiras  
Não nos responsabilizamos pelos conceitos emitidos em artigos assinados

## Semana Farroupilha

O Rio Grande do Sul prepara-se para festejar mais uma Semana Farroupilha, promoção que encontrou a mais ampla receptividade popular. Vinculada a um acontecimento distante, ainda mal-estudado e nem sempre corretamente interpretado ela se transformou, numa fase de reavivamento dos sentimentos de adesão e de integração ao solo gaúcho. Embora contando com a adesão governamental e comunitária, ela representa, antes de mais nada, uma afirmação do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Realmente, são os Centros de Tradição, que se movimentam e buscam assinalar festivamente a data.

Já foi dito que povo sem tradição é povo fadado a ser destruído pelo impacto de novos valores. Destroem-se os costumes, desagregam-se as pessoas, perde-se o senso de solidariedade. E, nesta hora, em todo o país, com a confusão mental que atinge a todos os setores, a que valores pode o homem comum apegar-se? Pais de uma religião predominante, esse homem comum não sabe para que lado orientar-se. As noções que lhe foram inculcadas no passado estão postas em dúvida. A religião tornou-se um difuso e confuso sentir, nos estabelecimentos, outrora tidos como religiosos. No âmbito político, o que temos à vista é simplesmente trágico.

Não há ideias nem programas alternativos e face às eleições diretas, que deverão ocorrer em ambiente de dificuldade é cada vez maior. Nas universidades, quando um problema é levantado, ainda que de maneira confusa, noventa por cento dos alunos preferem o feriadão, as praias, o descanso, mostrando que pouco se acredita.

Neste panorama, surge a Semana Farroupilha, que mais de 500 mil rio-grandenses cultuam diretamente. Ela evoca um passado, mitizado em parte, mas onde as grandes virtudes humanas, como a lealdade, a honra, o cumprimento da palavra empenhada, etc. são realidades que merecem todo o acatamento.

Na imensa confusão em que o país se encontra, nessa passagem difícil para um novo sistema de vida, valores como as comemorações vinculadas à Semana Farroupilha são meritorios e conseqüentes. Ela responde a uma necessidade afetiva e direta de nossa população.

Já observamos que o civismo, entre nós, tem altos e baixos. Há períodos de exacerbação, seguidos por fases de decadência. No tocante à Semana Farroupilha, felizmente isso não acontece, graças à atuação dos Centros de Tradição Gaúcha.

Pioneiro, que desde os seus primórdios mantém uma página de apoio ao tradicionalismo, faz-se presente às comemorações que estão sendo organizadas, aplaudindo-as e incentivando os seus promotores, a fim de que prossigam nessa direção, já que estão proporcionando alimento espiritual a acentuada percentagem de nosso povo.

O Rio Grande do Sul possui uma tradição de nobreza e de lealdade, que a urbanização está ameaçando destruir.

Esperamos que a alma, forjada ao lado de tantos sacrifícios e de tanta dedicação à terra, permaneça sempre viva e inspiradora.

Figura 4. Pioneiro, 17 de setembro de 1980, p. 4

PÁGINA 4

# PIONEIRO

- PAULINA SOLDATELLI MORETTO, Dir. Presidente  
- BERNARDINO CONTE, Diretor Gerencial  
- GUILHERME BRANDALISE, Diretor Gerente  
FUNDADO EM 4 DE NOVEMBRO DE 1948.

Assinatura mensal: Cr\$ 150,00      Redação e Gerência  
Venda avulsa: Sábado Cr\$ 20,00      Rua Dr. Montauri, 663  
Quarta Cr\$ 20,00      Fones: 221.65.13 C. Postal 14  
221.64.11

EMPRESA JORNALÍSTICA PIONEIRO S/A.  
Circula aos Sábados e às Quartas-feiras  
Não nos responsabilizamos pelos conceitos emitidos em artigos assinados

## Tradicionalismo Rio-Grandense

O Movimento Tradicionalista rio-grandense está intimamente associado às comemorações da Semana Farroupilha. Por uma curiosa associação popular, aliás, há uma identificação profunda entre as festividades do Dia 20 de Setembro e o culto ao passado, ainda que a Revolução Farroupilha tenha sido em sua origem um movimento antitradicionalista. E que o rio-grandense entende que a Revolução dos Farrapos nada mais é que a afirmação de uma população, que buscou novos caminhos e, se deles desistiu, foi por novos e mais importantes imperativos. Mesmo assim, o Movimento Tradicionalista é uma ocorrência que merece apreço e análise.

Contam-se às centenas - talvez meio milhar - os Centros em que se cultua o passado gaúcho. Têm remota origem, a que está associada a nossa região, através do trabalho de homens como José Bernardino dos Santos e Cesimbru Jacques. Já no final do século passado, pessoas dotadas de maior sensibilidade entenderam que não deveriam ser esquecidos hábitos, costumes e tradições. Surgiram, assim, entidades voltadas a sua perpetuação.

O tradicionalismo é um movimento espontâneo. Todos os esforços, visando orientá-lo ou discipliná-lo, têm resultado inúteis. Ele possui as mais variadas características, desde o estudo da história, pesquisa e reconstituição do passado, até as promoções de caráter turístico ou simplesmente social. Mesmo assim, é um fenômeno, que está a demandar um estudo mais atento e mais profundo, fato que ainda não aconteceu. Em certas regiões do Estado, ele é considerado uma ocorrência de segunda ordem. Em outras, encontra apoio e incentivo das autoridades.

O tradicionalismo tem a seu favor numerosas realizações, a primeira das quais é ter criado, em meios populares, um respeito e apreço pela história rio-grandense verdadeiramente notáveis. O gaúcho exprime seu amor pela terra e sua identificação com o passado, cultuando virtudes que fizeram o bem-estar da antiga província de São Pedro.

A hospitalidade criou o substrato para o desenvolvimento do turismo e algumas de nossas instituições notabilizando por um trabalho verdadeiramente importante.

As populações, que foram transferidas dos campos para as cidades e continuam tendo uma grande ligação com o solo de origem, têm encontrado no tradicionalismo um lenitivo à sua saudade e ao seu desenraizamento. Afinal, toda vida urbana é dura em seus começos e demanda um período de adaptação.

O tradicionalismo deve merecer o apoio claro e franco das autoridades. Suas promoções, das mais variadas origens têm sintonia com a população, que ocorre a prestigiar-las e com elas se identifica.

Nenhum Estado possui um movimento tão vigoroso. E um patrimônio incalculável, que demanda apreço e preservação.

Figura 5. Pioneiro, 20 de setembro de 1980, p. 4

## A revolução de conceitos

De uma maneira geral, o Rio Grande do Sul parece cansado. Acostumado a estabelecer as normas, a abastecer o País de idéias, de energia política, de toneladas de cereais e de proteína animal de variadas espécies, os gaúchos da República do Piratini descobriram que suas forças estão minguando. Aqui e acolá algum político, aboletado em seus conhecimentos históricos, dardeja ameaças sem fundamento sobre a revolta, num mau arremedo da revolução dos Farrapos.

O fenômeno "espoliação do Rio Grande" serve como tema de discurso. Um discurso tão surrado como se algum defensor do solo sagrado de Sepé Tiaraju pregasse, de repente, que todos os homens em idade para tomar decisões arreassem seus cavalos e marchassem do rio Pelotas ao Obelisco, no Rio de Janeiro. A visão deve soar pessimista: os homens em idade de tomar decisões estão sem emprego, já não há cavalos a não ser nos prados e não adianta mais chegar ao Rio de Janeiro. O negócio todo está em Brasília.

Ministros já ousaram dizer que os gaúchos não passavam de "gigolôs de vacas", e nada lhes aconteceu. A ofensa já não tem cobrança. O Conselho Monetário Nacional, os desacertos políticos, as dificuldades de relacionamento, tudo ajuda a jogar as pretensões do Rio Grande do Sul como Estado, na vala comum da desatenção. Talvez precisássemos mesmo de um novo Bento Gonçalves para recriar o autêntico sentimento de luta pelos direitos legítimos do nosso Estado.

Na verdade, porém, a questão não é epidérmica. Devemos comemorar a Revolução Farroupilha como memória de uma época. Saibamos, porém, que a espoliação não é privilégio gaúcho. Se olharmos bem para os lados e para cima, haveremos de ver que farrapos não faltam. Como não falta corrupção e interesses bem acima da expectativa do cidadão comum. Do Rio Grande e do Brasil, o imortal Sepé Tiaraju teria que alterar o conceito que o tornou famoso. Ao invés da afirmação "Esta terra tem dono", a expressão passaria a ser: "Quantos donos tem esta terra". Claro, concluindo com uma interrogação...

## PIONEIRO

**Empresa Jornalística Pioneiro S.A.**  
fundada em 4 de novembro de 1948

Gerente Geral: Paulo J. Castani  
Editor: Paulo R. Cancian

Circulação diária de terça a sábado  
Assinatura: anual Cr\$ 88.000,00 - semestral - Cr\$ 30.000,00  
R. Jacob Luchesi, 2374 - fone: 221-6411  
Telex (0542) 264 EMIP

**Sucursal**  
Paulo Alegre - R. dos Andradas, 1121 - 5º andar - fone: 21-8488  
Gramado - R. João Patry, 283 - fone: 286-2019  
Farroupilha - Av. Júlio de Castilhos, 1300 - fone: 261-2690  
Vacaria - R. Ramiro Barcelos, 1196 - fone: 231-2890  
Santo Antônio de Pádua - R. Saldanha Maranhão, 435 - fone: 252-4099

Representante: Pereira de Souza & Cia. Ltda.  
Filial: ABRAJOUR e ADJOUR

18/9/84

Figura 6. Pioneiro. 21 de setembro de 1984, p. 4

## De bombacha e chimarrão

A data farroupilha, ontem evocada no Rio Grande do Sul, teve alguns lances de encher os olhos. O principal deles: o culto à tradição já não provoca reações de desagrado de parte da juventude. A atitude de estabelecimentos bancários, especialmente, em pilchar seus funcionários e em receber delegações de invernadas artísticas de centros de tradições gaúchas, constituiu-se em extrema contribuição para lembrar aquilo que foi uma das maiores demonstrações de coragem e de espírito de participação da gente gaúcha.

Decorridos 149 anos daquela epopeia, o Rio Grande do Sul vê-se a braços com uma profunda retração econômica, resultado de uma política recessiva adotada em nível nacional, com reflexos especialmente padrastrós em relação às atividades primárias, esteio da economia do Rio Grande desde os trinta povos Guaranis. É evidente que a crise grassa em outros estados com maior ou menor intensidade, mas estamos falando do nosso Rio Grande.

Há uma coisa, porém, que crise alguma há de tirar do povo gaúcho: o seu lastro histórico e cultural, discutido aqui e acolá por algum estudioso das épocas, mas que, na essência, por mais entranhados ideologicamente que possam ter sido as manifestações e as lutas travadas, tem um ponto comum. A nossa história sempre foi feita de luta, e só luta quem tem coragem. E coragem não se compra em farmácia, nem se encomenda pelos correios.

Andar de bombacha, tomar chimarrão, amarrar o lenço no pescoço, dançar a chula, trovar, ouvir uma sanfona, não constituem modismo. Isso faz parte da História do Rio Grande, da qual não se deve abrir mão nunca, por pior que seja a crise. Se não temos os recursos para mudar os contornos do grave momento econômico nacional e por consequência deste Estado, pelo menos tenhamos a sensibilidade de reviver a tradição e a cultura dos nossos antepassados. Sem esquecer que o Brasil é o Brasil, porque existiu e existe um Rio Grande. Perdoem o ufanismo...

Figura 7. Pioneiro, 18 de setembro de 1984, p. 4

## A inspiração farroupilha

Comemora-se hoje, com evocações de caráter histórico, os 150 anos da Guerra dos Farrapos, o maior movimento político-militar do Rio Grande do Sul, considerando-se à época as circunstâncias e os envolvimentos que teve. Das batalhas, dos heróis farroupilhas, muito já se ouviu falar, especialmente este ano, quando maior foi a divulgação pela imprensa, trazendo à luz com maior clareza o que foi a Guerra dos Farrapos. Ficarão ainda alguns questionando a inspiração do movimento, suas concepções políticas e ideológicas, tentando embasá-lo como um exemplo da manipulação do povo pelas classes economicamente mais fortes.

Apesar do respeito que merecem os estudiosos, os teóricos, os pesquisadores, nesta data consagrada ao Sesquicentenário da Revolução Farroupilha parece mais importante, mais produtivo, mais compensador buscarmos na mobilização, na defesa dos interesses do Rio Grande que os farroupilhas representaram, mais do que qualquer outra coisa. E é justamente desse tipo de exemplo que os gaúchos estão precisando.

Não estamos precisando guerrear armados com lanças e mosquetes. Nós precisamos lutar com garra e vergonha na cara, no sentido de rearticular a destroçada economia e o estropeado conceito empreendedor que sempre nos jactamos de possuir. Já faz algum tempo que o Rio Grande do Sul só tem a amargar revesses, sérios e duros golpes de profundo efeito moral. O Rio Grande precisa fazer uma opção adequada às exigências de seu futuro. Já não somos um Estado agropastoril, base para o slogan de celeiro do Brasil. Os resultados dessa época já se vão longe. Precisamos encontrar uma saída para o desenvolvimento, combatendo a estagnação com todas as forças. Estamos por iniciar essa nova luta. Os 150 anos dos Farrapos devem nos servir de inspiração mobilizadora.

Figura 8. Pioneiro, 20 de setembro de 1993. p. 6



Figura 9. Pioneiro, 20 de set. de 1993, p. 6



Figura 10. Pioneiro, 20 de set. de 1996, p. 10



Figura 11. Pioneiro, 21 de set. de 2005, p.2



Figura 12. Pioneiro, 11 de set. de 2006, p. 2 13 11/09/09 p4



Figura 13. Pioneiro. 11 de set. de 2008. p. 4

Figura 14A. Pioneiro. 21 de set. de 2007. p.4

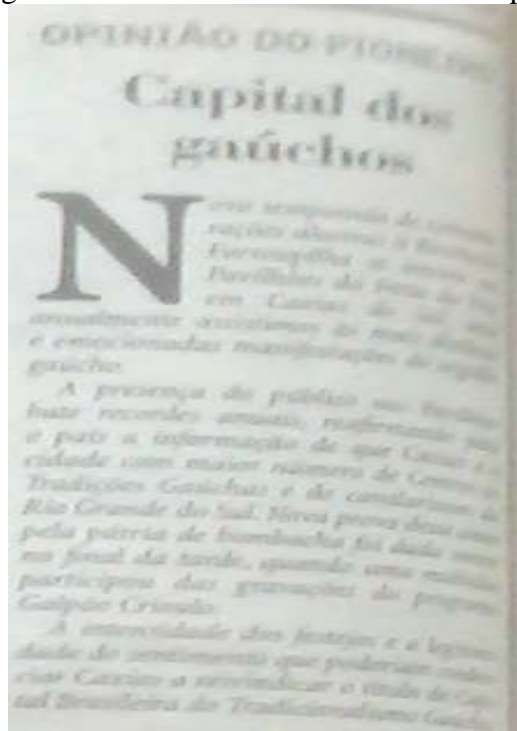


Figura 14B. Pioneiro. 11 de set. de 2009. p. 4.



Figura 15. Pioneiro. 14 de set. de 1991, p. 39

pág. 2

PIONEIRIM

14 e 15/09/1991

**Mural do Pioneirim**

Alguns, já eu  
 O Pioneiro zangou ilustre  
 mais mal de arcos nos se  
 sempre mais no solo do lu  
 nel sempre e no final do  
 guerra, des - que traco - do  
 acabou, para receber o cu  
 medalha, esta receber o cu  
 para que esta no topo do  
 jornal Pioneiro, no edicio do  
 dia 21, e será fe no local de  
 Pioneirim.  
 Tudo, sin scates em dia 21  
 de setembro, que será o dia do  
 arcos!

**Revolução Farroupilha**

Os farrapos, assim apelidados pelas tropas imperiais, eram os soldados revolucionários da revolução farroupilha. Nas lutas, não usavam uniformes, vestiam trapos. No desenho da capa, vemos-os em ação com os exércitos do império brasileiro da época. As lutas eram sangrentas e difíceis, que somaram-se tornando os confrontos na mais longa das guerras do Brasil.

Este acontecimento marcou profundamente a história do Rio Grande do Sul. Muitos nomes tornaram-se famosos pelas façanhas realizadas. (Entre eles Bento Gonçalves). A guerra ganhou proporções maiores do que se esperava. Afinal de contas, o objetivo era tornar a província do Rio Grande num país independente.

Ao final de dez anos, uma longa guerra, não fez vencedores e nem vencidos. Apenas mostrou a personalidade de um povo que reivindicava direitos de liberdade.

Figura 16. 14 de set. de 1991, p. 40.

ESPECIAL

PIONEIRO, segunda-feira, 16 de setembro de 1996

10



# Nossos Gaúchos

## Ciclo econômico originou 'tipo' específico

Busca de áreas para pastagens induziu atividades no Cone Sul, onde personagem se fortaleceu

DHYNARTE DE BORBA E ALBUQUERQUE

A árvore genealógica do vocábulo "gaúcho" é frondosa, tal e qual a copa do umbuzeiro. Remonta aos árabes, se debruça sobre o Continente Europeu, permeia a linguagem das culturas primitivas da América Latina mas, em todas as instâncias, refere-se o "ser que viveu no século XIX", conforme a estudiosa Vera Stedile Zattera, que lançou, em 1995, a obra *Gaúcho: Iconografia (Séculos XIX e XX)*.

A partir de 1550, quando as minas de prata de Potosí (Peru) aumentaram a riqueza do tesouro espanhol, um tipo humano específico surgiu no Cone Sul. Em terras peruanas, os espanhóis obrigavam os índios a cativar o mistério nas montanhas. Mas deram-se conta do absurdo, diz Luis Carlos Barbosa Lessa, 66 anos, historiador dos pampas. Procuraram, então, campos de pastagens e animais, e acabaram encontrando vastas extensões às margens do Rio Paraná e no Uruguai, onde começaram a criar mulas. "Pampa, na língua quíchua, significa planície", explica o historiador.

Durante o século seguinte, este "tipo" se firmou na região compreendida entre Salta (Argentina) e as Missões do Rio Grande do Sul. Quando esgotaram as minas de prata no Peru e iniciou o ciclo do ouro no Brasil, no final do século XVII, Sorocaba (São Paulo) passou a fazer parte da triangulação, que Barbosa Lessa denomina de "parábola" (planos equidistantes de um ponto focal). "A região foi centro da criação de mulas e cavalos, que eram levados para o norte da Argentina", diz. Com a prática, formou-se uma nova profissão, a do tropeiro, com atividades afins.

O gaúcho, de forma geral, é uma mistura de todos os personagens que não tinham hábitos de fixação. "Jogava, cantava, tocava violão e só trabalhava quando precisava trocar de roupa", diz Vera Zattera. A partir de 1850, os tropeiros começam a se fixar por mais tempo em cada estância. Para Vera, este processo identifica o peão, que passou a ter filhos e esses começaram servindo o mesmo patrão. Os escancleiros, pelo menos até 1890, não admitiam serem chamados de gaúchos, expressão que tinha caráter pejorativo.

Através da literatura do Rio Grande do Sul, diz a pesquisadora Lisiana Bertoni, existe uma configuração que segue nos dois lados, a da mitificação e a realista. A primeira tem dois desdobramentos fundamentais: "O Monarca dos Pampas" (côco base no espírito revolucionário do personagem) e "O Centauro dos Pampas" (relacionado com a figura mitológica, metade homem, metade cavalo). Na corrente realista, da qual integra-se o escritor Cyro Silveira Martins (autor dos romances que se transformaram na *trilogia do gaúcho a pé*), há a demitificação do herói: ele é pobre, sem família, sem cavalo. De forma geral, repousando sob a sombra das folhas pesadas do umbuzeiro, o gaúcho é um ser que cultiva a coesividade. "Não é flegmatismo, é respeito à pessoa humana", diz Barbosa Lessa.



DIVULGAÇÃO PIONEIRO



Peão: figura da primeira época

### Os serranos tinham pequenas diferenças

O gaúcho encontrado nos Campos de Cima da Serra é diferente, insere o pesquisador Mário Gardelin, ao analisar o período entre 1750 e 1930. O personagem também anda a cavalo, vive na vaquejada e tem senso de hospitalidade. Mas vive em uma estrutura militar herdada dos portugueses, representada pela criação de uma cavalaria em 1785. "O peão, decorrente das lides do campo, é um soldado apto a guerrear", diz.

Gardelin mostra três fases. Em 1732, os portugueses ocuparam os campos através da aquisição de sesmarias (13 mil hectares), possesões inermes que depois foram repactuadas, como em uma reforma agrária. Este é o segundo momento. A escravidão é o terceiro ponto. Muitos gaúchos (peões em menor número) se tornam proprietários. Muitos deles vêm para Casas do Sul. Naquele tempo, a Rua Gaúchoa (hoje Hamburgo de Campos) era área de acampamento.

O pesquisador afirma que o mais importante é a inexistência de desmível econômico entre o fazendeiro e o imigrante italiano. "Se as condições fossem diferentes, haveria um abismo entre os dois regimes", diz. Para Gardelin, o gaúcho serrano possui forte religiosidade e um senso familiar acentuado. Esta característica, de acordo com os estudos de Vera Zattera, é outra diferença. Em suas pesquisas, ela identificou a não-determinação em construir um espaço regular.



Vera Stedile Zattera

De 14 a 20 de setembro  
Caxias do Sul vai levantar  
a bandeira do Rio Grande!

Patrocinado por:  
Prefeitura Municipal - 25ª RT  
SEMTUR  
SESC  
CTO, Campo dos Degres  
Brigada Militar



- Shows
- Tertúlias
- Trocas
- Danças
- Tradição
- Palestras

**SEMANA**  
FESTIVAL  
PARGUE CINQUENTENÁRIO  
Apoio **PIONEIRO** 96

Figura 17. Pioneiro, 16 de set. de 1996, p. 10.



PIONEIRO, sábado e domingo, 21 e 22 de setembro de 1996

**ESPECIAL**

**16**

 **Nossos Gaúchos**

## Prosa campeira para embalar a saudade

*Xiruzinho, como tantos dos Campos de Vacaria, veio para a cidade grande em busca de um sonho*

**DHYNARTE DE BORBA E ALBUQUERQUE**

Saudade é uma palavra que tem raíznica apenas no lgnajajar brasileiro. Não é universal. Saudade dos pagas também não é uma expressão nacional. É típica de uma geração de poetas que nasceram em determinadas regiões do Rio Grande do Sul — as de horizontes largos — e foram obrigadas, em sua maioria, a relatar a guarda na preservação de uma identidade que revelava, em sua gênese, autacia e sensibilidade.

Em Esmeralda, nos Campos de Vacaria, os dias iniciavam cedo para a família Benetton, dividida entre a casa da cidade e uma rancho. As lides eram iguais para todos os moradores, os vizinhos costumavam compartilhar o clamor pela manhã e proceer, uns na casa dos outros; aos fim de semana, alguns tocava violão e declamava poemas. Cuidar dos animais e da lavoura eram atividades corriqueiras, como fazer compras no supermercado representava um hábito necessário e comum para a vida da cidade grande.

Darlan Benetton, o Xiruzinho, tinha 15 anos quando a família decidiu se mudar para Caxias do Sul, a "cidade grande" da Serra. As perspectivas eram melhores e o jovem poderia estudar em escolas com melhores condições. Mas é na adolescência que o jovem desperta para o grupo e solidifica a identificação. Dedicado, Xiruzinho vivia uma situação típica de um migrante: a antinomiação. "Tive dificuldades para encontrar as pessoas", lembra. Ao chegar em Caxias, o que ele encontrou foi uma realidade bastante

**Os tipos**

A pesquisadora Vera Stella Zattera identifica distinções identificadas na classificação do "gaúcho", identidades que servem para estudos antropológicos:

- **Tradicionalista** — o que usa bombachas, toma churrasco de forma natural, de forma não forçada. Habita o campo e os arredores da cidade.
- **Nativista** — o que faz a festa "para se tornar gaúcho" e assumir a personalidade. A característica familiar determina.

dotina daquela imaginada a partir da vida no campo, sem passares e lavoura.

A solução encontrada por Xiruzinho para amenizar a saudade e a solidão que amarcava tomava conta do capitulo foi a música. Ao embarcar para Caxias, de mala e cuca, trouxe uma guitarra de boca e o gosto pelos versos de Jayme Coetane Braum. Pouco tempo depois de se estabelecer na cidade, comprou um violão. Tocando e compondo, recuperou a auto-estima e, em pouco tempo, tornou-se um profissional da música foi a maneira encontrada por Xiruzinho para não perder de vista o seu-jornal com as raízes gaúchas dos Campos de Vacaria.

Hoje, aos 31 anos, o músico Xiruzinho procura um meio de sensibilizar as pessoas para o aprendizado da compreensão de uma mensagem de amor, ódio e fraternidade. "Odo para os que desprezam as manifestações da poesia voltada para o terreno do homem da terra). Fraternidade para quem quis nos dividir. Tudo foi infraturo, porque a soma se traduz em seis letras: Pátria", diz.

**Xiruzinho:** versos de Jayme Coetane Braum para amenizar a solidão



Figura 18. Pioneiro, 21 de set. de 1996, p. 16

PIONEIRO, segunda-feira, 15 de setembro de 1997

REGIÃO

10

## Nossos Gaúchos



História: exilado, João Goulart era fiel aos hábitos gaúchos



Cena comum: usar bombacha na praça principal de Vacaria

## 1835-1845

O final do século 18 ficou conhecido como um período em que as comunidades universais reconheceram que os homens deviam ser livres e lutar contra a tirania. A Declaração dos Direitos do Homem de Filadélfia (1776) e a Revolução Francesa (1789) deram impulso à transformação dos conceitos sociais, atrelados às realezas, às monarquias e às castas. Os movimentos emancipacionistas do mundo todo, inclusive o brasileiro – que culminou a 7 de setembro de 1822 com a independência proclamada por Dom Pedro – foram influenciados. Mas antes do Príncipe Regente tornar o Brasil um Império, as revoluções já estavam em andamento, e eram republicanas e federativas. Dom Pedro I não caiu nas graças dos brasileiros.

A impopularidade real cresceu durante a Regência, época em que os começou a formação dos partidos políticos no Brasil. De um lado, os liberais moderados, que defendiam as monárquicas formas de governo, porém constitucional; do outro, os exaltados, que defendiam as idéias republicanas. As tendências provocaram rebeliões nas províncias. No Rio Grande do Sul em particular. No dia 7 de abril, quando o Imperador do Brasil abdicou, a comemoração em Porto Alegre foi solene, lembra o professor Danilo Lazzarotto (*História do Rio Grande do Sul*, Sulina, 1971).

O presidente da província de São Pedro, José Mariani, caiu nas desgraças dos liberais. Bento Gonçalves da Silva consegue sua substituição por Antônio Rodrigues Fernandes Braga, recebido em maio de 1834. Incidentes em 24 de outubro entre liberais e revolucionários colocam Bento Gonçalves, Bento Manuel Ribeiro e Manuel de Lima perante a Corte, acusados por Fernandes Braga. No dia 20 de abril de 1835, Fernandes Braga renova os ataques mas confessa que não tem provas para acusar os liberais de separatistas. A revolução se avolumava – principalmente para depor Fernandes Braga.

## Rio Grande preserva a tradição

A partir desta segunda-feira, até o próximo final de semana, quando se festeja a Semana Farroupilha no Rio Grande do Sul, o *Pioneiro* publica uma série de reportagens a respeito da tradição e do folclore gaúchos. A vestimenta masculina e feminina, o hábito de tomar chimarrão e comer churrasco e a invernada artística de um grupo de cultura nativista são alguns assuntos abordados.

GUSTAVO MORITZ



"Ah, eu sou gaúcho", gritava a minoritária, porém alegre, torcida do Grêmio em pleno estádio Maracanã, no Rio, lotado por 100 mil cariocas calados pela derrota do Flamengo na Copa do Brasil deste ano. A manifestação demonstra a dignidade de quem herdou a tradição (costume transmitido de geração em geração) por ter nascido no Rio Grande do Sul. "O tradicionalismo está em expansão, passa pelo melhor momento", avalia o presidente do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF), Antonio Augusto Fagundes.

"Vivemos uma época de negação de valores e o tradicionalismo – introduzido em 1947 por Paixão Cortes, Barbosa Lessa e Glaucio Saraiva – se opõe a isso", explica.

Fagundes saúda a juventude por levar para as arquibancadas o orgulho de ser gaúcho. "Futebol e tradicionalismo são movimentos de massa e o resultado dos dois juntos é conveniente", define. Para ele, é no tradicionalismo que os jovens encontram respostas para suas inquietações. A primeira-prenda juvenil do Grupo de Cultura Nativista Vacaria dos Pinhais, Tatiane Gil, 14 anos, reforça a opinião do presidente do IGTF. "Na Revolução Farroupilha, em dez anos de luta os gaúchos deram uma demonstração de garra e força", recorda.

Pessoas de todas as idades, pilchadas como forma de pre-

servar a tradição, são figuras comuns nas ruas de cidades como, por exemplo, Vacaria, São Francisco de Paula e Bom Jesus. "Desde criança me visto assim, estou acostumado", revela o funcionário aposentado da Caixa Econômica Estadual em Vacaria e integrante do Centro de Tradições Gaúchas Porteira do Rio Grande, Clodoveu Pinto, 60. No homem do campo, bota, bombacha e chapéu fazem parte da rotina. O administrador da Fazenda São Carlos, localizada entre Campestre da Serra e Vacaria, Firmino Rodrigues da Silva, 62, recorda a última vez que usou calça: "Foi quando casei, há mais de 30 anos". O traje típico do gaúcho era usado pelos ex-presidentes da República Getúlio Vargas e João Goulart, ambos são-borjenses, quando estavam em retiro ou exilados em suas fazendas.

Leia nesta terça-feira: as apresentações dos jovens integrantes da invernada artística do Grupo de Cultura Nativista Vacaria dos Pinhais

Figura 19. Pioneiro. 15 de set. de 1997, p. 10

## Nossos Gaúchos

# Chimarrão é ritual gaúcho

*O hábito de consumir a bebida representa a hospitalidade do povo do Rio Grande do Sul*

GUSTAVO MORITZ



Beber chimarrão faz parte dos rituais do gaúcho. Da montanha ao rio, o habitante rural ou urbano do Estado tem o hábito de misturar — sorver água

quente de um punhado com ervas-mate por amarração de uma bombinha de prata. "O chimarrão é o símbolo da hospitalidade do Rio Grande do Sul", diz o conselheiro do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF) e tradicionalista de Bento Gonçalves, Osmar Teodoro, 48 anos. "Uma roda de chimarrão é como se fosse formada para fumar o cachimbo da paz."

A rodada sempre começa pelo anfitrião. Se o mate estiver ao gosto do hóspede, costuma passar a caba para o visitante. "É uma demonstração de que está bom para ser servido", justifica Osmar. O chimarrão sempre tem de ser entregue com a mão direita e a ordem deve seguir o sentido anti-horário. Em caso de engano e passar a caba pela esquerda, o gaúcho corrige o equívoco rapidamente, com saforesia: "Descalpe, é a mão do coração". O visitante também recebe a caba com a mão direita.

A palavra chimarrão tem origem nos países do rio da Prata — Argentina e Uruguai — onde significa o gado xucro. Pelo sabor forte, a bebida ganhou o nome de chimarrão. Na poesia, *Amargo doce que sorvo*, o tradicionalista Glaucio Sarávia explica a importância do mate para o gaúcho: "A caba que passa de mão em mão trazendo ao meu chimarrão a mística simplicidade da velha hospitalidade da gente do meu rincão."

### COMO PREPARAR



Colocar a erva à esquerda da caba. Acomodar na boca do punhado para formar o topeiro (quorribo).

Esbofetear água quente no frasco para a erva cozer (fóchar), até ficar grossa. Nunca molhar o topeiro.



Com o polecar protegendo o bocal, cravar a bombinha fundo na erva como se fosse uma lanca.

Fumar a caba com água quente. O primeiro chimarrão, chamado sueno, é bebido por quem prepara.

### 1835-1945

O militar Bento Gonçalves da Silva foi o primeiro presidente da República Rio-grandense. É o principal líder dos "farapos", os liberais exaltados que defendiam o regime federativo. Por ação dele, os gaúchos reclamam da Corte, soberbamente instalada no Rio de Janeiro. No seu posto, como chefe desse movimento, como presidente da República, como general e como elemento de pacificação, Bento Gonçalves agiu sempre dominado pelo desejo de aceitar, de ser fel e de ser útil ao Rio Grande e ao Brasil", lembra o historiador Mário Gardêni, em críticas publicadas no sesquicentário da Revolução.

O historiador Moreira Calveir Fagundes, em História da Revolução Farroupilha (Ed. do EST/Martins), traça um perfil do general: "Tinha cerca de 1,70 metro de altura, complexão vigorosa e gestos harmoniosos, traços fisionômicos marcantes, olhar sereno". Diz Giuseppe Garibaldi: "Cavaleiro em frente do cado de Carlos Magno, irmão pela alma dos Otvírios e Rolandis, vigoroso, íntel, agei como eles; era um verdadeiro centauro manejava um cavalo como eu nunca vi ser manejado, tanto por outro gaúcho rio-grandense, o general Neto".

O general era considerado um homem de caráter nobre. Nasceu em 1788 e, em 1811, iniciou a carreira militar. Combateu nas campanhas platinas e, em 12 de outubro de 1825, depois do combate de Sarandi, foi promovido a coronel. Foi deputado da Assembleia Provincial em 1834, depois derrubado pelo presidente da Província, Fernandes Braga, acusado de querer separar o Rio Grande do Sul do Brasil. Em 20 de setembro de 1835 saiu a anunciar para a revolução reivindicadora "que expulsou do Rio Grande do Sul o mandonismo e o autoritarismo que o infelicitavam", de acordo com Walter Spalding. Praticou a pacificação, em fevereiro de 1845, Bento Gonçalves retira-se para morrer em 1847, em Pedras Brancas.

□ **Leia nesta quinta-feira:** a indumentária do gaúcho da Fronteira e dos Campos de Cima da Serra; a bombinha, as botas, e guaiacas

Figura 20. Pioneiro, 17 de set. de 1997, p. 12

## Nossos Gaúchos

# Pilcha se torna um hábito

*O habitante do Rio Grande do Sul começa a usar bombacha e botas desde os primeiros anos de vida*

**GUSTAVO MORITZ**



Ainda criança, na Fazenda do Marmeleiro, localizada a cinco quilômetros de Vacaria, o funcionário aposentado da Caixa Econômica Estadual e integrante do Centro de Tradições Gaúchas Porteira do Rio Grande, Clodoveu Pinto, 60 anos, começou a vestir pilcha. Hoje, ele acorda cedo para beber chimarrão e não dispensa a vestimenta. Mesmo quando tinha atividade bancária, Clodoveu trajava a indumentária oficial do Rio Grande do Sul. "Nas festividades farroupilha, sempre trabalhei pilchado."

De tanto usar pilcha, Clodoveu Pinto se interessou pelo assunto. "A vestimenta do gaúcho se origina do peão", explica. Apesar da origem, existem diferenças entre o traje do homem da Fronteira e dos Campos de Cima da Serra. A bombacha do serrano, por exemplo, é mais larga e as botas, pretas ou marrons, têm cano alto, para proteger da chuva. O fronteirista calça alpargatas. A política definia as cores do lenço amarrado no pescoço. "Vermelho para os maragatos, branco para os chimangos", ensina. Os maragatos defendiam a intervenção federal no Estado, na eleição de 1893, enquanto os chimangos se opunham.

No livro *Traje Típico Gaúcho*, a pesquisadora Vera Stedile Zattera afirma que "o homem do Rio Grande do Sul adaptou seu traje típico baseado no tipo de vida e nas necessidades".

### O TRAJE OFICIAL

O que diz a lei estadual nº 8.813, de 10 de janeiro de 1989:

☐ **Artigo 1º** – É oficializada como traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul, para ambos os sexos, a indumentária denominada pilcha gaúcha.

☐ **Parágrafo único** – Será considerada pilcha gaúcha somente aquela que, com autenticidade, reproduza com elegância a sobriedade da nossa indumentária histórica, conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

☐ **Artigo 2º** – A pilcha gaúcha poderá substituir o traje convencional em todos os atos oficiais, públicos ou privados, realizados no Rio Grande do Sul.



Tradição: em casa, Clodoveu veste bombacha e bebe chimarrão

### 1835-1845

Em 18 de setembro de 1835, Bento Gonçalves comandou 100 homens armados na travessia do rio Guaíba, para encontrarem-se com o coronel Onofre Pinto, seu primo. O encontro acontece no dia seguinte. Ao todo, 400 revolucionários acampam na Azenha, arredores da capital, liderados por Onofre Pinto e José Gomes de Vasconcelos Jardim. Acontece o Combate da Ponte da Azenha. Os legalistas, tendo o major Egídio Gordilho de Barbuda à frente, perdem para os revolucionários e retiram-se com pressa.

O presidente da Província, Fernandes Braga, chama os dirigidos para a luta: "As armas, cidadãos! As armas, que a Pátria se acha em perigo." (Proclamação de 20 de setembro de 1835.) Ele pede reforço e abandona Porto Alegre, em escunas de guerra, dirigindo-se para Rio Grande. Um dia depois, o ainda coronel Bento Gonçalves ocupa a capital da Província e empossa o médico Marciano José Pereira Ribeiro, então 4º vice-presidente da Província. Os revolucionários sofrem baixas num combate em Arroio Grande. No dia 23, outra derrota, com a morte do coronel Rafael Verdun. Mais sete dias e o coronel Bento Gonçalves ocupa Rio Pardo, finalizando o cerco revolucionário.

Neste mesmo dia, Bento Gonçalves se corresponde com um amigo. O objetivo: "explicar a todos as causas e as finalidades da revolução", transcreve Calvel Fagundes. Um manifesto em 25 de setembro define os fins da revolução: "Correi com as armas a reunir-vos aos livres que juraram não depô-las senão depois de haver feito desaparecer totalmente da cena política a facção inimiga." O dia termina com "vivas" à liberdade, à Constituição, ao Imperador e aos rio-grandenses livres. Uma outra carta, desta feita para o regente do Império, o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, ameaça, com a separação da Província.

☐ **Leia nesta sexta-feira:** as características do vestido rodado, a indumentária da prenda, a mulher do Rio Grande do Sul

Figura 21. Pioneiro, 18 de set. 1997, p. 14.

SEMANA FARROUPILHA

# Gaúchos orgulham-se de sua história

*Heróis da Guerra dos Farrapos, com 10 anos de duração, dão nome a várias cidades da Serra*

MARISTELA DEVES



**Semana Farroupilha**  
Caxias do Sul - O gaúcho orgulha-se da sua história, do seu chão, dos seus costumes e tradições. Para o professor de história Paulo Périco, esse orgulho ocorre porque os rio-grandenses têm no currículo uma luta em defesa de sua terra: a Revolução Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos, a maior rebelião civil ocorrida no país durante toda sua história. Uma prova deste sentimento é a presença, na região, de cidades que levam o nome dos heróis da revolta, como **Bento Gonçalves** e **Garibaldi** - sem falar na vizinha **Farroupilha**, que traz o nome da própria luta. "São marcos da revolução", avalia o historiador Mário Gardelin.

No primeiro caso, explica Gardelin, a escolha foi uma homenagem específica ao presidente da República Rio-Grandense, Bento Gonçalves da Silva, e no segundo, ao comandante da Marinha de Guerra dessa república, José Garibaldi. A lembrança é ainda mais explícita na troca de nome de Nova Vencenza para Farroupilha, em 1935, em comemoração ao centenário do início das batalhas. O motivo de uma guerra que aconteceu há mais de um século e meio ainda está presente na memória do povo gaúcho, que todo ano, por uma semana, para para vestir suas pilchas e relembrar com bailes e outros eventos a luta dos farrapos. Segundo Périco, isso acontece porque o objetivo do movimento foi atingido: "Não era a independência a intenção dos revolucionários, mas uma maior autonomia, possibilidade de escolher o presidente da pro-



Batalha: livro Grandes Personagens da História do Brasil registra cenas

vincia, volta da taxaço do charque platino, incorporação dos militares gaúchos no Exército Brasileiro e o perdão das dívidas da República, tudo isso foi alcançado."

"Apesar de ter sido um movimento iniciado pela elite charqueadora, ele zelava pelos interesses da região, e assim foi em toda a história do nosso Estado, pois o Rio Grande do Sul nunca se intimidou na luta pelos seus direitos", completa Périco, para quem o povo gaúcho é o mais politizado do Brasil. "A comemoração da data é uma mensagem de alto poder cívico para os brasileiros, pois ainda hoje a revolução é evocada por mais de 1,5 mil CTGs no Estado e em todo o país", diz Gardelin. Em Caxias do Sul, que concentra o maior número de entidades tradicionalistas do Rio Grande do Sul (76), a comemoração da Semana Farroupilha inicia-se neste sábado, nos pavilhões da Festa da Uva, estendendo-se até a data histórica da revolução, 20 de setembro.

REPRODUÇÃO PIONEIRO

## História

### Causa:

Descontentamento dos gaúchos com o governo central (Regência), devido aos impostos e ao favorecimento da importação de charque, além de problemas políticos.

### Abstrangência:

Rio Grande do Sul e Santa Catarina

### Duração:

10 anos - de 20 de setembro de 1835 a 1º de março de 1845



### Principais heróis:

Bento Gonçalves da Silva  
José (Giuseppe) Garibaldi  
Anita Garibaldi  
David Canabarro

### Principais fatos:

Início das batalhas, em Porto Alegre, em 1835.  
Proclamação, pelo Gal. Sousa Neto, da República Rio-Grandense, em 1836.  
Transformação da cidade de Piratini na capital revolucionária, e aclamação de Bento Gonçalves como presidente da nova República, em 1836.  
Expedição das forças navais e terrestres até Santa Catarina, com a conquista de Laguna e a proclamação da República Juliana, em 1839.

Transferência da capital para Caçapava, em 1839.  
Transferência da capital para Alegrete, em 1840.  
Convocação, já em Alegrete, de uma constituinte, que faz o esboço de uma constituição (a carta, única feita por uma revolução no país, não chegou a ser votada).  
Assinatura da Paz, de Poncho Verde e fim das batalhas, em Dom Pedrito, em 28 de fevereiro de 1845.

Proclamação, pelo Duque de Caxias, da anistia do Rio Grande do Sul e da pacificação da província.



## Evolução

Este ano comemora-se meio século do Movimento Tradicionalista organizado. Segundo o coordenador da 25ª Região Tradicionalista (25ª RT), Sadi Borlolon, a primeira vez que os gaúchos comemoraram a Semana Farroupilha foi em 1947, quando um grupo de estudantes do colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, resolveu resgatar as tradições do Estado. "Eles pediram permissão para a Liga de Defesa Nacional e acompanharam o traslado dos restos de Davi Canabarro, depois pegaram uma centelha do fogo simbólico da Semana da Pátria e fizeram o fogo crioulo." No ano seguinte, o movimento estava consolidado e contou com bailes, cavalgadas e rondas crioulas. A pilcha, que na época ainda gerava risos, acabou se popularizando, assim como os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).



**ACIT**  
**A MARCA DO SUL**

ACIT  
ENGRANDECENDO A CULTURA DO NOSSO RIO GRANDE.

# SEMANA FARROUPILHA

RESGATANDO A HISTÓRIA E A CULTURA GAÚCHA



**CAMPEIRISMO**  
O MELHOR DO REPERTÓRIO DE BAILES



**SAGA FARRAPA**



Figura 22. Pioneiro. 12 de set. de 1998, p. 18.

4 ■ SEGUNDA-FEIRA, 17 DE SETEMBRO DE 2001 ■ PIONEIRO

## ESPECIAL



**TRADICIONALISMO** A partir de hoje, o Pioneiro publica uma série de seis reportagens sobre o Movimento Tradicionalista Gaúcho em Caxias do Sul, cidade onde há a maior concentração de CTGs em todo o Estado. São 74 unidades, que mobilizam 80 mil pessoas

## Regras mudam mas *tradição* se mantém

LETÍCIA DUARTE

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) não está mais tão ortodoxo como embalagem de Maizena, mas, resistindo às ondas de influência de outras culturas, continua mais afiado que língua de sogra. Os tempos são outros, o beijo na boca em bailes já é permitido e o rapaz não precisa mais da autorização do patrão do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) para tirar o chapéu no recinto. Adequações que não afetam em nada os princípios de respeito e tradição preconizados pelos seus fundadores na década de 40, mantidos intocáveis. A paixão mobiliza 80 mil caxienses e mais de quatro milhões de pessoas no Estado. E o melhor: segundo lideranças locais, permanece atraindo adeptos na mesma proporção dos velhos tempos.

Caxias do Sul tem 74 CTGs, a maior concentração de unidades do Rio Grande do Sul. O que pode parecer uma contradição, diante da colonização italiana do município, é explicado dentro de uma perspectiva histórica. "A adesão ao movimento foi a forma de o imigrante buscar aceitação e afirmar a sua identidade, perdendo a condição de estrangeiro", afirma a antropóloga Maria Clara Mocellin. Nos nove municípios da 25ª Região Tradicionalista de Caxias do Sul (RT), são 86 CTGs.

Se o que incentivou o desenvolvimento do tradicionalismo na região foi a necessidade, o que o mantém aceso é a busca por um ambiente sadio. "É o único lugar de lazer em que a família fica unida, a filha dança com o pai e o avô", argumenta o coordenador da 25ª RT de Caxias, Sadi Bortolon. As drogas, afirma, também são males que não se proliferam entre os frequentadores dos centros de tradição. A boa conduta é atribuída ao seguimento fiel dos padrões de comportamento estabelecidos pela Carta de Princípios do MTG. "Ela sozinha valeria por todas as leis do Brasil", defende.

O vigor do movimento tradicionalista, para Bortolon, se traduz pela intensa adesão de jovens. Dos 900 participantes do 3º Festival Serrano de Danças Tradicionalistas, realizado em agosto, apenas 120 eram veteranos.

SEGUE



### Gerações em harmonia

O TÃO FALADO conflito de gerações parece não existir entre os tradicionalistas. A união familiar é tão intensa que se torna quase impossível encontrar apenas um membro da família em ambientes gauchescos. Por perto sempre está o pai, o avô, a mãe ou algum outro parente, e é por meio desses vínculos que as tradições são transmitidas e alimentadas. Foi vendo o pai laçando que o pequeno Jean Garcia Rodrigues (ao lado), sete anos, se apaixonou pela tradição. Da mesma forma, o laçador Gêmeo Jaunir Fortesabaixo, à esquerda, 70, leva sua trupe para onde quer que vá. Esposa, filhos e netos, todos montam acampamento e se mantêm juntos em torno do laço. Ele elogia as mudanças do tradicionalismo e das novas gerações. "No meu tempo de moço, os casais não podiam nem pegar na mão, nos bailes, mas a gente sempre dava um jeitinho." A modernidade e a tradição não são consideradas antagonicas pelos jovens pebes de hoje. Pichado a caráter e participando do piquete de laço há três anos, Bruno Hoffmann (abaixo, à direita), 11, não abre mão do tiperama. "Gosto dos dois".



### Reação à cultura norte-americana

Reagir à invasão cultural norte-americana preservando as tradições rio-grandenses e brasileiras. Com esse espírito surge, em 1948, o Movimento Tradicionalista Gaúcho. Era o período pós-Segunda Guerra Mundial e os Estados Unidos se tornavam o principal centro de moda e comportamento. A chamada dominação cultural chegava até aqui pelas telas do cinema e pelas revistas, consumidas por uma geração que ficou conhecida como "coca-cola". "As elites urbanas, principalmente os jovens, procuravam imitar o sistema norte-americano de vida", relatam Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, os dois principais responsáveis pela fundação do MTG, no livro *Danças e Andanças da Cultura Gaúcha*, publicado em 1975. O primeiro marco em defesa da cultura gaúcha surgiu em 1947, com a criação do Departamento de Tradições Gaúchas no grêmio estudantil do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, pelo então estudante Paixão Côrtes. Um ano depois, foi fundado o primeiro Centro de Tradições Gaúchas do Estado, o "35 CTG" (o nome evoca a Revolução Farroupilha, deflagrada em 1835).

### A TRADIÇÃO EM NÚMEROS

- ▶ CTGs filiados ao MTG/RS (número aproximado): 1,5 mil
- ▶ Entidades tradicionalistas não filiadas/RS: 850
- ▶ Total de sócios titulares e dependentes das entidades: 1,4 milhão
- ▶ Total de integrantes ativos no movimento/RS: 4,2 milhões
- ▶ Total de participantes ativos no Brasil: 6,85 milhões
- ▶ Entidades tradicionalistas existentes no Brasil: 4,5 mil
- ▶ Entidades tradicionalistas fora do país: 16
- ▶ Público direto dos sete eventos oficiais do MTG/RS / ano: 550 mil
- ▶ Público indireto dos sete eventos oficiais do MTG/RS / ano: 6 milhões
- ▶ Empresas do setor tradicionalista: 1.950
- ▶ Empresas relacionadas com o setor tradicionalista/RS: 4,8 mil
- ▶ Empregos gerados (CTGs, empresas, entidades)/RS: 168 mil
- ▶ Empregos indiretos: 340 mil
- ▶ Movimento da indústria fonográfica tradicionalista/RS/ano: R\$ 12 milhões
- ▶ Venda de bebidas nos eventos tradicionalistas/RS/ano: R\$ 43 milhões
- ▶ Venda de produtos tradicionalistas/RS/ano (indumentária, utensílios): R\$ 2,3 milhões
- ▶ Venda de erva-mate para chimarrão - Brasil/ano: R\$ 6,4 milhões
- ▶ Alimentação e produtos veterinários para cavalos - RS/ano: R\$ 22 milhões
- ▶ Projetos culturais tradicionalistas - RS/ano: 5,3 milhão

Fonte: Fundação Cultural Gaúcha

Figura 23. Pioneiro, 17 de set. de 2001, p. 4.

## ESPECIAL



**TRADICIONALISMO** *Os hábitos campeiros são recuperados por meio de pesquisas. Os trajes para as diferentes ocasiões são determinados pelas diretrizes do MTG e cada passo de dança é fundamentado em estudos realizados pelos fundadores do movimento gaúcho*

## Folclore de cuia em cuia

O CTG é o local privilegiado de vivência das tradições. Os hábitos campeiros são recuperados por meio de um estudo folclórico gaúcho e transmitidos de cuia a cuia, de geração a geração. As invernações artísticas são a expressão máxima desse resgate. Os trajes de prendas e peões para as diferentes ocasiões são determinados pelas diretrizes do MTG e cada passo de dança é fundamentado em pesquisas realizadas pelos fundadores do movimento.

A expressividade da organização aparece em números, divulgados pela Fundação Cultural Gaúcha. Os tradicionalistas realizam em torno de 200 eventos a cada final de semana no Estado, atingindo, a cada ano, quase 60% da população gaúcha. São bailes, rodas de chimarrão, jantares, piquetes e rodeios, que consagram a cultura campeira como legítima manifestação gaúcha. Os 86 CTGs dos nove municípios (Caxias do Sul, São Marcos, Antônio Prado, Nova Roma do Sul, Nova Pádua, Flores da Cunha, Farroupilha, Nova Petrópolis e Picada Café) da 25ª Região Tradicionalista promovem anualmente cerca de 280 atividades campeiras, 50 bailes e 40 atividades culturais.

"Antigamente, usar o traje era pejorativo", lembra João Comandull, patrão do CTG mais antigo de Caxias, o Rincão da Lealdade (fundado em 1953).



Rincão da Lealdade: CTG mais antigo de Caxias foi fundado em 1953

### Patrão e capataz comandam

Grande parte dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) existentes está vinculada a alguma outra entidade, como empresas e escolas, mas qualquer grupo interessado em cultivar a cultura gaúcha pode criar novos núcleos. Para fundar um CTG é necessário ter pelo menos 80 sócios, sede própria, alvará, CGC (existência jurídica) e um estatuto próprio – elaborado com base na Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista. Para ser aprovada, a nominata da diretoria deve passar pela aprovação da assembleia dos patrões, realizada a cada três meses.

A denominação dos cargos da diretoria utiliza uma nomenclatura que procura reconstituir os nomes usados na administração de um estabelecimento pastoril, evocando o ambiente da estância. No lugar de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, diretor, etc, são empregados os títulos de patrão, capataz, sota-capataz, agregados e posteiros. O tesoureiro, por exemplo, é chamado de agregado das pilchas. "Pela tradição, quem tem as melhores pilchas é quem tem mais dinheiro", explica o coordenador da 25ª Região Tradicionalista, Sadi Bortolon.

### CARTA DE PRINCÍPIOS

O documento está em vigor desde 1961. Abaixo, estão destacados 17 dos 29 princípios existentes:

- I - Auxiliar o Estado na solução dos seus problemas fundamentais e na conquista do bem coletivo.
- II - Cultivar e difundir nossa História, nossa formação social, nosso folclore, enfim, nossa Tradição, como substância basilar da nacionalidade.
- III - Promover, no meio do nosso povo, uma retomada de consciência dos valores morais do gaúcho.
- IV - Facilitar e cooperar com a evolução e o progresso, buscando a harmonia social, criando a consciência do valor coletivo, combatendo o enfraquecimento da cultura comum e a segregação que daí resulta.
- V - Criar barreiras aos fatores e idéias que nos vêm pelos veículos normais de propaganda e que sejam diametralmente opostos ou antagônicos aos costumes e pendores naturais do nosso povo.
- VI - Preservar o nosso patrimônio sociológico representado, principalmente, pelo linguajar, arte culinária, forma de lidas e artes populares.
- VII - Fazer do CTG um núcleo transmissor da herança social e através da (...) noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc, criar em nossos grupos uma unidade psicológica, como modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns.
- VIII - Estimular e incentivar o processo aculturativo do elemento imigrante e seus descendentes.
- IX - Lutar pelos direitos humanos de Liberdade, Igualdade e Humanidade.
- X - Respeitar e fazer respeitar seus postulados iniciais, que têm como característica essencial a absoluta independência de sectarismos político, religioso e racial.
- XI - Acatar e respeitar as leis e poderes públicos legalmente constituídos, enquanto se mantiverem dentro dos princípios do regime democrático vigente.
- XIV - Evitar atitudes pessoais ou coletivas que deslustrem e venham em detrimento dos princípios de formação moral do gaúcho.
- XIX - Incluir na literatura, artes clássicas e populares e outras formas de expressão espiritual de nossa gente, no sentido de que se voltem para os temas nativistas.
- XX - Zelar pela pureza e fidelidade de nossos costumes autênticos, combatendo todas as manifestações individuais ou coletivas, que artificializem ou descaracterizem as nossas coisas tradicionais.
- XXII - Procurar penetrar e atuar nas instituições públicas e privadas, principalmente nos colégios e no seio do povo, buscando conquistar para o Movimento Tradicionalista Gaúcho a boa vontade e a participação dos representantes de todas as classes e profissões dignas.
- XXV - Pugnar pela independência psicológica e ideológica de nosso povo.
- XXVII - Procurar o despertar da consciência para o espírito cívico de unidade e amor à pátria.

Leia amanhã: A indústria fonográfica tradicionalista movimentará R\$ 12 milhões ao ano no Rio Grande do Sul

Figura 24. Pioneiro, 17 de set. de 2001, p. 5

# ESPECIAL



**TRADICIONALISMO** Na maioria dos bailes gaúchos, a pilcha deixou de ser obrigatória. No entanto, os CTGs mantêm normas de vestimenta e de comportamento nos salões, com punição para quem não cumpri-las. O objetivo é preservar o respeito e o ambiente familiar

## Bailando no compasso das regras

LETICIA QUARTE

**U**m folheto distribuído junto aos convites ao baile do CTG Querecia, em Canela, dá a lista: "Fica proibida a entrada de pessoas trazendo sua acima do joelho, blusa muito decotada, bento-sinca, maillôbia, bermuda e roupa de tecido transparente." Em baile tradicionalista, é assim. Roupas provocantes ficam de lado, e o comportamento no salão é monitorado. As atitudes mais normais e estatísticas para garantir seu funcionamento, mas o objetivo é o mesmo: manter o respeito e o ambiente familiar.

Em geral, o beijo na boca é tolerado, até porque não há como evitá-lo, mas os excessos podem ser punidos com suspensão dos filiados por até três meses. Na maioria das baillatas, as pilchas deixaram de ser obrigatórias, mas a adequação à dimensão do poder aquisitivo. "Por muito tempo, até o lenço do peão era exigido, mas os salões começaram a covitar, porque nem todos tinham dinheiro para comprar o traje", explica o patrão do CTG Querecia, Paulo Cardoso. A entidade tem 480 sócios titulares e realiza bailes de sextas a domingos, reunindo sempre mais de 300 pessoas. A obrigatoriedade de vestimenta é restrita aos fandango, realizados em menor quantidade durante o ano.

Piçhadas ou não, as prendas devem seguir a regra de ouro dos bailes tradicionalistas: não dar cartão, ou seja, jamais recusar convite para uma dança. Só estão liberadas as mulheres acompanhadas. Nesse caso, quem convida deve pedir licença ao marido ou companheiro. Para as prendas, as proibições são dançar de pala e permanecer de chapéu, ações consideradas desrespeitosas. Mesmo assim as mulheres é outra atitude sujeita à punição. Ao menor sinal de desobediência, alguma segurança ou membro da patronagem do CTG surge para repreender o infrator. Quem frequenta os bailes gaúchos, porém, garante que a rigidez não atrapalha. Afinal, para tudo existe um jeitinho.

↓ Leia amanhã: as manifestações pela dança



### Cenas de uma noite

**AO QUE** tudo indica, os peões andam meio acanhados. Pelo menos em Canela, tem muita prenda que, cansada de esperar um convite, está indo à luta. Como Almir Lido (1), 73 anos, que na última sexta não hesitou em tirar para dançar. Adriano (2), 34, o amigo do que preferiu a moda antiga, diz não gostar de levar cartão, não deve dar também. Enquanto isso, outros cantos, dois peões (3) observavam o movimento da pista de dança. "Estamos mirando as prendas", dizem José Lopes, 17, e Luis Schwedler, 34, que estavam à procura de companhia. Experiências como a de José Luiz e Maria do Carmo (4), à esquerda, ambos com 48 anos, mostram que existem mesmo chances de se encontrar um par. O casal se conheceu em um CTG, há 35 anos. Afeto à movimentação, o pequeno Luis Carlos Ferreira Neto (6), um ano, dormia ao lado do pai. "Com 10 dias, me veio para o CTG", diz a mãe, Natália Buzon, 27.

### Clubes como alternativa

Além dos bailes promovidos pelos CTGs, outra opção são os clubes que se dedicam à música gaúcha. Existem diversos salões — a maioria realiza bailes à tarde para a terceira idade e, de quartas a domingos, para o público adulto. Há três anos, o Galpão Gaúcho, em Casais do Sul, recebe uma média de 400 pessoas e cada baile durante a semana ultrapassa os 1,2 mil nos finais de semana. "Quando abrimos, não imaginamos que o sucesso seria tão grande", diz o proprietário, Mano Schuabert. A casa Fogo de Chão, também em Casais, fundada em 1984, garante sua lotação mesclando 50% de música gaúcha e 50% de sertaneja. "No início, era só gaúcha, mas tivemos de mudar para continuar atraindo o público", observa o dono, Vicente Ferriz.

### AS DIFERENÇAS

Quando receber um convite, ficar atento às diferenças entre as festas campesinas

**Baile** — tem por característica ser um encontro social, mas direcionado à sociedade

**Fandango** — preserva a raiz camponesa. Antigamente, se referia às festas realizadas na casa do patrão da estância

**Surungo** — festa mais popular. A origem do termo é pejorativa, hoje ele é empregado como sinônimo de baile

**Tertúlia** — encontro entre amigos, com conversas, maistradas e algumas apresentações artísticas, como cantos, dadamações e trocas

Figura 25. Pioneiro, 19 de setembro de 2001, p. 4.



■ SEMANA FARROUPILHA

## Uma homenagem à colonização

*O desfile tradicionalista de 20 de Setembro levou para a Sinimbu a cultura de bugres, italianos, alemães, negros, portugueses e espanhóis, com roupas típicas de cada país*

**O**s povos que colonizaram o Rio Grande do Sul foram os grandes homenageados no desfile da Semana Farroupilha, que aconteceu ontem, às 15h, na Rua Sinimbu. O tema deste ano, *Ranços*, levou para a rua a cultura de bugres, italianos, alemães, negros, portugueses e espanhóis. De acordo com a organização do curso, 8 mil pessoas prestigiaram a apresentação.

Para representar a colonização do Estado, o Bloco das Etnias desfilou trazendo roupas típicas de cada país que contribuiu para a formação do povo gaúcho. Junto, levavam símbolos ca-

**De acordo com a organização do curso, um público de 8 mil pessoas assistiu à apresentação**



Tradicionalismo: a evolução das indumentárias, a música e a dança gaúchas foram algumas das atrações

mo, por exemplo, a cruz, que representa a religião. Quando estavam em frente ao palanque oficial, os integrantes dançaram ao som de músicas tradicionalistas, cantadas ao vivo.

As indumentárias gaúchas igualmente foram mostradas ao público. Primeiro, as vestimentas usadas na época em que o Rio Grande do Sul foi colonizado. Depois, as usadas pelos gaúchos nos dias atuais. A colonização italiana em Caxias do Sul também mereceu lembrança pelos tradicionalistas. A passagem dos pequenos de cavalariços encenou as apresentações de 20 de Setembro.

O desfile ainda contou com a

participação das escolas estaduais e municipais da cidade, Brigada Militar (BM), Banda Marcial da Escola Estadual Cristóvão de Mendonça, Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul (Codeca), Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (Samse) e Corpo de Bombeiros.

Prestigiando o evento, no palanque oficial, estavam o coordenador da 2ª Região Tradicionalista (2ª RT), Sadi Camargo Bortolon, a titular da 4ª Coordenadoria Regional de Educação (4ª CRE), Nise Gil, o comandante do 12º Batalhão de Polícia Militar (12º BPM), Luiz Antônio Torres, além do prefeito Gilberto Pepe Vargas.

### BOJE NOS PAVILHÕES

- ▶ 9h – canto dos hinos
- ▶ 9h30min – apresentação do CTG da Escola Estadual Cristóvão de Mendonça
- ▶ 14h – Canto dos hinos
- ▶ 14h30min – apresentação do CTG da Escola Municipal Erico Cavina; (dança, chula e declamação), CTG da Escola Municipal Manoel Pereira dos Santos (trovadores) e CTGs das escolas estaduais Melvin Jones e Fernão de Moraes
- ▶ 19h – Erico Cavina e Grupo
- ▶ 20h – apresentação a cargo do CTG Coração do Rio Grande
- ▶ 21h30min – espetáculo de Joris Boerá



Figura 26. Pioneiro. 21 de set. de 2001, p. 3.



Alina Savaris, 16, Samuel Gattelli, 15, e Franciele Netto, 14, defendem a música gaúcha, mas não perdem shows de rock.

Jovens amantes das tradições gaúchas circulam sem preconceito por outras culturas e estilos musicais.

IANAINA SILVA  
(texto)  
NEREÚ DE ALMEIDA  
(fotos)

## Gaudérios modernos

**O** início da Semana Farroupilha coincide em Caxias do Sul com o show de uma das mais importantes bandas brasileiras de heavy metal, o Angra. E daí? Qualquer pessoa com um pouco de conhecimento sobre os dois estilos afirma que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Mas não é bem assim. Num encontro da Invernada do CTG Campo dos Bugres, houve quem passasse muito tempo combinando com os amigos como iria ao show. E de maneira nenhuma a atitude passou por desrespeito ao tradicionalismo ou falta de concentração nas apresentações artísticas que se aproximam. Representou apenas a liberdade que esses jovens gaudérios têm para circular com a mesma desmoldura

em diferentes ambientes.

Normalmente levados para o CTG (Centro de Tradições Gaúchas) pelos pais ou amigos, eles aprendem a amar o Rio Grande do Sul, a vestir a pilcha com orgulho, mas têm verdadeiro horror a radicalizá-la. "Como dizem, gostos, cores e amores não se discute", comenta Alina Paese Savaris, 16 anos, que já foi primeira preta juvenil da 25ª Região Tradicionalista. Ela vai ao show da Angra domingo. "Eu gosto de rock e música gaúcha. Uma coisa não diminui a outra", afirma Alina. A amiga Franciele Netto, 14, que dança na Invernada e também curte som mais pesado, reforça a importância do respeito entre as culturas. "Uma vez me disseram que CTG era coisa de grosso. Na verdade, grosso é quem fala uma coisa dessas."

Uma das provas de que essa turma é realmente "do bem" é o número de representantes de outras "tribos" que admiram o que eles fazem na Invernada. Samuel Gattelli, 15, tem amigos que tocam em bandas de punk-rock e já participou de festivais alternativos. "O que acho legal é essa liberdade que a gente tem de conviver com os punks, com os moicanos, e no outro dia poder vir ao CTG, com pilcha", comemora. Quem concorda é Cristiano Neto, 16, que convive pacificamente com os "manos" do skate. Ele só abandonou o esporte há um mês por problema nas articulações, mas sempre teve o respeito dos gurus, que chegaram até assistir ensaios de dança gaúcha. "Na verdade, nós sempre estamos tentando trazer mais gente para o CTG", declara Samuel.



**Gaúcha** Ind. e Com.  
Correaria e Loja

- \* ARTIGOS PARA MONTARIA
- \* CONSERTOS
- \* PILCHAS EM GERAL

CONFIRA AS NOVIDADES PARA SEMANA FARROUPILHA. ÓTIMOS PREÇOS E ENORME VARIEDADE DE PILCHAS E ARTIGOS PARA MONTARIA.

RUA TRONCA, 3184 - CEP 95010-100  
CAXIAS DO SUL-RS - FONE (54) 221.0132

Figura 27. Pioneiro, 14 de set. de 2002, p. 37.



**O FENÔMENO TRADICIONALISTA** A partir de hoje, até sábado, o *Pioneiro* publica série de reportagens sobre o tradicionalismo na cidade. A primeira matéria aborda os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs): quantos existem, como funcionam e como é o ritual dos gaúchos

# Maior número de CTGs do Estado

FABIANO PROVENZA

As comemorações da Semana Farroupilha em Caxias do Sul têm um gosto especial para os tradicionalistas: o município possui o maior número de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) no Estado. São 82 entidades filiadas à 25ª Região Tradicionalista (25ª RT), vinculada ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). No Estado, são 1,5 mil entidades – mais 350 não-filiais – sendo que, no total, são 4,5 mil e, no exterior, 16. Enquanto grupos tentam formar novos CTGs a cada dia, os mais velhos preferem a cultura sem cortes já existentes. “Há as diferenças culturais. Em 1800, o Estado tinha 150 mil habitantes, sendo que 90% delas da Capital até a Fronteira Oeste”, lembra o coordenador da 25ª RT, Sadi Caneppe Bertolon.

Até hoje, a população discute qual parte do Rio Grande do Sul é mais tradicionalista. Entretanto, na opinião de Bertolon, as peculiaridades regionais estabeleceram as autenticidades dos fundadores dos CTGs. “Acredito que, na Serra, o tradicionalismo é mais autêntico. A mistura de duas raças tradicionais – italianos e espanhóis – criou a cultura local da identidade, ranchari entre a população. Por isso, o grande número de CTGs na cidade; todos querem ser povões”, analisa Bertolon, complementando que o procedimento para fundar uma entidade é igual à abertura de uma empresa, com vários trâmites jurídicos.

Atualmente, o número de crianças e jovens que frequentam as incógnitas é maior. É o caso do casal Andréia Bages, 12 anos, e Jean Bernardes de Brito, 10, que há mais de um ano pratica danças gaúchas no CTG Os Carreiros, fundado há 10 anos



Carreiros: os integrantes revivem valores, como Andréia, 12, e Jean, 10 (destaque à esquerda).

na Rondon SA. “Sempre gostei do tradicionalismo. Tenho um tio que atua em invernos, e resolve participar também”, ressalta Jean. Andréia resume que é bom participar de atividades tradicionalistas. O pai do CTG Os Carreiros, Leonel Francisco Vargas de Lima, enfatiza o crescimento das atividades por parte das crianças. “Nos últimos anos, a mobilização aumentou”, revela. O CTG Rancho da Lealdade é o mais antigo de Caxias e, em 2003, comemora 50 anos de existência. “Estamos elaborando uma programação especial”, adianta o patriarca João Luiz Comandali. Um fato curioso é que o prédio do Rancho, situado na BR-116, na rotula do Hospital Genl, sediou por um ano e meio a Câmara de Vereadores – um incêndio destruiu parte do prédio da prefeitura em fevereiro de 1992.



Rancho da Lealdade: 50 anos em 2003

Leia amanhã: os bailes, os conjuntos e as gravadoras de música tradicionalista. A indústria fonográfica no Estado. A animação dos shows.

### VOCABULÁRIO

- Abichornado:** aborrecido, irritado, desanimado.
  - Afiado:** indivíduo pronto para cumprir uma missão.
  - Bagual:** animal selvagem, em da não domado; novo e atrevido. No sentido figurado, pessoa desobediente e presunso.
  - Balano:** indivíduo que não sabe nem a cavalo, no que não executa trabalhos do campo.
  - Calambor:** rixa de bovinos. No sentido figurado, controvérsia ou acirramento.
  - Comedor:** sala de jantar.
  - Carpim:** muitas coisas usadas pelo homem.
  - Fuzilar:** fugir, dar no pé.
  - Lorpa:** fardo, toco, parte.
  - Marcado:** firme, de grande importância, que custa de ganhar os frutos.
  - Poncho dos pobres:** oiro.
- Fonte: Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul

### SAIBA MAIS

CTG em Caxias do Sul	82
CTG no Estado	1,5 mil
Entidades não-filiais	350
Associados a CTGs	1,4 milhão
Participantes em RTs	4,2 milhões
Entidades no país	4,5 mil
Entidades no exterior	16
Público médio em eventos do MTG	550 mil
Público médio em eventos do CTG	6 milhões
Emprego do setor	1,95 mil
Empresas tradicionais	4,8 mil
Empresas modernas	168 mil
Emprego indústria	340 mil
Verba de investimento no tradicionalismo	R\$ 6,4 milhões
Projetos culturais/feitos	R\$ 5,3 milhões

Fonte: Fundação Cultural Gaúcha do MTG e 25ª RT

<p><b>CTG BARRANTE I FRANÇA</b> 25ª RT - MTG</p> <p>"Pelos Raízes do Pampa"</p> <p>Caxias do Sul - RS Tel. 220.9915</p>	<p><b>CTG PAMPA DO RIO GRANDE</b></p> <p>FUNDADO EM 09/07/50</p> <p>CAXIAS DO SUL - 222.8752 - 25ª RT</p>	<p><b>CTG VILHA CAVALARI</b></p> <p>Pela tradição da gaucharia e do CEC</p> <p>Ativa a cultura, valores e tradições</p>	<p><b>CTG GALPÃO SERRANO</b></p> <p>Povo de Cordeiro - RS</p> <p>(54)292.2642</p>	<p><b>CTG TRADIÇÃO PELA GRANDEZA DO RIO GRANDE</b></p> <p>Rua Prudente de Moraes, 11</p> <p>C.P. 91150-000 - São Leopoldo - RS</p> <p>Fone: (51) 3294.1100 - 3294.1101</p>
<p><b>CTG NEGRINHO DO PASTOREIO</b></p> <p>At. Balneário Pôrto, 1330</p> <p>TEL: 213.1997</p>	<p><b>Marcopolo</b></p> <p>Parque de Inverno e recreação</p>	<p><b>RANCHO VELHO</b></p> <p>Departamento Cultural Espírita</p> <p>Clube Juvenil</p> <p>Distrito para jovens e programação</p> <p>9972.6444 (222.3477)</p>	<p><b>METALGUSA</b></p> <p>Fone: (54) 308.0200</p>	<p><b>Branda Bonita</b></p> <p>Venda - Alugo</p> <p>Móveis e Bricolagem</p> <p>3027.5387 (051) 3027.5387</p> <p>Móveis e Bricolagem</p> <p>Ata de Caxias, 2425</p> <p>parte superior</p>

Figura 28. Pioneiro. 17 de set. de 2002, p. 4.



**O FENÔMENO TRADICIONALISTA** A manutenção dos hábitos e costumes, da culinária, do preparo do chimarrão e as vestimentas mantêm vivas as lendas e a herança cultural das pessoas que divulgaram a cultura do povo do Estado, que sempre valorizou a tradição

# Churrasco, pilcha e chimarrão

TABAREO PIONAI

O povo gaúcho valoriza muito suas tradições, exalta a coragem e a bravura de seus antepassados, cultua seu apego à terra, seu amor à liberdade, motivando o surgimento de amor muito pelo tradicionalismo. O alimento preferido do gaúcho é o churrasco, e a bebida preferida é o chimarrão, chegando a ser considerado o maior símbolo da hospitalidade e da amizade. Quando o gaúcho se veste com seus trajes típicos, diz-se que ele está pilchado. Assim, cultura e tradição a cultura gaúcha entre as gerações.

Confirma o conselheiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) na cidade, o aposentado Claudio Picoloto, a erva-mate é um dos símbolos do Estado. "A bebida que a bebida propiciou aos visitantes é um exemplo de educação do povo. A erva, para resultar num bom chimarrão, deve ser cortada a cada seis anos. Se colhida muito nova, o líquido fica amargo", explica. O tradicionalista, natural de Crivara, lembra que a bebida é inapreciável, principalmente durante as manhãs. "Meu pai tinha 94 anos e, às 4h00min, nos acompanhava para tomar leite das vacas, sempre com uma cuja



Manifestação: pequenos alunos a cargo

de chimarrão na mão", relata. O coordenador da 2ª Região Tradicionalista (2ª RT), Sidi Camargo Boetolon, ressalta que a vestimenta do gaúcho da campanha era diferente do gaúcho da Serra. "As bombachas daqui eram mais estreitas, pois, quando atrelavam à cavalo, no meio da mata, o tecido poderia prender em alguma árvore ou arbusto. A sela também tinha

algumas diferenças", conta. Outro fato citado por Boetolon é quanto a cercos. "Lá, chamavam de carroça os veículos com duas rodas. Aqui, era carruagem e tinha quatro rodas", observa. Picoloto lembra que foi carreteiro quando tinha 12 anos. "Eu fazia viagens com duas mulas, de Crivara até Caxias. Naquela época, não tinhamos geladeira, e a principal comida era o churrasco". O aposentado cita, entre outros pratos tradicionais da culinária campeira gaúcha, feijoadas, arroz com lingüiça, miocoto, rabada, costela de gado com batata (o "tal de ensopado") e, lógico, o churrasco.

Sempre com o objetivo de disseminar as tradições gaúchas, durante a Semana Farmopilha, diversas entidades e instituições aderem às manifestações. Assim aconteceu no bairro São Pellegrino. Uma minicavalgada, com cerca de 200 crianças de quatro a seis anos do Colégio São Carlos, foi realizada quarta-feira em cavalos confeccionados com cabos de vassoura nas salas de aula - 80% dos meninos e meninas estavam pilchados. A coordenadora da educação infantil de São Carlos, Andréia Lucena, ressalta que os valores e as culturas do gaúcho foram resgatadas nas aulas durante a semana.



Picoloto: "Ouvir e inapreciável bebida do gaúcho"

### VOCABULÁRIO

- Borracho:** bebado, embriagado
- Bruca:** mala de couro ou, para ser conduzida em torno de animal, no sentido figurado, mulher sem pudor, desleixada, ramera, catimora
- Os pezo principal:**
- Budum:** canoa, fardo, mau cheiro do corpo humano
- Chileno:** esponta com moedas grandes
- Consadras:** humoradas
- Cuera:** caxerite no lombo de cavalo; no sentido figurado, homem ruim. OJ, ainda, gaúcho forte, desavido
- Embelezar:** tornar supérfluo, sem valor, buzi-ganga
- Ligeira:** diarreia, soltura do ventre, caganeria
- Pajera:** baile popular
- Paqueia:** elegante, chique
- Tungar:** ato de mergulhar o pé no café

Fonte: Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul

### OS MANDAMENTOS DO MATE

- 1º - Não peça açúcar no mate.
- 2º - Não diga que o chimarrão é anti-higiénico.
- 3º - Não diga que o mate está quente demais.
- 4º - Não diga um mate pela metade.
- 5º - Não te esvergonhes do ronco do mate.
- 6º - Não meias na bomba.
- 7º - Não atreva a ordem em que o mate é servido.
- 8º - Não durma com a cuja na mão.
- 9º - Não condene o dono da casa por tomar o primeiro mate.
- 10º - Não diga que o chimarrão pode causar doenças.

Fonte: MTG



Churrasco: principal prato da culinária campeira

Leia amanhã: a última reportagem da série O Fenômeno Tradicionalista. As lidas campanhas. Os rodeios e as provas.

<p><b>PUREZA EM ERVA-MATE</b> ERVA-MATE CHIMARRÃO</p> <p><b>JACUTINGA</b></p> <p><b>MATERVA</b></p> <p>Distribuidor Perotoni Fone/fax: (54) 226.8770 E-mail: imat@perotoni.com.br</p>	<p>Materiais, o fio de sua face com <b>CHAIRA</b></p> <p><b>COSTA e FIO</b> Especialidade na fabricação de chaitras</p> <p>FONE: (54) 229.5999</p>	<p><b>METALGUSA</b> Atende para Mato Grosso do Sul</p> <p>Fone: (54) 3025.5279</p>	<p><b>PRÓLAVOURA</b> União de Lavagem Agrícola</p> <p>Fertilizantes Hidrossolúveis Fertilizantes Granulados Fertilizantes Foliares</p> <p>FONES (54) 212.1334 / 212.3810</p>	<p><b>CAXIAS</b></p> <p>Fone: (54) 9879.3686</p>
		<p><b>FRIZZO</b> BARRAS DE ALUMÍNIO</p> <p>Rua Rio de Janeiro, 104 8.º andar - Fátima - Foz Avenida do Brasil - Itaitinga Fone/Fax: (54) 261.3711 e 9678.8316</p>	<p><b>PROBELL</b> BARRAS DE ALUMÍNIO</p> <p>Facas, freios e esporas Fone (54) 226.2973</p>	<p><b>EZEQUIEL M. RAMOS</b></p> <p>RODAS - GUARACÁ - EMBALAGENS</p> <p>Fones (54) 229.4499 e 9871.5058</p> <p>Calculadora em português</p>

Figura 29. Pioneiro. 20 de set. de 2002, p. 8.



Figura 30. 20 de set. de 2003, p. 7.



Figura 31. Pioneiro. 20 de set. de 2005. p. esp.

# O fardamento dos gaúchos

Moradores de Gaúchos e região vestem picha com orgulho



Um legítimo gaúcho de renome é o diretor da Harland José Pereira Batista, 51 anos. Ele nasceu no Petrópolis, mas desde que veio para o Rio Grande, há 25 anos, apaixonou-se pelo estado crioulo e pelas coisas do Estado. Ele trabalha pichado há 20 semanas. *Família.*



Tradição começa cedo. As crianças de 3º ano da Escola Estadual Santa Catarina também que não ficam à toa de vestir suas roupas e dançar para a aula.



O senhor-gent Cicidonea Machado dos Santos, 20, trabalha como condutor para homenagear os netos. Na cidade de Petrópolis, sempre.



Os estudantes do Voyage Santa Teresa (Vizento Serejo da Silva, 26 anos, e Gabriel Cruz, 45), picharam-se durante toda a semana para dirigir os visitantes pela cidade.



Além de sempre Família, o casal Maciel, 13 anos, também quando se casou principalmente para se divertir.



O estudante Marcus Pires, 18 anos, vestiu picha para ir à aula no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso, em Santa Genésio.



Quem gosta muito de Magalhães Lúcia recebe sempre picha em homenagem pela cidade. Ela tem 26 anos, que orgulha-se de se desafiado a própria cidade.

Figura 32. Pioneiro. 20 d eset. de 2006. p. 8.







**ENQUETE!**

**Por que é muito bom ser gaúcho?**

O Kzuka, acampamento Farroupilha, no aniversário da Festa da Uva, saber da galera por que ela tem muito orgulho de ser gaúcha. Confira!



"Um coisa que eu gosto muito é ver como o gaúcho tem orgulho em ser gaúcho! É uma cultura que une a família."  
Edson Maciel, 18, aluno de Eng. de Controle de Automação na UCS



"Ah, tem vários motivos... é muito bom ser gaúcho pelos acampamentos, pelas churrascadas e pelos jogos de truco (risos)!"  
Wagner Carvalho, 28, operador de máquinas



"Porque é um povo que tem muita cultura..."  
Gabrielle da Cunha, 19, aluna de Relações Públicas na UCS



"O mais legal é a integração das pessoas. Danço em CTG desde os três anos de idade. Quando era pequeno já queria vestir as bombachas iguais ao do meu pai..."  
Jean Bristot, 21, aluno de Ciências da Computação na Anglo-Americana



"Porque fui criada no meio de CTG e acho isso bacana... A música, os trajés, tudo é legal na cultura gaúcha!"  
Natália da Cunha, 16, aluna do 2º ano da Escola Santo Antônio



"É bom por tudo! As mulheres mais bonitas são as gaúchas. O melhor time é o Grêmio. Fora o prazer de estar em contato com o campo."  
Marcelo Caldeira, 17, aluno de Direito na FSG

FOTOS: MARCELO CALDEIRA/ESPRESSO

Figura 35. Pioneiro. 19 de set. de 2009. p. 7/kzuka.



Figura 36. 19 de set. de 2008, p. 3/kzuka.

**Galpão Pioneiro**

# A SEMANA CRESC

A celebração farrapa em Caxias se transformou em um megaevento. A primeira comemoração foi modesta, em um galpão montado na Praça Dante Alighieri, em 1955. Em 2008, pelo menos 230 mil pessoas participaram. Para este ano, a organização prevê público superior a 250 mil tradicionalistas.

**2008: MONTAGEM DE MONTANHA**

Caxias, 2008. Vem-se há os olhos dos amantes do turismo voltados para nossa cidade. E tudo isso se deve aos esforços do tradicionalista que temos aqui e aos investimentos no Parque de Rodagem - afirma o vice-prefeito Alceu Barbosa Velho (PDT).

Um grande quanto o número de CTGs de Caxias é a expectativa da organização da Semana Farroupilha. Otimista, a 2ª RT calcula que pelo menos 250 mil pessoas possam pelo escarpamento e pelo perfil de sítio, na Rua Sembrar.

- Além do parte artística, que criou muito em qualidade, temos um aumento significativo do número de pedões e pedões nas praias campestres - comenta o coordenador da 2ª RT, Ju Ara.

De olho nessa evolução, os tradicionalistas também na paróquia que, no futuro, vai cultivar a Semana Farroupilha. A 2ª RT apresentará a reunião para definir as regras do programa Pia Farroupilha.

Cada CTG vai indicar um representante em comissão que será acompanhado por um pelo vereador ao longo de sua vida.

Além de aprender a lidar do campo, o país será realizado nos demais aspectos do tradicionalismo, como música, poesia, dança, pilhas e história do Rio Grande do Sul.

- Por enquanto, precisamos ser mais flexíveis ao respeito na Semana Farroupilha de 2009. O momento decisivo foi realizado na celebração de 2011, quando deu origem ao grande momento - explica Ju Ara.

**! A celebração evoluiu de um tímido galpão na praça para uma cidade nos Pavilhões**

Caxias, 2008. Vem-se há os olhos dos amantes do turismo voltados para nossa cidade. E tudo isso se deve aos esforços do tradicionalista que temos aqui e aos investimentos no Parque de Rodagem - afirma o vice-prefeito Alceu Barbosa Velho (PDT).

Um grande quanto o número de CTGs de Caxias é a expectativa da organização da Semana Farroupilha. Otimista, a 2ª RT calcula que pelo menos 250 mil pessoas possam pelo escarpamento e pelo perfil de sítio, na Rua Sembrar.

- Além do parte artística, que criou muito em qualidade, temos um aumento significativo do número de pedões e pedões nas praias campestres - comenta o coordenador da 2ª RT, Ju Ara.

De olho nessa evolução, os tradicionalistas também na paróquia que, no futuro, vai cultivar a Semana Farroupilha. A 2ª RT apresentará a reunião para definir as regras do programa Pia Farroupilha.

Cada CTG vai indicar um representante em comissão que será acompanhado por um pelo vereador ao longo de sua vida.

Além de aprender a lidar do campo, o país será realizado nos demais aspectos do tradicionalismo, como música, poesia, dança, pilhas e história do Rio Grande do Sul.

- Por enquanto, precisamos ser mais flexíveis ao respeito na Semana Farroupilha de 2009. O momento decisivo foi realizado na celebração de 2011, quando deu origem ao grande momento - explica Ju Ara.

**GAUDÉRIOS EM EVOLUÇÃO**

**1955** - a primeira celebração pública da Semana Farroupilha de que se tem notícia em Caxias ocorreu no meado do século passado. Em setembro de 1955, o tradicionalista Gonçalves Oliveira Cabrito, o Colômbio, e um dialeto de sempre organizaram um galpão em frente a Colônia Dixonsiana, na Praça Rui Barbosa, hoje Praça Dante Alighieri. A celebração aconteceu por três anos consecutivos.

**1964** - após um vácuo de 26 anos, a festa chegou à terceira edição por um grupo comandado pelo tradicionalista Hübner Cardozo. Esse apenas nove pessoas. Montaram um pequeno galpão na Praça João Pessoa, hoje Avenida do Cangaço São Carlos. Ali aconteciam corride, canções, outros aspectos da vida do campo. Dançaram e cantaram.

**1986** - o último ano de festa na Praça João Pessoa. O grupo decidiu transferir a celebração, inicialmente, para o meado do século. Após a reforma para fazer o evento. Foi realizado a Semana Farroupilha em Caxias em 1986.

**1987** - a festa foi feita a Praça Chaves em 1987, com o nome de 10 anos. Inicialmente no espaço era apenas música e danças de salão. De acordo com o grupo de dança.

**1988** - o primeiro Pavilhão Farroupilha, no nome da Festa de Caxias, foi construído. De acordo com o grupo de dança.

**1989** - pelo menos 100 pessoas participaram na 10ª edição. O grupo passou para para o espaço atual, onde hoje se encontra o espaço de celebração.

**Semana Farroupilha 2009**  
**11 a 20 setembro**  
 Pavilhões da Festa da Uva - Caxias do Sul, RS

**Barrisul**  
**Clorox**  
**Super Higiênico**



Figura 37. Pioneiro. 15 de set. de 2009, p. 18.



# DOS OS GAÚCHOS

do Rio Grande do Sul. A ex-  
cênica, mas o movimento de  
tradicionalistas.



**Desfile**  
Comemora o desfile  
histórico, a  
parada de  
março do Colégio  
Militar Tradicional  
do Porto Alegre,  
o público foi  
interrompido de  
que, um breve,  
uma fila de  
escolas de ensino  
tradicionalista  
fundada em  
Caxias do Sul.  
Mas também  
serão desfiladas  
quatro as  
tradicionalistas  
tradicionalistas.

## Soberanas são a grande surpresa do desfile

Este ano as soberanas da Festa de  
Dia 2010 tiveram seu desfile na li-  
bridade na tarde de sábado. A rainha  
Gabriela Pereira e as princesas Alina  
Gabriela Pereira e Kátia Flávia Weber  
desfilaram em um carro alegórico  
desenvolvido especialmente para elas  
e ao som dos Príncipes Heráldicos, dupla  
tradicionalista gaúcha que foi honrada  
em Caxias do Sul. Ela levou a grande  
surpresa do desfile.  
A primeira passagem delas pela Si-  
nimbu estava prevista para a tarde  
de 7 de Setembro, mas a cidade foi  
cancelada em função da chuva.



## Aula de história na Sinimbu

**ESCOLA DE TIPO**  
Caxias do Sul - Ao tomar o poder  
em Porto Alegre em 20 de setembro  
de 1835, os farroupilhos, liderados  
por Bento Gonçalves, tentaram se-  
r os primeiros revolucionários a im-  
plantar uma República no governo  
imperial, ainda que, 10 anos depois,  
o movimento tenha fracassado, os  
farroupilhos procuraram para a história  
como símbolos da coragem dos  
gaúchos. A importância dada ao  
gaúcho é tamanha que, todos os  
anos, os principais episódios são re-  
lembrados na semana que antecede  
o feriado de 20 de setembro.  
No final da tarde de sábado, os atos  
heróicos do movimento foram tema  
do desfile realizado na Rua Sinimbu.  
Com a 14 mil pessoas, segundo a  
Brigada Militar, assistiram ao espe-  
táculo que durou quase duas horas.  
Mas não é em sociedades de pessoas,  
pessoas mergulhadas com o  
bambuzo do Rio Grande do Sul.  
O desfile foi encimado por cerca de

8 mil pessoas, sendo 1,5 mil cavalei-  
stas. Eles apresentaram as suas  
principais tradições farroupilhas,  
com destaque para a bandeira de Porto Alegre  
e a proclamação da República Rio-  
grandense, quando foi criada a letra  
cantada ao vivo, em que se exalta  
que os farroupilhos gaúchos devem ser  
"de modelo a toda a terra". Tam-  
bém foram representadas a bandeira  
de Rio Pardo, a criação da Marinha  
Farroupilha, encimada com bandeira  
de papéis, a tentativa de formação  
da República Catarinense e a assina-  
tura do pai de Pão-de-Açúcar com o  
governo imperial.  
O desfile, organizado por Rubem  
Tassin, vice-coordenador da 2ª RM,  
foi aberto por um bloco das forças  
policiais e uma banda municipal li-  
derada com peões, pretinhos e tambora-  
deiros dos 11 Centros de Tradições  
Gaúchas (CTGs) de Caxias.  
O héi Muriel Eduardo Gomes de  
Souza, de três meses, foi um dos des-  
taques. Filhado, ele desfilou no colo  
do pai, Michel Costa de Souza, 22

anos. Com os instrumentos musicais  
de 12 tons, o pequeno teve de ser  
preparado de três em três dias,  
e que também a polícia, com o  
Muro, assim, os músicos de con-  
certos pelo público.  
- Quando se trata de desfiles as  
pessoas não são apenas a música  
sua. Elas são os gaúchos das  
tradições, os tradicionais  
desfile são - isso é um orgulho.  
- O desfile deve ser o mais  
dentro em termos musicais, mas não  
sintetizar os personagens. Temos  
muitos mais personagens. Os  
tradicionalistas farroupilhos, por exemplo,  
não vestem bambuzos e sim, sur-  
pi. As crianças são lindas e  
são muito encantadas com o  
desfile. Porto Alegre é o que  
não há de ser, certo, alegorias são  
poucas. As alegorias, personagens e  
símbolos foram destacados em  
cartões passados por eles. Tudo para  
exaltar um pouco mais a história  
do Rio.

**COM**  
Com a ajuda de  
Festa de desfile  
na Sinimbu



Figura 39. Pioneiro. 21 de set. de 2009, p. 21.






Figura 31. Pioneiro. 20 de set. de 2004. p. 12



COMO É GRANDE  
O MEU AMOR PELO  
RIO GRANDE.



Todo mundo tem um jeito de mostrar seu orgulho de ser gaúcho. Pode ser um adesivo no carro, uma bandeira pendurada na janela de casa ou até mesmo sair às ruas carregando tênis e chimarrão. O importante é viver intensamente essa paixão.

PARTICIPE DAS COMEMORAÇÕES DA SEMANA FARROUPILHA.

Grupo **FBS** **COFESUL** **Barrisul** **BARREIRAS DO ESTADO RIO GRANDE DO SUL**




Figura 42. Pioneiro. 20 de set. de 2007. p 19.

36 ■ GRANDE & COMBOS, 17 e 18 de SETEMBRO de 2005 ■ PORTO ALEGRE

O gaúcho gosta de manter sempre acesas suas tradições.

Participe das comemorações da Semana Farnespilha e mostre todo o seu orgulho de ser gaúcho. Dia 20 de setembro, às 9 horas, grande desfile na Avenida Farnesina em Porto Alegre.

a no pinto e coque

Você é muito mais apegado às tradições do que imagina.

BBS Zaffari NESCAFÉ COPESUL CEET

Figura 43. Pioneiro. 17 de set. de 2005. p. 17.

AMOR • QUARTA-FEIRA 20 DE SETEMBRO DE 2006 • 23

## O AMOR POR NOSSA TERRA ESTÁ SEMPRE SE RENOVANDO.



CADA UM TEM UM JEITO DE MOSTRAR QUE É FÃ DO RIO GRANDE. INVENTE O SEU.

O que caracteriza o gaúcho não são apenas suas roupas e costumes. São, principalmente, valores de igualdade e justiça que herdamos dos bravos farroupilhas. Um espírito guerreiro que tratamos para o nosso dia-a-dia, lutando por um lugar melhor para os nossos filhos, amando a nossa terra e recebendo de braços abertos quem nela chega. Hoje é dia de sair para rua, participar das comemorações e mostrar todo o seu amor pelo nosso Estado.








Figura 44. Pioneiro. 20 de set. de 2006. p. 23.

UMA SEMANA PARA COMEMORAR  
O QUE A GENTE SENTE TODOS OS DIAS:  
ORGULHO DE SER GAÚCHO.



CADA UM TEM UM JEITO DE MOSTRAR QUE É FÃ DO RIO GRANDE. INVENTE O SEU.

*Comeu picadinho com gaúchos de verdade? Se não, pensa num saquinho todo picado, montado num cavalo, você sabia. Mas se não, se não, se não, vai ser também que cada um tem o seu jeito de ser gaúcho e de mostrar que ama o Rio Grande. E o adorno na carne, o bife na lapa, ou numa roda de churrasco no apartamento de alguém da turma. Para ser um verdadeiro gaúcho, não precisa ser nascido por aqui. Basta levar o Rio Grande no coração.*

Participa das comemorações da Semana Farroupilha.  
Dia 20 de setembro, de 9 horas, gaúchos dançam na Av. Perimetral em Porto Alegre.



Figura 45. Pioneiro. 16 de set. de 2006. p. 22.

Comissão Bernardini  
Frente  
Cente

# PIONEIRO

PORTE PAGO  
DE R\$  
ISR 49.581.81  
Cr\$ 2.000

Ano XXXVII Nº 474 Casas do Sul, quarta-feira, 18 de setembro de 1985

## Novo colapso no abastecimento deixa o centro do País sem luz

Página 05

### Caixa Estadual e Federal lembram data farroupilha

Funcionários das Caixas Estadual e Federal em Casas do Sul, e nos demais municípios da região, não esqueceram a data farroupilha, cujos 130 anos serão comemorados na próxima sexta-feira. Vestidos à gaúcha, os funcionários serviram chimarrão aos clientes que ainda puderam assistir a apresentações artísticas. Dia 20 não será feriado no comércio e na indústria, mas as repartições públicas não funcionarão. (Página central)



Na Caixa Estadual, agêcia centra, o zaimardo corria solto

### Orçamento de Caxias deverá chegar aos Cr\$ 250 bilhões

Página central

### O estranho fenômeno da multiplicação de placas

As vezes o cidadão vê um carro e pensa ter avistado uma placa igual à sua. Muitas denúncias nesse sentido vêm sendo feitas, porém nunca foi possível a comprovação. Na última sexta-feira, os proprietários desses dois veículos encontraram-se por acaso em função de assuntos profissionais, comunicaram o fato ao Pioneiro e foi possível a foto elucidativa. Com certeza a Delegacia de Trânsito poderá mandar averiguar o que andou acontecendo com este e, possivelmente, com outros casos semelhantes.



Mesa de 200 moradores presentes a reunião não aceitaram o projeto da Prefeitura

### Suspensa coleta do lixo urbano em Bento

Desde ontem, Bento Gonçalves não tem recolhimento de lixo, que ainda sendo feito pela Prefeitura. O problema deve-se à falta de um local para depositá-lo. O antigo aterro sanitário, em Santo Antônio, foi desativado na segunda-feira, de por dois meses das moradores na semana passada. Na segunda-feira, os moradores de São Valentim, para onde o depósito seria transferido, também aceitaram não permitir a nova localização. Uma comissão já foi formada estudando uma solução para o problema. (Página 7)

Figura 46. Pioneiro, 18 de set. de 1985. Capa.



**PIONEIRO**

# PIONEIRO

Ano 40 n° 221 - Casilas do Sul, quarta-feira, 14 de setembro de 1988



**PIONEIRO**

---

## PDS caxiense desiste dos debates políticos

Justiça garante a continuidade dos debates com os demais partidos *Página 7*

---

### Chuvas prejudicam trânsito nas estradas



Foto: Ulfers Ulfers

Trânsito prejudicado pelas chuvas

A situação nas estradas estaduais e federais está prejudicada devido as chuvas intensas, com muitos trechos sujeitos a deslizamentos, caso permaneçam as condições climáticas das últimas horas. Na BR-116, do quilômetro 163 ao 167 existem pontos bastante perigosos com pedras e terra sobre a pista. Porém, segundo a Polícia Rodoviária Federal, o momento ainda é de tranquilidade, mas poderá haver agravamento da situação. A RS-122 entre Farroupilha e Bom Princípio também está sujeita a deslizamentos se continuarem as chuvas. *(Página 13)*

---

**Nesta edição**

Greve dos bancários: decisão sai esta manhã	<i>Página 14</i>
Chama crioula inaugura hoje Semana Farroupilha	<i>Página 13</i>
Definidas datas para o vestibular da região	<i>Página 12</i>

Chuva e repressão desmobilizam os viticultores em Flores da Cunha	<i>Página 12</i>
Disarz e Cardoso serão acareados hoje pela Justiça	<i>Página 13</i>

BREVE  
UM  
GRANDE  
NEGÓCIO  
NA  
SEGUNDA-  
FEIRA

Figura 47. Pioneiro. 14 de set. de 1988. Capa.

# PIONEIRO

CAXIAS DO SUL, 16 DE SETEMBRO DE 1994



## FARROUPILHA



### UAB faz vistoria em áreas críticas

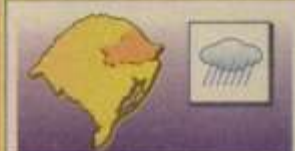
A União das Associações de Bairros (UAB) promove amanhã uma caminhada para combater os problemas considerados críticos na área de saúde. As atividades iniciam no início do bairro Industrial e prosseguem com averiguação dos córregos e rios que confluem para a barragem de captação da Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan), em linha Juleia. **Página 13**

## IMAGENS DA SEMANA FARROUPILHA



**Homenagem:** a música nativista toma conta inclusive de bancos e de lojas em todo o estado e contagia as pessoas.

## TEMPO NA REGIÃO



### Temperatura baixa um pouco

Os municípios da região do Sertão gaúcho terão uma sexta-feira com céu nublado e parcialmente nublado. A temperatura cairá ligeiramente, variando entre 6 e 21 graus em todo o RS, e os ventos sopram do quadrante sul de fracos a moderados.

### Temperaturas extremas

<b>Caxias do Sul</b>	mínima 13°C	máxima 18°C
<b>Bento Gonçalves</b>	mínima 13°C	máxima 19°C
<b>Bom Jesus</b>	mínima 8°C	máxima 16°C
<b>Vacaria</b>	mínima 10°C	máxima 15°C
<b>Gramado</b>	mínima 13°C	máxima 19°C
<b>Lagoa Vermelha</b>	mínima 10°C	máxima 16°C

**Nascente** 05h28min **Poente** 18h25min



**TV por Cabo.**  
32 canais em sua TV.



**Serviço:** funcionários também se vestem a rigor



**Contraterrização:** o Rio Grande é lembrado com mais carinho

## PONTO FINAL

# Prioridade na educação

Como educadora preocupada com a situação educacional por que passa o Estado, especialmente...



**LAURA BIANCHI DITADI\***

Muito tem se falado, e agora em vésperas de eleições bem mais, que a educação é prioridade do governo para atingir o desenvolvimento. Na prática, porém, continuam os mesmos erros, sendo o erro principal, provavelmente, a ausência de obras nem sequer necessárias em detrimento da qua-

lidade de ensino voltada para a realidade econômica e social.

Mas, enquanto a educação não vai bem no Estado e no País, há exemplos em âmbito municipal que nos fazem acreditar que é possível reverter tal quadro. Basta observar o que está sendo feito em muitos municípios desta região. Assim como exemplo Nova Rima do Sul, que apesar das poucas verbas disponíveis consegue dar atendimento às crianças de pré-escola, aos portadores de deficiência, encaminhamento para a Apae e atendimento de crianças de zero a 6 anos na creche.

O transporte escolar beneficia a mais de 300 alunos de 1ª e 2ª graus de todo o município. Há também um

atendimento especial para os que possuem alguma deficiência ou que cursam a universidade. Então, portanto, um atendimento que propicia o acesso aos estudos para todos e a oportunidade para os professores se aperfeiçoarem através de encontros, palestras e cursos, visando mostrar uma proposta pedagógica voltada para a realidade do município.

Em âmbito de Brasil, infelizmente, há um longo caminho a percorrer, porque falta principalmente vontade política em dar prioridade máxima à educação, única forma de incluir na sociedade os milhões de brasileiros marginalizados.

\* Professora em Nova Rima do Sul

Figura 48. Pioneiro. 16 de set. de 1994. Contracapa.

**16** PIONEIRO  
LIGUE | 218.1212

**PIONEIRO**

**VISAE**  
O TRANSPORTE DE NOSSA GENTE

CAXIAS DO SUL, 14 DE SETEMBRO DE 1998

CADERNO DE ESPORTES

Tradição é renovada

Página 6

# Caxias deixa a vitória escapar



2 a 2: Caxias ganhava por 2 a 0 do Ypiranga de Erechim, quando permitiu o empate

## Ju e Inter adiam a revanche

## Esportivo traz título dos Jirgs



Caxias: grupo de tradicionalistas de várias regiões passou pelo Shopping Iguaçu



FEIRA DO LIVRO

# Chuva na estréia



Manhã de sábado: temporal adiou programação de rua. Sete Dias

**PLANTÃO DE GARAGENS.**

Venda, locação e reparação no Pompão Parking. Planta diariamente, inclusive sábados e domingos, das 8:30 às 18:00 h.

**POMPÃO PARKING**  
Pioneiro, v. 101, Florianópolis

**HABITAS**  
227.4400

**TEMPO**

Mín: 20°C / Máx: 24°C

**Segunda com céu encoberto**  
A previsão da meteorologia para esta segunda-feira é de tempo nublado a encoberto com chuvas e trovoadas. A temperatura mantém-se estável. Ventos fracos a moderados.

**Terça-feira**  
**Quarta-feira**  
**Quinta-feira**

**Fases da lua**

Minguete 20%  
Crescente 29%  
Cheia 100%

Novo 0%  
Minguete 20%  
Cheia 100%

Figura 49. Pioneiro, 14 de set. de 1998. Contracapa.





Figura 50. Pioneiro. 20 de set. 2003. Capa.



Figura 51. Pioneiro. 19 de set. de 2009. Capa.





**Figura 53 - Molduras alusivas aos patrões (incluindo o Patrão de Honra) do CTG Os Carreiros, em ante-sala do Galpão Velha Carreta. 13/07/2014**



**Figura 54 - Placas alusivas à fundação do Galpão Velha Carreta, estrutura física que abriga as atividades do CTG Os Carreiros. 13/07/2014**


*"Parabéns Patrão Raul,  
pelo marco de existência,  
aprendemos com o senhor,  
ter coragem e persistência.  
  
Obrigado pelo legado,  
deste amor pela Querência"  
Adão Silva.*

Regulamento de acordo com as normas do  
MTG e 25ª RT.  
Percurso: 18km.

Contatos: 3209.2694 - SER Randon | CRF  
9696.3110 - Raul Teles

## 7ª Cavalgada

### Raul Anselmo Randon



GRUPO DE CAVALGADA  
RAUL ANSELMO RANDON

---

## 7ª Cavalgada

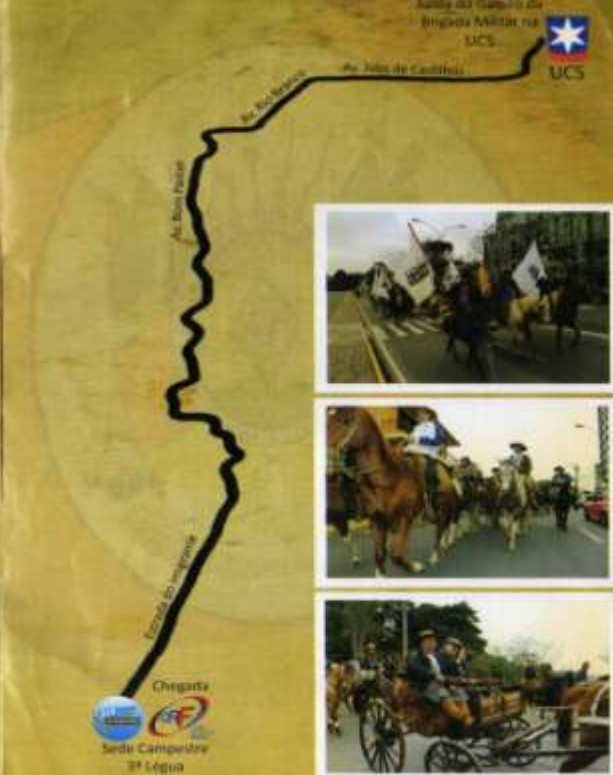
### Raul Anselmo Randon

**Programação**  
**02 de agosto de 2014.**

*osh* - Recepção dos Cavalheiros  
*oshsmín* - Organização das bandeiras  
*oshsomín* - Saída do Galpão da Brigada Militar na UCS.






Na chegada, bênção dos Cavalheiros e  
Almoço.

*Importante: Acesso à Sede Campesite será restrito  
aos cavalheiros e  
equipe de apoio.*



Saída do Galpão da  
Brigada Militar na  
UCS.

Chegada  
Sede Campesite  
7ª Léguas

**Figura 55: SER RANDON. Informativo da 7ª Cavalgada Raul Anselmo Randon. Caxias do Sul, 2014.**

## SURGE O C.T.G. "VELHA CARRETA"

Com o objetivo de difundir a nossa cultura nativa, além de levar a mensagem gaúcha a todos quantos queiram ouvir e participar, surge dentro da Fras-le o grupo folclórico do C.T.G. Velha Carreta.

Para saber mais detalhes sobre este grupo, tomamos ouvir o nosso colega José A. Oliveira, patrão do C.T.G. Velha Carreta.

Informativo Fras-le - Patrão, porque criar um grupo folclórico gaúcho dentro da empresa?

José A. Oliveira - Como todos nós sabemos, grande parte das pessoas que aqui trabalham são oriundas de regiões vizinhas, como Vacaria, Esmeralda, Bom Jesus, São Francisco de Paula e outras cidades onde os costumes nativos são muito mais difundidos e praticados do que aqui em Caxias, então todos nós temos uma carência muito grande de viver as nossas origens e as nossas tradições, por isso a ideia de criar um grupo folclórico aqui dentro, para que possamos manter acesa a chama do tradicionalismo que existe em nós.

Informativo Fras-le - Como funcionará o Grupo?

Patrão Oliveira - A diretoria do C.T.G. atualmente está assim constituída: José A. Oliveira - Patrão; Adair C. Alves - 1º vice; Raul R. S. dos Santos, 2º vice; Itamar Silva - 1º secretário; Valdemar Castilhos, 2º secretário; Celso D. do Prado, 1º tesoureiro e Alceu Homem, 2º tesoureiro, e o nosso pensamento é formar uma Invernada artística só com pessoas da Fras-le, para que possamos divulgar não só a nossa música mas, também, a nossa empresa.

Informativo Fras-le - Por que o nome de Velha Carreta?

Patrão Oliveira - Bem, porque já existe o símbolo em nossa sede em Forqueta, mas o principal é devido a importância do que a carreta representou e ainda representa na vida de todos nós.

Informativo Fras-le - O que mais o grupo pretende fazer?

Patrão Oliveira - Nós temos muitas ideias que precisam de tempo para serem postas em prática, mas uma coisa que nós pretendemos realizar seguidamente em nossa sede em Forqueta é uma Tertúlia, onde os nossos talentos aqui da empresa possam comparecer e demonstrar através da música, da trova, da declamação, enfim, através de outras expressões o talento artístico que nós sabemos que muitas pessoas possuem, mas que por falta de oportunidade fica oprimido dentro da gente. Também pretendemos realizar durante as tertúlias, careteiros, churrascos e até alguns bailes.

Informativo Fras-le - Mais alguma coisa Patrão?

Patrão Oliveira - Gostaria apenas de conchamar a todos os nossos colegas para que venham participar conosco, através de sugestões e participando das atividades que serão desenvolvidas.

Os interessados em participar da Invernada artística devem procurar a diretoria acima citada.



Patrão José A. Oliveira



Diretoria do C.T.G.

Com  
conheci  
novas t  
to ao d  
teriais,  
amianto  
da Euro  
ca e Su  
so cole

A via  
tir assi  
com m  
grupo t  
sitar fa  
zem m

Nos  
dos  
matéri

Figura 56: FRAS-LE. Informativo Interno. Boletim 031, ano 07, maio/junho de 1984. Caxias do Sul, 1984



Figura 57: FRAS-LE. Informativo Interno. Boletim 031, ano 07, maio/junho de 1984. Caxias do Sul, 1984.

# O Tradicionalismo na Randon



Em 1993, um grupo de funcionários que se identificavam com as tradições gaúchas, seja pela dança, seja pela vida camponesa, começaram a reunir-se nas dependências da empresa e a realizar algumas apresentações artísticas para os colegas no recreio procurando, difundir e congregar a cultura tradicionalista.

Degustamos, como diz o gaúcho o tradicionalismo foi se difundindo, tomando forma e, em 1985, um grupo de funcionários resolve "pedir licença", ou melhor, como diz o Adão da Silva, "num pedido de Pedra para Pedra, nos foi concedida a oportunidade, pelo Sr. Raul Assisório Randon, de organizarmos um evento que pudesse ser compartilhado por todos que assim o desejarem." Foi aí que surgiu a Primeira Roda de Chimarrão.

Havia churrasco feito, arroz, canjiquê e feijão, além, é claro, do chimarrão durante o dia inteiro. A integração crescia e cada nova Roda, trazendo cada vez mais funcionários e familiares, até que, em 1998, a Sede camponesa passa a abrigar o evento, pois aproximadamente 2.500 pessoas participavam, e a galera, por tabela, trouxe um novo impulso às barracas necessitando de um espaço mais amplo para receber os visitantes.

Atualmente a Roda de Chimarrão é um sucesso tal que a segunda Roda de Chimarrão ocorreu novamente, só que desta vez na semana Ferropilha, data esta escolhida para todas as demais Rodas.

A Roda de Chimarrão ocorre nas dependências da fábrica e dela participam funcionários e familiares, ocorrendo brincadeiras, danças e canções. Na semana de...

**Inauguração do Galpão Velha Carreta**

Na semana de...

**4º Aniversário CTG "Os Carreteiros"**

Nos dias 15 e 16 de novembro deste ano realizou-se nas dependências da sede camponesa de S.E.R. Randon o 4º Rodízio Artístico e Cultural CTG "Os Carreteiros", evento que realizou o 4º campeonato de Festival Nacional da Cultura Gaúcha. Participaram do evento 30 entidades tradicionalistas, com a apresentação de mais de 400 artistas envolvidos que, através de dança, de canto, de choro, de música e de poesia, cultuaram a história e as tradições do povo riograndense, provando que a cultura gaúcha está mais viva do que nunca. O Evento foi realizado a partir do apoio das empresas Randon e da Lei de Incentivo à Cultura Municipal e patrocinado pelo Poder Executivo Municipal.

**Adão da Silva**

**Equipe de Vôlei S.E.R. 2002/03**

**Equipe de Vôlei S.E.R. 2002/03**

**Equipe de Vôlei S.E.R. 2002/03**

Figura 58: SER RANDON. Informativo da gestão 2002/2003. Caxias do Sul, 2003.



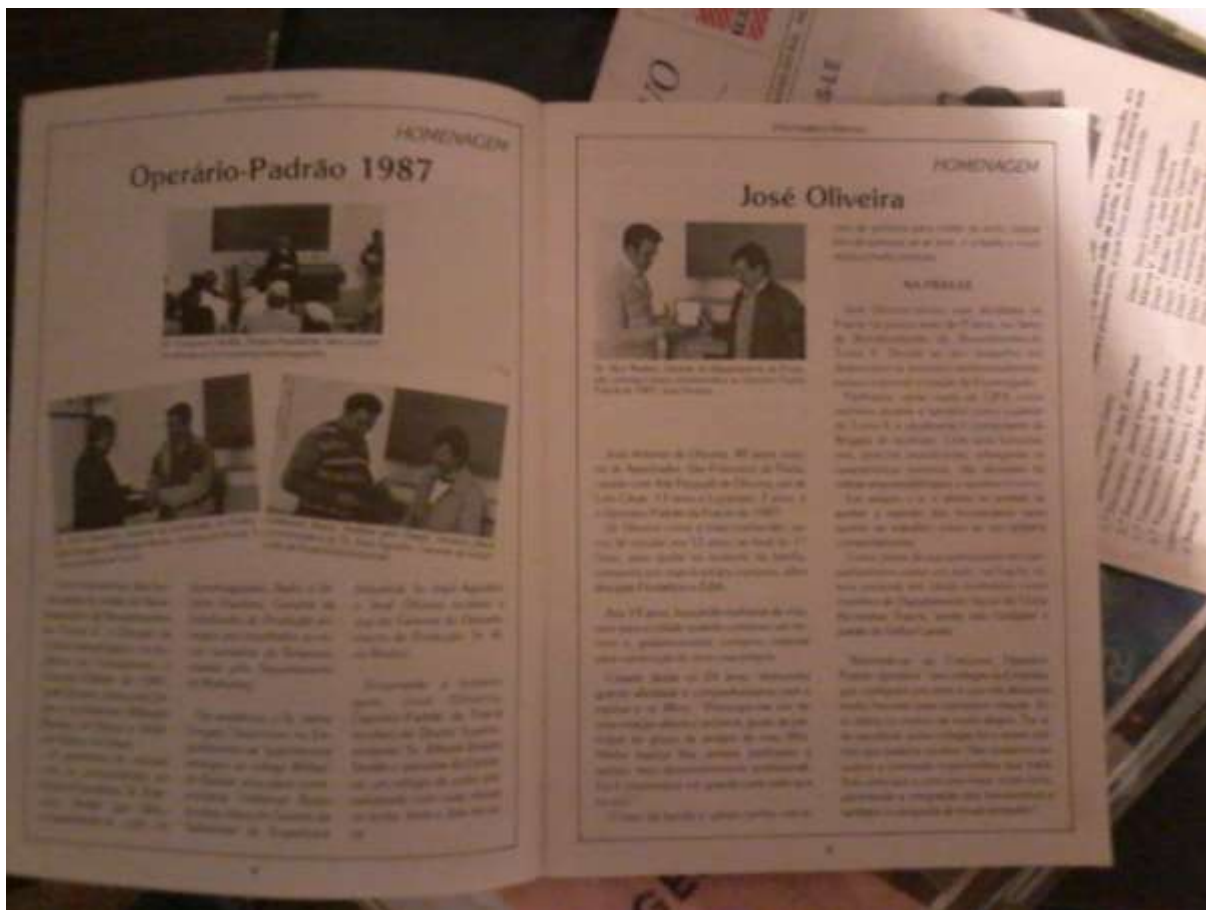


Figura 60: FRAS-LE. Informativo Interno. Boletim 050, ano 10, julho/agosto 1987. Caxias do Sul